



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Ciência da Informação – FCI

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCInf

Marianna de Souza Soares

Museus universitários, encontros e redes de museus:
estratégias de articulação e reconhecimento

Brasília - DF

2020

MARIANNA DE SOUZA SOARES

Museus universitários, encontros e redes de museus:
estratégias de articulação e reconhecimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Organização da Informação.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Margaret Lopes.

Brasília - DF

2020

de Souza Soares, Marianna

MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, ENCONTROS E REDES DE MUSEUS
ESTRATÉGIAS DE ARTICULAÇÃO E RECONHECIMENTO / Marianna de Souza Soares;
orientador Maria Margaret Lopes. -- Brasília, 2020.
248 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Ciência da Informação
-- Universidade de Brasília, 2020.

1. Museus Universitários. 2. Encontros de museus universitários. 3. Fóruns de Museus Universitários. Redes de Museus Universitários. I. Margaret Lopes, Maria, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: “ Museus Universitários, Encontros e Redes de Museus: estratégias de articulação e reconhecimento”

Autor (a): Marianna de Souza Soares

Área de concentração: Gestão da Informação

Linha de pesquisa: Organização da Informação

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade em Ciência da Informação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de **MESTRE** em Ciência da Informação.

Dissertação aprovada em: 10 de março 2020.

Presidente (UnB/PPGCINF): Maria Margaret Lopes

Membro Externo (ECI/UFMG): Adriana Mortara Almeida

Membro Interno (UnB/PPGCINF): Ana Lúcia de Abreu Gomes

Suplente (UnB/PPGCINF): Clovis Carvalho Britto

Em 09/01/2020.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Margaret Lopes, Pesquisador(a) Colaborador(a) Sênior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 10/03/2020, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Mortara Almeida, Usuário Externo**, em 10/03/2020, às 16:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia de Abreu Gomes, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 10/03/2020, às 16:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4869207** e o código CRC **AF45EC0**.

Dedico esta pesquisa a todas e todos aqueles que trabalham, trabalharam e estudam coleções e museus universitários.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente à minha orientadora, Maria Margaret Lopes, pela orientação, compreensão e pela ajuda, obrigada pelas conversas francas, paciência e ensinamentos.

Aos meus pais, Andrea e Adelson, minha avó Anna Maria e meu avô Laelio “In Memoriam”, meu irmão Mario e meu companheiro Gustavo pelo apoio de sempre.

Aos membros da banca examinadora por cada comentário enriquecedor, obrigada pela atenção e contribuição.

À Maria das Graças Ribeiro “In Memoriam”, que merece ser lembrada pelos seus esforços.

À Rede de Museus Universitários da UFMG por ter permitido o acesso à importante documentação empírica e pelo esforço em ter a preservado. À Letícia Julião pelas referências encaminhadas e por ter contribuído com a formação que tive enquanto aluna de graduação em museologia na UFMG.

À Betânia Figueiredo e Rita Marques pelos riquíssimos relatos compartilhados em nossos encontros pessoais.

À Ana Lúcia de Abreu Gomes, Adriana Mortara Almeida, Cláudia Porcellis Aristimunha, Maria Cristina Oliveira Bruno e Maurício Cândido da Silva por terem sanado minhas dúvidas e contribuído com valiosas informações e documentos.

Ao técnico em assuntos educacionais Flávio Diniz do Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) por ter encaminhado vasta documentação do I Encontro Nacional de Museus Universitários.

Ao museólogo Gildo Santos do Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (MCC/UFRN) por ter encaminhado documentação do arquivo institucional sobre o Fórum Permanente de Natal.

Ao Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) pelas informações fornecidas.

À todas as mulheres técnicas, docentes, alunas e funcionárias da UnB, seus esforços e lutas diárias me inspiram.

À todas as pesquisadoras e pesquisadores brasileiros.

“No tratamento da questão mulheres/gênero e ciências na História das Ciências no Brasil, muita coisa está ainda por ser feita, começando talvez pela sistematização exaustiva do que poderia existir relacionado ao tema, numa área de estudos que se caracteriza pela dispersão de suas poucas publicações. Mas, para isso, seria preciso romper com visões que negam a existência de atividades científicas no país nos séculos passados. Se no Brasil não se fez ciência – entenda-se, se os homens não fizeram ciência, que dizer das mulheres, cujo acesso ao ensino superior, por exemplo, só foi permitido exatamente a partir de 1879”.

“Aventureiras” nas ciências: refletindo sobre gênero e história das ciências naturais no Brasil”.

Maria Margaret Lopes

RESUMO

Esta pesquisa compreende um estudo sobre os museus universitários, com o propósito de explorar e elaborar considerações sobre o que os caracteriza e quais são as particularidades que os diferenciam dos demais. Tem como objetivo compreender o que tem sido feito em termos de atuação conjunta de museus universitários no Brasil e as estratégias de reconhecimento de que se utilizam para sobreviver nos sistemas universitários, a exemplo os processos de implantação de encontros, fóruns e redes. Considerando aspectos da situação atual, particularmente de museus universitários de instituições federais, serão apresentadas algumas das discussões em torno dos museus universitários a partir de 1992, e, passados vinte e sete anos do I Encontro Nacional de Museus Universitários, realizado em Goiânia se buscará compreender quais são os avanços no que diz respeito às discussões sobre estes museus no Brasil. Será dado maior enfoque ao I Encontro Nacional de Museus Universitários no Brasil cujo tema foi “Museus Universitários Hoje”. O trabalho em torno deste tema parece urgente e justifica-se pela necessidade de novas pesquisas que agreguem conteúdo científico sobre museus universitários, especialmente para registrar o histórico e o avanço de iniciativas de articulação que se encontram em novo panorama. Os resultados alcançados trazem uma multiplicidade de referências nacionais e internacionais sobre os museus e coleções universitárias; algumas experiências internacionais, nacionais e locais sobre o processo de criação de redes de museus universitários; apresentação, descrição, transcrição e recuperação de parte do histórico dos debates sobre os encontros nacionais de museus universitários; e a análise comparativa entre as recomendações finais de alguns dos encontros nacionais de museus universitários.

PALAVRAS-CHAVE: Museus universitários. Encontros de museus universitários. Fórum de Museus Universitários. Redes de museus universitários.

ABSTRACT

This research comprises a study on university museums, with the purpose of exploring and elaborating considerations about what characterizes them and what are the peculiarities that differentiate them from the others. It aims to understand the strategies of recognition that are used to survive in university systems, such as network deployment processes. Some of the discussions about university museums will be presented since 1992, and after twenty-seven years of the First National Meeting of University Museums, held in Goiânia, one tries to understand what the advances regarding discussions about these museums in Brazil are. Greater focus will be given to the First National Meeting of University Museums in Brazil, whose main theme was "University Museums Today". The work on this subject seems urgent and is justified by the need for new research to increase scientific content about university museums, especially to record the history and progress of articulation initiatives that are in a new panorama. The results achieved bring a multiplicity of national and international references on museums and university collections; some international, national and local experiences on the process of creating university museum networks; presentation, description, transcription and retrieval of part of the history of debates on national university museum meetings; and the comparative analysis between the final recommendations of some of the national university museum meetings.

Keywords: University museums. University museum meetings. University Museum Forum. University museum networks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho da pesquisa	27
Figura 2 - Redes Estudadas	28
Figura 3 - Agentes de risco nos museus	32
Figura 4 - Debate novo conceito de museu	44
Figura 5 - Revista versão chinesa - UMAC.....	46
Figura 6 - Definição MU/GT3.....	49
Figura 7 - Definição MU/GT3.....	50
Figura 8 - Definição MU/GT2.....	51
Figura 9 - Recursos Humanos/GT 1	51
Figura 10 - 1 Encontro Nacional de Museus Universitários do México	69
Figura 11 - Mapa Mundial da World Wilde Data-base	76
Figura 12 - Mapas Banco de dados Mundial.....	78
Figura 13 - Brasil/Banco de dados Mundial	84
Figura 14 - Sexta recomendação especial I ENMU	100
Figura 15 - Boletim UFMG	108
Figura 16 - Dados de público Rede UFMG.....	112
Figura 17 - Qualificação Rede UFMG	113
Figura 18 - Pesquisa por cidade/Banco de dados Mundial.....	117
Figura 19 - Universidade duplicada/Banco de dados Mundial.....	118
Figura 20 - Resultado 1/Banco de dados Mundial.	118
Figura 21 - Resultado 2/Banco de dados Mundial.	119
Figura 22 - Portaria de Criação REMAM	120
Figura 23 - Espaços Museais e representantes – reunião ocorrida em 01/10/2015.....	131
Figura 24 - Museus e Coleções UnB	135
Figura 25 - Tela aplicativo Ciência Ação	139
Figura 26 - Folder I Encontro Nacional.....	142
Figura 27 - Circular SENESU	143
Figura 28 - Equipe “Museu Universitário Hoje”	144
Figura 29 - Circular nº 1	145
Figura 30 - Errata - Objetivo Geral I ENMU	146
Figura 31 - Diário da Manhã – Notícia I ENMU	147

Figura 32 - Grupo de Trabalho 2/I ENMU	152
Figura 33 - Compromissos América Latina/I ENMU	153
Figura 34 - Circular para reitores e reitoras.....	155
Figura 35 - Circular 88	155
Figura 36 - Circular nº 2	156
Figura 37 - Subsídios de leitura.....	157
Figura 38 - Comunicações.....	160
Figura 39 - Entrevista Hernán Toral.....	161
Figura 40 - Encaminhamento conclusões gerais	163
Figura 41 - Grupos de trabalho/ o popular	164
Figura 42 - Item 11/GT 1.....	166
Figura 43 -Tópicos GT 3	168
Figura 44 - Museólogo GT 3	169
Figura 45 - Pontos de discussão/VI Forproex	185
Figura 46 - Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão – representante.....	186
Figura 47 - O Popular/Museus Universitários em debate.....	190
Figura 48 - Carta ICOM	193
Figura 49 - Circular 153/95 – parte 1	194
Figura 50 - Circular 153/95 – parte 2	195
Figura 51 - II FPMU em Salvador/BA	196
Figura 52 - Ata II Encontro Nacional de Museus Universitários	200
Figura 53 - Painéis e comunicações II/III FPMU	205
Figura 54 - Marta Lourenço – V Fórum	213
Figura 55 - Folder VI FPMU	215
Figura 56 - Informativo UFG/I ENMU	223

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Museus universitários por continente – mar/2019	79
Gráfico 2 - Adesão continente	80
Gráfico 3 - Adesão continente 2	81
Gráfico 4 - Adesão Ásia	82
Gráfico 5 - Adesão América do Sul.....	83
Gráfico 6 - Cenário brasileiro- Banco de Dados Mundial.....	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Subsídios de leitura I ENMU	56
Quadro 2 - Encontros de Museus Universitários no Brasil /Maria das Graças Ribeiro e Documentação Empírica.....	177
Quadro 3 - Recomendações I ENMU/V FPMU	217
Quadro 4 - Recomendações VI Forproex/V FPMU	221

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCDM	Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Documentação e Museologia
AFPMU	Associação do Fórum Permanente de Museus Universitários Brasileiros
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
CEMENF	Centro de Memória da Escola de Enfermagem
CI	Ciência da Informação
CIDARQ	Centro de Informação, Documentação e Arquivo
EU	Universidade de Évora
FAC	Faculdade de Comunicação
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
FMVZ/USP	Museu de Anatomia Veterinária Prof. Dr. Plínio Pinto e Silva da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo
FPMU	Fórum Permanente de Museus Universitários
I ENMU	I Encontro Nacional de Museus Universitários
II FPMU	II Fórum Permanente de Museus Universitários
III FPMU	III Fórum Permanente de Museus Universitários
IV FPMU	IV Fórum Permanente de Museus Universitários
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
ICOFOM	Comitê Internacional de Museologia
ICOM	Conselho Internacional de Museus

LISA	Library and Information Science Abstracts
MA	Museu Antropológico
MAE/USP	Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo
MCC	Museu Câmara Cascudo
MUHNAC	Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa
ORCALC	Escritório Regional de Cultura para América Latina e Caribe da UNESCO
PPGCIInf	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PPG-PMUS	Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio Unirio/MAST;
RBCMU	Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários
Rede CIÊNCIA	Rede Distrital de Educação e Divulgação Científica do Distrito Federal
REMAM	Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS
SEBRAMUS	Seminário Brasileiro de Museologia
TCU	Tribunal de Contas da União
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UMAC	International Committee for University Museums and Collections
UnB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNIVERSEUM	European Academic Heritage Network
USP	Universidade de São Paulo

V FPMU	V Fórum Permanente de Museus Universitários
VI Forproex	VI Fórum Nacional de Pró-reitores de extensão
VI FPMU	VI Fórum Permanente de Museus Universitários

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 - PARA NÃO ESQUECER OS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS	30
1.1 Alguns Conceitos	37
1.2 Classificação de Museus Universitários	89
1.3 Iniciativas Mobilizadoras	92
CAPÍTULO 2 - REDES DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS	97
2.1 Experiência UFMG	105
2.2 Experiência UFRGS	119
2.3 Experiência UnB	125
CAPÍTULO 3 - I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS	141
CAPÍTULO 4 – ENCONTROS NACIONAIS DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS.....	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	227
REFERÊNCIAS.....	240

INTRODUÇÃO

A dissertação busca compreender o que caracteriza os museus universitários e suas particularidades por meio do levantamento de fontes nacionais e internacionais que se debruçam sobre o tema. Tem como objetivo geral compreender o que tem sido feito em termos de atuação conjunta de museus universitários no Brasil e as estratégias de reconhecimento de que se utilizam para sobreviver nos sistemas universitários, a exemplo os processos de implantação de encontros, fóruns e redes. Serão apresentadas algumas das discussões em torno dos museus universitários a partir de 1992, e, passados quase vinte e oito anos do I Encontro Nacional de Museus Universitários, realizado em Goiânia, se buscará compreender quais são os avanços no que diz respeito às discussões sobre estes museus no Brasil.

O universo da pesquisa foi constituído pela investigação de publicações produzidas na prática museológica, no campo acadêmico-científico, e nas fontes primárias de investigação. Serão apresentadas algumas experiências sobre o processo de criação de redes de museus universitários conclusas e inconclusas de modo a descobrir as diretrizes norteadoras desse processo. Explorar algumas características marcantes do vasto universo de museus universitários configura uma demanda urgente uma vez que produzirá conteúdo importante ao campo da Museologia e contribuirá para a percepção de que sujeitos responsáveis por estes museus universitários trabalharam e ainda somam esforços que merecem ser lembrados, valorizados, registrados e (re) discutidos.

O interesse pelo tema surgiu a partir da minha experiência enquanto aluna de graduação em Museologia da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), instituição essa que possui desde o ano 2000 a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG como núcleo integrador de seus espaços museais, que dentre vários objetivos, busca otimizar recursos para gerar maior organicidade no planejamento e execução de projetos entre seus membros.

A experiência de intercâmbio acadêmico internacional na Universidade de Évora (UE) em Portugal no segundo semestre do ano 2014 durante a minha graduação em Museologia na UFMG também contribuiu para o interesse de estudo do campo dos museus universitários, em especial, devido à minha participação no I Seminário de História de Coleções - Lisboa/Portugal, ocorrido no Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa (MUHNAC) no mês de novembro de 2014, dedicado às coleções científicas deste museu. Na ocasião pude conhecer e ouvir a Dra. Marta C. Lourenço, diretora do International Committee for University Museums and Collections (UMAC) e pesquisadora dos museus universitários

européus, com a qual tive contato novamente por ocasião de minha participação no V Fórum Permanente de Museus Universitários, ocorrido entre os dias 8 e 11 de outubro de 2018, na cidade de Belo Horizonte, MG. O Fórum foi importante pela possibilidade de ouvir o depoimento sobre os processos de criação de redes de museus universitários internacionais e nacionais, em especial sobre a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários; de profissionais que atuam em museus universitários do Brasil e exterior, e a memória de participantes dos encontros de museus universitários no Brasil, que comentaremos no quarto capítulo.

Inclui-se nessa trajetória de interesse o meu próprio ambiente de trabalho, sou uma - dos dois museólogos contratados por concurso público pela Universidade de Brasília (UnB), a estar atuando em museus universitários. Sou museóloga do Museu de Anatomia Humana da Faculdade de Medicina da UnB (MAH/UnB) desde janeiro de 2018, de modo que o próprio exercício de minha função desperta interesse na abordagem de temas recorrentes no dia-a-dia de meu trabalho. Ao participar do cotidiano de um museu universitário deparo-me com desafios que muito se assemelham à realidade de colegas de profissão e aos problemas presentes nas discussões dos debates nacionais. Inclui-se ainda ao meu interesse de pesquisa sobre redes de museus universitários o fato de o MAH ser um dos integrantes da Rede Distrital de Educação e Divulgação Científica do Distrito Federal (Rede CIÊNCIA), que agrega instituições de divulgação científica, que em alguns casos são museus e em outros não. Esta rede colabora para articulação e fortalecimento do Museu de Anatomia Humana da UnB, e servirá como um dos relatos importantes para o intercâmbio de experiências entre os que se dedicam aos museus universitários.

Algumas preocupações marcaram o caminho dessa pesquisa. O tema “museus universitários” e “estratégias de articulação de museus universitários” apresentava uma multiplicidade de prismas e instituições que poderiam ser estudadas com enfoque no tema dos museus universitários. Para tanto, fazia-se necessário eleger algumas instituições que servissem para dar indícios de um panorama geral de como as redes de museus universitários se inserem nas universidades brasileiras, e estas são: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade de Brasília (UnB). Em relação às redes internacionais optou-se por abordar experiência do International Committee for University Museums and Collections (UMAC) na Europa. Outra abordagem escolhida para discutir o tema foi relembrar, em uma perspectiva de linha do tempo, os encontros nacionais de museus universitários e comparar as recomendações finais feitas em 1992 e 2018. Foi feita a

comparação do Primeiro Encontro Nacional de Museus Universitários e do VI Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão, ambos realizados em 1992, em relação ao V Fórum Permanente de Museus Universitários de 2018. Tal análise, presente no quarto capítulo, pretende trazer em uma perspectiva temporal as principais discussões dos encontros nacionais de museus universitários, e por meio das inconsistências encontradas chamar atenção para a importância do registro adequado das informações sobre tais eventos bem como a necessidade de tratamento e organização da documentação que se encontra dispersa. A elaboração de quadros comparativos feitos para essa pesquisa, também presente no quarto capítulo, pretende demonstrar que alguns problemas permanecem temas de discussão e recomendação dos debates mais atuais.

Apesar da dificuldade na coleta da documentação, o material encontrado sobre os encontros nacionais de museus universitários foram significativos e tornaram-se a parte mais importante da pesquisa, especialmente o I Encontro Nacional de Museus Universitários, que será apresentado com mais detalhes no terceiro capítulo.

No sentido de colaborar com todos aqueles que trabalham com cultura e memória, e entendem que uma das funções do profissional que trabalha com o patrimônio - em suas mais diversas matizes - é se colocar à disposição da sociedade e das demandas necessárias para a produção e democratização do conhecimento cultural, histórico, natural e científico, este trabalho pretende contribuir com a importante pesquisa e debate acerca dos principais temas e questões sobre museus universitários e redes de museus universitários, dividindo-se da seguinte forma:

Capítulo 1: este capítulo terá como foco apresentar alguns princípios teóricos que norteiam o tema¹, trazendo algumas referências que servirão para uma discussão inicial que tem como objetivo preparar um arcabouço teórico e apresentar diversas definições que auxiliarão na compreensão crítica do vasto universo dos museus universitários. Será discutido o que caracteriza e quais são as particularidades que diferenciam os museus que estão sob tutela universitária dos demais museus. Dedicar-se ainda ao estudo do International Committee for University Museums and Collections (UMAC), vinculado ao Conselho Internacional de Museus (ICOM), com o objetivo de entender como vem atuando e alguns resultados importantes.

¹Como essa pesquisa se baseou em vasta literatura internacional optamos por fazer traduções nossas com o objetivo de facilitar a leitura e compreensão do texto.

Capítulo 2: Apresenta algumas experiências locais sobre o processo de criação de redes de museus universitários, de modo a descobrir se existem tentativas conclusas e inconclusas de implantação, dando ênfase aos benefícios da criação de uma rede de museus universitários. Apresenta a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários e compreende o estudo da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG a partir do relato de duas de suas ex-coordenadoras, parte de sua trajetória, conquistas e dificuldades.

Capítulo 3: Este capítulo tem como objetivo recapitular parte da história do I Encontro Nacional de Museus Universitários, evento oficial pioneiro e de grande importância para as discussões sobre museus universitários no Brasil. O conteúdo apresentado é resultado da descrição e transcrição de vasta documentação obtida no Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG) enviada pelo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG).² Dada a riqueza da documentação encontrada transcrevemos uma série de documentos que estão em maior parte nos capítulos três e quatro.

Capítulo 4: como parte importante do resultado desta investigação será apresentado, descrito e recuperado neste capítulo parte do histórico dos debates sobre os encontros nacionais de museus universitários considerando que estes influenciaram diretamente a criação e mudanças realizadas no contexto dos museus universitários. Serão apresentados ainda quadros comparativos entre as recomendações finais do I Encontro Nacional de Museus Universitários e do VI Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão, ambos realizados em 1992 e do V Fórum Permanente de Museus Universitários, realizado em 2018.

Considerações: apresentará as primeiras reflexões sobre a investigação de estratégias de articulação que envolvem a implantação de redes de museus universitários, e considerações sobre os encontros, redes e debates com importantes motivadores da valorização dos museus universitários.

As etapas de trabalho utilizadas para a produção desta dissertação compreenderam a revisão da bibliografia e levantamento de documentação no que concerne aos museus universitários; pesquisas de publicações sobre museus universitários produzidas na prática museológica e no campo acadêmico-científico; relatos de experiências locais e internacionais sobre criação de redes por meio da recuperação e levantamento de fontes primárias, sendo estas:

²Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado 283 p. 1992. Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG). Solicitação feita ao <arquivo.cidarq@ufg.br>. Acesso em: 29 abr. 2019.

eventos da área, documentos oficiais, notícias de jornal, periódicos, e-mails, ofícios e circulares internas, e depoimentos de personalidades ligadas à história dos museus universitários.

O primeiro objetivo específico buscado para a construção da fundamentação teórica foi realizado por meio da apresentação de definições que servirão como contributos no que diz respeito àquilo que se discute neste trabalho: valorizar este conteúdo documental que merece ser trabalhado, pesquisado e recuperado por obter uma multiplicidade de referências. O material reunido neste capítulo servirá para uma discussão inicial que tem como objetivo preparar um arcabouço teórico que auxiliará na compreensão crítica do vasto universo dos museus universitários. Para isso, como dito, foi necessário recorrer a publicações, relatos de experiência e documentação empírica, uma vez que a definição de museus universitários, por exemplo, não é estabelecida em documento que sirva de referência, como é o caso da definição de museu do Conselho Internacional de Museus (ICOM). Mais adiante, o segundo objetivo específico foi buscado por meio do estudo de redes de museus universitários de âmbito internacional, nacional, e redes locais, com o intuito de apresentar características dessas redes, alguns de seus bastidores e benefícios. O terceiro objetivo específico foi buscado por meio da apresentação, descrição e transcrição de documentação, relatos pessoais e publicações que se dissessem respeito aos encontros nacionais de museus universitários, em especial, ao I Encontro Nacional de Museus Universitários, realizado em 1992. Por fim, o quarto objetivo específico foi buscado por meio da análise comparativa entre as recomendações finais do primeiro e último encontros nacionais de museus universitários, de modo a compreender quais foram os avanços nas discussões sobre esses museus e quais questões permaneceram sendo pauta nas reuniões nacionais e transformadas em recomendações.

É necessário compreender algumas características marcantes do vasto universo de museus universitários, o que produzirá conteúdo importante para o campo da museologia. Importante também investigar como museus universitários se organizam e analisar os diferentes regimes institucionais, de modo a poder pensar por meio de dados e diagnósticos concretos os possíveis caminhos de gestão desses espaços. Como contribuição, pretende-se fortalecer conceitualmente a experiência que se verifica no Brasil e no exterior, e usar esse diálogo como fundamento teórico aplicável ao propósito da pesquisa.

Embora a documentação para construção dessa pesquisa tenha sido encontrada dispersa e em alguns momentos incompleta, é importante reconhecer que se não fosse pela iniciativa de profissionais que guardaram tais documentos, talvez fosse mais ainda mais difícil compreender

o histórico dos encontros nacionais de museus universitários. Assim, reitera-se que a documentação encontrada foi primordial para o resultado alcançado.

A pesquisa bibliográfica foi a primeira etapa desta pesquisa. Foi feito o mapeamento de fontes internacionais e nacionais nas bases de dados Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Documentação e Museologia (ABCDM); Library and Information Science Abstracts (LISA); Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação publicadas no Brasil (BRAPCI); e Revista Museologia & Interdisciplinaridade, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UnB, com o intuito de investigar se este era um tema presente dentro da área da Ciência da Informação³. Foi realizado ainda levantamento na Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS Unirio/MAST, e no sítio eletrônico do International Committee for University Museums and Collections (UMAC) que disponibiliza lista com vastas referências sobre os museus universitários⁴ e importantes artigos publicados no University Museums and Collections Journal, revista deste Comitê Internacional⁵. Em 09 de abril de 2018 foi realizado levantamento na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁶, desenvolvida e coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), nessa pesquisa foram encontradas três dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Os temas de tais trabalhos aproximam-se ao desta dissertação no que

³Os termos de pesquisa utilizados nas bases de dados citadas foram os seguintes: “redes de museus universitários”, “museus e rede”, “redes em museus” e “museus universitários”. A pesquisa na Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação publicadas no Brasil (BRAPCI), foi realizada em 08 de abril de 2018, foi encontrado um artigo intitulado *Noções de cultura, informação e rede: Museus e algumas reflexões sobre globalização*, presente na Revista Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, vinculada à Escola de Ciência da Informação (ECI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A busca de trabalhos na base Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação, Documentação e Museologia (ABCDM) da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UNB), foi feita inicialmente com auxílio do Professor Dr. Jayme Leiro Vilan Filho, um dos responsáveis pela disciplina Metodologia de Pesquisa em Ciência da Informação, do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCINF) juntamente com a Profa. Dra. Angélica Alves da Cunha Marques. O professor Jayme, idealizador da base ABCDM, realizou instalação e treinamento para os alunos. Em pesquisa na ABCDM, utilizando-se os mesmos termos utilizados nas demais bases, não foi encontrado conteúdo em relação à museus universitários. Em nova pesquisa realizada em 22 de abril de 2019, com os mesmos termos, foram encontrados zero resultados. Este fato evidencia que ainda são poucos os trabalhos sobre essa temática dentro da área da Ciência da Informação.

⁴Vide em literatura. Sítio eletrônico UMAC: <http://umac.icom.museum/resources/literature/>. Acesso em: 02 mai. 2019.

⁵ University Museums and Collections Journal. Disponível em: <http://umac.icom.museum/umac-journal/>. Acesso em: 02 mai. 2019.

⁶As dissertações de mestrado encontradas foram as de Luiz Fernando Mizukami, com título “Redes e sistemas de museus: um estudo a partir do Sistema Estadual de Museus de São Paulo”, pertencente ao Programa de Mestrado Interunidades em Museologia da USP, defendida em 2014; a dissertação de Tiago Balem “Redes de museus em Porto Alegre: um estudo de caso em design territorial”, do Programa de Pós Graduação em Design, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, defendida em 2010; e dissertação de Nelson Simões da Silva “Redes comunitárias : uma construção sociotécnica de políticas de comunicação”, do Programa de Comunicação da UNB, defendida em 2016. Acesso em: 09 abr. 2018.

diz respeito à pesquisa sobre redes de museus e são contributos para a área, no entanto, nenhum deles se debruça propriamente ao que se propõe nesse trabalho, além de que serão apresentados, nesta pesquisa, dados que levam em consideração iniciativas que ocorreram após o ano de 2017, relatos de antigos gestores, e alguns dos bastidores de consolidação das redes.

Dentro da pesquisa bibliográfica na BDTD destaca-se a tese de doutorado de Ana Cristina Barreto de Carvalho, cujo título é “Gestão de patrimônio museológico: as redes de museus”, pertencente ao Programa de Artes Visuais da Universidade de São Paulo (USP), defendida em 2008. A tese de Adriana Mortara Almeida, intitulada “Museus e Coleções Universitários: Por que Museus de Arte na Universidade de São Paulo?” não apareceu na busca realizada dentro da BDTD, mas foi encontrada no Portal da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo. O trabalho de Almeida não poderia deixar de ser citado uma vez que se trata de tese pioneira, e surge como mais um contributo para a discussão sobre a formação e as características dos museus da Universidade de São Paulo e dos museus universitários de arte no Brasil. Em 10 de novembro de 2019 foi realizada nova pesquisa sobre teses e dissertações e foi encontrado o trabalho de doutorado de Mariana Gonzales Leandro Novaes, intitulada “Patrimônio científico nas universidades brasileiras: políticas de preservação e gestão das coleções não vinculadas a museus”, defendida em agosto de 2018 no Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG – PMUS, que apresenta importantes atualizações e contributos sobre o patrimônio universitário. Novaes (2018) identificou que há uma grande quantidade de patrimônio cultural científico ainda não descoberto nas universidades e que, por ser desconhecido, encontra-se em risco de se perder. A autora fala ainda da falta de uma política de preservação desse eixo do patrimônio.

O levantamento na base de dados LISA ocorreu no dia 15 de maio de 2018. Foram identificados zero trabalhos. Utilizou-se os termos de busca “university museum networks”, “museums and network”, “networks in museums” e “university museums”. Em busca no portal do UMAC foram encontrados 20 resultados, o que inclui em sua maioria bibliografia de países da Europa e ainda pouca, mas importante, bibliografia da América Latina. Os resultados estão distribuídos em: textos completos; tese; lista de bibliografias; pesquisas e catálogos de museus universitários. A segunda etapa constituiu-se da coleta de documentos públicos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e realização de encontros com profissionais de museus por meio de eventos e visitas que colaboraram com o material presente neste trabalho. Esses contatos tiveram como objetivo colocar em evidência o olhar e depoimento dos sujeitos que têm sido responsáveis pelos museus universitários no Brasil e exterior, e pelas tentativas de

implantação de encontros e redes de museus universitários no Brasil e exterior. Os documentos coletados fazem referência às discussões, congressos, seminários, criação de fóruns, projetos, e outras iniciativas realizadas há longa data, além do importante relato de profissionais de museus universitários. Por se tratar de tema inovador houve dificuldade na coleta de documentos, no entanto, por meio do material coletado nesta pesquisa será possível contribuir com o importante e árduo trabalho que tem sido feito em prol dos museus universitários

A realização de encontros com profissionais de museus universitários começou com uma visita ao Museu de Anatomia Veterinária Prof. Dr. Plínio Pinto e Silva da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ/USP) no âmbito de uma visita técnica, ocasião em que houve o primeiro contato presencial com o Dr. Maurício Cândido da Silva, chefe de seção do museu e coordenador da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, com o qual foi mantido contato posterior para levantamento de informações sobre a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários; foi feito contato ainda com algumas das coordenações anteriores da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG, Dra. Rita de Cássia Marques e Dra. Betânia Gonçalves Figueiredo. O encontro com as antigas coordenadoras ocorreu em julho de 2018, sendo que a reunião com a Dra. Rita de Cássia Marques, que coordenou a rede entre 2013 e 2016, ocorreu no Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMENF/UFMG), e com a Dra. Betânia Gonçalves Figueiredo, primeira coordenadora da rede entre os anos 2000 e 2004, em seu escritório pessoal. Ainda no intuito de coletar depoimentos de gestores de redes, em ocasião do V Fórum Permanente de Museus Universitários foi feito um primeiro contato com a vice pró-reitora de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), também diretora do Museu da UFRGS, Cláudia Porcellis Aristimunha, para posterior levantamento de informações sobre a *Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS* (REMAM). Estes serão apresentados no segundo capítulo.

A coleta de documentos públicos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) ocorreu na sala da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG em julho de 2018 com auxílio do responsável Marcus Silveira, após solicitação enviada à então atual Coordenadora da Rede, Dra. Letícia Julião. Foram coletados atas, e-mails, correspondências, e notícias de jornal importantes para o desenvolvimento da pesquisa, principalmente no que diz respeito à Rede da UFMG. Parte destes serão apresentados no segundo e quarto capítulos. Foi aproveitado ainda, o material dos relatos dos participantes e palestrantes do V Fórum Permanente de Museus Universitários ocorrido em outubro de 2018 na Universidade Federal

de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte. Foi bastante proveitoso para o objetivo dessa pesquisa o painel “Patrimônio Universitário no Brasil: desafios e experiências”, que teve mediação do Dr. Maurício Cândido da Silva, o qual fez importante arguição sobre a Rede Brasileira de Coleções e Museus e Universitários. Também foi importante a apresentação dos diagnósticos dos museus universitários realizados por representantes regionais. E o importante painel sobre a Memória do Fórum Permanente de Museus Universitários, por meio da enriquecedora entrevista pública com a Dra. Maria Cristina Bruno e Dra. Lídia Meireles. Todos estes serão relatados no decorrer deste trabalho.

A coleta de documentos públicos contou ainda com o importante material disponível no Arquivo do Museu Antropológico (MA) da Universidade Federal de Goiás (UFG), enviado após solicitação feita ao Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ), da UFG. Neste material constam importantes documentos que dizem respeito ao seminário “Museu Universitário Hoje” - I Encontro Nacional, na UFG, e alguns deles serão apresentados no terceiro capítulo. Será apresentado ainda o levantamento dos dados de inserção de instituições universitárias na World Wide Database of University Museums and Collections, desenvolvida pelo Comitê Internacional de Museus Universitários e Coleções do Conselho Internacional de Museus (UMAC), com o propósito de compreender se é possível usar os dados quantitativos dessa base para levantamento de informações sobre museus universitários no mundo.

Para construir essa abordagem, este capítulo irá abordar as práticas e produção científica da área da Museologia pertinentes à essa pesquisa, sendo a Museologia a área do saber na qual se insere essa investigação. A pesquisa envolveu os temas: *museus universitários*, *museologia e museus*, e *redes de museus universitários*, desenvolvidos por meio de um estudo crítico de referências que auxiliarão na compreensão do que caracteriza um museu universitário. Os textos escolhidos trazem possibilidades de reflexão sobre a importância desses museus e a necessidade de revisão da postura a respeito do valor e da avaliação dada ao patrimônio universitário.

Com a apresentação do histórico dos encontros brasileiros de museus universitários no quarto capítulo, será possível compreender o pano de fundo em que se inseriram os museus universitários, de que momento estamos falando, de quais personagens e suas trajetórias, e aplicá-lo na análise de situações e possíveis problemas a serem identificados. No tocante aos depoimentos de alguns gestores de redes de museus universitários, estes são apresentados como importante contributo na construção desta análise conceitual. Apresentar estes relatos tem como objetivo colocar em evidência o olhar e a avaliação destes profissionais no exercício de suas funções dentro do ambiente universitário, fazendo emergir deste contexto fertilizador a

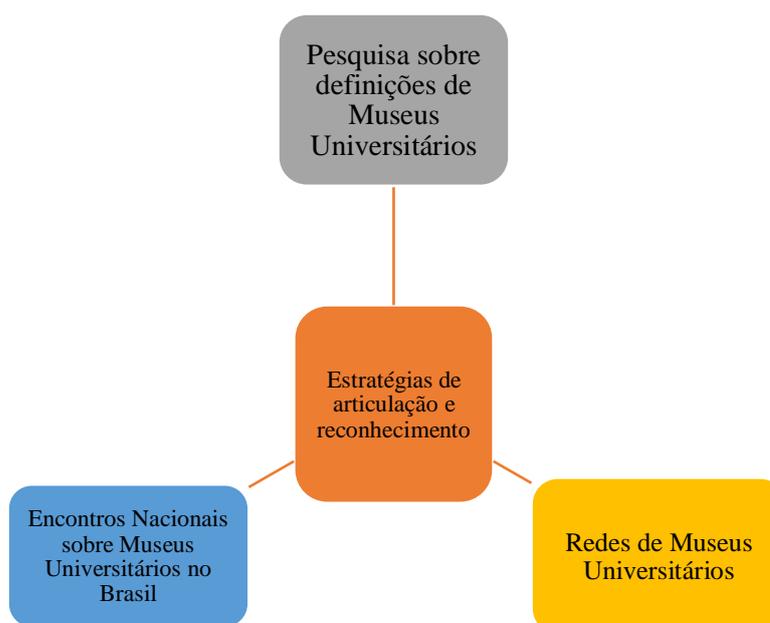
possibilidade de compreensão das principais dificuldades de um museu e/ou coleção universitária.

Para tanto, os temas de pesquisa foram trabalhados em torno de três grandes eixos, que foram construídos com suporte das seguintes fontes de pesquisa: análise de teses e dissertações, publicações, eventos da área, documentos oficiais, notícias de jornal, periódicos, e-mails, ofícios e circulares internas, estudos de caso, e depoimentos de personalidades ligadas à história dos museus universitários.

Os temas escolhidos foram abordados a partir de referências teóricas que nos auxiliam na compreensão de algumas características de museus universitários e de redes de museus universitários, e na composição do histórico dos encontros brasileiros de museus universitários a partir, também, de documentos primários. Tal enfoque possibilita o estudo do tema dos museus universitários de maneira horizontal, uma vez que um eixo irá complementar o outro.

A figura abaixo apresenta três das estratégias de reconhecimento que contribuem para a valorização dos museus universitários e foram determinadas para orientação dos eixos da pesquisa:

Figura 1 - Desenho da pesquisa



Fonte: Da autora.

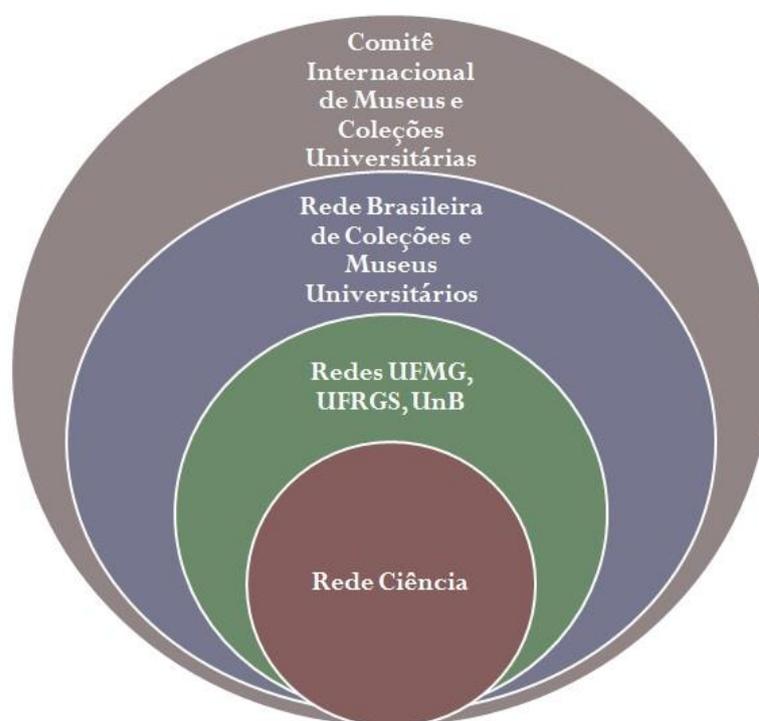
O eixo sobre os *Museus Universitários* abrange publicações produzidas na prática museológica e no campo acadêmico-científico tendo o tema desta pesquisa como o recorte

teórico que buscou investigar, recuperar e (re) apresentar as pesquisas já realizadas em torno do tema, com o objetivo de compreender e descrever o que caracteriza e quais são as particularidades que diferenciam museus e coleções sob tutela universitária dos demais museus.

O eixo que se dedica aos *Encontros sobre Museus Universitários no Brasil* foi feito por meio da investigação de fontes primárias, em especial por meio de atas, fotografias, documentos oficiais e notícias de jornal, com o objetivo de entender quais eram as principais preocupações e dificuldades abordadas nessas discussões e a temporalidades dos encontros nacionais.

O eixo sobre as *Redes de Museus Universitários* se dedica a apresentar algumas das tentativas concluídas e inconcluídas de implantação de redes locais de museus universitários brasileiras e as redes nacional e internacional para museus universitários, organizadas conforme imagem abaixo:

Figura 2 - Redes Estudadas



Fonte: Da autora

A partir do entendimento de que os profissionais que pesquisam museus universitários ou se inserem nestes espaços devem contribuir para recuperar ou fortalecer a identidade destes locais - possibilitando assim a discussão sobre o papel destes na universidade e na sociedade -,

apresento um contributo para aqueles que já trabalham há anos com pesquisa e prática nesses locais, bem como para aqueles que venham a trabalhar ou pesquisar.

O trabalho se dividirá, portanto, nos três eixos temáticos já apresentados, começando pelo eixo Museus Universitários, em seguida o eixo sobre as Redes de Museus Universitários, mais adiante com um capítulo mais aprofundado sobre o I Encontro Nacional de Museus Universitários, e por último o eixo dos Encontros Nacionais de Museus Universitários.

CAPÍTULO 1 - PARA NÃO ESQUECER OS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

O capítulo apresenta alguns princípios teóricos que norteiam o tema do vasto universo dos museus universitários em uma perspectiva nacional e internacional. Com o objetivo de facilitar a leitura e compreensão do texto optamos por fazer traduções nossas para apresentar percepções internacionais sobre o que caracteriza e quais são as particularidades que diferenciam os museus universitários dos demais. Dedicamos ainda ao estudo do International Committee for University Museums and Collections (UMAC), vinculado ao Conselho Internacional de Museus (ICOM), por meio da análise de um de seus importantes instrumentos de apoio, a Base de Dados Internacional para Coleções e Museus Universitários.

Importante explicar que o reconhecimento internacional sobre os museus universitários surge em especial por grupos como o Committee for University Museums and Collections (UMAC) vinculado ao Conselho Internacional de Museus – ICOM, e por isso sua análise se mostrou essencial para essa pesquisa. Este é um comitê internacional para todos aqueles que trabalham ou se associam a museus acadêmicos, galerias e coleções. O objetivo do UMAC⁷ é:

ser um defensor global de museus de ensino superior e coleções de todas as disciplinas. Sua missão é contribuir para a sociedade, para o benefício de todos, sustentando o desenvolvimento contínuo de museus e coleções universitárias como recursos essenciais dedicados à pesquisa, educação e preservação do patrimônio cultural, histórico, natural e científico, estimula a criação de redes nacionais e dá visibilidade internacional às iniciativas. (UMAC, 2020, tradução nossa).

Embora em todo este trabalho de pesquisa sejam tratadas discussões nas quais estão presentes professores que compõem o ambiente universitário, que em sua maioria são doutores, em alguns momentos do texto estes serão citados pelo seu primeiro e segundo nomes, como são conhecidos na comunidade dos museus universitários. Importante enfatizar que cada um desses participantes é construtor das discussões que dizem respeito aos museus universitários no Brasil e no decorrer desse trabalho suas atuações serão recordadas.

Um primeiro caminho para pensar acerca da organização da informação em museus e sobre museus é compreender a identificação relacional entre acervos arquivísticos, museológicos e bibliográficos, uma vez que este trabalho integra o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF) da Universidade de Brasília (UnB). Para tanto, museus,

⁷Disponível em: <http://umac.icom.museum/membership/where-is-umac/>. Acesso em: 22 dez. 2018.

arquivos e bibliotecas são unidades de informação e instituições de memória que, acima de suas particularidades, são responsáveis por abrigar, analisar, organizar, recuperar e oferecer informações à sociedade. Tal perspectiva parece ser terreno fértil para a constituição de um locus de interlocução colaborativa entre Museologia e Ciência da Informação.

Na perspectiva de Vivarelli (2015, p.56, tradução da autora) “arquivos, bibliotecas e museus são parceiros por deterem as mesmas finalidades em relação ao seu uso público e papel de promotores da cultura: ‘bibliotecas, museus e arquivos, que sem dúvida compartilham na finalização do uso público um dos seus elementos de identidade fundamentais”.

Para Cândido (2006), o processo de fornecer informações a partir dos dados existentes é da área comum dos profissionais das ciências documentais; e arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus são co-responsáveis no processo de **recuperação da informação**, em favor da divulgação científica, cultural e social, bem como do testemunho jurídico e histórico: “**partindo de materiais diversos e por meio de mecanismos técnicos distintos**, essas instituições devem estar aptas a cobrir determinados campos de investigação”. (CÂNDIDO, 2006, p. 34, grifo nosso).

As fronteiras epistemológicas entre Museologia e Ciência da Informação parecem encontrar nos métodos de gestão e recuperação da informação um dos seus pontos de interseção, por meio do qual é facilitada sua função pública e missão de promoção cultural. A relação, no caso, é mais epistemológica e menos departamental, garantindo, portanto, capacidade mais ampla para tal discussão, ao confirmar o princípio implícito de um gerir comum, que busca compreender:

as necessidades dos usuários de informação e suas implicações; a identificação dos recursos necessários a partir dos tipos e formatos; a identificação, o tratamento e a recuperação de informações adequadas para o usuário; a formulação de políticas, estratégias, planejamentos, normas e processos relacionados a diferentes espaços de informação. (Organização da Informação. PPGCINF, UnB, 2019).⁸

Há uma forma de degradação do patrimônio que vai além da do furto e depredação, trata-se da degradação da informação, que quando criada ou tratada indiscriminadamente corre o risco de reconfigurar, redefinir ou subtrair a informação. Quando se discute gestão de riscos em museus, por exemplo, para além de questões naturais e antrópicas, se aborda também a importância de se qualificar dados, uma vez que a falta de informação também é um risco.

⁸Linha de Pesquisa Organização da Informação. Disponível em: <http://www.ppgcinf.fci.unb.br/index.php/menu-apresentacao.html>. PPGCinf. Acesso em: 22 dez. 2018.

Os agentes de risco que ameaçam os museus são em geral: forças físicas; furto, roubo e vandalismo; fogo, água; pragas, poluentes; luz e radiação ultravioleta (UV) e infravermelha (IV); temperatura incorreta; umidade incorreta; e **dissociação**. (IBRAM, Gestão de Riscos em Museus, p.9, grifo nosso).

Figura 3 - Agentes de risco nos museus

Quais os agentes de risco que ameaçam os museus?



Fonte: Cartilha Gestão de Riscos Ibram, 2017

As atividades de prevenção, em um museu, por vezes podem não priorizar o último agente de risco citado: a dissociação, que conforme cartilha do IBRAM é a desorganização de sistemas organizados, que provoca:

deterioração o remoção de etiquetas e rótulos; inexistência de cópias de segurança de registros informativos de coleções (inventários, etc.) em caso de sinistro; erros no registro de informações, obsolescência tecnológica para o acesso de registros; extravio de objetos; gravação e coleta de dados do objeto de maneiras permanente; erros na transcrição; inexistência de inventários; movimentação do acervo sem registro, etc. (IBRAM, Gestão de Riscos em Museus, p.15).

Embora a documentação museológica se refira mais propriamente às coleções e objetos dos museus, consideramos fundamental incluir nessa categoria a documentação referente aos

encontros e articulações aqui tratados, uma vez que esses são parte constituinte da construção da museologia no país e diretamente relacionados às práticas dos museus.

A importância da documentação é colocada aqui, portanto, para que se reflita sobre as inconsistências que serão observadas no quarto capítulo, que podem estar também relacionadas com a dissociação. Assim, a documentação museológica é encarada como base norteadora e instrumento essencial para existência e potencialização da memória dos encontros nacionais de museus universitários e demais assuntos que digam respeito à preservação da história desses no campo da museologia. Esta se tornou uma abordagem necessária embora não se desconsidere que, em geral, os propósitos de uma diretriz que tem por objetivo delinear caminhos adequados de gestão – no que tange aos conteúdos informacionais – são diferentes daquilo que ocorre na prática. Se constata, por exemplo, que embora haja diretriz específica e vasta publicação sobre documentação museológica, as realidades estruturais e de equipe em um museu nem sempre correspondem ao que seria o ideal para melhor execução de suas responsabilidades.

A salvaguarda da memória dos encontros vista no quarto capítulo deste trabalho é entendida como a preservação do documento, de modo a abrigar, analisar, organizar, recuperar e disponibilizar informações de forma sistematizada à sociedade, pesquisadores e profissionais de museus. Tal dinâmica de diálogo entre a importância da documentação museológica e a construção de uma análise sobre as características dos museus universitários com base nesses documentos favorece a proveitosa compreensão de que a iniciativa dos responsáveis por garantir a *sobrevivência* da documentação sobre esses museus e encontros – cujos conteúdos serão compartilhados – é justamente o que *possibilita* a análise feita nesta pesquisa, afinal, sem a documentação empírica coletada muito não se faria.

O fato que se deseja evidenciar no quarto capítulo, com a apresentação das inconsistências encontradas, é que não é possível estimular aquilo cuja existência se ignora. Do mesmo modo não se reconhece a existência daquilo que não se abriga, analisa, organiza, recupera e disponibiliza. Por conseguinte, garantir reconhecimento aos museus universitários inclui também pesquisar, recuperar, salvaguardar e disseminar informações sobre seus encontros, suas principais discussões e recomendações, não apenas sobre a documentação em museus universitários, mas a documentação sobre os museus universitários. O Comitê Internacional de Documentação (CIDOC) do ICOM proporciona à comunidade museológica normas sobre boas práticas e desenvolvimentos na documentação do museu, a exemplo da Declaração de Princípios de Documentação em Museus, criada com o intuito de orientar os

profissionais que atuam em Museus no desenvolvimento de suas políticas de gestão e documentação de acervo.

Segundo a declaração, a documentação em Museus envolve o desenvolvimento e a utilização de informações sobre os objetos e os procedimentos que auxiliam a sua administração. Essas informações devem ser registradas, disponibilizadas e acessíveis aos funcionários, ao público em geral e aos pesquisadores. Com a documentação eficiente o museu irá facilitar os processos de política, cuidados e prestação de contas, acesso, interpretação e utilização, e pesquisa sobre o acervo. (DECLARAÇÃO, 2014).

Cândido (2006) contribui para que se reconheçam os fundamentos básicos para a aplicação de um sistema de documentação museológica:

Assim, a produção de conhecimento dentro de um museu demanda uma rotina de pesquisa interdisciplinar, associada a discussões teóricas, além de uma constante interlocução com outras áreas que operam, de algum modo, com a questão do documento / bem cultural. Esses são os fundamentos básicos para a aplicação de um sistema de documentação museológica que atenda às demandas contemporâneas de socialização de informações e de construção contínua de memórias e identidades. (CÂNDIDO, 2006, p. 35).

Embora as Conclusões Gerais do I Encontro Nacional de Museus Universitários, realizado em 1992 tenham sido publicadas na Revista “Ciência e Museus”, como informado por Cristina Bruno durante o V Fórum Permanente de Museus Universitários, a documentação sobre os encontros de museus universitários utilizadas nessa pesquisa, o que inclui documentação do I ENMU, estava dispersa em diferentes locais e estados. Parte foi encontrada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), outra no Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG), algumas no Arquivo Institucional do Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (MCC/UFRN), e outras informações foram coletadas a partir de relatos pessoais durante V Fórum Permanente de Museus Universitários realizado em 2018, na cidade de Belo Horizonte, e mesmo assim persistiram lacunas, como será detalhado no quarto capítulo.

Adriana Mortara Almeida já apontava para a dificuldade de obter dados sobre os museus universitários tendo em vista a dimensão do Brasil, optando por usar fontes indiretas como a Comissão do Patrimônio Cultural da Universidade de São Paulo (CPC/USP) e a Vitae Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social (Vitae), folhetos e contatos diretos com profissionais de museus. Em sua tese pioneira sobre museus universitários a autora procurou tratar o perfil destes museus, bem como suas origens e desenvolvimento. Adriana Mortara já identificava

que havia falta de um inventário completo e/ou atualizado de museus universitários brasileiros, mas apesar da dificuldade, foram identificados 129 museus universitários no Brasil, organizados pela autora em uma lista com os seguintes dados: “52 museus pertencentes a universidades federais; 21 pertencentes a universidades estaduais (exceto USP); 8 pertencentes a universidades públicas regionais ou municipais; 13 pertencentes a universidades privadas; e 35 pertencentes a Universidade de São Paulo.” (ALMEIDA, 2001, p. 51).

A partir da constatação da autora cabe refletir sobre os registros desses museus e coleções e a documentação inexistente ou faltante ainda hoje. Existem coleções desconhecidas, as que são conhecidas, mas não são institucionalizadas, e aquelas institucionalizadas que ainda assim correm riscos, desde danos físicos ao objeto até o dano à informação por meio de registros inexistentes ou equivocados. A reflexão a ser colocada ganha força quando se constata que documentação parece estar com problemas, dispersa ou faltante não apenas no ambiente dos museus universitários, mas na história dos museus universitários no Brasil.

Não existe hoje, no Brasil, órgão responsável pela pesquisa e salvaguarda da documentação específica sobre os museus universitários brasileiros. Em contato feito com a Rede Brasileira de Museus e Coleções Universitárias, foi informado que a Rede não possui essa documentação e não realiza pesquisa sobre esses encontros, até o momento. (informação pessoal).⁹

Embora haja oficialmente um Comitê Internacional sobre Museus Universitários (UMAC) que se debruça sobre questões mais globais, o mesmo não ocorre em uma perspectiva nacional ou regional no Brasil, em formato de comitê ou órgão oficial. Assim, fica a cargo dos encontros de museus universitários compartilhar problemas e soluções, em reuniões paralelas dentro de outros eventos de museus, além da possibilidade de discussão no grupo de correio eletrônico criado Rede Brasileira de Museus e Coleções Universitárias, como será visto no decorrer deste capítulo.

Não se desconsidera a importância e contribuição de tais articulações e suas funções dentro da multiplicidade de maneiras que se somam e contribuem para a discussão, mas não se deve ignorar que a existência de um comitê ou órgão voltado especificamente para museus universitários gera benefícios, como se visto ao analisar o UMAC.

O Coordenador da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, Maurício Cândido da Silva, e de muitas redes locais exercem seu papel de forma voluntária, de modo que

⁹Contato feito com o coordenador da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, Maurício Cândido da Silva, em 16 dez. 2019.

é difícil para profissionais que precisam cuidar de suas próprias instituições e se dedicarem às suas carreiras acadêmicas – dado que muitos gestores são docentes – se dedicarem à essas articulações informais, uma vez que na própria realidade de seus locais de trabalho há dificuldades de pesquisa sobre o próprio acervo.

Adriana Mortara reforça a percepção sobre as dificuldades sofridas pelas equipes de museus universitários ao identificar, em 2001, outros problemas na absorção de acervo pelas universidades, dentre eles “a crise financeira das universidades que poderia levar à venda das obras, ausência ou limitação de espaço físico, ausência de pessoal qualificado para garantir a salvaguarda das coleções, e características/perfil das coleções que dificultam a pesquisa, ensino e/ou extensão”. (ALMEIDA, 2001, p. 15).

Deste modo, a pesquisa e salvaguarda sobre tema vasto como os encontros de museus universitários brasileiros ainda dependem de iniciativas de pesquisadores; de profissionais que mesmo com os problemas de suas próprias instituições tem a preocupação de guardar e pesquisar tais documentos – como foi verificado na UFMG que possui um fundo sobre o Fórum Permanente de Museus Universitários – ou por meio de publicações dos próprios profissionais de museus que registram os avanços das discussões. Ainda que não se desconsidere a importância das iniciativas de investigação e pesquisa citadas – inclusive porque é próprio da universidade fazer a pesquisa científica – a documentação sobre os encontros nacionais de museus universitários parece carecer de uma estrutura administrativa em perspectiva nacional, de modo que se reúna tal documentação, e seja feito o tratamento documental desta. Deve-se levar em consideração, como já mencionado, que tanto no caso de museus universitários como nos demais museus a equipe é reduzida, além disso, a ausência de verba, estrutura, entre vários outros problemas impede ou dificulta a pesquisa dos próprios acervos.

Veremos nessa pesquisa que a questão acima é justamente a dualidade que surge quando se discute *informalidade e institucionalização* de uma rede de museus. Alguns posicionamentos demonstram que embora a institucionalização possa trazer uma formalidade talvez não desejada, é justamente a institucionalização que terá maior potencial em trazer uma estrutura administrativa necessária. Isso será visto mais detalhadamente nos depoimentos de algumas das ex-coordenadoras da Rede de Museus da UFMG, que foram responsáveis pela gestão desta antes da institucionalização. Betânia Figueiredo e Rita Marques trazem em suas falas diversos ganhos que vieram acompanhados da institucionalização, que incluem a chegada de um funcionário específico para a Rede de Museus da UFMG e vários outros benefícios que serão apresentados mais adiante.

Assim, essa pesquisa busca trazer contribuições ao regressar às discussões feitas a partir de 1992, e registrar seus avanços até o ano de 2019. Os problemas encontrados serão apresentados com o único intuito de contribuir com a área dos museus, afinal, para sanar problemas é necessário identificá-los de maneira correta e levar tais questões para o debate entre pares.

1.1 Alguns Conceitos

Isto posto, este capítulo segue com conteúdo que objetiva destacar, transcrever e registrar o conteúdo informacional presente na documentação e publicações localizadas que servirão como importante contribuição ao exercício de compreensão das características dos museus universitários. A intenção aqui é apresentar uma pluralidade de definições e considerações existentes sobre museus e coleções universitárias.

Para a construção desse quadro-conceitual, optou-se por recorrer à publicação em língua portuguesa *Conceitos-Chave de Museologia*¹⁰, uma iniciativa do Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, que compartilha com a comunidade museal brasileira o conhecimento da teoria museológica por meio de um Dicionário Enciclopédico estruturado em conjunto de conceitos fundamentais que sustentam o trabalho nos museus. Será oportuno ainda apresentar definições de museus universitários extraídas de rascunhos de discussões dos grupos de trabalho do I Encontro Nacional de Museus Universitários realizado em 1992, encontrados em documentação primária, bem como definições mais atuais, com uma perspectiva contemporânea sobre esses tipos de museus presentes nas publicações e em anais de eventos. Será possível notar que, embora haja definições e reflexões escritas em séculos diferentes, algumas permanecem muito semelhantes, e a dúvida sobre o que são e quantos são os museus universitários permanece em aberto em muitos casos.

Na categoria que define Museologia, consta que: “etimologicamente, a Museologia é “o estudo do museu” e não a sua prática – que remete à “museografia” –, mas tanto o termo, confirmado nesse sentido amplo ao longo dos anos 1950, como o seu derivado “museológico” – sobretudo em sua tradução literal em inglês (*museology* e seu derivado *museological*) –

¹⁰Conceitos-chave de Museologia/André Desvallées e François Mairesse, editores; Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, tradução e comentários. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.100 p. Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury – dois museólogos brasileiros que haviam participado de processos relacionados à edição original do livro traduziram voluntariamente a publicação original para o português a convite do então presidente do ICOM Brasil, Carlos Roberto Brandão.

apresentam cinco acepções bem distintas.” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 61). As cinco acepções identificadas na publicação são: 1. a aplicabilidade do termo “Museologia” a tudo aquilo que toca ao museu e que faça referência ao termo “museal”; 2. aproxima-se da etimologia do termo que remete ao “estudo do museu”; 3. Museologia como uma ciência em formação e como disciplina independente, influenciando o Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM); 4. vocação social dos museus e seu caráter interdisciplinar. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 61)

No que diz respeito à coleção, é definido que “de modo geral, uma coleção pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos, etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada.”(DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 32).

1. Em razão da banalização do uso do termo “coleção”, tentativas frequentes vêm sendo feitas para diferenciar uma coleção de museu de outros tipos de coleção. De maneira geral (já que este não é o caso para todos os estabelecimentos), a coleção – ou as coleções – do museu se apresenta(m) tanto como a fonte quanto como a finalidade das atividades do museu percebido como instituição. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 33)

As coleções são, portanto, definidas como “os objetos coletados do museu, adquiridos e preservados em razão de seu valor de exemplaridade, de referência, ou como objetos de importância estética ou educativa” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 33). É destacado ainda que a documentação do processo de coleta se torna mais importante que a composição material dos objetos justamente pela informação que carrega:

As coleções mais evidentemente imateriais (de conhecimentos locais, de rituais e mitos na etnologia, bem como de performances, gestos e instalações efêmeras em arte contemporânea) incitam o desenvolvimento de novos dispositivos de aquisição. Por vezes, a mera composição material dos objetos torna-se secundária, e a documentação do processo de coleta – que sempre foi importante na arqueologia e na etnologia – agora se torna a informação de maior importância, a qual acompanhará não apenas a pesquisa, mas também os dispositivos de comunicação com o público. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 34)

Ainda sobre a documentação nas coleções dos museus:

A coleção do museu sempre teve de ser definida em relação à documentação que a acompanha pelo trabalho que resultou dela, para ter a sua relevância reconhecida. Esta evolução levou a uma acepção mais ampla da coleção, como uma reunião de objetos

que conservam sua individualidade e reunidos de maneira intencional, segundo uma lógica específica. Esta última acepção, a mais aberta das que foram citadas, engloba tanto as coleções mais específicas quanto as coleções tradicionais dos museus, mas também coleções de testemunhos da história oral, de memórias ou de experimentos científicos. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 35)

Cornelia Weber se pergunta em seu texto “o que queremos dizer quando falamos de uma "coleção universitária"?” e como resposta apresenta um projeto de pesquisa alemão¹¹ que encontrou algumas respostas sobre o assunto:

O termo coleções universitárias refere-se a todas as coleções que contêm objetos físicos e audiovisuais e que agora, ou em algum momento no passado, pertenciam a uma universidade científica, teológica ou de artes. Também numerada na pesquisa do projeto, objetos são lugares onde os organismos vivos foram preservados (por exemplo, jardins botânicos ou aquários) e instalações memoriais associadas à história das universidades que são usadas no ensino e na pesquisa e / ou cumprem a tarefa ou funcionam como um museu. (WEBER, 2012, s.p., tradução nossa).

Cornelia Weber reforça que o conjunto de coleções levadas em consideração no referido projeto alemão é “extraordinariamente amplo, estendendo-se dos estudos clássicos à zoologia”, e que “tanto as disciplinas acadêmicas tradicionais quanto as mais recentes, grandes e pequenas, estão representadas”. (WEBER, 2012, s.p, tradução nossa). Destaca ainda características sobre coleções universitárias: 1) sua função de servir ao propósito de pesquisa e ensino devido à natureza de sua origem e uso geralmente ligadas às universidades; 2) coleções que preservam categorias e grupos inteiros de naturalia e artificialia que não podem ser encontrados em nenhum outro lugar; 3) coleções que testemunham a história das universidades. (WEBER, 2012, s.p, tradução nossa).

Neste sentido vale lembrar a fala de Maria Cristina Oliveira Bruno no V Fórum Permanente de Museus Universitários. Em uma perspectiva brasileira, Cristina nos lembra que as coleções de arqueologia no Brasil estão quase em sua totalidade nos museus universitários. Pode-se acrescentar ainda, que o mesmo ocorre com os museus de anatomia humana e veterinária, que no caso brasileiro, são acervos que estão majoritariamente nas universidades.

Cornelia Weber (2012) esclarece ainda a importância da criação das coleções para o estabelecimento de inúmeras disciplinas acadêmicas:

Para o estabelecimento de inúmeras disciplinas acadêmicas, a criação de uma coleção foi de vital importância, **pois constituiu a verdadeira base de trabalho da disciplina**

¹¹“Documentação para o projeto “coleções universitárias da Alemanha: exames sobre inventário e histórico”. Vide em: <www.universitaetssammlungen.de/download/Projektdokumentation.pdf> tradução nossa. Acesso em 02 jan. 2020

para pesquisa e ensino. Por um lado, os objetos materiais foram utilizados como ponto de partida para o trabalho científico, por outro lado, como exemplos visuais no ensino. Esse é o caso de muitos campos médicos e veterinários, mas também de todas as disciplinas de história natural. Nos estudos culturais, as coleções às vezes constituíam - e continuam a constituir - a base material primária também¹². (WEBER, 2012, s.p., tradução nossa, grifo nosso).

No que diz respeito ao desenvolvimento histórico das coleções universitárias europeias, Cornelia Weber esclarece que o fato de muitas coleções universitárias antigas terem, inicialmente, sido de propriedade privada se deve ao fato de os professores geralmente precisarem adquirir, manter e cuidar do equipamento usado no ensino e na pesquisa, além de casos em que a universidade adquiriu coleções que haviam sido montadas por professores às suas próprias custas. Segundo Weber essa prática mudou na segunda metade do século XVIII. (WEBER, 2012, s.p, 2012, tradução nossa).

São apresentados cinco tipos possíveis de categorização das coleções universitárias, são estes: 1) coleções de pesquisa, 2) coleções de ensino, 3) coleções combinadas de ensino e pesquisa, 4) coleções históricas de ensino e pesquisa que não estão mais em uso; e 5) coleções que não foram estabelecidas principalmente para fins de ensino ou pesquisa, sobre esta última categoria, é esclarecido que esta que será encontrada especialmente em coleções preocupadas com a história de uma universidade ou com legados. Cornelia Weber destaca ainda que existem tipos especiais de coleções que são as *instalações acadêmicas* que **não podem ser incluídas nas categorias usuais de museu**: aquário, terrário, zoológico, jardim botânico, arboreto, geoparque, jardim geológico, herbário, prisão do campus, arquivo de som e observatório. (WEBER, 2012, s.p, tradução nossa, grifo nosso).

Ainda sobre os possíveis tipos de coleção, Cornelia, dentre as seguintes – coleção como arquivo; a coleção como laboratório; a coleção como sala de aula acadêmica permanente; coleção temática de apoio temporário ao ensino; a coleção histórica como fonte de estudos em história da ciência – descreve a “coleção como local de exposições”. Sobre a coleção como local de exposição se esclarece que muitas vezes, as coleções universitárias eram e ainda são conhecidas como museus, mas no decorrer da história, esse termo foi usado para descrever distintas coisas. Assim, o que costuma ser descrito como um "museu" nem sempre corresponde ao conceito de museu definido pelo ICOM. (WEBER, 2012, s.p, tradução nossa).

¹²Weber (2012) cita o caso da disciplina acadêmica da musicologia comparada, estabelecida em Berlim no início do século XX, que teve sua base material em uma coleção de gravações sonoras do Arquivo Fonográfico de Berlim, que foi criado em 1904 e em 1963 tornou-se parte do Departamento de etnomusicologia do Museu Etnológico.

Citando exemplos do texto, os espaços que embora fossem coleções visitáveis mas não necessariamente correspondiam à definição de museu poderiam ser “uma coleção de obras de arte e, mais frequentemente, livros e produtos da natureza”, um “armário de arte”, um “armário de moedas”, uma “câmara de arte e curiosidades” ou um “local onde as pessoas se reúnem envolvidas no estudo da ciência e das artes plásticas”. (WEBER, 2012, tradução nossa).¹³

Cornelia Weber informa que as coleções universitárias eram frequentemente abertas ao público e dá o exemplo do “guia de Berlim e Potsdam para visitantes e residentes” que informava aos turistas quais eram “os “museus” da Universidade de Berlim que os turistas também poderiam visitar ao apresentar um ingresso ou fazer uma reserva”. Weber se pergunta se esse uso cada vez mais ativo e intensivo de coleções no ensino e pesquisa não foi o que levou à exclusão do público em geral. (WEBER, 2012, tradução nossa).

Ainda sobre as coleções universitárias, suas funções e seu uso público, Cornelia Weber esclarece que as coleções de ensino e pesquisa podem funcionar de maneiras distintas em uma universidade:

Em geral, **constituem a base material da pesquisa e do ensino**. Eles também podem servir como arquivo ou laboratório, apoiar o ensino dentro de uma determinada disciplina com uma coleção constante (ou com uma temática limitada ou temporária) ou fornecer uma fonte histórica para investigações científicas específicas. Essas várias formas não são mutuamente exclusivas; pelo contrário, o uso particular feito de uma coleção sempre depende das abordagens, métodos de pesquisa e concepções didáticas de cada disciplina, que podem variar ao longo do tempo. Além disso, **algumas coleções acadêmicas também são disponibilizadas ao público em geral**. (WEBER, 2012, s.p., tradução nossa).

É nesse sentido que a abordagem sobre a extensão universitária pode ser colocada nesta discussão. Cornelia Weber, no trecho acima, afirma que em geral essas coleções, que podemos chamar de didáticas, constituem a base material da pesquisa e do ensino, e que *algumas* dessas coleções também são disponibilizadas ao público em geral. Em uma perspectiva prática de meu próprio ambiente de trabalho em um museu universitário de anatomia humana, há uma coleção didática, para uso em ensino e pesquisa, e uma coleção do museu de anatomia humana, reservada para o espaço expositivo e reserva técnica do Museu de Anatomia Humana. Essas duas coleções se separam, inclusive, espacialmente, embora em alguns casos seja necessário recorrer à coleção didática em busca de uma peça anatômica que o museu não possua e necessite para construção de uma exposição.

¹³Este trecho contou com tradução do alemão para inglês feito pela autora. Traduzimos do inglês para português.

Em uma perspectiva teórica sobre o vínculo entre ensino, pesquisa e extensão, vale destacar a fala de Cláudia Porcellis Aristimunha durante o debate da mesa redonda – *Desafios nos Museus Universitários no Brasil*¹⁴, durante o V Fórum Permanente de Museus Universitários de 2018. Como bem pontuado por Cláudia, seu lugar de fala naquele momento partia de sua função como vice pró-reitora de extensão da UFRGS. Cláudia Aristimunha esclareceu que os museus - e mesmo as coleções que não são visitáveis, são espaços de ensino e de extensão nos quais é possível atingir mais diretamente a população por meio de uma pesquisa mais ampla, menos dirigida, e em grupos menos herméticos. Diz ainda que o uso da palavra tripé para definir ensino pesquisa e extensão é uma abordagem que dá a impressão de que esses três iniciam juntos e terminam separados, conforme o desenho de um tripé, e na verdade esses devem iniciar juntos e terminar juntos. Cláudia Aristimunha fala ainda da necessidade de campanhas internas de conscientização para que se saiba o que existe nas universidades de modo que a unidade possa se dar conta da riqueza que possui. É citada ainda nesta fala a criação da Política Nacional de Extensão, um avanço que apresenta mudanças dos conceitos da extensão universitária e propõe estratégias para a consolidação da Extensão. (informação oral).¹⁵

Para Cristina Bruno, no que diz respeito ao vínculo entre ensino, pesquisa e extensão os museus universitários “[...] São muito diferentes entre si. Entretanto, o que os une é a cumplicidade com o ensino, pesquisa e extensão. O comprometimento com estas três funções universitárias é o que permite um olhar de aproximação, o delineamento de caminhos paralelos e, mesmo, a possibilidade de propostas conjuntas.” (BRUNO, 1997, p. 47).

Há, como visto, diferentes maneiras de classificar e entender as coleções universitárias. O fato é que os conceitos além de inventados e criados, são também modificados, e não seria diferente na área dos museus. Dentro desse horizonte de compreensão, o conceito de museu do Conselho Internacional de Museus também se reformula conforme surgem novas percepções sobre seu papel.

¹⁴O V Fórum de Museus Universitários foi realizado em Belo Horizonte, MG após um intervalo de 12 anos, entre os dias 8 e 11 de outubro de 2018. O evento foi organizado de modo a apresentar o diagnóstico dos museus universitários no Brasil; a gestão e formação de profissionais em museus universitários; e a conformação e dinâmica de redes de museus universitários. O último dia foi dedicado à discussão, em plenária, de proposições dos GTs: 1 - Gestão dos Espaços de Tutela do Patrimônio Universitário, 2 - Salvaguarda do Patrimônio Universitário e a interface com o ensino, pesquisa e extensão, 3 - Comunicação do Patrimônio Universitário e a interface com o ensino, pesquisa e extensão, 4 - O Fórum Permanente de Coleções e Museus Universitários e a criação de redes.

¹⁵Gravação do Evento (Vídeo) Debate Desafios nos Museus Universitários no Brasil. - Disponível em: <https://www.facebook.com/rededemuseusdaufmg/videos/317888002372333/>. V Fórum Permanente de Museus Universitários. Acesso em: 02 jan. 2019.

O ICOM foi criado em 1946 e surgiu com o objetivo de "servir de cenário para as interlocuções entre os profissionais de museus de diferentes países e também desempenhar o papel de agente propulsor de discussões e inovações nesse campo" (BRUNO, 2010, p.18).

Essa definição foi reformulada em 1974 e tornou-se mais ampla, de modo que o museu passaria a ser considerado “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 64).

A lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências, em seu artigo primeiro considera museus:

“para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009).

O artigo sexto informa que a referida lei “não se aplica às bibliotecas, aos arquivos, aos centros de documentação e às coleções visitáveis”. Em seu parágrafo único “são consideradas coleções visitáveis os conjuntos de bens culturais conservados por uma pessoa física ou jurídica, que não apresentem as características previstas no artigo primeiro desta lei, e que sejam abertos à visitação, ainda que esporadicamente”. (BRASIL, 2009).

Em uma perspectiva mais atual sobre a definição de museu, em mensagem encaminhada pela então Presidente do ICOM Brasil Renata Vieira da Motta para Rede Brasileira de Museus e Coleções Universitárias foi informado que desde o ano de 2016 a comunidade ICOM esteve engajada no projeto de definição do museu no século XXI. Desta maneira, na vigésima quinta Conferência Geral do ICOM, realizada em setembro de 2019 em Quioto, o texto da nova definição proposta não foi votado e foi reconhecida a necessidade de prorrogação dos debates. O ICOM Brasil abriu uma consulta ampla junto à comunidade museológica brasileira por meio de um questionário online elaborado como base no texto da nova definição proposta, e desenvolvido pelo Comitê Internacional de Museologia – ICOFOM, com a devida tradução para o português. (MOTTA, 2019).

Em função desta nova questão o Conselho Internacional de Museus (ICOM/Brasil), o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), o curso de Museologia da Universidade de Brasília (UnB), e a Secretaria de Cultura do DF (SECULT/DF), organizaram evento para debater a nova definição do conceito de museu pelo ICOM, conforme consta na imagem a seguir:

Figura 4 - Debate novo conceito de museu



Fonte: *Google Groups* Rede Brasileira de Museus e Coleções Universitárias

As contribuições deveriam ser enviadas até 17 de janeiro de 2020 e seriam consolidadas em um relatório a ser enviado para o ICOM internacional e divulgado publicamente. (MOTTA, 2019).¹⁶ Posteriormente foi informado que as contribuições poderiam ser feitas até o dia 31 de janeiro de 2020, de modo que não foi possível incluir a nova definição nesta pesquisa.

Há museus universitários de várias áreas do conhecimento inseridos em diferentes contextos, países e sistemas universitários, com reflexões existentes em publicações e material empírico de diferentes anos. Será interessante notar que, em uma perspectiva nacional e internacional, existem pontos comuns que dizem respeito aos problemas enfrentados pelos museus universitários – principalmente os que se referem à falta de estrutura, orçamento e equipe de trabalho.

Internacionalmente serão apresentadas referências de estudos de caso realizados por pesquisadores que nos indiquem o que tem sido feito e quais são as principais reflexões e problemas em uma perspectiva ocidental e oriental. Esta última despertou bastante interesse e acrescentou conteúdo importante para a pesquisa, uma vez que não há muita publicação em português com discussões sobre museus universitários no Oriente.

¹⁶E-mail recebido em 8 dez. 2019 por meio do *Google Groups* da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários com informações sobre o projeto de definir museu no século XXI e questionário para consulta sobre a nova definição de museus.

O Comitê Internacional de Museus e Coleções Universitárias (UMAC) é um importante aliado nesse sentido, pois em uma amplitude maior poderá fornecer por meio da realização de congressos internacionais e das edições de sua Revista de Museus e Coleções Universitárias, ou originalmente The University Museums and Collections Journal (UMACJ) diferentes textos e reflexões sobre museus universitários em inglês, e escritas por diferentes membros, que fazem parte de realidades diferentes, mas com objetivos e problemas comuns, como veremos no decorrer do capítulo. A Revista de Museus e Coleções Universitárias é um periódico on-line revisado por pares para os procedimentos do Comitê Internacional de Museus e Coleções Universitárias (UMAC).

Neste sentido, é pertinente informar que, embora haja no sítio eletrônico do UMAC informação de que atualmente se está avaliando a possibilidade de atualização de sua revista, este contribui e publica seus anais de conferências desde a sua criação em 2001:

Desde 2001, as pesquisas sobre museus, coleções e patrimônio de universidades aumentaram consideravelmente em quantidade e qualidade, mas ainda não existem periódicos dedicados. A revista do UMAC visa preencher essa lacuna e se tornar uma revista indexada, onde os pesquisadores podem enviar e publicar pesquisas inovadoras sobre museus, coleções e patrimônio de universidades. (UMAC, 2020, tradução nossa).

Vale destacar ainda que, recentemente, mais precisamente em setembro de 2018, o UMAC assinou um acordo com o Museu da Universidade de Xangai para fornecer traduções do University Museums and Collections Journal para o chinês, assim, as publicações inglesas são traduzidas para essa comunidade. Segundo página do UMAC “este contrato permite que nossa revista esteja disponível para um novo e grande setor de praticantes de museus e administradores de universidades como uma publicação de código aberto gratuita.” (UMAC, 2020, tradução nossa).¹⁷

¹⁷Para versão chinesa do Jornal da UMAC, acessar: <http://umac.icom.museum/resources/umac-publications/umacj/umacj-chinese/>. Acesso em: 19 jan. 2020.

Figura 5 - Revista versão chinesa - UMAC



Fonte: Sítio Eletrônico UMAC

Na revista acima o texto “2016 年第 8 卷” significa em português “2016, volume 8” e o texto em chinês “大学博物馆与藏品学刊 (中文版)” significa, em português, “Revista de Museus e Coleções Universitárias (versão chinesa)”.

Vale destacar ainda, em uma outra perspectiva oriental, o texto introdutório da última conferência geral do UMAC, realizada em Quioto no Japão no ano de 2019, onde é possível perceber que os organizadores do evento sinalizam a vontade de aumentar a visibilidade dos museus japoneses: “uma de nossas aspirações ao ICOM Quioto 2019 é aumentar a visibilidade dos museus japoneses. Como a UMAC Quioto é realizada em conjunto, a Conferência Geral pode conectar japoneses e profissionais de museus universitários a colegas e profissionais de museus de todo o mundo.” (UMAC JOURNAL, v. 1, 2019, p. 11, tradução nossa).

É informado ainda neste texto introdutório que de acordo com uma pesquisa de educação social japonesa do ano de 2018, existem cerca de 5.744 museus no Japão, que variam em tamanho, escopo, tipo e governança, mas na maioria das vezes sem visibilidade

internacional, condição que também se aplica aos museus universitários. (UMAC JOURNAL, v. 1, 2019, p. 11, tradução nossa).

As discussões mais atuais no campo dos museus universitários podem ser encontradas em anais de eventos, como o Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS), a nível nacional, e os artigos presentes *University Museums and Collections Journal*, do Comitê Internacional para Coleções e Museus Universitários, a nível internacional, além dos fóruns e encontros de museus universitários.

Antes de iniciar a apresentação de algumas referências que auxiliem na compreensão das características dos museus universitários parece pertinente retornar a 1967 com o artigo de Mário Pedrosa¹⁸ sobre o *Core* Universitário. Na documentação empírica coletada no Arquivo do Museu Antropológico da UFG foi encontrada matéria de jornal com reprodução deste texto de Pedrosa, e ao final, consta que se trata da reprodução do artigo publicado pelo autor na Revista GAM (Gabinete de Arte Moderna) em defesa do Museu de Belas Artes na Cidade Universitária do Rio de Janeiro em 03 de fevereiro de 1967, por permissão de sua filha Vera Pedrosa. (PEDROSA, 1967, Arquivo do Museu Antropológico da UFG).

A palavra *core*, em inglês, pode significar núcleo. A função do *Core* Universitário é explicada em todo o texto de Mário Pedrosa, que no trecho abaixo informa porque o *Core* universitário é diferente dos demais:

O core da Cidade Universitária, embora tenha características comuns a qualquer core, não pode ser confundido com o de uma cidade, de uma aldeia ou mesmo de um bairro residencial ou o de um grupo de ruas urbanas. Enquanto esses outros cores são formados por uma escala de atividades as mais diversas, dos círculos privados aos públicos, e frequentados pelos mais diferentes grupos de cidadãos, quer do ponto de vista social, quer do ponto de vista de idade, o da Cidade Universitária se distingue pela homogeneidade social a que se destina: os universitários, alunos e professores. Esta distinção é capital. (PEDROSA, 1967, Arquivo do Museu Antropológico da UFG).

Mário Pedrosa acrescenta outra diferença:

Outra diferenciação é que, enquanto os outros centros de comunidades urbanas são delimitados por lojas comerciais, ruas residenciais, repartições públicas, o nosso só o é por unidades arquitetônicas de destinação pública. Em consequência disto, o perigo de tal condicionamento é torná-lo não um centro realmente convivencial, mas um local frio, deserto, sem vida, por lhe faltarem os recursos e as fontes recreativas de uma comunidade urbana real. Assim, o centro deixaria de exercer um de seus atributos capitais: a força de atração sobre a comunidade, sobre as gentes que devem habitar a cidade. Na Cidade Universitária o core é centro cívico (e se dê ênfase ao conceito), é

¹⁸Mário Pedrosa foi crítico de arte, jornalista e professor.

centro cultural, é centro artístico e também deve ser centro socialmente atrativo e recreativo.” (PEDROSA, 1967, Arquivo do Museu Antropológico da UFG).

Ao abordar conjunto das atividades que vão formar o Core Universitário, Mário Pedrosa cita os museus: “por suas funções precípuas, a instituição-museu é, em si mesma, sobretudo quando de arte e pelo próprio âmbito de suas atividades, o maior centro de experiências, pesquisas culturais e artísticas que se conhece na civilização contemporânea.” (PEDROSA, 1967, Arquivo do Museu Antropológico da UFG).

Embora não cite museus universitários, o autor cita características dos museus do Core Universitário, estas que se alinham as novas discussões sobre a função dos museus universitários:

o museu dá também a conhecer o resultado de suas pesquisas, expondo-as diante do público, sem tardança. Este, com efeito, não conserva suas pesquisas no círculo estreito dos especialistas, mas antes as mostra ao público para que tenham impacto imediato sobre a sensibilidade geral. Daí a tremenda força dinâmica dos esforços educacionais do museu. (PEDROSA, 1967, Arquivo do Museu Antropológico da UFG).

Mário Pedrosa, em 1967, falava de “um tal museu dinâmico, atuante, vivo”, que teria que “se inspirar, tomar consciência das tendências criadoras do homem de hoje (tanto no domínio artístico como no científico), se quisesse cumprir sua missão educacional de catalisador de todos os fatores que, estimulando ou determinando os impulsos criativos, formam ou transformam a sensibilidade contemporânea”. (PEDROSA, 1967, Arquivo do Museu Antropológico da UFG). O autor concluía que “ao nosso museu” caberia precisamente preencher essa missão. (PEDROSA, 1967, Arquivo do Museu Antropológico da UFG).

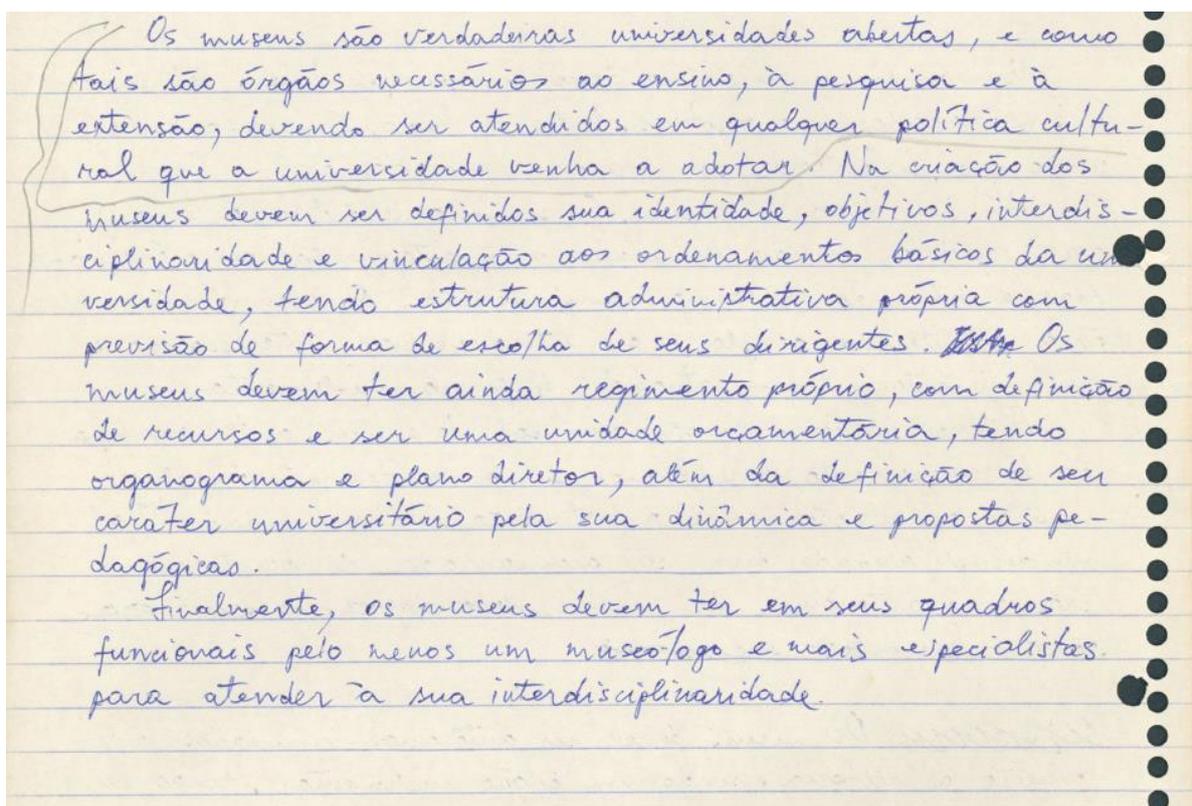
Partindo da reflexão do autor sobre a função desses museus na universidade, seguirão outras reflexões sobre o que são e as funções dos museus universitários, e quais são as estratégias que estes desenvolvem para sobreviver nos sistemas universitários que nem sempre os valoriza, embora – como lembrado por Pedrosa – os museus sejam parte do conjunto das atividades que vão formar o Core Universitário. Veremos que estes nem sempre são vistos como parte importante do Core ou valorizados como deveriam.

Como ponto de partida para a apresentação de definições sobre museus universitários a nível nacional, parece pertinente trazer reflexões a partir das discussões dos três grupos de trabalho do I Encontro Nacional de Museus Universitários, realizado em 1992. Os GT's foram organizados em torno de três temas: *o Museu e a sua Relação com a Universidade*; *Museus e Cidadania*; e *a Pesquisa em Museus*. O ponto de convergência percebido nos rascunhos das

discussões de dois desses três distintos temas – *Museus e Cidadania e Museu e sua Relação com a Universidade* – foi que, em algum momento, os participantes tentaram responder questões que definissem o que é um museu universitário. Na discussão do terceiro tema, sobre a *Pesquisa em Museus*, embora os participantes não tenham tentado definir o que é um museu universitário, trouxeram reflexões sobre os problemas de equipe técnica nesses museus. (GRUPOS DE TRABALHO, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992). Esse material, que será abordado com maior detalhamento no terceiro capítulo, é rico em informações e traz à tona questionamentos similares aos feitos ainda hoje. Isso demonstra que a definição sobre museus universitários ainda é uma questão a ser respondida e debatida, e talvez, por sua multiplicidade de formas, tamanhos e particularidades seja difícil encontrar uma resposta final.

A figura abaixo é um rascunho das discussões do Grupo de Trabalho 3, cujo tema foi *Museu e a sua Relação com a Universidade*. O trecho abaixo possui importantes reflexões sobre os museus universitários que em alguns casos foram transformadas em recomendações finais existentes nas Conclusões Gerais do I Encontro Nacional de Museus Universitários:

Figura 6 - Definição MU/GT3

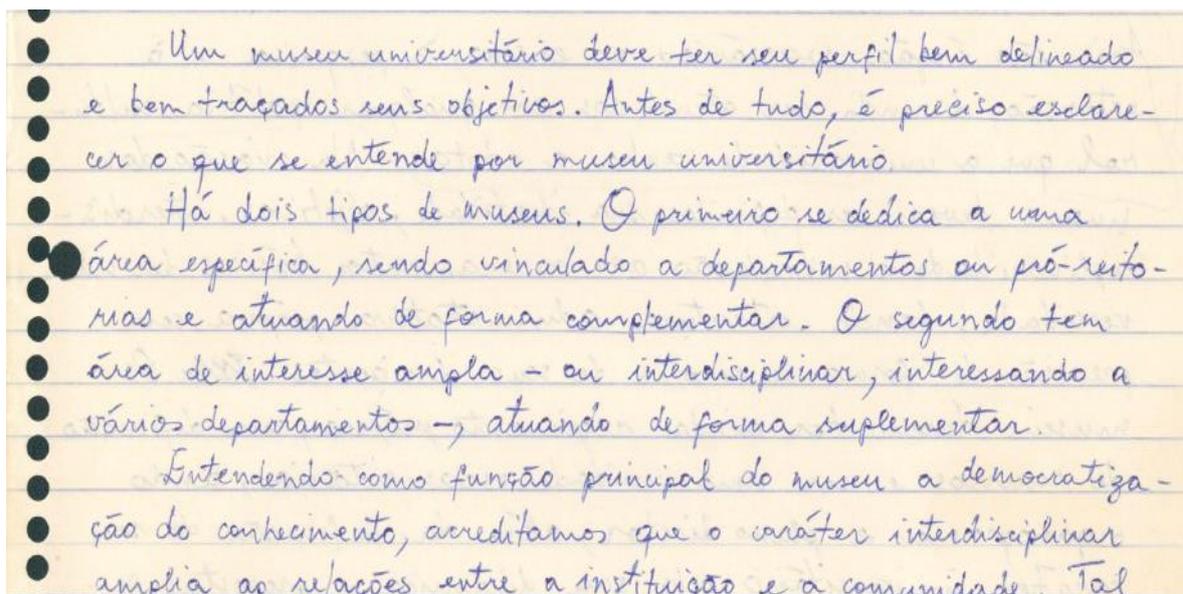


Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

No trecho, é importante dar destaque ao vínculo entre ensino, pesquisa e extensão. Além disso, destaca-se o fato de alguns problemas ainda comuns, como a necessidade de quadros funcionais que atendam à interdisciplinaridade necessária em um museu universitário.

Ainda sobre esta definição, o grupo de trabalho cita dois tipos de museus, os complementares e os suplementares, sendo que o primeiro se dedica a uma área específica e o segundo à uma área de interesse ampla. Esta ideia é explicada no trecho abaixo:

Figura 7 - Definição MU/GT3



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

O Grupo de trabalho 2 do I ENMU, cujo tema de discussão foi “Museus e Cidadania” avança na definição que vincula museus universitários à pesquisa e extensão, e traz outro importante aspecto - que está mais relacionado com seu potencial na universidade – que seria o de favorecer e criar condições para que o exercício da cidadania seja concretizado:

Figura 8 - Definição MU/GT2

- Um museu de uma Universidade tem especificidades muito próprias. Não é apenas, mais uma unidade de excelência no organograma geral nem mesmo apenas um centro de pesquisa ou de extensões, muito menos, mais um espaço pedagógico alternativo. Um museu universitário tem a peculiaridade de favorecer e criar condições para que a Universidade exerça, na plenitude de sua autonomia, o papel crítico que lhe é inerente enquanto fórum privilegiado da consciência nacional e do exercício real da cidadania, através da reconstrução, transformação e disseminação do saber e fazer social produzido.

Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

O grupo de trabalho 3 discutiu o tema *A pesquisa em museus*, embora não se tenha verificado nesta documentação trecho sobre uma definição de museu universitário, é importante destacar o trecho abaixo, cuja discussão é centrada nos recursos humanos nestes museus e apresenta os problemas de equipe técnica e a falta de incentivo à capacitação desta:

Figura 9 - Recursos Humanos/GT 1

Museologia não nega os museus tradicionais mas propõe um novo método de trabalhar o patrimônio e surgiu a partir de um repensar dos Museus Antropológicos.

Com relação à recursos humanos nos museus (item 4), a discussão centrou-se nos problemas da equipe técnica que, apesar de ter possibilidades pessoais de realizar Cursos de Aperfeiçoamento e Pós Graduação não tem condições de ascender na carreira vez que isto só é concedido aos docentes. Dessa forma o pessoal técnico é altamente prejudicado fazendo-se necessária a criação de uma carreira para os técnicos tanto de nível médio como de nível superior. O repensar das carreiras e o status da pesquisa nas Universidades são pontos fundamentais e que devem constituir-se em tópicos dos documentos desse Encontro.

esforço à Pesquisa (item 5)

Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Diante desse contexto de realização de encontros e discussões que tinham por objetivo compreender o que eram, quantos eram e como funcionavam os museus universitários no Brasil, principalmente com a iniciativa de consolidação de um primeiro encontro nacional, Nogueira (2013) situa a discussão sobre o papel da universidade nesse momento e esclarece:

nesse momento surge um novo ator, que passa a desempenhar papel decisivo na conceitualização, institucionalização e na definição de políticas de extensão para as IES públicas. É o **Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**, criado em 1987. (NOGUEIRA, 2013, p. 38, grifo nosso).

Maria das Graças Ribeiro, em texto sobre a experiência desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), considerava que as universidades passavam nas últimas décadas por mudanças que resultavam na substituição de um modelo hegemônico na construção do conhecimento por um modelo mais participativo. A autora menciona a importante função da extensão neste cenário:

Entretanto, a extensão universitária, pelo grande salto quantitativo e qualitativo dos últimos anos, tem sido reconhecida como uma das mais importantes funções de uma universidade. Abrindo novas fronteiras, o "extensionismo" passou a representar a face integradora entre o ensino, a pesquisa e a comunidade, com grande ampliação de horizontes tanto para as universidades quanto para a sociedade. (RIBEIRO, 2007, p.21)

No terceiro capítulo, será possível ver como o VI Fórum de Pró-Reitores de Extensão (VI Forproex), realizado em Santa Maria no Rio Grande do Sul, entre os dias 21 e 25 de abril de 1992 fez parte da trajetória dos encontros de museus universitários no Brasil. Importante, contudo, destacar que por meio da criação deste Fórum os compromissos da universidade em relação à comunidade em que se insere seriam resgatados:

A extensão universitária é então resgatada enquanto instrumento que vai possibilitar à universidade cumprir a sua função social. Repensar a extensão universitária enquanto atividade acadêmica significava colocá-la ao lado do ensino e da pesquisa como meio para democratizar o conhecimento produzido e ensinado na universidade e, ao mesmo tempo, possibilitar que esta universidade atendesse às demandas mais urgentes da população, na crítica e na reconstrução de uma sociedade mais justa. (NOGUEIRA, 2013, p. 37)

Nos documentos enviados como subsídio de leitura para a realização do I Encontro Nacional de Museus Universitários, há documento com pontos discutidos, justificativas e recomendações sobre o tema *Patrimônio Cultural (museus/memória)* discutidos no VI Fórum de Pró-Reitores de Extensão (Forproex) das universidades públicas brasileiras. O texto com as justificativas inclui trecho que apresenta uma definição sobre museus universitários:

(...) o museu universitário deve ser um centro de pesquisa interdisciplinar, com suas atividades intimamente ligadas aos interesses dos Departamentos que integram as Unidades de Ensino, tendo como público alvo a comunidade universitária, e a partir dela a sociedade em geral. E, finalmente, que o museu possui ações integradas e

coerentes no âmbito da cultura quando se pensa em extensão irradiada pela universidade. (Subsídios de leitura, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Ainda sobre os compromissos dos museus universitários com a sociedade, Ana Maria Gantois acrescenta:

O Museu Universitário terá que ampliar a sua relação e comunicação com as pessoas que não estão na universidade: ter um programa muito mais de caráter social. Aprofundar as suas pesquisas e direcioná-las a partir do “feedback” que tenha com o público. O museu é o reflexo do comportamento das pessoas que trabalham nele. Em qualquer segmento que essas pessoas se encontrem no museu (pesquisador, recepcionista, estagiário, técnicos), têm que absorver uma postura de participação no processo e que como tal precisa rever a sua acessibilidade em um conjunto de interatividade (...). (GANTOIS, 2001, p. 4).

Ainda no que diz respeito ao documento com os subsídios de leitura encaminhados para os participantes do I Encontro Nacional de Museus Universitários - o qual será apresentado em mais detalhes no capítulo com enfoque neste encontro -, há um texto de Ulpiano Bezerra de Meneses¹⁹ de 1992 que possui trechos importantes que auxiliam na compreensão dos objetivos do museu e da universidade: “Na verdade, os objetivos do Museu e da Universidade paralela e muitas vezes, se superpõem e se confundem. É curioso notar que até mesmo alguns vícios são comuns, e que as tentativas de solucioná-los percorrem caminhos semelhantes”. (MENESES, 1992, p. 45)

Ainda sobre museus e universidade Ulpiano de Meneses (1992) pondera sobre a complementaridade de ambas as instituições:

Independente de outras semelhanças ou dissimilaridades, o que merece ser apontado com insistência é a complementaridade de ambas as instituições – eu diria mesmo a dependência de uma com relação à outra. Com efeito, existem determinadas disciplinas, como a Arqueologia, a Etnologia, a Zoologia, etc., que seriam absolutamente inviáveis sem as coleções e recursos dos museus. Outras, como a história, a História da Arte, teriam seus objetivos bastante comprometidos. Por sua vez, a atividade de pesquisa no Museu precisa especializar-se, condição **sinequa non** da sua própria existência: a especialização, contudo, não nega (antes, pelo contrário, exige), o caráter pluridisciplinar da investigação científica. Ora, a universidade não é o único apoio que, nesse sentido, o Museu pode buscar. Seria impossível, por exemplo, hoje em dia, que um museu de arte digno do nome se dispensasse de procurar contatos com outros organismos científicos não universitários, indústrias e instituições de pesquisa e tecnológicas. É na Universidade multifuncional e integrada, porém, que o Museu encontrará, de maneira sistemática, permanente, equilibrada, e, na medida do possível, completa, a assistência de que necessita e que o enriquece. Para os pequenos museus tal articulação é imposição absoluta: não se poderia deles exigir quadro e equipamento para a pesquisa integrada: isso não impede que se deva exigir de qualquer museu atividade científica. (MENESES, 1992, p. 45)

¹⁹Texto encontrado no material disponibilizado pelo CIDARQ, sob guarda do Arquivo do Museu Antropológico da UFG.

Seguindo sua linha de pensamento, o autor discorre sobre a necessidade de a universidade compreender que uma de suas atividades extramuros é auxiliar os museus e utilizar suas coleções e recursos como proveito:

As premissas expostas, conduzindo à afirmação de que o contato entre Museu e Universidade é não somente desejável como necessário, permitiriam concluir, ao menos em tese, que o museu universitário constitui o tipo ideal de museu. (MENESES, 1992, p. 45) A seguir afirma: “Na verdade, não há tipo ideal de museu pois, organismo vivo que é, apresenta incontáveis alternativas de adaptação” (MENESES, 1992, p. 46).

Em contraponto o autor afirma que:

A existência, principalmente na Europa, de excelentes museus que independem de contatos diretos com a Universidade serve de contra prova. O que não se pode negar, entretanto, é que na Universidade o Museu encontra reunidas algumas das condições essenciais para atingir seus objetivos. (MENESES, 1992, p. 46).

O autor defendia ainda que nada distingue o museu universitário de outro museu qualquer:

Preliminarmente, porém, conviria notar que, em sua essência, **nada distingue o museu universitário de outro museu qualquer. O que lhe dá a marca própria é o fato de estruturalmente existirem aquelas possibilidades de intercâmbios vitalmente necessários.** Além do mais, cabem-lhe ainda certas responsabilidades específicas. Com efeito, se a sociedade em geral é a beneficiária sem distinções de qualquer museu, **no caso do museu universitário atenção toda especial deverá ser concedida à comunidade universitária, parcela dessa mesma sociedade.** Assim, por exemplo, nunca poderia ele fugir aos encargos provindos da articulação de programas de pesquisas e docência ou em resposta à participar da elaboração dos projetos e dos currículos. Nestas condições, institucionalmente, o museu se transformaria numa das oportunidades mais concretas para se chegar à tão almejada quão necessária conjugação de recursos e esforços – marca essencial da universalidade da Universidade. (MENESES, 1992, p. 46, grifo nosso).

Para Ulpiano de Meneses a disponibilidade para com o meio universitário não é prerrogativa e sim um benefício maior para a comunidade universitária, mas isso não exclui a comunidade em geral:

Esta disponibilidade para com o meio universitário não significa prerrogativa; significa, apenas, para a comunidade universitária, benefícios maiores que não excluem absolutamente benefícios para a comunidade em geral. Aliás, a necessidade em que está o museu universitário, como outro museu qualquer, de se abrir à comunidade – sem detrimento de suas principais funções e responsabilidade – é salutar remédio a um dos males que frequentemente podem afetar a pesquisa pura,

criando em seus responsáveis hábitos de injustificável aristocracia intelectual. (MENESES, 1992, p. 46).

O autor conclui este pensamento com uma reflexão sobre a necessidade de maior atenção aos graves problemas com que a universidade se defronta e que seria importante indagar o papel do museu universitário “como instrumento mediador capaz de adaptar-se sem, por isso, aceitar compromissos deformadores. (MENESES, 1992, p. 47).

Cristina Bruno, em seu texto presente nos anais localizados no arquivo institucional do Museu Câmara Cascudo sobre o Fórum Permanente de Museus Universitários realizado em Natal no ano de 2001, considera que a universidade brasileira é local adequado para a discussão e o Fórum de Museus Universitários pode representar a arena possível para a verticalização dessas abordagens. Cristina enxerga dois lados no ambiente universitário, um com uma paisagem interdisciplinar, com os olhares múltiplos e a tradição do debate e outro com a ética universitária que encoraja o enfrentamento para a transformação dos problemas sociais em caminhos pedagógicos e programas de ensino. Assim, segundo a autora “é possível propor uma reavaliação dos campos de ensino relativo à musealização dos bens patrimoniais, como, também, sugerir que os museus universitários assumam o protagonismo dessas discussões e ações”. (BRUNO, Anais II FPMU, 2001, p. 37).

Cristina contribui ainda com a seguinte percepção sobre os museus:

Os museus não são almoxarifados da realidade, nem lugares de coisas velhas e sem vida, como também não são templos para consagração de alguns poucos indivíduos. As instituições museológicas não são negócio empresarial ou escola, nem clube recreativo ou igreja. Entretanto, os processos museológicos têm características que os confundem com as abordagens anteriores, mas reúnem características que permitem delimitações de seus aspectos constitutivos, suas formas de atuação e suas funções sociais. (BRUNO, Anais II FPMU, 2001, p. 32).

Já nos textos presentes em documentação sobre as mesas-redondas, painéis e comunicações do Encontro de Museus Universitários realizado em 2001 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no Museu Câmara Cascudo – detalhes deste encontro estarão no último capítulo - há conteúdo que acrescenta importantes reflexões sobre a importância da museologia como disciplina em relação aos museus universitários:

apesar de alguns descompassos, há uma consciência crescente, mesmo no Brasil, de que as instituições museológicas têm um papel relevante na sociedade contemporânea e que, para o desempenho de suas funções básicas, necessita de suportes teóricos e procedimentos metodológicos adequados aos desafios que lhes são impostos. É possível avaliar que a Museologia conta com uma trajetória de análises que a coloca entre as disciplinas aplicadas, comprometidas com a construção e com os estudos dos

sistemas da memória. Trata-se, portanto, de uma área de conhecimento que estabelece ligações cognitivas e afetivas entre as referências patrimoniais e os diferentes segmentos da sociedade contemporânea e, por sua vez, essencial aos museus. **Da mesma forma, é uma disciplina fundamental para os museus universitários.** (BRUNO, Anais II FPMU, 2001, p. 35, grifo nosso).

Ulpiano de Meneses descreve quais são as vantagens, deformações e dificuldades dos museus universitários. Entre as vantagens, se destaca a possibilidade do livre trânsito entre especialistas do museu e universidade, como desvantagem ou deformação, a transformação do museu num exclusivo instituto de pesquisa.

Quadro 1 - Subsídios de leitura I ENMU

MUSEUS UNIVERSITÁRIOS	
VANTAGENS	DEFORMAÇÕES E DIFICULDADES
a) O acesso direto às coleções – indispensáveis para o trabalho científico – faz-se naturalmente, sem interferências, sem dependência à boa vontade ocasional ou circunstâncias pessoais.	A transformação do museu num exclusivo instituto de pesquisa, ou então, preponderantemente, em recurso pedagógico na formação universitária.
b) o livre trânsito entre especialistas do Museu e da Universidade é requisito elementar para a necessária colaboração interdisciplinar.	A negligência (principalmente quando os responsáveis trabalham em tempo parcial, ligados que estão a outros setores universitários) de certas responsabilidades fundamentais relativas à coleção: ampliação, conservação, cadastramento, descrição de catálogos, etc.
c) os mesmos benefícios obtidos para a pesquisa estender-se-ão também à docência, e à formação cultural e profissional. Servirão de laboratório não somente para a formação específica em cada área particular, mas também no campo da educação para a formação pedagógica.	Existe ainda outro aspecto negativo que deve ser considerado no caso particular brasileiro. Não é desconhecido que a universidade brasileira passa por uma profunda crise, por não estar atendendo às necessidades do desenvolvimento da sociedade industrial que pouco a pouco se instala no país.
d) o museu universitário oferece condições absolutamente extraordinárias para a formação museológica e recrutamento de pessoal.	
e) o próprio aproveitamento temporário de estudantes constitui excelente colaboração no desempenho de certas obrigações museológicas.	

Fonte: MENESES, Ulpiano. T. B. (1992)²⁰

²⁰Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários, 283 p. Museu e Universidade: a

Há ainda, no âmbito de uma discussão sobre equipe de trabalho - não apenas em museus universitários – posições diversas sobre a formação de uma equipe interdisciplinar, que inclui a presença de um museólogo. Embora não seja o objetivo desta pesquisa fazer uma discussão corporativista, é importante apresentar essa questão, uma vez que no cenário atual, museólogos tem se inserido em museus universitários de Instituições de Ensino Superior (IES) por meio de demanda de concursos públicos.

Nesse sentido, Ulpiano de Meneses e Ana Gantois, apresentam posições diferentes sobre o assunto. Meneses (1992) toca em questão ainda debatida sobre a formação dos museólogos, que considera uma formação básica em uma área de conhecimento, e a formação em museologia apenas em nível de pós-graduação ou especialização:

Afirma-se cada vez mais o consenso internacional de que o museólogo não deve ser um especialista em generalidades de museus, **e sim aquele que dispendo de formação básica na disciplina ciência a cujo corpo se refere o museu, e capaz de assumir as diversas responsabilidades ligadas à existência de uma coleção e suas implicações. Daí o sentido da formação do museólogo em nível de pós-graduação ou especialização.** Na universidade, não haveria solução de continuidade entre a formação básica e a específica museológica. (MENESES, 1992, p. 48, grifo nosso).

Ana Gantois faz reflexão sobre a importância do trabalho específico do museólogo, neste caso, voltado à documentação museológica:

Estamos diante de um dos quadros mais complexos: **muitas vezes pessoas julgam inadequadamente a exigência e necessidade do museólogo**, e querem de súbito uma sugestão ou um “jeitinho” para alguns objetos que estão no museu quase casuisticamente: precisamos de muita firmeza para dizer que são atemporais os estudos específicos para os acervos, quanto à sua documentação, conservação e dar o reconhecimento devido à importância do trabalho específico do museólogo (...). (GANTOIS, 2001, p. 3, grifo nosso).

Ao pensar em museus universitários, podemos, por exemplo, a partir de uma das desvantagens sobre museus universitários, elencadas por Ulpiano de Meneses no quadro 1 - sobre os responsáveis por estes espaços estarem ligados a outros setores universitários e trabalharem em tempo parcial -, lembrar que em museus universitários, em sua maioria, ainda são os docentes os responsáveis pelas coleções, e muitas vezes a documentação museológica

especificidade do Museu. p. 43 - 49, 1992. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

ainda é falha.²¹ Por outro lado – e considerando que esta é uma questão colocada pelo autor há mais de duas décadas - a colocação serve para que se evidencie um novo cenário, em que museólogos com formação a nível de graduação estão assumindo trabalhos em museus universitários, e por vezes, estes profissionais são os únicos da equipe de um museu universitário capacitados para trabalhar com demandas específicas dessa essa formação. Várias Instituições de Ensino Superior (IES) como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e Universidade Federal da Bahia (UFBA) possuem e solicitam museólogos para seus quadros de servidores, cenário este que necessita de pesquisa que contribua com dados concretos, e que inclusive, apresente diagnósticos de dificuldades e resultados positivos desses profissionais em sua atuação em universidades.

Vale destacar ainda que, recentemente, retornando ao texto introdutório da conferência geral do UMAC realizada em Quioto no Japão em 2019, há trecho que afirma que a Museologia no ensino superior está se tornando uma especialidade emergente, e que a prática e a teoria nos espaços profissionais estão se tornando interativas:

a diversidade de respostas à convocatória de Quioto mostra que a comunidade de museus e coleções da universidade também está mudando. Temos sido em grande parte uma comunidade de praticantes, **mas agora existe uma sensação de que muitos elementos teóricos estão impactando fortemente a prática de museus universitários**. A prática e a teoria em nossos espaços profissionais estão se tornando interativas. Poderia até ser discutido que a museologia no ensino superior está se tornando uma especialidade emergente. (UMAC JOURNAL, v.1, 2019, p. 11, tradução nossa, grifo nosso).

Em uma perspectiva mais atual sobre a definição de algumas das características dos museus universitários em publicações brasileiras parece pertinente utilizar o recente artigo²² publicado por Cláudia Aristimunha, diretora do Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Lígia Fagundes, historiadora do Museu da UFRGS. A publicação, que também discute a importância de uma política para os museus universitários, traz alguns esclarecimentos sobre o que os caracteriza:

²¹Dados sobre documentação nos museus universitários serão apresentados neste capítulo com base no levantamento realizado pelo Tribunal de Contas da União (TCU), que detectou falhas na administração e em quesitos de segurança em museus que estão sob a responsabilidade de órgãos ou entidades federais.

²²ARISTIMUNHA, Cláudia; FAGUNDES, Lígia. Uma política para os museus. Artigo publicado no Jornal da Universidade da UFRGS, Ano XXII, Número 217, em outubro de 2018.

Com tamanhos, acervos e trabalhos variados, os museus são presentes e atuantes em muitas universidades federais, estaduais e particulares. Estão localizados junto aos campi universitários ou descolados destes, envolvidos nas cidades. No geral, aparecem dividindo ou disputando seus espaços, apresentando uma estrutura física adaptada ou totalmente inadequada para as atividades desenvolvidas. Uma grande parcela ainda está desconhecida dentro das próprias instituições que os abrigam, contando apenas com o trabalho dedicado de pesquisadores, docentes, discentes e técnicos. Apresentam uma imensa diversidade tanto em relação a temáticas quanto a aspectos regionais do conhecimento. Juntam-se a esse tema de maneira importante e urgente para uma discussão séria, as coleções universitárias, que não necessariamente estão abrigadas em museus institucionalizados. (ARISTIMUNHA; FAGUNDES, 2018, p.5).

O trecho acima parece bem articulado com um dos objetivos deste capítulo, o de tentar esclarecer o que diferencia os museus universitários dos demais. Cabe ainda usar o texto das autoras para problematizar e discutir a relação existente entre os museus universitários e o ensino, pesquisa e extensão:

Os museus universitários são caracterizados pela vinculação ao “princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que está exposto no artigo 207 da nossa Constituição. Ou seja, para além das atribuições comuns à todos os museus, os universitários realizam e propiciam pesquisas acadêmicas, são espaços de ensino de disciplinas, cursos e estágios acadêmicos, atuam em diversos projetos de extensão, e desenvolvem projetos educativos abrangentes voltados não só ao público acadêmico, mas também ao público externo. (ARISTIMUNHA; FAGUNDES, 2018, p.5).

Maria das Graças esclarece que os museus universitários fazem parte da grande diversidade estrutural, funcional e administrativa que caracteriza o universo museal brasileiro, mas estes possuem diferentes vínculos com as universidades e isto gera um quadro de desigualdade:

alguns museus crescem e se consolidam como instituições de referência na produção e difusão de conhecimento, na contribuição para a melhoria da educação formal e não formal, na inclusão e promoção social. Outros, entretanto, vinculados a departamentos ou sem qualquer vínculo institucional formal, embora sejam instituições ativas em suas respectivas áreas de conhecimento e com grandes potencialidades de expansão, convivem com dificuldades crônicas, como a falta de dotação orçamentária, geradora de outras tantas limitações. O acesso e a comunicação com esses museus e/ou centros de ciência e cultura são dificultados muitas vezes por sua falta de visibilidade interna, evidenciando a inexistência de uma política universitária (e nacional) para esses espaços. (RIBEIRO, 2007, p. 35)

Segundo Cristina Bruno, durante sua fala no painel “Memória do Fórum Permanente de Museus Universitário” durante o V FPMU, realizado em 2018, a lógica administrativa e de gestão da universidade não é pensada e formatada ao que é necessário para a lógica de um museu, e mesmo assim os museus proliferaram. A autora reforça que mesmo antes do I

Encontro Nacional de Museus Universitários em 1992 o fato de museus universitários serem muito diferentes entre si já era assunto de discussão entre os que trabalhavam nestes museus:

alguns foram criados como grandes museus, outros são coleções e acervos que se formaram em função da prática acadêmica - quando normalmente uma coleção deixa de ser didática e de pesquisa; alguns fazem parte de instituições estaduais ou privadas, e essas variáveis dificultam os debates e articulações. Nessa linha de raciocínio, Lídia Meireles, também membro do referido painel, acrescentou que essas diferenças, na verdade, podem ser a riqueza do debate e que essa é uma grande chance. (informação verbal).²³

A partir das reflexões e definições apresentadas é possível perceber que os sistemas de ensino superior têm particularidades e problemas próprios. A publicação do ano de 2004 de Dominique Ferriot e Marta C. Lourenço possibilita compreender, em uma perspectiva internacional, alguns dos desafios particulares enfrentados pelos museus e coleções universitárias da Europa, e algumas das tendências adotadas como alternativa para solução de alguns dos problemas identificados. O texto das autoras foi escolhido por apresentar importantes alternativas encontradas pelos museus universitários europeus, e com isso será possível perceber que problemas comuns à realidade brasileira eram também notados no continente europeu, como por exemplo, a dificuldade de quantificar os museus existentes, as dificuldades com recursos financeiros, e a necessidade de uma equipe interdisciplinar nas instituições.

No que diz respeito à quantidade de museus universitários por continente, surge, em 2001, iniciativa de criação de uma Base de Dados Mundial de Museus Universitários desenvolvida pelo Comitê Internacional de Museus Universitários e Coleções (UMAC) do Conselho Internacional de Museus (ICOM). Embora em 2017 esta base tenha sido relançada em função de sua remodelação, a iniciativa de criação de um instrumento de busca sobre dados sobre museus universitários em uma perspectiva global já era uma realidade. Ainda que não sejam desconsideradas suas fragilidades, como será visto no decorrer deste capítulo, será possível notar que a referida base é um importante instrumento do qual é possível extrair vários indícios, no caso desta pesquisa, será possível notar que a quantidade de Museus Europeus inseridos na plataforma, por exemplo, é muito maior que os registros identificados na América

²³Comunicação Oral – Entrevista Pública Memória do Fórum Permanente de Museus Universitários – V Fórum Permanente de Museus Universitários. Belo Horizonte em 9 out. 2018. Cristina Bruno (USP); Lídia Meireles (UFU); Verona Segantini (UFMG)/Mediação. Disponível em: [https://www.facebook.com.br/rede de museus da UFMG/v%C3%ADdeos/264937540692200](https://www.facebook.com.br/rede%20de%20museus%20da%20UFMG/v%C3%ADdeos/264937540692200). Acesso em: 14 dez.2019.

do Sul, e que os dados quantitativos sobre museus universitários brasileiros são divergentes quando comparados a outras fontes.

Importante mencionar que Adriana Mortara já identificava em 2001 alguns pontos comuns sobre museus universitários brasileiros e internacionais, dentre eles: “as dificuldades financeiras; a falta de autonomia; a relação por vezes íntima ou por vezes distantes dos departamentos afins com a comunidade universitária e com a comunidade regional; o abandono das coleções; a falta de espaço para armazenamento e para a exposição; e a falta de profissionais especializados em atividades museológicas.” (ALMEIDA, 2001, p.4).

Segundo Dominique Ferriot e Marta Lourenço as universidades europeias detêm uma parte considerável do patrimônio científico, artístico e histórico natural, mas por várias razões este legado não recebeu atenção, reconhecimento e permaneceram praticamente inacessíveis ao público em geral. As autoras afirmam ainda que ninguém sabe exatamente o número de museus e coleções universitárias existentes. (FERRIOT; LOURENÇO, 2004, p. 5, tradução nossa).

Só a Alemanha tem mais de 300 instituições públicas de ensino superior, França cerca de 150 e Polônia 120. No Reino Unido, onde foi realizado um estudo aprofundado em 1990, sob a direção de Kate Arnold-Foster, cerca de 400 museus e coleções universitárias foram identificados. Na França, existem cerca de 60 museus e coleções em instituições de ensino superior, talvez mais. (FERRIOT; LOURENÇO, 2004, p. 4, tradução nossa).

Segundo Dominique e Marta desde o início de sua existência, museus universitários perseguiram essencialmente uma missão tripla: **pesquisa, ensino e disseminação de conhecimento**, mas na prática cotidiana é difícil alcançar o equilíbrio entre os três uma vez que os museus universitários geralmente concentram seus poucos recursos em uma ou duas de suas três missões. Segundo as autoras, muitos museus universitários do século passado permaneceram de portas fechadas, reservados para estudantes e especialistas, e que apesar de ainda ser uma prática encontrada em universidades, esse procedimento é menos comum hoje em dia em razão de uma maior conscientização dos padrões de interpretação das exposições, bem como das expectativas e necessidades públicas. (FERRIOT; LOURENÇO, 2004, p. 8, tradução nossa, grifo nosso).

As autoras ponderam que embora seja difícil encontrar um equilíbrio entre essas três missões, o vínculo com a universidade pode ser, em alguns casos, a solução de alguns problemas: “A principal fonte de instabilidade nos museus da universidade é provavelmente a própria universidade, embora que, como veremos mais adiante, o calcanhar de Aquiles pode ser ao mesmo tempo o melhor ativo. (FERRIOT; LOURENÇO, 2004, p. 6, tradução nossa).

No que diz respeito às soluções encontradas pelos museus universitários na Europa, as autoras destacam duas tendências principais, sendo a primeira a **tendência à integração** e a segunda a **tendência ao aumento da autonomia**, estas que, segundo as autoras, poderiam ocorrer juntas. No que se refere à tendência da integração “esta poderia significar integração física (coleções sob o mesmo teto) ou institucional (uma nova unidade é criada oficialmente para gerenciar as diferentes partes).” (FERRIOT; LOURENÇO, 2004, p. 10, tradução nossa, grifo nosso).

Algumas das experiências nesse sentido foram citadas pelas autoras, como os casos da Universidade de Coimbra, em Portugal, que buscou integrar seus museus da História da Farmácia, Medicina e Física, e o Museu de História Natural junto a coleções dispersas de química e astronomia que estavam sob a mesma tutela; o caso da Universidade de Tartu, na Estônia, que trabalhou a possibilidade de reunir a maioria de suas coleções em um único museu; e as três universidades de Montpellier, na França, que decidiram criar uma estrutura comum integrando todo o patrimônio acadêmico Montpellier em uma estrutura provisoriamente denominada *MuseUM*, definido como um "Projeto de cultura científica". (FERRIOT; LOURENÇO, 2004, p. 10, tradução nossa). As autoras acrescentam ainda que esses projetos de integração são difíceis de implementar na prática, o que muitas vezes gera conflito interno e exige enorme adaptação de mentalidade. (FERRIOT; LOURENÇO, 2004, p. 12, tradução nossa).

Esses projetos de integração mais recentes têm uma ambição totalmente diferente: seu objetivo é projetar a imagem da universidade para segmentos cada vez mais importantes do público em geral, fornecendo uma mostra institucional interdisciplinar para atividades universitárias de forma a melhorar o perfil público da universidade. Em outras palavras, as universidades geralmente consideram esses projetos como ferramentas poderosas de relacionamento com o público, que ao mesmo tempo contribuem para promover a ciência ao público em geral e - o que é mais importante - dê uma segunda vida mais rentável para coleções anteriormente consideradas como inúteis ou mortas. Até museus que há décadas expõem a história acadêmica foram renovados nessa abordagem holística e interdisciplinar e atualmente estão integrando mais tipos de coleções que exibem. (FERRIOT; LOURENÇO, 2004, p. 11, tradução nossa, grifo nosso).

A segunda tendência, a de aumento da autonomia, se refere aos museus e coleções que se beneficiam de maior autonomia dentro da estrutura universitária. Isso ocorre quando estes museus ou coleções são removidos de seus departamentos tradicionais são agrupados sob a administração direta de um reitor ou direção da faculdade. Este aumento da autonomia e a retirada de departamentos universitários tendem a otimizar recursos, pois facilitam integração

e aumentam sua responsabilidade. Além disso, do ponto de vista da universidade, essa tendência à autonomia reforça o conceito de "vitrine institucional" porque tende a reduzir a relevância do museu para atividades de ensino e pesquisa departamental, intensificando sua dimensão pública. (FERRIOT; LOURENÇO, 2004, p. 12, tradução nossa). As autoras reforçam que vários riscos devem ser levados em consideração, especialmente quando considerado o "perfil" da integração (tudo no mesmo conjunto) - artefatos arqueológicos, pinturas e esculturas, instrumentos dispositivos médicos, peles de pássaros e fósseis – é feito sem reflexão e sem fornecer um contexto apropriado. Segundo as autoras, quando a integração é realizada sem a equipe necessária e treinada para que seja feita uma avaliação correta do valor dos objetos, processos de seleção e exclusão de listas de catálogos podem ocorrer e ser lamentados mais tarde. (FERRIOT; LOURENÇO, 2004, p. 12, tradução nossa).

em resumo, o museu se torna um assunto de todos. Uma maior autonomia também tem um impacto significativo na elegibilidade dos museus universitários para financiamento não relacionado à pesquisa e educação, por exemplo, financiamento direto de Ministérios da Cultura ou a Comissão Européia. Isso, por sua vez, poderia incentivar os museus universitários a modernizar suas abordagens museológicas e museográficas, tornar-se mais atraente para públicos maiores e aumentar o serviço público e visibilidade. (FERRIOT; LOURENÇO, 2004, p. 12, tradução nossa).

Dominique Ferriot e Marta Lourenço chegam à conclusão de que a maior autonomia e integração de coleções podem de fato constituir uma oportunidade extraordinária para os museus universitários e se tornarem verdadeiras mostras interdisciplinares entre universidades e sociedade na busca por públicos maiores e novos papéis contemporâneos. Por outro lado, os museus universitários devem estar cientes dos riscos de incorrer em uma separação muito clara para as universidades, seu público e suas atividades. Para as autoras, isso poderia significar a perda de sua identidade, a essência de suas coleções e, finalmente, a perda de sua maior riqueza no contexto geral dos museus. (FERRIOT; LOURENÇO, 2004, p. 13, tradução da autora).

Hoje em dia, note-se que muitas universidades não possuem (em alguns casos, não mais) o pessoal qualificado necessário para avaliar, preservar, selecionar e possivelmente excluir coleções de catálogo para uso futuro, incluindo seus futuros usos públicos. São necessárias equipes interdisciplinares para reunir cientistas, historiadores, bem como profissionais de museus. Algumas universidades querem "resolver o problema de seus museus e coleções" e esperam sinceramente poder fazer melhor, mas não tem assistência e aconselhamento profissional, além de não estarem familiarizados com os padrões estabelecidos há muito tempo na prática e ética dos museus. Finalmente, no que diz respeito a seu financiamento e dado o atual sub financiamento do sistema europeu de ensino superior em geral, as universidades certamente precisam receber fundos diretos especiais para cuidar bem de suas coleções, museus e patrimônio em geral. (FERRIOT; LOURENÇO, 2004, p. 13, tradução nossa).

Zenobia Kozak esclarece que o reconhecimento do que chama de patrimônio institucional não é um conceito novo e a imagem externa dessas instituições foi expressa através de sua herança material desde a fundação medieval da universidade:

A arquitetura, as coleções e as bibliotecas não apenas serviam a um objetivo acadêmico, mas também distinguiam certas universidades por suas propriedades de prestígio e seu ambiente construído notável. As universidades há muito tempo acolhem acadêmicos e visitantes em turnê, servindo como uma forma inicial de promoção institucional ou exercício de recrutamento. Como parte dessas visitas, as universidades disponibilizaram suas bibliotecas, gabinetes de curiosidades, galerias de imagens e espaços para faculdades, no interesse da promoção institucional. (KOZAK, 2016, s.p, tradução nossa).

Zenobia Kozak traz uma interessante perspectiva sobre o potencial dos museus universitários que os diferencia dos demais, que está no fato de poderem representar alguns dos objetos “mais antigos, mais raros e mais importantes, e fornecem evidências materiais da **progressão do ensino e do conhecimento**, estas que possuem valor intrínseco à universidade em termos de patrimônio institucional, bem como significado didático e cultural para o grande público”. (KOZAK, 2016, s.p, tradução nossa, grifo nosso).

É trazida ainda uma análise sobre as responsabilidades dos museus universitários com as universidades, chamadas por Kozak de “instituição mãe”. Embora o texto não desconsidere a importância do reconhecimento da universidade em relação aos seus próprios museus, Kozak faz a seguinte consideração: “reflexivamente, não é tão vital que a universidade compreenda e aprecie o papel de promoção institucional de seu museu no ensino, na pesquisa e na exibição?”, e pergunta se também não é responsabilidade dos museus universitários reconhecerem a presença e o valor da universidade em suas exposições, de forma a “não apenas de exibir objetos e coleções exclusivos de suas instituições, mas também de usá-los para ilustrar sua história universitária”. (KOZAK, 2016, s.p., tradução nossa).

Sobre a possibilidade de “ilustrar a história universitária” Kozak (2016, s.p., tradução nossa), em termos de integração física, dá o exemplo da fusão de alguns museus da Universidade de Helsinque, uma instituição de ensino superior localizada na cidade de Helsínquia, na Finlândia. O Museu Universitário de Helsinque, especializado em história da universidade, se fundiu com o Museu de História Médica, o Museu de História da Medicina Veterinária, o Museu de História da Odontologia e coleções de ciência do artesanato que resultaram no novo Museu da Universidade de Helsinque, que estão localizados em conjunto em um edifício histórico chamado Arppeanum:

embora o Museu da Universidade de Helsinque tenha mesclado diferentes coleções em um edifício histórico, o resultado é coeso e totalmente moderno em contexto. Ao reconhecer a capacidade das coleções universitárias de contar uma história universitária mais completa, as exposições no Arppeanum não apenas abordam a progressão dos assuntos individuais, mas ajudam a formar a identidade da universidade. (KOZAK, 2016, s.p, tradução nossa).

Como resultado dessa fusão, Zenobia Kozak complementa que “o Arppeanum agora serve como um museu integrado de história disciplinar e institucional da Universidade de Helsinque” com uma narrativa de exibição contemporânea que reconhece a história progressiva das coleções e sua relação com a universidade e o Arppeanum. (KOZAK, 2016, tradução nossa).

No que diz respeito ao futuro dos museus universitários se defende a adoção de uma abordagem que pode proporcionar aos museus universitários seu novo papel no século XXI: *o reconhecimento do patrimônio institucional*, uma vez que a presença e o relacionamento da universidade com seu museu não são suficientemente claros nas exposições e nas narrativas. (KOZAK, 2016, tradução nossa).

Em uma perspectiva oriental, na Revista da UMAC de 2017 e 2018 há textos que dizem respeito a museus universitários na China. Em 2017 o texto de Ying Hu, com o estudo de caso do Museu da Universidade Normal da China Oriental, traz importantes reflexões sobre: pensar os museus universitários como paisagens culturais da própria universidade, sob o argumento de que estes devem se estender além de suas paredes por todo o campus, e entender como os museus da Universidade Normal da China Oriental (ECNU) resolveram alguns de seus problemas de restrição orçamentária e de espaço. (HU, 2017).

Ying Hu esclarece que a história dos museus universitários ainda é muito recente na China, e apenas no século XXI estes começaram a receber maior atenção “entre os tipos de museus, os museus universitários foram os últimos a atrair atenção” (HU, 2017, p. 32, tradução nossa). Hu esclarece:

A história dos museus universitários na China pode ser datada do início do século XX; no entanto, eles não receberam muita atenção até o início do século XXI. Os primeiros exemplos de museus universitários na China foram estabelecidos por estudiosos nacionais que viajaram ao exterior e estudiosos ocidentais que vieram para a China no início do século XX, quando o conceito de “museu” foi introduzido. (HU apud WANG, 2017, p. 32, tradução nossa).

Segundo Hu a ECNU foi fundada em Xangai em 1951. O museu desta universidade é composto por cinco partes: o Museu Numismático e Antigo, o Museu de Biologia, o Museu de Arte Folclórica 'Sea Wind', o Museu Mineralógico e Geológico e o Museu da Imagem

Educacional. Todos esses museus filiais são desenvolvidos a partir do armazenamento de coleções em diferentes departamentos, e as coleções foram usadas apenas para instrução e pesquisa em seus respectivos departamentos até serem inseridas na estrutura geral dos museus da ECNU. (HU, 2017, p. 32, tradução nossa).

O texto esclarece que existem problemas de recursos em muitos museus universitários, e os museus da ECNU têm espaço restrito, baixo orçamento e pequeno número de funcionários, de maneira que a maioria dos museus universitários da China ainda luta por sua sobrevivência:

No entanto, como é improvável que a maioria das autoridades universitárias coloque um museu como prioridade, a maioria dos museus universitários da China ainda precisa lutar pela sobrevivência. Portanto, é essencial que os museus das universidades chinesas se alinhem às aspirações da universidade, para evitar serem isolados, e eles devem refletir sobre o panorama geral de seu ambiente organizacional. (HU, 2017, p. 32, tradução nossa).

Hu explica que a solução encontrada foi discutir um plano de conformação desses museus de forma que todos ficassem reunidos aumentando sua influência combinada, dessa maneira mais funcionários seriam contratados e todas as coleções receberiam mais espaço. No entanto, segundo Ying Hu, a universidade não colocou o museu centralizado como uma prioridade uma vez que seria necessário um investimento orçamentário contínuo, desta forma o plano está atualmente suspenso e foi criado um sistema de governança de comprometimento. Assim, por meio de um escritório central de gerenciamento de museus, mesmo que estes ainda estivessem separados, o escritório ajudaria a unir as coleções e realizar e desenvolver suas funções no museu. (HU, 2017, p. 33, tradução nossa).

O escritório faz planos estratégicos e estabelece metas anuais, realiza captação de recursos, busca apoio dentro e fora da universidade e coordena projetos entre coleções. Além disso, com o emprego de especialistas em gestão de museus, o escritório **oferece aconselhamento profissional para o funcionamento dos museus**. O escritório se reporta diretamente ao presidente assistente da universidade, por isso **funciona como uma ponte entre o museu e a autoridade da universidade**. (HU, 2017, p. 33, tradução nossa, grifo nosso).

Segundo HU, foi estabelecido pelo escritório a criação de um conselho consultivo que auxiliasse na administração do museu. O conselho inclui professores de cada departamento onde as coleções estão armazenadas, chefes de vários escritórios de apoio da universidade, e especialistas em museus de fora da universidade. As pessoas são convidadas não apenas para serem defensoras do museu, mas também para auxiliar em projetos e trabalhos práticos. (HU, 2017, p. 34, tradução nossa).

Ao estabelecer o conselho consultivo, mais mentes estão focadas no apoio ao museu, possíveis recursos de financiamento fora do campus podem ser aproveitados, e mais atenção, dentro e fora do campus, é focada no próprio museu. Diferentes comitês são criados com base em projetos ou necessidades temporárias. Por exemplo, quando um dos museus está passando por um exame minucioso da coleção, é criado um comitê temporário, convidando professores de disciplinas relacionadas, mas que não trabalham no museu para participar do projeto. O conselho e as comissões trazem financiamento para o museu e garantem espaço disponível quando uma exposição temporária é necessária. Mais importante, esse sistema ajuda o museu a pensar mais sobre como alinhar seu desenvolvimento com o desenvolvimento da universidade matriz, através da qual o museu obteria mais apoio e atenção da autoridade da universidade. É importante notar que o sistema do conselho consultivo é um teste para estabelecer um bom sistema de gerenciamento de museus na China. (HU, 2017, p. 34, tradução nossa).

O texto de Ying Hu traz ainda alguns esclarecimentos que dizem respeito a uma política para museus universitários na China, e informa que a Administração Estatal do Patrimônio Cultural e o Ministério da Educação chinês publicaram em 2011 anúncio sobre o fortalecimento da construção e desenvolvimento de museus universitários, que, segundo Hu, foi visto como uma orientação política nacional para museus universitários. É esclarecido no texto que em 2012, foi criada a Aliança Educacional Nacional da Universidade e dos Museus Universitários, com mais de 70 membros, e outras alianças regionais de museus universitários foram estabelecidas logo depois. (HU, 2017, p. 32, tradução nossa).”

No que se refere ao orçamento, Hu reforça que a maioria dos museus universitários da China dependem do financiamento da universidade, e precisam lutar pela sobrevivência: “portanto, é essencial que os museus das universidades chinesas se alinhem às aspirações da universidade, para evitar serem isolados, e eles devem refletir sobre o panorama geral de seu ambiente organizacional”. (HU, 2017, p. 32, tradução nossa).

Ying Hu traz ao debate os benefícios de envolver a comunidade universitária no processo de trabalho de um museu, de modo que ao participar desse processo a comunidade adquira um senso de propriedade e torna-se “um defensor ambulante do museu” (HU, 2017, p. 32, tradução nossa):

Estudantes, professores, faculdades e ex-alunos, não são apenas consumidores do museu, eles também podem ser os produtores que criam a 'paisagem' do campus, desde que o museu convide abertamente a participação. Além de tentar unir algumas pessoas com vários projetos, todos os indivíduos no campus podem ser “um defensor ambulante do museu”. Ou seja, todos podem criar a 'coleção', contribuir com a exposição, interpretar o museu e, finalmente, promover o museu de maneira inconsciente.” e “Os museus universitários são paisagens de sua universidade matriz, ostentando a herança de suas coleções de destaque e arquitetura às vezes histórica. No entanto, a paisagem não é necessariamente apenas uma testemunha física; é mais do que a evidência material e inclui as imagens e símbolos com os quais herdamos e

caracterizamos. Numa universidade, a paisagem marca a identidade da instituição. Assim, um museu universitário pode expressar uma identidade que se estende além da natureza de suas coleções e pode ser um espelho que reflete o contexto que as envolve. (HU, 2017, p. 34, tradução nossa).

O texto de Norma Arcebi Cremandes de 2006 intitulado "Novas rotas para museus universitários", tem o mesmo nome do evento proposto para as reflexões feitas por ocasião do sexto congresso internacional de museus universitários da UMAC e a conferência anual do ICOM no México, realizado no Distrito Federal, na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), entre 25 e 29 de setembro do ano de 2006.

Segundo Norma Cremandes os museus universitários tinham como missão principal proteger o patrimônio histórico, artístico e científico da universidade e o que se acrescenta como desafio atual é “a missão que implica inserir-se em um diálogo que ultrapassa as fronteiras do campus universitário e se abre para a comunidade em geral. Porque uma coisa é ser "aberta ao público" e outra é "aberta para o público”. (CREMANDES, 2006, p. 71, tradução nossa). A autora explica: “ou seja, a extensão que todos sabemos é um dos objetivos da universidade. O museu não pode se restringir a ser um local específico de uma faculdade em particular, ele contém uma coleção. Quando se abre ao público, move sua vocação para novos espaços, com demandas modernas e projetos renovados. (CREMANDES, 2006, p. 71, tradução nossa).

Sobre o sexto congresso internacional de museus universitários da UMAC realizado no México, Norma Cremandes informa que “este nos faz refletir e ressaltar a importância dos museus, como área de conhecimento, de pesquisa e disseminação educacional do conhecimento” (CREMANDES, 2006, p. 75, tradução nossa). Para a autora:

O início do século XXI e na encruzilhada de plataformas cognitivas onde se desenvolvem os museus universitários serão um desafio para preservar e facilitar o acesso para muitas coleções exclusivas e pouco conhecidas, para o benefício da comunidade universitária e da sociedade em geral. Isto exigirá um movimento nacional organizado e não uma série de tentativas isoladas lideradas por pioneiros entusiastas. (CREMANDES, 2006, p. 75, tradução nossa).

Embora não tenha sido encontrada documentação do UMAC com os anais do evento de 2006 é possível encontrar na página do sítio eletrônico do UMAC em “conferências anuais passadas” o relatório e as conclusões do evento realizado no México. Os textos informam que a conferência foi um grande sucesso, contou com 200 participantes de 25 países, 45 trabalhos, relatórios e apresentação de pôsteres.

Vale destacar que o primeiro Encontro Nacional de Museus Universitários do México foi realizado muito recentemente, em abril de 2018, com tema bastante abordado em grande parte das publicações internacionais utilizadas nessa pesquisa, conforme pode ser visto abaixo:

Figura 10 - 1 Encontro Nacional de Museus Universitários do México



Fonte: Sítio Eletrônico UMAC

Ainda sobre as novas discussões sobre os museus universitários, enquanto Norma Cremandes (2006, p. 71, tradução nossa) buscava ainda no início dos anos dois mil respostas sobre “como aumentar os usuários, usando as coleções para pesquisa, educação e serviço em um mundo cada vez mais globalizado e transdisciplinar”, o evento mais recente do UMAC, realizado em Quioto no ano de 2019, apenas treze anos depois do sexto congresso internacional de museus universitários da UMAC realizado no México, já trazia discussões que diziam respeito, por exemplo, à visita em massa nos museus universitários e uso de tecnologias 3D. Outras questões, no entanto, permanecem sendo discutidas ainda em 2019, como, por exemplo, como os museus universitários poderiam fortalecer seu papel como instituição educacional e conseguir reconhecimento da universidade, e como incentivar redes de intercâmbio pessoal e intelectual.

Os resumos das reflexões internacionais mais recentes sobre museus universitários podem ser encontrados nos anais da conferência internacional do UMAC realizada em Quioto, no Japão, entre os dias 1 e 7 de setembro de 2019 cujo tema foi “Museus como Pólos Culturais: o futuro da tradição.”, tendo Akiko Fukuno e Hiroshi Minami como presidentes da conferência.

O comitê do programa e o comitê organizador local deste evento contaram com a participação de representantes de museus universitários japoneses, australianos, europeus e americanos.²⁴

Embora ainda não estejam disponibilizados os textos completos, o texto de apresentação e os resumos das sessões de discussão estão disponíveis no volume 11, número 1, de 2019 do UMAC Journal²⁵, e sinalizam quais são as novas preocupações sobre os museus universitários no mundo.

Na própria introdução deste volume do UMAC Journal é informado que o conselho editorial da UMACJ pretende abandonar a prática de publicar os trabalhos das conferências após o ano de 2019 e haverá uma chamada aberta para contribuições para outras questões. Os organizadores explicam a decisão por disponibilizar apenas os resumos:

após discussões com o Conselho Editorial da Revista e o Conselho da UMAC, decidimos publicar o conjunto de resumos da reunião de Quioto como uma edição da Revista de Museus e Coleções da Universidade. A prática de publicar um volume de resumos como uma edição de periódico é realizada por várias associações científicas e de pesquisadores. Essa prática capturará um registro mais abrangente dos problemas cobertos em nossas reuniões anuais que podem ser alcançados através de procedimentos de publicação. (UMAC JOURNAL, 2019, p. 12).

Andrew Simpson, Akiko Fukuno e Hiroshi Minami esclarecem no texto de apresentação que se refere às discussões do evento de Quioto, que a ideia de realizar uma conferência geral no Japão surgiu por volta de 2013, em ocasião da 23ª Assembléia Geral do ICOM realizada no Rio de Janeiro, quando delegados japoneses participaram do evento para pesquisar a possibilidade de sediar uma conferência geral “houve debates sobre a realização do evento em Tóquio ou Quioto, mas a segunda foi selecionada por sua longa história cultural e o respeito do

²⁴Comitê de Programa 2019: Akiko Fukuno (Museu Memorial Hachiro Yuasa, Universidade Internacional Cristã de Tóquio, Japão); Ayumi Terada (Universidade Museu, Universidade de Tóquio, Japão); Andrew Simpson (Universidade Macquarie, Austrália); Barbara Rothermel (Universidade Lynchburg, EUA); Darko Babic (Universidade de Belgrado, ICTOP); Hiroshi Kitazato (Universidade de Marinha de Tóquio Ciência e Tecnologia, Japão); Hiroshi Minami (Universidade Museu de Culturas, Universidade de Kyoto de Estudos Estrangeiros); Hugues Dreyssé (Jardim das Ciências, Universidade de Estrasburgo, França); Marcus Granato (MAST Rio de Janeiro, Brasil); Marta C. Lourenço (Universidade de Lisboa, Portugal); Nathalie Nyst (ULB Rede de Museus, Université Libre de Bruxelles, Bélgica); Shikoh Shiraiwa (Biblioteca Max Chambers, Universidade de Central Oklahoma, EUA); Steph Scholten (The Hunterian, Universidade Glasgow, Reino Unido); Yu Homma (Keio University Art Center, Tóquio, Japão).

Equipe organizadora local: Akiko Fukuno (Museu Memorial Hachiro Yuasa, Universidade Internacional Cristã de Tóquio); Ayumi Terada (Universidade Museu da Universidade de Tóquio); Hiroshi Kitazato (Universidade de Ciência e Tecnologia Marinhas de Tóquio); Hiroshi Minami (Museu Universitário de Culturas, Universidade de Kyoto de Estudos Estrangeiros); Shikoh Shiraiwa (Biblioteca Max Chambers, Universidade de Oklahoma Central, EUA); Yu Homma (Universidade Keio Art Center, Tóquio) e Yuji Kurihara (Direção do ICOM 2019, Consultor).

²⁵Disponível em: http://umac.icom.museum/wp-content/uploads/2019/08/UMACJ_11-1_2019.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.

recinto não apenas pela tradição, mas também pela inovação.” (UMAC JOURNAL, 2019, p. 11, tradução nossa).

Sobre o tema escolhido a Assembleia Geral do ICOM de Quioto, é informado que:

O tema do ICOM Quioto 2019, 'Museus como polos culturais: o futuro da tradição', fornece um fórum para considerar como os museus podem ser pólos para criar um futuro mais rico e, ao mesmo tempo respeitando as tradições do passado. Ele enfatiza a mudança do papel dos museus ao redor do mundo, em que todos os profissionais do museu estão trabalhando duro para criar uma visão compartilhada para assumir um papel mais forte na sociedade como "pólos culturais". (UMAC JOURNAL, 2019, p. 11, tradução nossa).

É interessante reforçar que embora haja uma variedade de contextos diferentes uma vez que são publicações de diferentes países e continentes, muitos desafios são semelhantes. No texto de apresentação do encontro do UMAC em Kyoto, isso é reforçado:

Como museus e coleções de universidades são eles próprios "polos culturais" e como são encontrados em todo o mundo, **eles têm uma variedade de contextos diferentes e realizam missões culturais individuais. No entanto, a partir dos resumos enviados, pudemos observar que enfrentamos desafios semelhantes que poderiam ser compartilhados e discutidos.** (UMAC JOURNAL, 2019, p. 11, tradução nossa, grifo nosso).

A própria introdução traz ainda o reforço na compreensão sobre os desafios dos museus universitários:

O desafio para os museus universitários é semelhante ao desafio de todos os museus. À medida que crescem cada vez mais em seus papéis como polos culturais, eles também estão encontrando novas maneiras de honrar suas coleções, suas histórias e seus legados, criando tradições que terão novos significados para as gerações futuras e relevância para um público contemporâneo cada vez mais diversificado em nível global. Museus universitários devido à sua localização e associação direta com a geração e a transmissão de conhecimento podem se tornar o núcleo da universidade, um lugar onde as diferentes tribos acadêmicas e diferentes conhecimentos se cruzam para se tornar plataformas de criatividade e resolução de problemas. (UMAC JOURNAL, 2019, p. 10, tradução nossa).

O evento realizado em Quioto traz em seus anais resumos que giram em torno de assuntos diversos, destacam-se o turismo de massa em museus universitários, papel cultural e social da universidade hoje, o futuro dos museus universitários, digitalização 3d do patrimônio universitário, e a inclusão.

A discussão presente no resumo “museus universitários e turismo de massa: desafio ou resignação?”²⁶ discute como os museus universitários podem lidar com o aumento significativo e rápido do número de visitantes e quais desafios e pressões esse aumento cria nas exposições, equipe, desenvolvimento de programas e a relação universidade-museu. (UMAC JOURNAL, 2019, p. 32, tradução nossa).²⁷

O resumo do trabalho “audacioso e bonito: como pode um museu universitário ser significativo para a sociedade?” traz discussões sobre dois tipos principais de museus universitários: os que se concentram em uma disciplina específica e aqueles que lidam com a história, memória e identidade da instituição, sendo este último menos frequente e mais recente, e o papel cultural e social da universidade hoje. (UMAC JOURNAL, 2019, p. 38, tradução nossa).²⁸

O resumo sobre os “museus universitários no século XXI” explora três questões sobre o futuro dos museus universitários: a falta de desenvolvimento de métodos curatoriais e sistemas de ordenação que permitam que as coleções universitárias sejam vistas como um todo, e não como uma coleção heterogênea; o aumento da cooperação entre estudiosos de diferentes disciplinas; e a necessidade de centros de pesquisa que promovam conhecimento interdisciplinar e intercultural. (UMAC JOURNAL, 2019, p. 39, tradução nossa).²⁹

O trabalho “quatro estruturas para museus universitários” propõe quatro marcos para considerar museus universitários: quadro narrativo institucional; estrutura interdisciplinar aplicada; estrutura de extensão digital; e estrutura participativa de aprendizagem. O autor, ao abordar teoria organizacional, afirma que os museus do ensino superior têm complexidade adicional por serem organizações dentro das organizações, e isso pode significar mais desafios e oportunidades em seu ambiente operacional, em comparação com museus não universitários. Segundo o autor, historicamente, os museus universitários estão mais alinhados ao conceito original de museu quando são coleções para o uso exclusivo de um grupo de usuários de elite que buscam conhecimento. No entanto, na era moderna, todos os museus e, de fato, o ensino

²⁶University Museums and mass tourism: challenge or resignation? P.E. Casaleiro. Museu de Ciências da Universidade de Coimbra, Portugal. Acesso em: 27 jan. 2020.

²⁷Título original: “University Museums and mass tourism: challenge or resignation?” Pedro Casaleiro- Museu de Ciências da Universidade de Coimbra / Infra-estrutura Portuguesa de Investigação em Coleções Científicas (PRISC).

²⁸Título original: “Bold and beautiful: How can a university museum be meaningful for society? Mariann Raisma. Museu da Universidade de Tartu, Estônia.

²⁹ Título original: University Museums in the twenty-first century? Patrizia Luzi, acadêmica independente, Itália

superior está em transição para modalidades de prática mais inclusivas e expansivas. (UMAC JOURNAL, 2019, p. 40, tradução nossa).³⁰

O trabalho “atalaya 3d: disseminando a herança das universidades públicas da Andaluzia através de tecnologias 3d e web” é uma descrição de um projeto realizado com algumas universidades de Andaluzia, região autônoma no sul da Espanha. Os autores informam que algumas têm todos os seus edifícios e escritórios em um único campus e outras entre campus de uma cidade ou em cidades separadas por centenas de quilômetros, de modo que o patrimônio cultural das universidades andaluzas são uma coleção geograficamente impossível de visitar de uma só vez. Como solução, os autores apresentam o Atalaya 3d, uma plataforma virtual que usa os avanços mais recentes no campo da digitalização 3d para permitir a exploração do vasto patrimônio dessas instituições. (UMAC JOURNAL, 2019, p. 43, tradução nossa).³¹

O resumo “coleções universitárias e museus a serviço da educação e inclusão: construindo colaborações do sul para o norte” traz reflexões sobre o que os autores consideram um dos maiores desafios enfrentados por museus e coleções universitárias no século XXI, que é o envolvimento significativo com as comunidades que vivem fora dos muros da universidade e dentro do “território” local. (UMAC JOURNAL, 2019, p. 49, tradução nossa)³²

Os autores apresentam as conclusões de um projeto de pesquisa entre a Universidade de Austral, no sul do Chile, e a Universidade de St. Andrews, no nordeste da Escócia. Segundo os autores, as universidades usaram suas coleções para se envolver com as comunidades locais, incentivar a apreciação das coleções universitárias, apoiar grupos marginalizados, e promover o entendimento mútuo entre as regiões. No projeto Sul para Norte, profissionais, acadêmicos, estudantes, grupos escolares e atores comunitários trabalharam juntos para documentar algumas peças de coleções universitárias de forma colaborativa, projetando uma exposição conjunta em uma plataforma virtual (Instagram). (UMAC JOURNAL, 2019, p. 49, tradução nossa).

O texto “museus universitários da Índia como polos culturais: busca pelo futuro da tradição” trata dos museus universitários da Índia inicialmente como complementos para ensino

³⁰Título original: “Four frameworks for university museums” Andrew Simpson, Departamento de História Antiga, Universidade Macquarie, Sydney, Australia

³¹Título original: “Atalaya 3D: disseminating Andalusian public universities’ heritage through 3d and web technologies” Francisco Javier Melero - Departamento de Engenharia de Software, Universidade de Granada, Espanha; Manuela García e María Luisa Bellido - Departamento de História da Arte, Universidade de Granada, Espanha

³²Título Original “University collections and museums at the service of education and inclusion: building collaborations from South to North. Karen Brown; Matt Sheard; Alison Hadfield; Bárbara Scheel Aliaga - Universidade de St. Andrews, Instituto de Pesquisa em Museus, Galerias e Coleções; Karin Weil e Claudia Ordóñez Rivero - Universidade Austral do Chile.

em sala de aula sobre disciplinas e traz a iniciativa, em 1989, de formação de ensino superior. Em 1989, o Museu Nacional iniciou um instituto de ensino superior - o Instituto Nacional de Museus para oferecer cursos acadêmicos formais em Museologia, História da Arte e Conservação. Para o autor, todos os museus universitários e “universidades de museus” na Índia têm o potencial de se tornar polos culturais para públicos maiores e têm importância para um futuro sustentável de cultura e tradição. (UMAC JOURNAL, 2019, p. 56, tradução nossa).³³

Estes são alguns dos resumos das sessões disponibilizados pelo UMAC, como vimos os debates vão além da necessidade de definir o que são e o que caracteriza um museu universitário, e já trazem reflexões sobre como esses museus podem lidar com problemas atuais que, de fato, não são exclusivos dos museus universitários, mas devem ser pensados em uma perspectiva de um museu que é uma organização que faz parte de outra organização, a universidade, como visto no texto sobre as quatro estruturas dos museus universitários. Por isso deverá pensar estratégias específicas para lidar com possíveis desafios. A próxima conferência anual do UMAC, ocorrerá entre os dias 15 e 17 de setembro 2020, em Sydney, na Austrália com o tema “novos destinos: olhando para o futuro/olhando para trás”, e consideramos que este novo evento trará atualizações sobre as discussões aqui expostas.

Como já informado, o reconhecimento internacional sobre os museus universitários surge em especial por grupos como o UMAC, este que embora não seja uma rede e sim um comitê tem em suas iniciativas ações que articulam museus e coleções universitárias em uma perspectiva global, e por isso será estudado no âmbito da pesquisa sobre redes como uma importante estratégia de articulação.

O papel mais importante (a terceira missão, ou seja, a extensão) dos museus universitários, foi algo aprendido no Brasil e lembrado pela presidente do UMAC, Marta Lourenço, em sua fala no V Fórum Permanente de Museus Universitários. (informação oral).³⁴

A preocupação com os Museus Universitários não é nova no país e também não era no exterior. Cerca de quatro anos antes do I Encontro de Museus Universitários no Brasil, realizado em 1992, foi redigida a Magna Charta Universitatum, um documento elaborado em Barcelona em janeiro de 1988, assinado por todos os reitores que celebravam o 900º aniversário da Universidade de Bolonha, cujo objetivo, na ocasião de sua criação, era o de celebrar os valores mais profundos das tradições universitárias e encorajar laços fortes entre as universidades européias.

³³Título Original “University Museums in India as cultural hubs: Quest for future of tradition” Supreo Chanda - Departamento de Museologia, Universidade de Calcutá, Índia

³⁴Debate - V Fórum Permanente de Museus Universitários.

A carta magna das universidades europeias está disponibilizada em quarenta e nove línguas no site Observador Magna Charta Universitatum³⁵. Nela, constam princípios de liberdade acadêmica e autonomia institucional como diretriz para a boa governança e auto compreensão das universidades no futuro. Em sua versão na língua portuguesa está registrado como um dos princípios fundamentais que: “nas universidades, a atividade didática é indissociável da atividade de investigação, a fim de que o próprio ensino possa acompanhar a evolução das necessidades e as exigências da sociedade e dos conhecimentos científicos”. (MAGNA CHARTA UNIVERSITATUM, 1988, p. 2).

Marcus Granato, atual Secretário do UMAC, apontou durante sua fala no V Fórum Permanente de Museus Universitários de 2018 a importância de pessoas de vários países e lugares comporem qualquer iniciativa de criação de uma rede. Em sua experiência enquanto secretário do Comitê percebeu a importância da diversidade que resulta em membros que enxergam o mundo de maneiras diferentes, tornando este um local de reunião de diversidade e de falas diversas vindas de profissionais do mundo inteiro. (informação oral)³⁶

A prática de atividades do UMAC estimula discussões e parcerias. Hoje o Comitê possui 403 membros individuais e 96 membros institucionais. Dentre os recursos e ferramentas do UMAC estão periódicos eletrônicos, publicações, documentos e referências, rede de informação, e presença nas redes sociais. Em meio às imprecisões sobre a quantidade de museus universitários, existem ferramentas auxiliam no esclarecimento dessa questão.

O UMAC possui um Banco de Dados Mundial de Museus e Coleções Universitários, no qual é possível identificar museus universitários em todos os continentes. Originalmente intitulada World Wide Database of Museums and Collections³⁷, se apresenta totalmente em língua inglesa. A base de dados foi desenvolvida em 2001 pelo Comitê Internacional de Museus Universitários e Coleções do Conselho Internacional de Museus (ICOM), sob a coordenação de Cornelia Weber, do Centro de Coordenação de Coleções Universitárias Científicas da Alemanha. Nos anos de 2016 e 2017 o banco de dados passou por remodelação com o objetivo de preparar um novo design, novas funcionalidades e interface, e em abril de 2017 foi relançada.

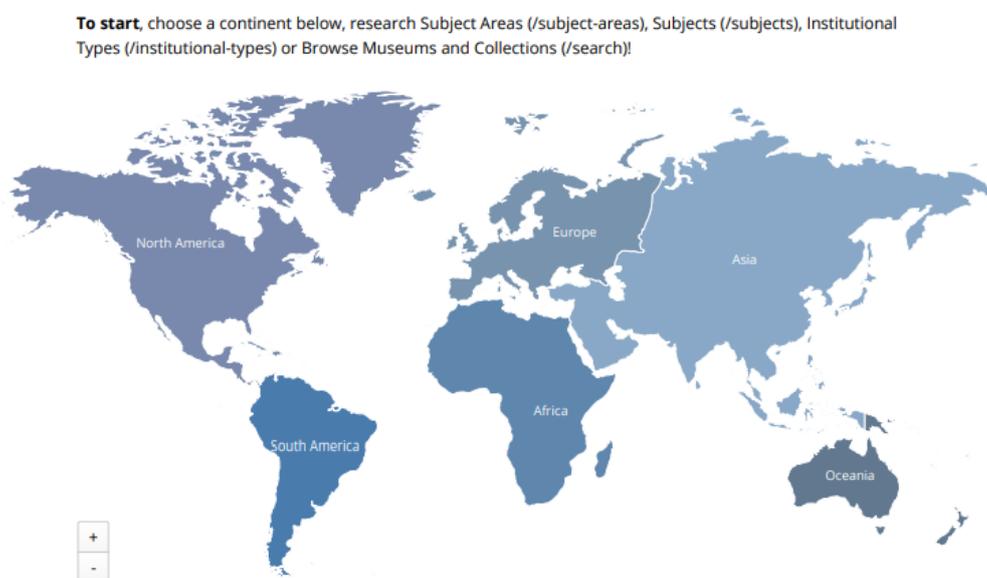
³⁵Observatory Magna Charta Universitatum. Disponível em: <http://www.magna-charta.org/resources/files/the-magna-charta/portuguese>. Acesso em: 04 mai. 2018.

³⁶Gravação do Evento (Vídeo) - Experiências internacionais de redes de museus universitários - V Fórum Permanente de Museus Universitários. Marcus Granato - MAST e Secretário da UMAC. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/rededemuseusdaufmg/videos/?ref=page_internal. Acesso em: 04 dez. 2018.

³⁷Sítio eletrônico do Banco de Dados Mundial de Museus e Coleções Universitários: <http://university-museums-and-collections.net/>. Acesso em: 05 mar. 2019.

O objetivo da análise mais detalhada dessa base de dados foi descobrir se há inconsistência nos dados fornecidos e se estes poderiam ser utilizados para definição de quantidade de museus universitários no Brasil e no Mundo. Serão apresentados gráficos e instrumentos de busca que demonstram certa fragilidade na confiabilidade dos dados, não desconsiderando, é claro, a importância de uma base de dados mundial como essa, e pelo contrário, considerando que é uma ação participativa. No próprio sítio eletrônico do UMAC é informado como isto funciona. É possível a qualquer pessoa sugerir a edição ou atualização do registro de um museu ou coleção existente na base de dados, e depois de feitas essas contribuições ou adições de dados, o UMAC se responsabiliza pela conferência e divulgação ao público.³⁸

Figura 11 - Mapa Mundial da World Wide Data-base



Fonte: captura de tela realizada pela autora em 05/03/2019

Os princípios norteadores da criação de um banco de dados mundial de museus e coleções universitárias está claro no espaço “About this Database”. Consta neste conteúdo que a criação de uma base mundial “resulta do reconhecimento de que as universidades e, mais genericamente, instituições de ensino superior, têm museus, coleções e patrimônio cultural de

³⁸Disponível em: <https://university-museums-and-collections.net/participate>. Acesso em: 22 mar. 2019.

significado científico, artístico e histórico, mas muitos permanecem pouco conhecidos por suas comunidades e pelo público em geral”. (UMAC, 2019, tradução nossa).³⁹

Ao realizar a pesquisa como usuário externo foi possível explorar museus e coleções universitárias por quatro categorias principais: **1 - Geográfica; 2 - Áreas de pesquisa; 3 - Temas de pesquisa; 4 - Tipologia Institucional**, que geraram os resultados que seguem abaixo:⁴⁰

A pesquisa geográfica está organizada por meio da busca por continentes. Há um mapa na página inicial que disponibiliza ao usuário os dados quantitativos de museus e coleções universitárias de cada continente. Ao passar o cursor por cima de cada continente é possível obter os dados, em acesso no feito no mês de novembro de 2018 foi verificado que: na América do Sul, por exemplo, eram contabilizados 286 museus e coleções. O continente com maior número de museus é o Europeu com 2091 resultados, e com menor número a África, com 18 resultados. A entrada desses dados no sistema ocorre por meio de levantamento de dados realizado pela equipe, com adesão voluntária, e com atualização da própria instituição por meio de cadastro. Dessa maneira, é possível inferir que não se tratam de dados com cem por cento de precisão, e sim uma iniciativa que segue diretamente no caminho da valorização desses espaços por meio de seu registro. É possível constatar por exemplo, a enorme diferença de quantidade de museus e coleções cadastradas no continente Africano em relação ao Europeu, indicador esse que abre espaço para diversas possibilidades de discussão sobre o tema. Importante pontuar que, trata-se de base inaugurada em 2017, ainda muito nova e que provavelmente passará por mais atualizações em seu sistema de informação. (BASE DE DADOS UMAC, 2019).

A pesquisa por áreas está organizada em 7 categorias de assunto, denominadas *Ciência e Tecnologia* com 509 resultados, *História Natural e Ciência Natural* com 1216 resultados, *Medicina* com 366 resultados, *História e Arqueologia* com 370 resultados, *Etnologia e Antropologia* com 138 resultados, *História Cultural e Arte* com 906 resultados, e *Geral* com 123 resultados; **A pesquisa por temas** é mais refinada e contempla 195 assuntos representados, que são organizados em ordem alfabética e separados por dois polos denominados ‘todos os temas’ ou ‘temas mais populares’ que irão diminuir ou aumentar conforme a escolha de

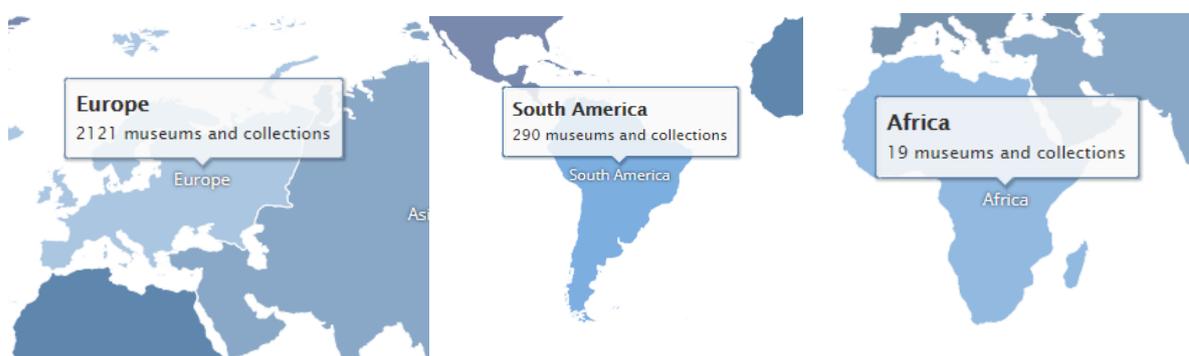
³⁹Tradução livre da autora: “It results from the recognition that universities and, more generally, higher education institutions, have museums, collections and cultural heritage of scientific, artistic and historical significance, yet many remain poorly known by their communities and the general public”. Disponível em: <http://university-museums-and-collections.net/about>. Acesso em: 19 nov. 2018.

⁴⁰Dados coletados da Wordwilde Database of University Museums and Collections. Disponível em: <http://university-museums-and-collections.net/>. Acesso em: 19 nov. 2018.

pesquisa. A **pesquisa por tipologia institucional está** organizada nas seguintes subcategorias: *coleção*, dividida em **histórica**, com 144 membros, **pesquisa** com 136 membros, **pesquisa e ensino** com 308 membros, **ensino** com 242 membros, e **outro** com 76 membros; *museus-casa e lugar de memória* com 30 membros; *museu* com 1570 membros; *centro de ciência* com 22 membros; *museu virtual* com 16 membros; e *tipos especiais* divididos em arquivos com 58 membros, estações biológicas com 4 membros, jardins botânicos e arboretos com 248 membros, prisão do campus com 1 membro, galeria com 6 membros, jardim geológico com 5 membros, herbários com 148 membros, observatórios com 31 membros, planetários com 6 membros, parque de esculturas com 9 membros, arquivo de som com 9 membros, e zoológico e aquário com 16 membros. (BASE DE DADOS UMAC, 2019).

Em nova busca realizada em março de 2019⁴¹ foi verificado um aumento no número total de museus universitários por continente. Na América do Sul, por exemplo, foram contabilizados 290 museus e coleções universitários, quatro a mais do que o valor obtido em 2018. O continente Europeu apareceu com 2021 resultados, 30 a mais, e a África com 19 resultados, um a mais. Na comparação desses três continentes percebe-se um aumento nos registros, mas com uma diferença grande em relação ao número de entradas do percebidas no continente europeu.

Figura 12 - Mapas Banco de dados Mundial

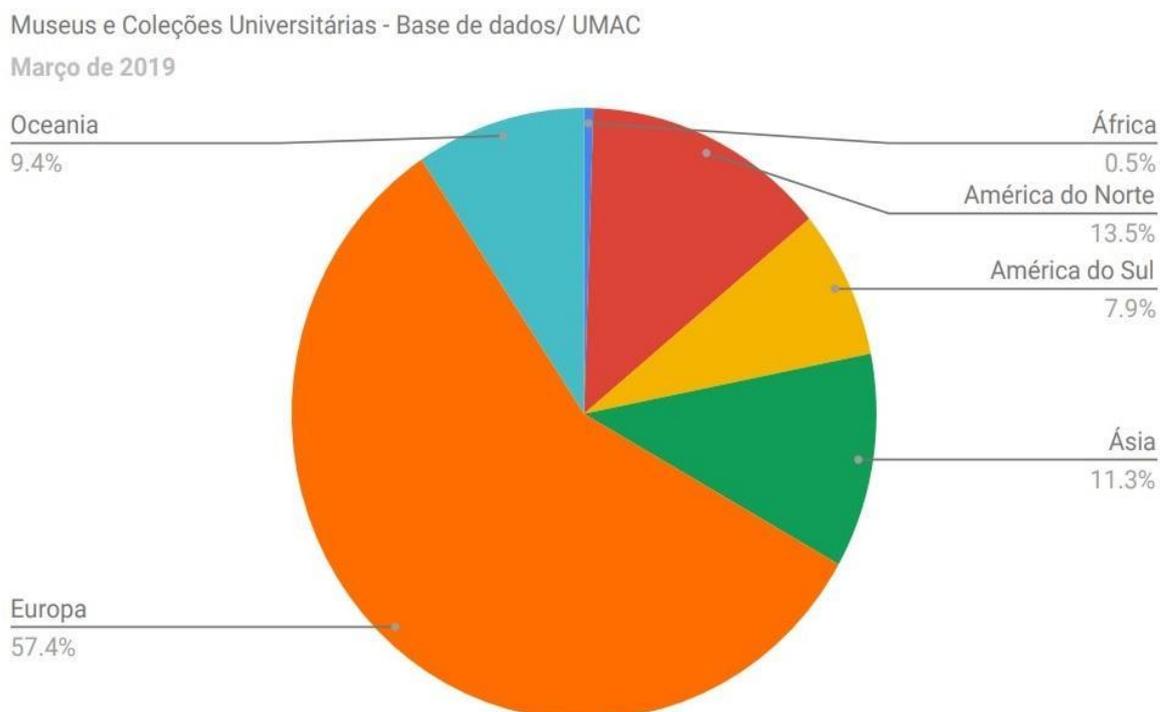


Fonte: Captura de tela realizada pela autora em 05/03/2019

Em março de 2019 a América do Norte apresentava 498 resultados, a Ásia 419 resultados, e a Oceania 347 resultados. Assim, em 05 de março de 2019 temos o seguinte gráfico que se refere à adesão dos continentes à base de dados do UMAC:

⁴¹Pesquisa na Wordwilde Database of University Museums and Collections - categoria "State or Province". Disponível em: <http://university-museums-and-collections.net/search?country%5B%5D=28>. Acesso em: 5 mar. 2019.

Gráfico 1 - Museus universitários por continente – mar/2019



Fonte: Da autora.

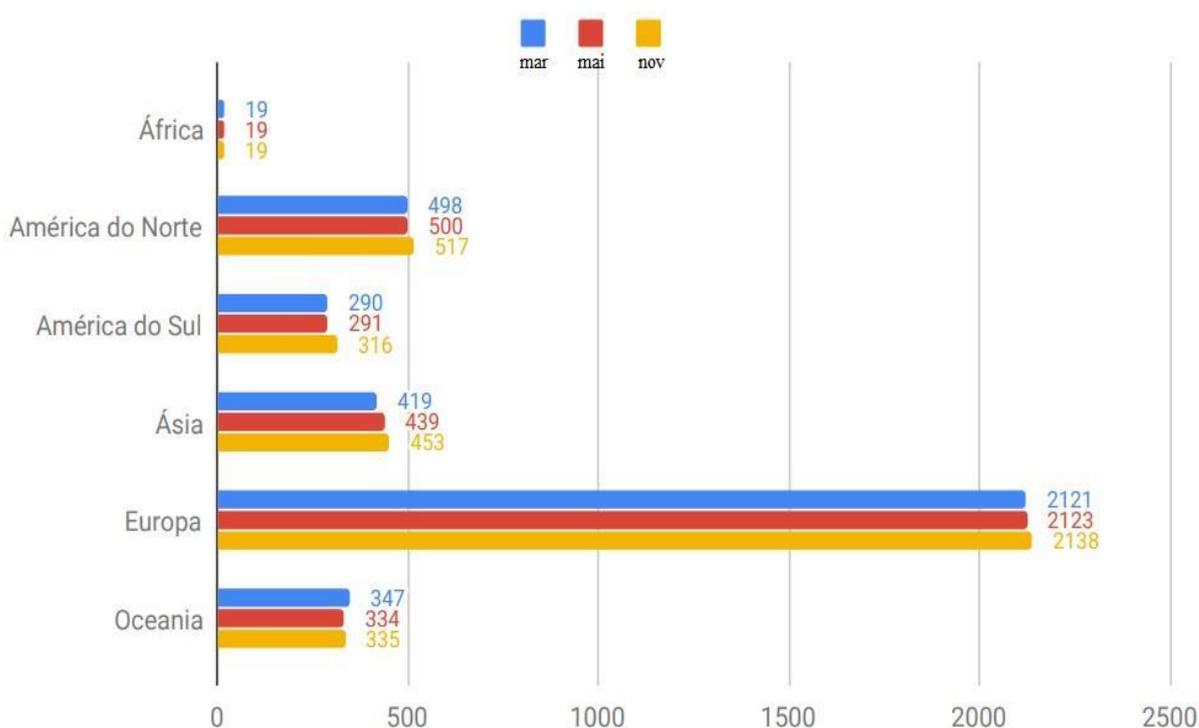
A partir desse momento, foram feitas em 2019 mais coletas de dados, a fim de perceber se haveria adesão, alteração ou qualquer inconsistência nos dados de entrada neste período de tempo, além de entender se ocorreria essa dinâmica de adesão e contribuição com os dados da base. Optou-se por fazer a coleta inicial em um espaço curto de tempo justamente para entender se a alteração dos dados – entendendo-os quantitativamente por meio do aumento no número de registros – era lenta ou rápida, e se haveria continentes ou países que apresentariam mais ocorrência de aumento de registros. Foi feita a análise comparativa por continentes, regiões brasileiras e países da América do Sul e Ásia.

A pesquisa por entrada de registros de coleções e museus universitários por continente na base de dados do UMAC gerou o gráfico abaixo, que demonstra: o aumento e adesão gradual por parte dos continentes; a pouca variação nos números da África; uma inconsistência nos dados da Oceania, o que sugere que nesse período de tempo os dados podem ter sido corrigidos de alguma maneira; aumento considerável na Ásia, lembrando que neste período, mais precisamente em setembro de 2019, ocorreu a conferência internacional da UMAC em Quioto, no Japão; e aumento importante na América do Norte e América do Sul. O resultado da adesão

e a quantidade de registros na Europa são compreensíveis, tanto em função da tradição museológica europeia como pelo próprio ICOM e seus comitês estarem sediados neste continente, o que de alguma maneira pode contribuir para que se reforce a dinâmica de contribuição com os dados proposta pelo Comitê. Importante mencionar que Weber (2012) informa que até junho de 2012, a base de dados do UMAC já havia registrado 1.758 coleções e museus na Europa, ou seja, o número já era muito grande mesmo há oitos anos.

Gráfico 2 - Adesão continente

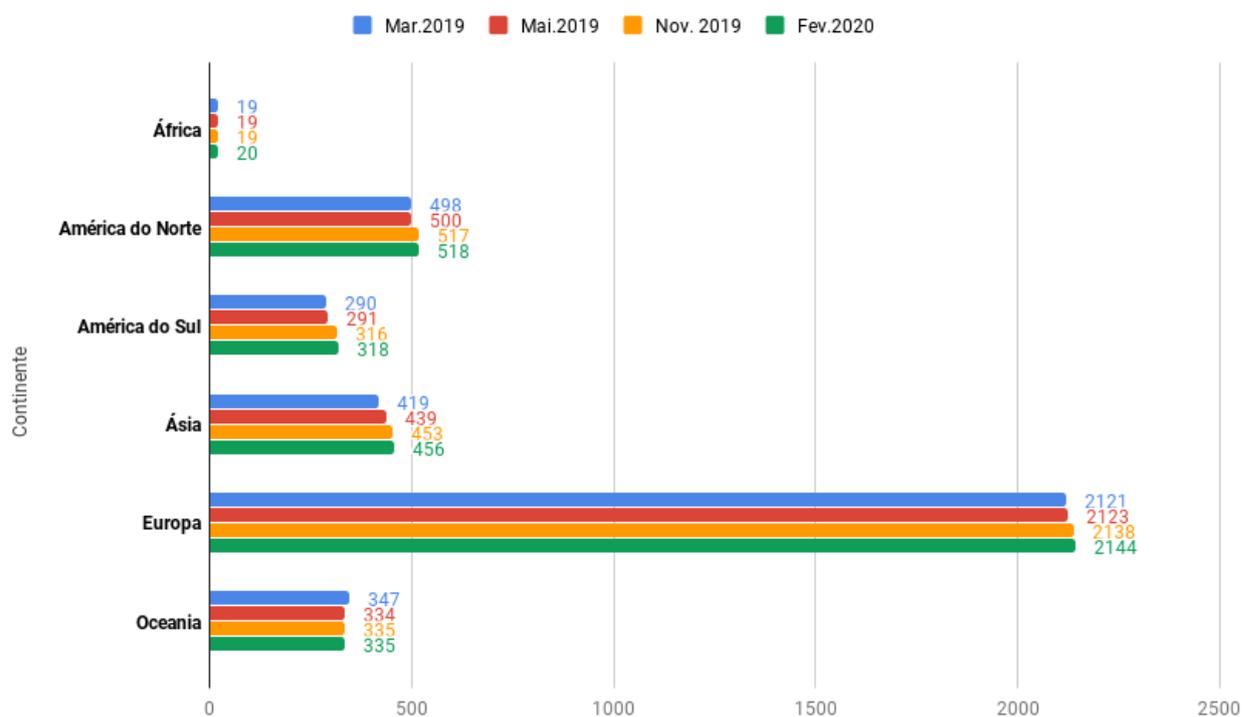
Adesão por continente UMAC - 2019



Fonte: Da autora.

Os dados coletados em 2019 quando comparados aos dados do início do ano de 2020 apresentam algumas novidades, como o aumento de um registro na África, que até então não havia apresentado aumento nos dados de entrada; estabilização nos dados de entrada da Oceania; e contínuo, mas gradual aumento na América do Norte, América do Sul, Ásia e Europa, como pode ser visto no gráfico a seguir.

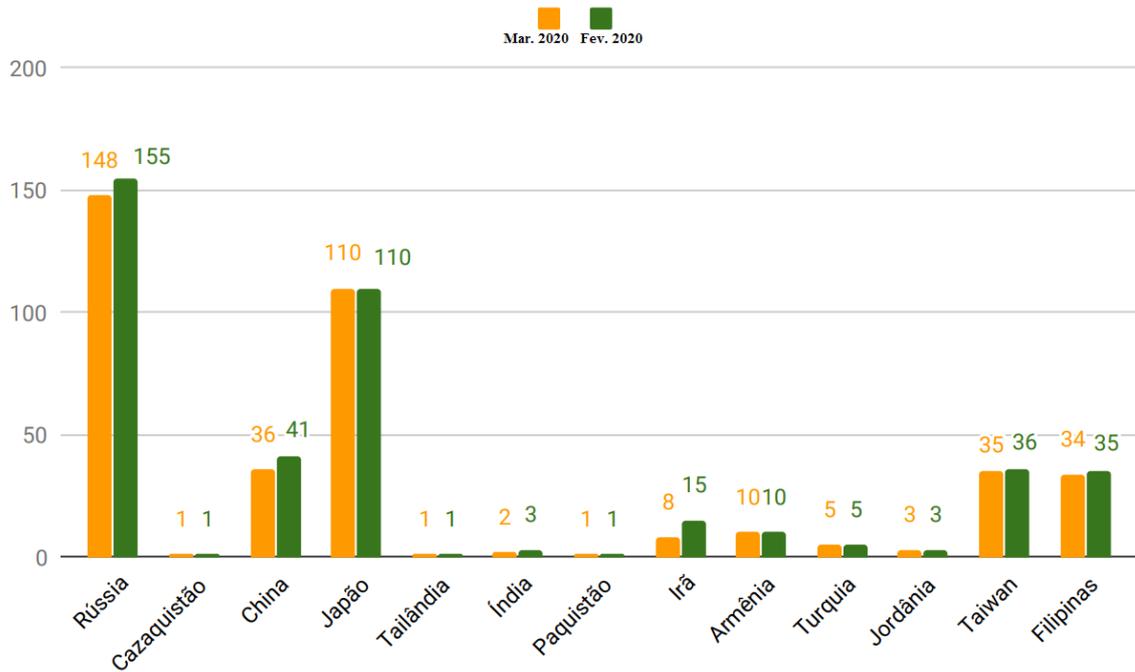
Gráfico 3 - Adesão continente 2



Fonte: Da autora.

Os dados da Ásia de 2019 quando comparados aos de 2020, apresentam pouca alteração de dados de entrada em um período de quase um ano, países como Cazaquistão, Tailândia, Paquistão, Armênia, Turquia, e Jordânia não apresentaram novos registros no período. Embora a Rússia apresente o maior número de museus e coleções seguido do Japão, foi o Irã o país a apresentar o maior número de entradas nesse período, passando de oito registros para quinze registros, conforme gráfico a seguir.

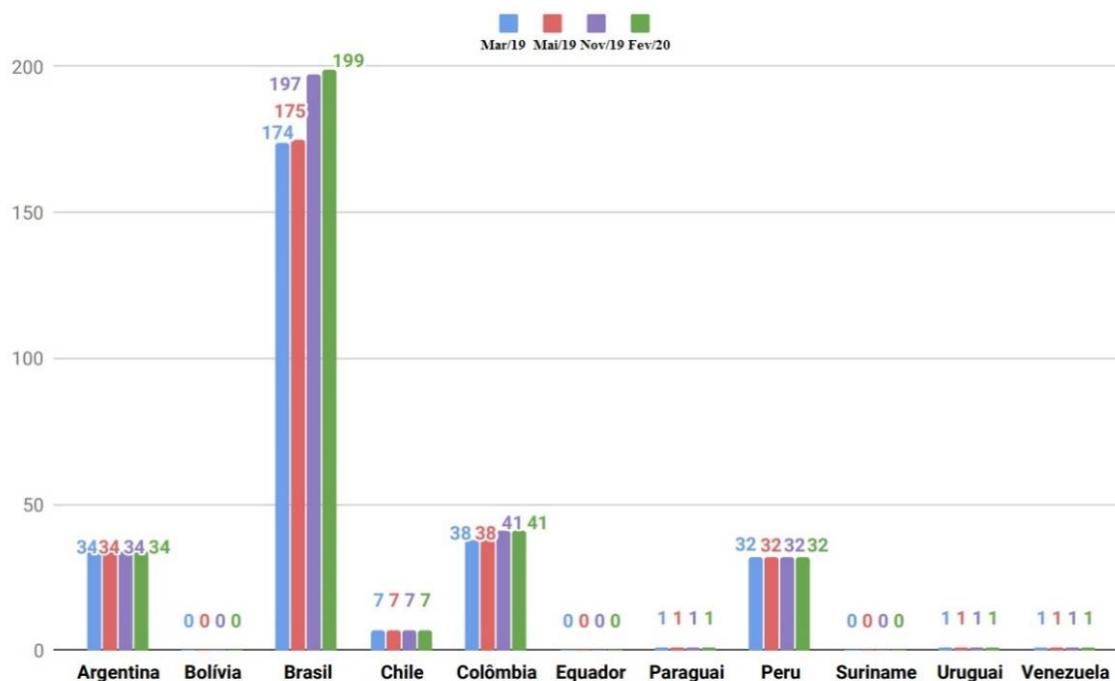
Gráfico 4 - Adesão Ásia



Fonte: Da autora.

Para entender melhor como os registros do Brasil estavam inseridos na América do Sul, optou-se por fazer a análise comparativa apenas nos países desse continente. Foi possível perceber que, o Brasil apresenta um número de registros consideravelmente maior que os demais países, além de ser também o país que nesse período de tempo apresentou maior aumento de entradas entre os meses das coletas.

Gráfico 5 - Adesão América do Sul



Fonte: Da autora.

Ao escolher a pesquisa geográfica e posicionar o cursor no Brasil, foi possível verificar que existiam 174 resultados em março de 2019, dentre os filtros disponíveis é possível escolher “país ou região”, “cidade”, “universidade”, “assuntos”, “área da matéria”, “continente”, “tipo institucional”, “área da matéria”, “estado ou província”, “cidade”, e “universidade”, em fevereiro de 2020, já eram 199 registros, gerando assim um aumento de 25 registros em quase um ano. (BASE DE DADOS UMAC, 2020).

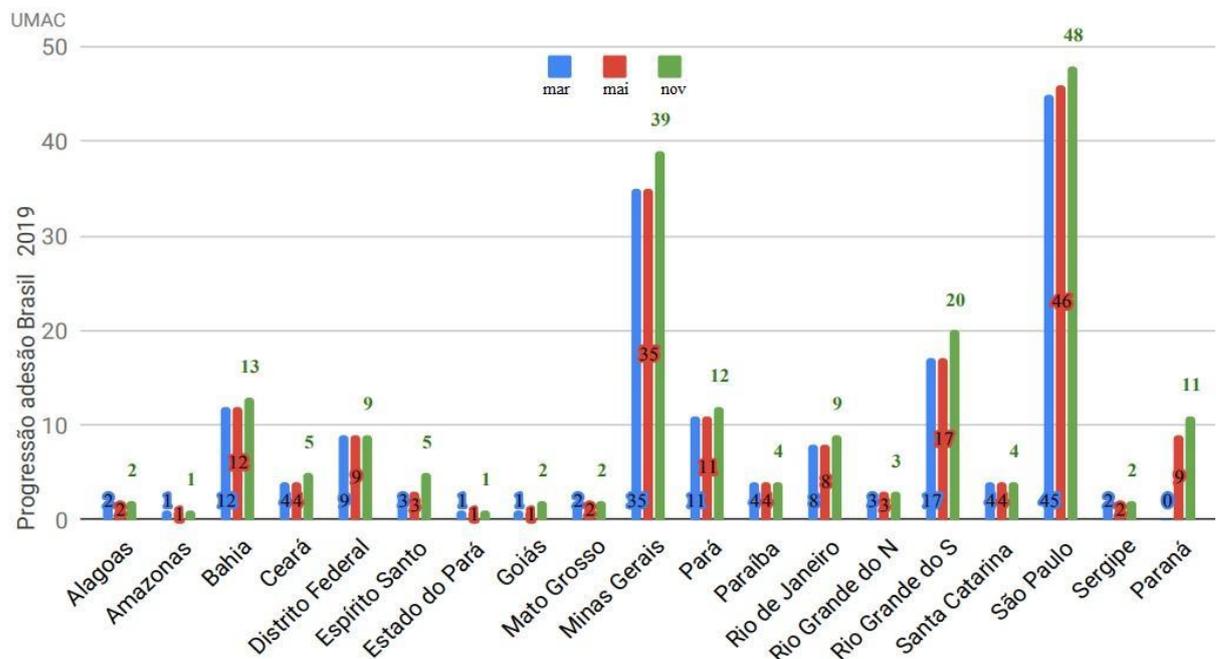
Figura 13 - Brasil/Banco de dados Mundial



Fonte: captura de tela realizada pela autora em 05/03/2019.

No que diz respeito ao cenário brasileiro, os dados da World Wildlife Database of Museums and Collections em 2019 apresentam os seguintes dados:

Gráfico 6 - Cenário brasileiro- Banco de Dados Mundial



Fonte: Da autora.

Foi possível constatar que São Paulo e Minas Gerais apresentam o maior número de registros, seguidos do Rio Grande do Sul, Bahia e Pará. No caminho inverso, o Amazonas e

Estado do Pará apresentaram apenas um registro, enquanto Alagoas, Goiás, Mato Grosso e Sergipe apresentavam apenas dois registros. O Paraná apresentou um aumento de dados considerável, tendo passado de zero registros em março de 2019 para onze registros em novembro de 2019.

É sabido que existem coleções e museus que não estão registrados nesta base ou em qualquer outra, e por vezes, são desconhecidas dentro das próprias instituições de ensino superior em que estão inseridas. Weber (2012) sobre o Banco de Dados Mundial de Museus e Coleções Universitárias do UMAC e os dados registrados na Europa em 2012 já apontava que uma investigação sistemática revelaria uma quantidade maior:

uma investigação sistemática provavelmente revelaria um número muito maior, mas os dados são difíceis de obter porque muitas universidades são incapazes de fornecer uma visão geral de suas propriedades. Em muitos casos, apenas alguns funcionários de departamentos que possuem coleções estão cientes de sua existência. **Isso vale especialmente para as inúmeras coleções pequenas espalhadas por faculdades e departamentos individuais que compõem a grande maioria das coleções universitárias.** (WEBER, 2012, tradução nossa, grifo nosso).

A partir da constatação de Cornélia Weber é possível presumir que o mesmo ocorre no demais continentes e países, e isso não seria diferente no Brasil. Será possível constatar a seguir, por meio das dificuldades apresentadas no levantamento feito para o V Fórum Permanente de Museus Universitários, que a resposta sobre o número de museus universitários no Brasil ainda é uma questão a ser resolvida.

No V FPMU, durante o painel “patrimônio universitário no Brasil: desafios e experiências” realizado no dia 10 de outubro de 2019, foi feita a apresentação dos diagnósticos dos museus universitários em uma perspectiva regional.⁴² Foram escolhidos representantes que fizeram o levantamento de museus universitários e coleções por região.⁴³ Os diagnósticos, embora tenham utilizado metodologias similares, por meio de buscas na plataforma Museusbr do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), e buscas em sítios eletrônicos das instituições e dos próprios museus, apresentaram diferenças no que consideraram em seus levantamentos, por

⁴²Gravação do Evento (Vídeo) - V Fórum Permanente de Museus Universitários. Patrimônio Universitário no Brasil: desafios e experiências. Maurício Cândido da Silva | USP (Mediação). Apresentação de diagnósticos por representantes regionais.

⁴³ Todas as informações e participantes constam nessa pesquisa conforme programação oficial do evento “V Fórum Permanente de Museus Universitários” realizado em outubro de 2018 e conforme conteúdo disponível em vídeo da página oficial do facebook da Rede de Museus da UFMG referente ao painel “Patrimônio Universitário no Brasil: desafios e experiências. Maurício Cândido da Silva | USP (Mediação)”. Informações sobre a programação estão disponíveis em <https://www.ufmg.br/rededemuseus/forum2018/?page_id=498> Vídeo com apresentação dos diagnósticos estão disponíveis em: <facebook.com/rededemuseusdaufmg/videos/310105853118678> Acessos em 02 fev. 2020

exemplo, enquanto alguns levantamentos consideraram coleções, herbários, parques, observatórios, outros consideraram apenas os museus. Houve ainda levantamento que considerou outros espaços que não fossem necessariamente museus apenas quando esses próprios espaços se consideravam espaço museal, como veremos a seguir.

O diagnóstico da região **Centro-Oeste** foi realizado por Nei Clara de Lima, Manuel Ferreira Lima Filho e Gabriela Neres da Universidade Federal de Goiás - UFG. Tendo sido localizados 33 museus universitários a partir da plataforma do IBRAM, foi informado que os sítios eletrônicos das instituições por vezes não existiam ou estavam desatualizados. O diagnóstico da região **Norte** foi realizado por Maíra Airoza e Sue Costa da Universidade Federal do Pará- UFPA, um dos maiores desafios relatado foi o tamanho territorial e a dificuldade de contato. Foram localizados 20 museus universitários, sendo 12 no Pará, 3 no Acre, 2 no Amazonas, 1 no Amapá, 1 em Rondônia, 1 em Tocantins e nenhum em Roraima. Na plataforma do IBRAM foram localizados 9 museus universitários e em outras fontes 9 museus universitários.

O diagnóstico da região **Nordeste** foi realizado por Bruno Melo de Araújo e Emanuela Ribeiro da Universidade Federal do Pernambuco – UFPE. Foi relatado que foram localizadas 30 instituições e não foram consideradas as coleções. Foi relatado que o número de Museus no Maranhão era diferente quando comparados os dados do sítio eletrônico da Universidade Federal do Maranhão, que apresenta 2 resultados e a plataforma Museusbr, que apresenta zero resultados. O diagnóstico da região **Sul** foi realizado por Eliane Muratore e Cláudia Aristimunha da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Foram incluídos observatórios, jardins botânicos, zoológicos, planetários e herbários. Foram encontrados 123 museus universitários e coleções.

O diagnóstico da região **Sudeste** foi realizado por Edson Fialho e Ingrid Borges da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP. Foi informado que se tratava de levantamento preliminar por conta dos problemas e equívocos nos sítios eletrônicos e na própria base Museusbr, tendo sido localizadas 155 coleções, como museus, coleções, herbários, observatórios, e parques em 28 instituições distribuídas entre Espírito Santo (3 museus), Rio de Janeiro (19 museus), Minas Gerais (69 museus) e São Paulo (64 museus). Foi relatado que muitos dados não foram localizados nos sítios das instituições, e nem na plataforma Museusbr, e os parques e demais espaços que não se consideravam espaço museal não foram considerados para esse levantamento.

No que diz respeito ao referido levantamento apresentado no V Fórum Permanente de Museus Universitários, para Silva (2019), o levantamento realmente não é conclusivo:

esse número tende a crescer, pois esse levantamento ainda não é conclusivo, **dada a complexidade da própria definição do que seja uma coleção e um museu universitário, sua localização dentro dos complexos universitários e da metamorfose característica desses museus**, que cotidianamente surgem, fundem-se e desaparecem, para reaparecerem transfigurados em outra formação e/ou núcleo museológico. Esse levantamento quantitativo é a base para a análise qualitativa dessa tipologia de museus e demonstra a relevância desse trabalho de caráter perene. (SILVA, 2019, p. 307, grifo nosso).

Portanto, quantos são os museus universitários brasileiros em 2019? Claro que esta não é uma resposta fácil, como vimos no caso da base de dados do UMAC a inserção dos dados é uma iniciativa colaborativa, os números se atualizam, e nem sempre estão contemplados os museus e coleções universitárias existentes em uma universidade. Muitas vezes, a própria universidade não reconhece estes espaços, não os divulga, e não dá o suporte local extremamente necessário para uma articulação e ação colaborativa. Em todo caso, é fato que o número de instituições cadastradas está aumentando, o que configura a base de dados mundial do UMAC como uma ótima ferramenta que contribui com esse propósito. Importante reforçar aqui que estruturas menores devem auxiliar estruturas mais amplas. Iniciativas locais com diagnósticos que partem de dentro das próprias universidades, para depois realizar diagnósticos regionais, nacionais e globais, possibilitam uma análise mais apurada.

Maurício Silva constata que “não há uma base de dados com informações gerais sobre a quantidade e coleções e museus universitários existentes no Brasil que demonstre, mesmo parcialmente, o perfil dessa tipologia de museu, seu contexto, sua potencialidade e suas demandas (SILVA, 2019, p. 301). Para o autor, os estudos e publicações sobre o tema dos museus universitários após a criação dos cursos de Museologia contribui com a área, mas não substitui uma plataforma de dados segura e sistematizada:

Recentemente, com o crescimento da área museológica a partir da implantação da Política Nacional de Museus (PNM – 2003), a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM –2009), o estabelecimento de diferentes Sistemas Estaduais de Museus, assim como a criação de vários cursos de Museologia, é perceptível o aumento de estudos e publicações sobre esse tema (SILVA apud ISOLAN). Contudo, sem uma plataforma de dados segura, sem a sistematização das informações, seu crescimento é fragmentado e limitado. Isso vale tanto para a consolidação do conhecimento acadêmico no campo das ciências sociais aplicadas como para a proposição de políticas públicas para o setor. (SILVA, 2019, p. 301).

Maurício reforça que sua pesquisa de pós-doutorado está sendo desenvolvida concomitantemente à realização dos eventos dos quais a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários participa, e que esta pesquisa contribuirá com a constituição de um referencial teórico bem como a de uma base de dados que se encontra em fase de implantação. (SILVA, 2019, p. 302).

Importante sublinhar que a constituição de um banco de dados sobre museus e coleções universitárias do Brasil era citada como recomendação em 1992 no I Encontro Nacional de Museus Universitários e em 2018 no V Fórum Permanente de Museus Universitários, como será visto no quarto capítulo.

Para além dos dados sobre museus universitários, ao UMAC também interessa saber quem são os profissionais de museus universitários. No início de dezembro de 2019 foi enviado por Marta Lourenço e Darko Babic, Presidente do Comitê Internacional para a Formação de Pessoal (ICTOP), um comunicado para a comunidade global de museus e coleções de universidades com questionário de pesquisa para quem trabalha - formal ou informalmente, ativo ou aposentado - em um museu ou coleção de ensino superior em qualquer lugar do mundo. Foi informado ainda que em 2018 foi feita uma pesquisa com o mesmo objetivo, mas a taxa de resposta foi baixa e os dados não puderam ser usados. Neste comunicado foi informado que esta é uma informação que ninguém sabe ao certo, e que não foram realizadas pesquisas em nível nacional, muito menos em nível global. Justifica-se que os dados seriam fundamentais para informar as instituições de ensino superior e o setor de museus, apoiar a defesa de museus e coleções de universidades e delinear a estratégia da UMAC em relação a treinamento e políticas, entre outros.

No Brasil, este contato foi feito por meio do Google Groups da Rede Brasileira de Museus e Coleções Universitárias. Tratou-se de uma iniciativa que faz parte do projeto Profissionalizando o Trabalho em Museus no Ensino Superior: uma abordagem global (P-MUS), apoiado por Projetos Especiais⁴⁴ do ICOM resultado de uma parceria entre ICOM-UMAC, o Comitê Internacional para a Formação de Pessoal (ICOM-ICTOP)⁴⁵, Rede Europeia do Patrimônio Acadêmico (Universeum)⁴⁶, da Europa e Associação de Museus e Galerias Acadêmicas (AAMG)⁴⁷, dos Estados Unidos, e apoiado por ICOM. O objetivo da pesquisa é

⁴⁴Para informações sobre os projetos especiais do ICOM vide: <http://umac.icom.museum/activities/projects/icom-special-projects/>. Acesso em: 02 dez. 2019.

⁴⁵Para informações sobre o Comitê Internacional para a Formação de Pessoal, vide: <http://ictop.org/>. Acesso em: 02 dez. 2019

⁴⁶Para informações sobre a Universeum vide: <https://www.universeum-network.eu/>. Acesso em: 02 dez. 2019.

⁴⁷Para informações sobre a AAMG vide: <https://www.aamg-us.org/wp/>. Acesso em: 02 dez. 2019.

saber quem são os sujeitos que trabalham em museus e coleções de universidades em todo o mundo, e os resultados serão tratados por uma equipe interdisciplinar e publicados em um livro em 2022.

Em mensagem enviada em janeiro de 2020 pela então diretora do UMAC, Marta Lourenço, foi informado que nos últimos dias da pesquisa quase zero contribuições de países onde a comunidade é muito forte foram recebidas. Foi reforçado ainda que a pesquisa que a UMAC estava fazendo no momento nunca havia sido feito antes, e que se este comitê precisasse responder qual é o perfil dos profissionais de museus universitários não haveria resposta para dar. Foi informado ainda que o UMAC recebeu financiamento do ICOM para desenvolver o questionário e tratar os dados e agora que havia condições, recursos e oportunidade era importante que os profissionais respondessem uma vez que métodos, resultados, e recomendações seriam publicados:

Contribua e circule entre seu museu, coleção e colegas da universidade. Você não precisa ser um membro do ICOM - apenas um profissional, empregado em período integral ou não, voluntário, aposentado, estudante, trabalhando em museus ou coleções em uma universidade em algum lugar do mundo. (UMAC, 2020, tradução da autora)

No Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) a informação sobre museus universitários é coletada pela Coordenação de Produção e Análise da Informação (CPAI). Veremos a seguir que esta coordenação usa as informações levantadas pelo Cadastro Nacional de Museus (CNM) como parâmetro operacional para estabelecer o escopo do que consideram museus universitários, usando por exemplo, instituição mantenedora como critério de classificação, uma vez que “museu universitário” não é uma tipologia de museus no IBRAM. Os problemas de falta de informação dos próprios museus sobre eles mesmos também é uma falha apontada pelo CPAI, como se verá mais adiante.

1.2 Classificação de Museus Universitários

Adriana Mortara identificou que a formação de um museu universitário pode se dar pela aquisição de objetos e coleções de particulares por doações e compras, pela transferência de um museu já formado para a tutela da universidade, pela coleta e pesquisa de campo e pela combinação desses processos. Cristina Bruno nos lembra que estes museus nem sempre nasceram no âmbito do universo acadêmico:

Algumas vezes as universidades receberam instituições completas, em outras, os próprios departamentos e institutos têm gerado processos museológicos e, muitas vezes, as instituições universitárias receberam, como herança, algumas coleções que impulsionaram o surgimento de museus.” A autora apontava a dificuldade de delinear o perfil do museu universitário no Brasil devido à sua multiplicidade de formas e conteúdos, estruturas organizacionais distintas, e até mesmo o número de funcionários e capacidade para o trabalho interdisciplinar. (BRUNO, 1997, p. 47).

Grandes museus e grandes ou pequenas coleções universitárias apresentam uma enorme pluralidade, e isso não poderia ser diferente na classificação de museus para atender as suas necessidades e particularidades. Tais necessidades dizem respeito às suas principais necessidades e marcas identitárias. Um museu universitário, como lembrado por Aristimunha e Fagundes (2018), possui em sua própria estrutura organizacional pequenas coleções, museus e coleções significativas inseridas em departamentos e áreas, e grandes museus universitários com mais autonomia, porém todos ligados à universidade.

Em sua tese, Adriana procurava por modelos institucionais, formas de funcionamento, políticas culturais, relacionamento com as comunidades universitárias e não universitárias, e por características que pudessem auxiliar a autora na análise da situação dos museus da USP. A autora procurou definir o que seria um museu universitário modelo e quantos desses existiam na prática. Ao tentar classificar este tipo de museu conforme as classificações já existentes no Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM), a autora diz que **é possível definir uma tipologia de acordo com também à propriedade e não apenas às disciplinas**, ou seja, nesta primeira possibilidade um museu universitário seria classificado pelo seu vínculo com a instituição de ensino superior e não necessariamente ao seu vínculo com uma área do conhecimento.(ALMEIDA, 2001, p. 10). Diante desta análise de Almeida, é importante apresentar como os museus universitários são classificados no Brasil pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

A informação sobre museus universitários no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) é coletada pela Coordenação de Produção e Análise da Informação (CPAI). Esta coordenação usa as informações levantadas pelo Cadastro Nacional de Museus (CNM) como parâmetro operacional para estabelecer o escopo do que consideram museus universitários, isso porque o trabalho é baseado no dado sobre a instituição mantenedora do museu. Por meio das informações prestadas no campo do questionário do cadastro é possível recuperar informações que digam respeito aos museus que nas atividades do IBRAM podem ser classificados como "museus universitários", quais sejam, aqueles que têm universidades como suas mantenedoras ou que são ligados a elas. A planilha enviada pelo IBRAM possui dados com as informações

sobre instituição mantenedora e sobre vinculação ministerial, em caso de museus federais. (CPAI, Ibram, 2019).

A própria CPAI aponta e reconhece que nem todos os museus prestam essa informação, e neste caso é feita a busca textual na plataforma⁴⁸. Com base nesses critérios de busca os dados sobre o número de museus universitários obtidos pelo IBRAM em outubro de 2019 foram de 171 instituições - dado diferente do coletado pela Base de Dados Internacional do UMAC, que em março de 2019 registrava 174 museus universitários no Brasil, conforme será apresentado mais adiante neste capítulo. Conforme informado pela CPAI, a solicitação deste levantamento realizado em outubro partiu de uma professora que necessitava destes dados para realizar uma apresentação. (CPAI, Ibram, 2019).

Após obter esse primeiro resultado, foi solicitado à CPAI dados anteriores sobre os museus universitários, de modo que foi necessário à esta coordenação buscar tais informações nas bases históricas do cadastro Nacional de Museus (CNM), especialmente a partir de 2016, quando completado o primeiro ano de uso da plataforma Museusbr. (CPAI, Ibram, 2019).

Após contato feito como Núcleo do Cadastro Nacional de Museus (NuCNM) do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) foi informado que normalmente as solicitações sobre museus universitários vem de pesquisadores, graduandos e algumas vezes de outros departamentos do próprio IBRAM.⁴⁹ Após solicitação de dados sobre a quantidade de museus universitários brasileiros identificados por este instituto foi enviada planilha com a lista de todos os museus verificados na plataforma MuseusBr. A busca realizada pelo IBRAM é feita pelo nome da instituição, de modo que sempre que um museu universitário é incluído o nome da universidade é colocado por extenso para facilitar que este seja identificado como museu relacionado a uma instituição universitária. A partir de 2019 o IBRAM começou a usar na plataforma a tag “#universidade” para que o sistema de busca recupere esta palavra em qualquer campo. Foi reforçado pelo NuCNM⁵⁰ que no ano de 2016 a plataforma MuseusBr completou um ano, e embora os museus universitários estivessem sempre presentes no CNM foram incluídos dezesseis questionamos sobre a mantenedora e a vinculação ministerial de modo a alterar a maneira de se perguntar. As atualizações, segundo o NuCNM, são feitas

⁴⁸Com informações da Coordenação de Produção e Análise da Informação – CPAI, obtidas após contato por correio eletrônico <cpai@museus.gov.br>. em 21 nov. 2019

⁴⁹Com informações do Núcleo do Cadastro Nacional de Museus – NuCNM, obtidas após contato por correio eletrônico <cnm@museus.gov.br>. em 12 dez. 2019

⁵⁰Com informações do Núcleo do Cadastro Nacional de Museus – NuCNM, obtidas após contato por correio eletrônico <cnm@museus.gov.br>. em 14 jan. 2020.

constantemente quando surge um dado novo ou quando são procurados pelas instituições. (NuCNM, Ibram, 2019).

No que diz respeito ao fomento para museus universitários o edital *Modernização de Museus – Prêmios* do IBRAM não se destina a museus de órgãos federais. Segundo a Coordenação de Fomento e Financiamento do IBRAM isso ocorre por questões orçamentário-financeiras, mas as universidades estaduais podem participar com a inscrição realizada pela instituição gestora (Universidade) ou mantenedora (Associação de Amigos do Museu). (Ibram, 2019). Foi informado ainda que mais de 20 vinte instituições universitárias constam das listas de selecionados dos editais federais disponibilizados pelo Ibram. Segundo o IBRAM, outros fundos federais periodicamente abrem seleção para apoio financeiro a projetos para órgãos federais, estaduais e municipais e instituições privadas, como o Fundo de Defesa dos Direitos Difusos do Ministério da Justiça e Segurança Pública, para preservação e salvaguarda da memória e difusão da cultura.⁵¹

No que diz respeito à definição de museus universitários pelo IBRAM⁵²foi informado pela Coordenação de Produção e Análise da Informação (CPAI) que não há um posicionamento institucional formalmente estabelecido. Na CPAI, em função de sua função de gerenciar o Cadastro Nacional de Museus (CNM), existem “*conceitos operacionais*”, termo usado pela própria CPAI, estabelecidos para pautar as coletas de dados e o tratamento deles. (CPAI, Ibram, 2020).

1.3 Iniciativas Mobilizadoras

Em relação aos indícios das dificuldades mais atuais dos museus universitários brasileiros sob tutela federal em 2019, é importante mencionar iniciativa do Tribunal de Contas da União (TCU) realizada no final de 2018. A partir da comunicação apresentada pelo então Ministro-Presidente do TCU Raimundo Carreiro na Sessão do Plenário de 12 de setembro de 2018, foi iniciado planejamento para realização de levantamento de informações sobre museus que estivessem sob responsabilidade de órgãos ou entidades federais, com objetivo de verificar as condições de segurança do patrimônio nesses museus. A medida foi tomada em decorrência

⁵¹Com informações da Coordenação de Financiamento e Fomento – CFF, obtidas após contato por correio eletrônico <fomento@museus.gov.br> em 17 dez. 2019.

⁵²Com informações da Coordenação de Produção e Análise da Informação – CPAI, obtidas após contato por correio eletrônico <cpai@museus.gov.br> em 21 nov. 2019.

do incêndio que, no dia 2 de setembro de 2018, destruiu as instalações e grande parte do acervo do Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

No primeiro semestre de 2019, foram enviados pelo TCU⁵³ questionários com uma série de perguntas, sobretudo em relação aos equipamentos e serviços de segurança dos museus. Os questionários foram enviados para os museus classificados no sistema Museusbr administrados por órgãos federais. Dos 183 museus federais tradicionais registrados no sistema Museusbr⁵⁴, obtiveram-se 107 respostas, isto é, 58,5% de respostas. (TCU, Acórdão 1243, 2019).

O Acórdão 1.243/2019 de 29 de maio 2019 teve como objetivo avaliar o levantamento realizado e identificar os principais riscos e oportunidades de melhoria na gestão patrimonial e orçamentária desses equipamentos culturais. Em relação aos dados obtidos, o TCU detectou falhas na administração e em quesitos de segurança em museus, gerando os seguintes resultados: 57,6 % dos museus pesquisados não contariam com a carta de habite-se; 74,8% dos museus não contariam com o auto de vistoria do corpo de bombeiros ou instrumento similar; 81% dos museus não contariam com brigada de incêndio contratada e apenas 3,8 % teriam brigada própria; 26,8% dos museus com plano museológico teriam deixado de atualizá-lo há mais de cinco anos; 2 % dos museus sofreriam pela grave precariedade na situação de segurança; e 53,8% dos museus federais pesquisados não contariam com um plano museológico instituído. (TCU, Acórdão 1243, 2019).

Em relação dos dados específicos sobre museus universitários, foram obtidos os seguintes resultados⁵⁵: 46,7% dos museus analisados não possuiriam o respectivo regimento

⁵³Todos os dados extraídos do levantamento realizado pelo Tribunal de Contas da União (TCU), que detectou falhas na administração e em quesitos de segurança em museus que estão sob a responsabilidade de órgãos ou entidades federais. O levantamento foi realizado pela Secretaria de Controle Externo da Educação, da Cultura e do Desporto (Secex Educação), no âmbito do TC 041.083/2018-0. Disponível em: <https://siga.apps.tcu.gov.br>. Acesso em: 17 jun. 2019.

⁵⁴No sistema Museusbr são apresentadas as seguintes tipologias de museus: jardim zoológico, botânico, herbário, oceanário ou planetário; museu de território e ecomuseu; museu tradicional ou clássico; unidade de conservação da natureza; e museu virtual. O Museu de Anatomia Humana da UnB, registrou “museu universitário” como uma “tag” de busca, não sendo possível até então, inseri-lo como Museu Universitário em uma classificação já existente na base de dados.

⁵⁵O levantamento teve como objeto os museus sob responsabilidade de órgãos ou entidades federais, considerando a competência do TCU, nos termos do art. 70, caput, da Constituição Federal de 1988, sendo os Tribunais de Contas Estaduais e os Tribunais de Contas dos Municípios responsáveis por fiscalizar os demais museus públicos. O levantamento foi realizado pela Secretaria de Controle Externo da Educação, da Cultura e do Desporto (Secex Educação). Metodologia: Inicialmente, na fase de planejamento, foram realizadas entrevistas com gestores de diversas áreas do Ibram, ainda na fase de planejamento, foi realizado Painel de Especialistas com vistas a validar a matriz de planejamento do levantamento. Em sequência, foram aplicados questionários versão piloto nos seguintes museus do Rio de Janeiro: Museu Imperial, Museu da Geodiversidade e Casa Rui Barbosa. Já na fase de execução, foram encaminhados questionários eletrônicos aos museus federais tradicionais registrados e classificados no sistema Museusbr, com ajustes à versão piloto previamente aplicada nos museus supramencionados. O questionário enviado contemplou os seguintes tópicos: características gerais e de gestão do museu; características físicas e do acervo, com foco em segurança patrimonial; gestão de risco; e questões

interno e 17,8% deles não estariam sequer inseridos no organograma da instituição mantenedora, salientando que, no caso dos museus universitários, o percentual de museus não inseridos no organograma seria de 28,9%, ao passo que os museus do IBRAM estariam todos inseridos no correspondente organograma; 100% dos museus vinculados ao IBRAM contariam com o “Plano Museológico”, ao passo que apenas 26,7% dos museus universitários possuiriam esse plano; 82,6% dos museus vinculados ao IBRAM contariam com a proteção da reserva técnica, ao passo que apenas 29,7% dos museus universitários e 52,6% dos demais museus possuiriam a referida proteção; todos os museus do IBRAM elaborariam o seu próprio planejamento orçamentário, encaminhando-o à instituição mantenedora, ao passo que apenas 37,8% dos museus vinculados a universidades e 19,2% dos museus vinculados a outras instituições realizariam esse procedimento; e apenas 2,2% dos museus universitários teriam o devido plano de segurança e/ou emergência, ao passo que 37% para os museus vinculados ao IBRAM contariam com esse plano. (TCU, Acórdão 1243, 2019).

Em relação aos dados obtidos, foi concluído que a partir dessa situação, os museus federais que não estão na estrutura do IBRAM carecem de maior acompanhamento pelos respectivos órgãos centrais, deixando a gestão do museu concentrada e sem direcionamento adequado e suficiente. Constatou-se que não há um acompanhamento suficiente dos Ministérios em relação aos respectivos museus vinculados, que a gestão e o nível de proteção do acervo dos museus variam de acordo com a vinculação ministerial do museu, impedindo que os museus federais atuem em um sistema coordenado e planejado e colocando em risco a segurança predial e dos acervos dos museus federais. Foi constatado ainda que não é possível verificar a existência de um sistema organizado e eficiente na coordenação do setor museal brasileiro, diante da ausência de uma estrutura adequada para coordenar todo o setor, e com um enorme número de instituições, a atuação dos órgãos está limitada e ineficiente para executar todas as ações previstas. (TCU, Acórdão 1243, 2019).

Em cumprimento ao Acórdão 1.243/2019 de 29 de maio 2019 foi publicado em 13 de dezembro 2019 o Decreto nº 10.175, que institui o Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais, órgão de natureza executiva, com o objetivo de elaborar estudos e propor medidas para a gestão dos museus federais. Nesse Decreto ficou definido que a Casa Civil será a secretária-executiva do grupo de trabalho Interministerial, o Ministério da Educação será a do grupo 1 e Ministério do Turismo o do Grupo técnico 2. O Instituto Brasileiro de Museus

orçamentárias. As respostas e os gráficos completos podem ser conferidos no teto completo do Acórdão 1243/2019 na página oficial do Tribunal de Contas da União (TCU).

(IBRAM) prestará o assessoramento técnico para o grupo técnico 1 e coordenará as ações do grupo técnico 2. No grupo de trabalho interministerial, o IBRAM se faz representar pelo Departamento de Processos Museais (DPMUS). Nos grupos técnicos 1 e 2, pelo Departamento de Processos Museais (DPMUS) e pelo Departamento de Difusão, Fomento e Economia dos Museus (DDFEM). (IBRAM, Gabinete, 2020).⁵⁶

O artigo primeiro do Decreto nº 10.175 lista quais são os cinco aspectos a serem observados pelo Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais para que se elaborem estudos e se proponham medidas para a gestão dos museus federais, são esses: aprimoramento do processo de organização, gestão e preservação dos museus federais; identificação e gestão de medidas para a mitigação de riscos que ameacem o acervo, as instalações e as edificações dos museus federais; gerenciamento da aplicação e da execução dos recursos orçamentários e financeiros; uso(sic) sistema informatizado para o registro de informações dos museus federais e o cadastro de bens musealizados; e manifestação sobre a proposição de atos normativos elaborados por seus Grupos Técnicos, para promover a melhoria da gestão e a preservação dos museus federais. (Decreto nº 10.175, 2019).

Embora não haja menção específica aos museus universitários neste decreto, no que diz respeito aos objetivos do Grupo Técnico 1 há instrução de que se efetue levantamento e plano de ação sobre os museus nas universidades:

O Grupo Técnico 1 tem por objetivo efetuar o levantamento dos museus sob responsabilidade das universidades públicas federais; e elaborar plano de ação para a implementação de mecanismos de supervisão, coordenação e orientação dos museus sob responsabilidade das universidades públicas federais. (Decreto nº 10.175, 2019, grifo nosso).

Os órgãos e entidades escolhidos para compor o Grupo Técnico foram dois membros do Ministério da Educação, um dos quais o coordenará; um do Ministério do Turismo, por meio da Secretaria Especial de Cultura; e um do IBRAM. Conforme informação do IBRAM pelo Departamento de Processos Museais (DPMUS) e pelo Departamento de Difusão, Fomento e Economia dos Museus (DDFEM).” (Decreto nº 10.175, 2019).

O Grupo Técnico 2 tem por objetivo elaborar estudos e propostas para implementar sistema de inventário nacional de bens dos museus; identificar e gerir medidas para mitigação de riscos, inclusive em relação a acervos, instalações, edificações, público e funcionários das

⁵⁶Contato feito com o Gabinete do IBRAM em 11 de dezembro de 2019 para <gabinete@museus.gov.br>. Retorno em 14 de dezembro de 2020.

instituições; identificar, na etapa da liquidação de despesas nos museus vinculados, os objetos de custos de acordo com a unidade administrativa responsável; estabelecer sistema de governança dos museus, observadas as deficiências gerenciais indicadas pelos órgãos de controle; promover a organização e a gestão dos museus federais no País, com a identificação dos museus e o registro técnico-administrativo de cada unidade, além da organização técnico-administrativa comum aos museus federais; e atualizar tempestivamente a base de dados do Cadastro Nacional de Bens Musealizados Desaparecidos. Cabe ainda a este grupo orientar e incentivar os museus a alimentarem e atualizarem a base de dados do Cadastro Nacional de Bens Musealizados Desaparecidos; estimular, orientar e apoiar a elaboração e a atualização dos planos museológicos para os museus vinculados, direta ou indiretamente; e identificar os museus sujeitos a riscos, ante a sua importância histórica e nacional, e avaliar e definir os equipamentos e os requisitos mínimos de segurança para a preservação predial e dos acervos dos museus federais.”(Decreto nº 10.175, 2019).

Embora esta iniciativa seja importante, será temporária. O Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais terá duração de um semestre e poderá ser prorrogado uma vez por igual período, contado da data de publicação do Decreto, além disso, a participação no Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais e nos Grupos Técnicos 1 e 2 será considerada prestação de serviço público relevante, não remunerada. Desta maneira, este grupo no formato em que aparece neste decreto poderá existir até o dia 13 de dezembro de 2020. O relatório final das atividades do Grupo de Trabalho Interministerial deverá observar este prazo e elaborar um plano de ação subscrito pelos Ministros de Estado dos órgãos que o compõem e pelo Presidente do IBRAM. Ao final, o relatório final e o plano de ação serão submetidos pelo Coordenador do Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais ao Ministro de Estado Chefe da Casa Civil da Presidência da República.” (Decreto nº 10.175, 2019).

Estas dificuldades enfrentadas pelos museus universitários, bem como a análise de seus dados quantitativos e qualitativos contribuem para que iniciativas em âmbito nacional e local ocorram. Veremos no próximo capítulo que este cenário de incertezas faz surgir uma demanda de articulação que parte de dentro para fora, ou seja, vozes que de alguma maneira se sintam negligenciadas encontram seus próprios caminhos para se articular e se valorizar. A criação de redes de museus universitários caminha mais depressa e alguns desafios serão encontrados nesse processo.

CAPÍTULO 2 - REDES DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

O capítulo apresenta algumas experiências locais sobre o processo de criação de redes de museus universitários, e da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários de modo a descobrir se existem tentativas conclusas e inconclusas de implantação, a data de criação dessas redes, os desafios e compreender algumas das diretrizes norteadoras desse processo.

Como visto no capítulo anterior, as redes de museus universitários surgem como novas estratégias de articulação no cenário internacional, e isto não seria diferente a nível nacional e local. Para além da Rede Nacional, será apresentado brevemente um panorama sobre iniciativas relacionadas à criação de redes e articulação de museus universitários na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – para esta serão apresentados relatos de profissionais que atuaram na Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG, parte de sua trajetória, conquistas e dificuldades, com ênfase nos benefícios da criação de uma rede de museus universitários –, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e da Universidade de Brasília (UnB).

Importante sublinhar logo no início deste capítulo que o V Fórum Permanente de Museus Universitários, realizado em 2018, ao considerar o tema das redes em suas diretrizes finais, recomenda que “se promovam e apoiem redes de museus e coleções universitários locais, visando a estabelecer ações conjuntas e relações de reciprocidade que fortaleçam as articulações do FPMU”. (DIRETRIZES PARA UMA POLÍTICA DE MUSEUS E COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS, p. 4, 2018).

Em função do dimensionamento da dissertação foi feito o levantamento de pontos importantes dos percursos de implantação de redes apenas nestas universidades⁵⁷, sendo que a escolha se baseou no fato da UFMG possuir uma rede de museus universitários já bastante consolidada desde 2001, a UFRGS ter sua rede criada recentemente, no ano de 2011, e a UnB que embora ainda não possua uma rede, executou iniciativas de articulação. Essas iniciativas parecem expressar um desejo de articular conhecimento e valorização, normalmente com iniciativas de colaboração entre pares, o que caracteriza uma iniciativa horizontal (rede).

⁵⁷Embora saibamos que existem outras importantes iniciativas de articulação em relação aos museus universitários que não foram citadas nesse trabalho. Ver trabalho de Mariana Gonzalez Leandro Novaes “Patrimônio científico nas universidades brasileiras: políticas de preservação e gestão das coleções não vinculadas a Museus”: “a organização de redes e sistemas de museus e coleções universitárias já é uma realidade em algumas instituições públicas federais, como ocorre na Universidade Federal de Uberlândia – UFU, na UFBA e na UFRJ, sendo estes casos exemplos de sistemas, e a Universidade Federal de Pelotas – UFPel, a UFRGS e a UFMG possuindo exemplos de redes. (NOVAES, 2018, p. 183).

Em uma perspectiva nacional, a iniciativa de criação da Rede Brasileira de Museus e Coleções Universitárias tem quase três anos de existência, tendo sido oficializada em abril de 2017 durante a reunião anual do ICOM Brasil. A Rede é composta por alunos, profissionais, professores, técnicos e demais interessados, e não há uma determinante para associação, que é voluntária.

No que diz respeito ao maior objetivo da rede Brasileira, Maurício Silva, atual coordenador da rede esclarece: “seu maior objetivo é a preservação e divulgação do acervo museológico universitário. A Rede funciona cotidianamente por meio de um grupo de e-mail e periodicamente organiza reuniões paralelas dentro de encontros acadêmicos no campo da museologia, em diferentes regiões do Brasil”. (SILVA, 2019, p. 298).

Segundo dados do coordenador existiam até outubro de 2018 o número de 239 membros cadastrados, e uma representação de mais de cem instituições nesse total. (informação oral)⁵⁸ Segundo o coordenador, a rede tem como objetivo buscar uma compreensão de quem são esses museus universitários, quantos são, quais são os desafios enfrentados pelas instituições, quais são as potencialidades desses museus, os desafios, a necessária busca de reconhecimento desses museus internamente e externamente, dentro das próprias universidades que por vezes desconhecem os museus e coleções que possuem, e uma proposição de política pública para o setor, proteção e divulgação dessas coleções de museus universitários. (informação oral)⁵⁹

Segundo Maurício, a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários nasce a partir de uma iniciativa voluntária dos profissionais dos museus universitários por e-mails, grupo de conversa online, e reuniões por Skype. A proposta foi se ajustando com impulso da vivência de alguns profissionais que atuam nos museus e estavam em busca de um diálogo, de uma uniformização de informações, de um lugar seguro para buscar dados, dialogar e propor discussões. (informação oral)⁶⁰

A proposta foi formalizada em uma reunião anual do ICOM Brasil em abril de 2017 e foi inicialmente encampada pelo ICOM Brasil. A partir de então se iniciou o trabalho de busca

⁵⁸Painel: “Patrimônio Universitário no Brasil: desafios e experiências”. Realizada no dia 10/10/2018 no Centro de Atividades Didáticas 2 do Campus Pampulha da UFMG, durante o V Fórum Permanente de Museus Universitários.

⁵⁹Painel: “Patrimônio Universitário no Brasil: desafios e experiências”. Realizada no dia 10/10/2018 no Centro de Atividades Didáticas 2 do Campus Pampulha da UFMG, durante o V Fórum Permanente de Museus Universitários.

⁶⁰Painel: “Patrimônio Universitário no Brasil: desafios e experiências”. Realizada no dia 10/10/2018 no Centro de Atividades Didáticas 2 do Campus Pampulha da UFMG, durante o V Fórum Permanente de Museus Universitários.

de ferramentas de articulação, criando-se então um *Google Groups*⁶¹ da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários.

Em relação aos encontros presenciais da rede, estes se caracterizam como reuniões paralelas, estas que não necessariamente aconteciam por temática, mas como uma militância para envolvimento das pessoas nesse processo, conforme entendimento do próprio Maurício. A primeira dessas reuniões ocorreu em junho de 2017 e dentro do Fórum Nacional de Museus, realizado em Porto Alegre. (informação oral)⁶²

Em agosto de 2017 houve uma segunda reunião no Museu de Arte Contemporânea da USP, com participação de Marta Lourenço, seguindo-se de uma sistemática agenda de encontros que ocorreram em novembro de 2017 dentro do Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS); em junho de 2018 um painel dentro do Encontro Paulista de Museus; em setembro de 2018 dentro do Encontro da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências, onde seria realizada uma oficina, mas optou-se por naquele momento e fazer uma articulação para se discutir a criação do decreto que prevê a Agência Brasileira de Museus ABRAM, articulação esta importante que acabou gerando documentos importantes de manifestações de apoio ao Museu Nacional e contrário à extinção do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM; e em outubro de 2018 no V Fórum Permanente de Museus Universitários durante o painel “Patrimônio Universitário no Brasil; desafios e experiências”, que teve como objetivo apresentar os diagnósticos dos museus universitários de cada região. (informação oral)⁶³

Como exemplos de alguns resultados positivos desses encontros foi pontuado pelo coordenador da rede os seguintes: a divulgação dos museus universitários em diversos encontros, e a possibilidade de auxílio em estudos acadêmicos, históricos, materiais, como exemplo a colaboração na pesquisa do UMAC sobre o perfil dos profissionais dos Museus Universitários Brasileiros. (informação oral)⁶⁴

⁶¹O Google Groups ou Google grupo é uma ferramenta de discussões online de tópicos da empresa de serviços online e software Google.

⁶²Painel: “Patrimônio Universitário no Brasil: desafios e experiências”. Realizada no dia 10/10/2018 no Centro de Atividades Didáticas 2 do Campus Pampulha da UFMG, durante o V Fórum Permanente de Museus Universitários.

⁶³Painel: “Patrimônio Universitário no Brasil: desafios e experiências”. Realizada no dia 10/10/2018 no Centro de Atividades Didáticas 2 do Campus Pampulha da UFMG, durante o V Fórum Permanente de Museus Universitários.

⁶⁴Painel: “Patrimônio Universitário no Brasil: desafios e experiências”. Realizada no dia 10/10/2018 no Centro de Atividades Didáticas 2 do Campus Pampulha da UFMG, durante o V Fórum Permanente de Museus Universitários.

Maurício Silva esclarece quais são os três objetivos básicos da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: “1) Estabelecimento de um campo de diálogos que sirva também como fórum de debates sobre o tema; 2) criação de uma base de dados aberta que reúna informações sobre pessoas e instituições relacionadas às coleções e museus universitários; 3) diagnóstico e proposições de recomendações e de políticas públicas para o setor.” (SILVA, 2019, p. 300).

O autor esclarece que a RBCMU contava em 2019 com 270 membros espontâneos cadastrados, representados por 115 instituições e “seu objetivo, nesse momento, é atualizar dados, propor definições e estabelecer novos parâmetros aos museus universitários no Brasil. (SILVA, 2019, p. 307).

Como já informado, não há, no Brasil, uma Revista Nacional de Museus Universitários para publicação de artigos como o ocorre na Revista para Coleções e Museus Universitários do UMAC, embora nesta pesquisa será apresentado conteúdo de depoimento oral e documentação dos encontros nacionais, cujas discussões serviriam como insumo para se conhecer os principais debates. Neste sentido, é importante sublinhar que a sexta recomendação especial do documento com as conclusões finais do I Encontro Nacional de Museus Universitários de 1992 já manifestava interesse na organização e publicação de um periódico sobre os museus universitários⁶⁵:

Figura 14 - Sexta recomendação especial I ENMU

6. Organização e publicação de um periódico sobre os museus universitários, devendo, para tanto, ser formado um conselho editorial, com representantes dos mesmos.

Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Os anais do 3º Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS) trazem reflexões importantes em sua edição de 2017. Foi possível perceber que as publicações sobre e para museus universitários buscam espaço nas revistas de universidades e da área dos museus. O Grupo de Trabalho 6 do 3º Sebramus foi intitulado Coleções e Museus universitários e possui vasta publicação sobre este tema. Embora as publicações estejam mais voltadas para estudos de caso algumas contribuem para que se entenda a importância das redes para os museus

⁶⁵Estas demandas e outras poderão ser vistas mais detalhadamente no quarto capítulo por meio dos quadros comparativos entre algumas recomendações finais dos eventos nacionais.

universitários. É o caso do artigo “criação e manutenção do Centro de Memória da Farmácia da UFMG: um trabalho interdisciplinar e em rede”⁶⁶ que traz reflexões sobre os principais resultados de projeto de pesquisa interdisciplinar, desenvolvido em ambiente de rede.

Não é possível descrever o trabalho desenvolvido no Cemefar/UFMG sem mencionar a importância de que o órgão pertença à Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura (RMECC) da UFMG, desde sua criação. As trocas promovidas entre os membros são muito importantes, como o é também o papel da Rede como catalisadora das demandas e proponente de soluções institucionais envolvendo todos os espaços. Essa associação tem sido fundamental para a sustentação do projeto político e para a continuidade das atividades de cada espaço. A Rede de Museus da UFMG tem sido, ainda, porta-voz dos espaços junto à administração central, buscando novas possibilidades para realização de atividades dos e nos espaços. (BICALHO; PIANETTI, 2017, p. 1062).

Os autores informam as maiores dificuldades enfrentadas pelo Centro de memória: a grande rotatividade de pessoal; a falta de recursos para as demandas e iniciativas do órgão e até para sua manutenção; e o reduzido espaço físico destinado ao Centro, pois se destina tanto à exposição de longa duração como também às atividades administrativas. (BICALHO; PIANETTI, 2017, p. 1058). Os autores reforçam a importância da Rede de Museus na UFMG na resolução de problemas:” (...) a Rede de Museus tem se mostrado um importante ambiente de trocas de experiências e busca de solução de problemas mais ou menos comuns a todos os espaços”. (BICALHO; PIANETTI, 2017, p. 1056).

O artigo “um olhar museológico para os museus universitários de ciências da UFPA: Museus e Centros Universitários”⁶⁷ esclarece que “Na Universidade Federal do Pará, assim como em outras, a maioria dos museus e centros foram criados a partir de laboratórios de pesquisa e ensino, ou através de projetos”. (SANTOS; COSTA, 2017, p. 1108). Neste texto é interessante a diferenciação que as autoras fazem entre museus de ciências, centros de ciências e coleção universitária. Santos e Costa (2017) consideraram o museu de ciências como “os locais que possuíssem acervo a partir de aquisição, coleta, formação de coleções, pratiquem conservação, preservação, restauração e que tenha a exposição como meio principal de comunicação”. No que diz respeito aos centros de ciências, estes seriam “os espaços que pratiquem a fabricação de modelos – constituindo o acervo majoritário –, permitindo o manuseio por parte do visitante e divulgação da ciência e tecnologia, além de desempenhar atividades em cima do público escolar.” Já sobre coleção universitária, estes seriam “os espaços

⁶⁶Lucinéia Maria Bicalho e Gerson Antônio Pianetti da Faculdade de Farmácia/Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG

⁶⁷Manuela Soutello Mendes da Fonseca Santos, discente do curso de Museologia/UFPA e Sue Anne Regina Ferreira da Costa, Universidade Federal do Pará/UFPA.

que detêm um acervo, conservam, preservam, porém não há prática de comunicação do mesmo”. (SANTOS; COSTA, 2017, p. 1109).

Ao reconhecer redes de museus universitários como uma estratégia eficaz de gestão para os museus universitários, especialmente, no que tange a organização da informação existente em contextos burocráticos como o das universidades, é possível considerar as redes como uma grande oportunidade de estreitamento conceitual entre temas que dizem respeito à ciência da informação e à organicidade de informação em museus, tornando esta primeira um arcabouço teórico sólido ao problematizar temas que dizem respeito à gestão de museus em sentido mais prático. Para entender museus universitários e redes de museus universitários é necessário compreender como estes se organizam, e para isso é preciso que haja uma base sólida de investigação que apresente dados concretos sobre o cenário nacional e internacional. Vimos no capítulo anterior alguns percalços na coleta de dados, justamente pela organicidade ainda nebulosa sobre quantidades de museus universitários no Brasil e no mundo, e dificuldade na coleta de documentação que contribua para tal fim.

Entre as diversas significações de “rede”, “pode-se entendê-la como o sistema de nodos e elos; uma estrutura sem fronteiras; uma comunidade não geográfica; um sistema de apoio ou um sistema físico que se pareça com uma árvore ou uma rede.” (MARTELETO, 2001, p. 72). Ainda segundo a autora:

As redes nas ciências sociais designam normalmente – mas não exclusivamente – os movimentos fracamente institucionalizados, reunindo indivíduos e grupos em uma associação cujos termos são variáveis e os sujeitos a uma reinterpretação em função dos limites que pesam sobre suas ações. É composta de indivíduos, grupos, ou organizações, e sua dinâmica está voltada para a perpetuação, a consolidação e o desenvolvimento das atividades dos seus membros. (MARTELETO, 2001, p. 73)

A autora faz uma colocação muito interessante sobre uma nova ordem gerada pela rede que não poderia ser entendida nas unidades individuais que fazem parte desse todo: “(...) uma rede de muitas unidades é capaz de originar uma nova ordem, que não pode ser entendida apenas por suas unidades individuais. Porém, no interior do todo, a rede não deixa de ser uma ligação de fios individuais onde cada um constitui uma unidade em si, único em forma e posição”. (MARTELETO, 2001, p. 79).

Regina Maria Marteleto sustenta em seu artigo algo que se aplica bem à perspectiva dessa pesquisa. Segundo a autora, as redes nos espaços informais se iniciam a partir do momento em que os participantes de uma comunidade de interesses e/ou valores toma consciência da **necessidade de resolver diversas questões** que envolvem direitos,

responsabilidades e vários níveis de tomada de decisões. Para a autora “entre as motivações mais significativas para o desenvolvimento de redes estão os assuntos que relacionam **os níveis de organização social-global, nacional, regional, estadual, local e comunitário.**” (MARTELETO, 2001, p. 73, grifo nosso).

A partir da colocação da autora, é possível estudar redes de museus universitários a partir de iniciativas de articulação globais, como a criação do Comitê Internacional para Museus Universitários e a Base de Dados Mundial de Museus Universitários, iniciativas nacionais como a Rede Brasileira de Museus e Coleções Universitárias, iniciativas locais como as que existem dentro das universidades de ensino superior, que veremos neste capítulo, e além disso, a criação de redes distritais que incluem mas não exclusivamente os museus universitários federais, a exemplo da Rede Distrital de Educação e Divulgação Científica/Rede Ciência do Distrito Federal, da qual o Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília (MAH/UnB) faz parte, configurando, portanto, iniciativas e parcerias fora da universidade.

Prosseguindo nessa linha de pensamento, a referência a seguir evidencia essa importante interação entre pares. Trata-se da “Recommendation Concerning the Protection and Promotion of Museums and Collections, their Diversity and their Role in Society”⁶⁸, aprovada em 17 de novembro de 2015 pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, em sua 38ª sessão. No tópico sobre questões para os museus em sociedade são feitas recomendações de políticas funcionais, dentre elas, a cooperação e as parcerias entre museus e instituições culturais e científicas em todos os níveis.

A cooperação dentro dos setores de museus e instituições responsáveis por cultura, patrimônio e educação, é uma das formas mais efetivas e sustentáveis de proteger e promover os museus, sua diversidade e seu papel na sociedade. Os estados membros devem, portanto, encorajar a cooperação e as parcerias entre museus e instituições culturais e científicas em todos os níveis, incluindo sua participação em redes profissionais e associações que promovem tal cooperação e exposições internacionais, intercâmbios e a mobilidade de coleções. (RECOMENDAÇÃO REFERENTE À PROTEÇÃO E PROMOÇÃO DOS MUSEUS E COLEÇÕES, SUA DIVERSIDADE E SEU PAPEL NA SOCIEDADE, 2015, p. 8)

As redes parecem ser uma possibilidade que estimula parcerias e promove conexão entre seus pares, e ao mesmo tempo precisam lidar e superar as particularidades que constituem o processo de integração que uma rede possibilita. Esta parece ser uma eficaz maneira de gerar

⁶⁸Vide em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246331>. Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade, aprovada em 17 de novembro de 2015 pela Conferência Geral da UNESCO em sua 38ª sessão. Publicada em 2015 pela UNESCO, Paris. Tradução: Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Acesso em: 10 mai. 2018.

maior organicidade no fluxo, além de possibilitar o intercâmbio no que tange aos conteúdos informacionais, contribuições essas importantes para o processo de preservação da memória institucional.

Segundo Ana Cristina Barreto de Carvalho, em sua tese sobre a “Gestão de Patrimônio Museológico: as redes de museus, após a expansão dos museus, eles se tornaram mais complexos para administrar, e as redes, principalmente as regionais, surgem como uma forma de proteção das raízes identitárias e dos mecanismos de resistência ao processo de globalização e homogeneização. (CARVALHO, 2008, P.20)

Ana Carvalho explica em seu texto que “uma rede vertical de museus caracteriza-se pela gestão integrada de vários museus unidos numa única instituição por vínculo proprietário ou administrativo comum”. (CARVALHO, 2008, P.43). A autora aponta ainda que em seu trabalho de pesquisa foi possível perceber a diferença dos museus que trabalham em rede quando comparados aos que não trabalham: “(...) as redes de museus têm aumentado as possibilidades de eficiência e competitividade, melhorando o nível de qualidade e tornando esses equipamentos mais visitados. A inter-relação de forças e a troca de experiências resultam em maior produtividade de pessoal, serviços e promoção”. (CARVALHO, 2008, p.42).

A pesquisa de Ana Carvalho, cujo foco teve como tipologia os museus de arte, é um importante trabalho para suporte no que diz respeito à discussão sobre redes de museus, a autora traz um importante estudo sobre fundamentos e estratégias da gestão patrimonial, e alguns modelos de redes e sistemas nacionais e internacionais.

Átila Bezerra Tolentino discorre sobre a diferença entre redes e sistemas, e horizontalidade e verticalidade, entendendo que redes horizontais contrapõem estruturas hierarquizadas. Tolentino analisa o caso do Sistema de Museus e afirma que a questão da horizontalidade e verticalidade das relações é o principal ponto que distingue redes e sistemas. Na perspectiva de Tolentino:

os sistemas ou redes de museus podem configurar-se como uma ferramenta de empoderamento dos distintos atores sociais e como uma inovação no modelo de gestão da administração pública, na medida em que redesenham a relação do governo com o setor museológico, tornando-a participativa e democrática, e conferem um maior “valor público” às ações desenvolvidas pelo Estado. (TOLENTINO, 2013, p. 105).

2.1 Experiência UFMG

O objetivo aqui é trazer resultados importantes dos encontros realizados com algumas das coordenações anteriores da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG, Rita de Cássia Marques e Betânia Gonçalves Figueiredo, que resultou em conteúdo importante para compreender melhor os bastidores de criação desta. Antes de discorrer sobre esse conteúdo serão apresentadas algumas informações sobre a Rede para que se conheça sua forma de organização atual.

A Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) se define da seguinte maneira “A Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG é constituída por espaços autônomos, que somam esforços e otimizam recursos para dotar seus integrantes de maior organicidade no planejamento e execução de projetos. A estruturação em rede favorece a qualificação das ações e a ampliação do atendimento ao nosso público-alvo, formado não apenas pela comunidade universitária, como também pelos estudantes da educação básica e pela população em geral (pesquisadores e demais interessados).” (REDE DE MUSEUS DA UFMG, 2020)⁶⁹.

A Rede tem por objetivo, em resumo:

Propor, debater e refletir sobre diretrizes políticas norteadoras dos museus e espaços de ciência e cultura da universidade; integrar os espaços de Ciência e Cultura; promover a capacitação/atualização científica, tecnológica e cultural de professores, estudantes e outros profissionais que atuam nos diferentes espaços integrantes da Rede; ampliar quantitativa e qualitativamente o atendimento ao público visitante de seus espaços; divulgar a missão, as ações e as potencialidades da Rede entre instituições congêneres; apoiar e fomentar o intercâmbio científico, tecnológico e cultural entre seus espaços; e definir políticas de gerenciamento, de conservação preventiva e estratégias de uso e acesso às coleções. (REDE DE MUSEUS DA UFMG, 2020).

Esta Rede também apresenta iniciativas bastante significativas na gestão da informação entre seus membros, como pode ser observado na própria constituição do *Núcleo Integrador*. O Núcleo Integrador é um órgão de assessoria técnico-científica, que possui membros responsáveis pela gestão da informação. Há disponível no site da rede de museus da UFMG, normas de funcionamento de tal núcleo, que são:

A promoção de pesquisa e boas práticas em ação educativa; comunicação e público; extroversão de acervos; gestão da informação; tratamento de acervos (arquivísticos, museológicos e bibliográficos); assessoria do Conselho Coordenador da Rede de

⁶⁹Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/index.php/a-rede/quem-somos>. Acesso em: 12 jan. 2020

Museus; proposição de políticas e elaboração de projetos a serem submetidos à aprovação do Conselho Coordenador, visando à captação de recursos junto a instituições de fomento e à formalização de acordos e convênios com entes públicos e privados; e promoção e a integração entre a Rede de Museus e as atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFMG. (REDE DE MUSEUS DA UFMG, 2020).

As normas de funcionamento do Núcleo Integrador estão disponíveis na página oficial da Rede de Museus da UFMG em documento que traz informações sobre sua definição, atribuições e estrutura. O Núcleo pode ser constituído por servidores ativos do corpo técnico-científico lotado na Rede de Museus ou aqueles ativos da UFMG com expertise reconhecida e nomeação aprovada pelo Conselho Coordenador da Rede. Os membros tem a competência de articular Grupos de Trabalho de acordo com as demandas de atuação em rede. (REDE DE MUSEUS DA UFMG, 2020)⁷⁰

Nos dias 18 e 19 de dezembro de 2001, no Museu de História Natural e Jardim Botânico, ocorreu o Primeiro Encontro do Núcleo de Museologia da UFMG (NM-UFMG), com o objetivo de pensar a articulação dos museus e espaços de ciências da UFMG, discutir estratégias e ampliar o atendimento à comunidade. (Núcleo de Museologia da UFMG [Carta] 19 dez. 2002, Belo Horizonte. 1f. Carta dos Museus e Espaços de Ciências da UFMG).

Em conteúdo presente na *Carta dos Museus e Espaços de Ciências da UFMG*, redigida ao fim do I Encontro do Núcleo de Museologia da UFMG, definiu-se como princípios básicos:

A livre adesão dos museus e espaços de ciências aos programas integrados e a abertura de novas adesões; e o desenvolvimento de programas e ações integradas, envolvendo projetos, cursos, eventos, produção acadêmica e prestação de serviços, visando o desenvolvimento de uma política de museus da UFMG. Foi discutida ainda a necessidade de elaboração de uma política de acervo institucional, direcionada especificamente aos museus e espaços de ciência desta universidade. A criação de uma rede virtual de museus e espaços de ciências foi referendada pelos participantes. (REDE DE MUSEUS DA UFMG, Núcleo de Museologia da UFMG [Carta] 19 dez. 2002, Belo Horizonte. 1f. Carta dos Museus e Espaços de Ciências da UFMG).

A Rede de Museus da UFMG foi institucionalizada no âmbito da Pró-Reitoria de Extensão, tendo como objetivo principal “a conjugação de forças, o compartilhamento e a promoção de boas práticas em seus espaços integrantes”. (REDE DE MUSEUS UFMG, 2020)⁷¹

⁷⁰Sítio eletrônico da rede de museus e espaços de ciência e cultura da UFMG. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/images/NOTICIAS/ACONTECE/Normas_Nucleo_Integrador.pdf>. Acesso em 02 mar. 2019.

⁷¹ Site oficial Rede de Museus UFMG. Disponível em <<https://www.ufmg.br/rededemuseus/index.php/a-rede/historia>>. Acesso em 02 fev. 2020.

Ainda em 2001 surgiu a proposta do projeto “Educação em Ciência e Tecnologia: desenvolvimento de redes virtuais integrando Museus de Ciências da UFMG” junto à Pró-reitoria de Extensão da UFMG, com quatro objetivos gerais:

A criação de uma rede virtual integrando museus de ciências da UFMG; integrar a rede de museus da UFMG aos museus de ciências vinculados à Prefeitura Municipal de Belo Horizonte; disponibilizar a rede para escolas de ensino fundamental e médio; e organizar em ambiente web as diversas ações pedagógicas dos museus”. (REDE DE MUSEUS UFMG, Proposta de projeto de extensão, Belo Horizonte. 3f. 2001).

O projeto surgia em um contexto que evidenciava as novas demandas em torno necessidade de novas tecnologias de comunicação que fossem capazes de integrar esses espaços de divulgação cultural e científica. Havia, nesta época, em fase de experimentação junto à pró-reitoria de extensão, o projeto “Museu-escola”, que buscava estabelecer uma parceria sólida entre universidade, escolas e museus de Belo Horizonte, e o curso de qualificação de funcionários e estudantes de graduação que faziam a mediação nos espaços, incluindo os funcionários do Museu Histórico Abílio Barreto. (Educação em Ciências e Tecnologia: desenvolvimento de Rede Virtual Interativa dos Museus de Ciências da UFMG (REDE DE MUSEUS UFMG, Proposta de projeto de extensão, Belo Horizonte. 3f. 2001).

Em 2002, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), houve o II Encontro da Rede de Museus e Espaços de Ciência da UFMG, evento este que também contou com a criação de uma comissão para estudar o potencial da Graduação em Museologia da UFMG. (REDE DE MUSEUS UFMG, II Encontro da rede de Museus e Espaços de Ciências da UFMG [Programação], 12, dez. 2002, Belo Horizonte, MG. Museu de Ciências Morfológicas – ICB – UFMG).

A Coordenação Executiva e Temática do Programa rede de Museus e Espaços de Ciência da Universidade Federal de Minas Gerais foi instituída pela portaria nº 4 de 7 de julho de 2003, composta por Betânia Gonçalves Figueiredo, como coordenadora, e Friedrich E. Renger como subcoordenador.⁷²

⁷²Professora Betânia: Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas da UFMG e Prof. Friedrich: Centro de Pesquisas Manuel Teixeira da Costa/IGC

Figura 15 - Boletim UFMG



Fonte: Levantamento UFMG – Rede de Museus

A notícia publicada no Boletim da UFMG de 2004⁷³ informa seis programas da universidade ligados à Rede de Museus e Espaços de Ciências da UFMG que foram beneficiados com recursos do Conselho Nacional de desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a serem revertidos em melhorias de atendimento ao público e aprimoramento de infraestrutura. Consideramos o apoio financeiro como uma das grandes conquistas da consolidação de uma rede de museus universitários, muito embora saibamos que tal enfoque merece mais aprofundamento.

Segundo a matéria, todos os projetos da Rede que buscaram apoio financeiro do CNPq foram contemplados. Ainda nessa entrevista a então coordenadora da Rede de Museus, a Profa.

⁷³Notícia de Jornal, Boletim da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG; Nº 1422 - Ano 30 - 15.1.2004- Capa. Maurício Guilherme Silva Jr

Betânia Figueiredo Gonçalves, lembrou da dificuldade no Brasil de conseguir investimentos a museus de natureza variada, principalmente aqueles eminentemente científicos.

Há três anos houve um edital semelhante e a UFMG não se sentiu em condições de concorrer. Agora disputamos e tivemos um aproveitamento de 100% de nossos projetos. Isso mostra que a Rede de Museus da Universidade já possui viabilidade junto às agências financiadoras. (REDE DE MUSEUS UFMG, Boletim UFMG, 2004)

Dentre os projetos contemplados vale mencionar o *Programa de Ciência Inclusiva*, do Museu de Ciências Morfológicas, que recebeu R\$ 45 mil, e o projeto de aprimoramento de salas de oficinas interativas e experimentais e recepção de visitantes. A rede também possuía um programa próprio chamado *Educação Continuada*, que contou com R\$ 70 mil. (REDE DE MUSEUS UFMG, Boletim UFMG, 2004). Ainda em relação à recursos, em ofício da PROEX, a Câmara de Extensão deliberou pela distribuição dos recursos do Fundo Fundep 2006 direcionado à formação de professores da educação básica nos espaços interativos de ciências, no valor de R\$ 57.751. (REDE DE MUSEUS UFMG, Ofício nº 68/PROEX, 2007)⁷⁴

Embora não tenhamos o objetivo de aprofundar o estudo do histórico de consolidação da Rede de Museus da UFMG nessa pesquisa, os encontros realizados com algumas das coordenações anteriores da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG, Rita Marques e Betânia Figueiredo resultou em conteúdo importante para compreender melhor os bastidores da Rede de Museus da UFMG antes de sua institucionalização. Esses encontros com profissionais são contributos que foram feitos com o intuito de registrar, em vídeo, os depoimentos de personagens importantes para a história das redes e museus universitários, neste caso, a Rede de Museus da UFMG. Todo o conteúdo a ser apresentado mais adiante neste subtítulo faz parte dos relatos dessas duas coordenadoras durante os encontros presenciais⁷⁵.

O relato de Betânia Figueiredo é muito importante uma vez que esta docente foi a primeira coordenadora da Rede de Museus da UFMG e participou dos bastidores da consolidação antes desta Rede ser oficializada. Betânia Figueiredo atuou como professora no departamento de história da UFMG até o ano de 2017 e está aposentada.

⁷⁴Ofício nº 68/PROEX. Belo Horizonte, 13 de fevereiro de 2007. Da pró-reitora de extensão Profa. Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben para Profa. Maria das Graças Ribeiro, do Instituto de Ciências Biológicas, Departamento de Morfologia.

⁷⁵ O encontro com a Dra. Betânia Gonçalves Figueiredo, primeira coordenadora da rede entre os anos 2000 e 2004, ocorreu em 25 de julho de 2018, em seu escritório pessoal. O encontro com a Dra. Rita de Cássia Marques, que coordenou a rede entre 2013 e 2016, ocorreu no dia 26 de julho de 2018, no Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMENF/UFMG). Todo o conteúdo sobre esses bastidores são relatos dessas coordenadoras que permitiram o registro em vídeo.

Segundo Betânia Figueiredo, a Rede de Museus surgiu no ano de 2000, a partir de uma demanda do então pró-reitor de extensão da UFMG, que a procurou para que ela o ajudasse a entender o que ocorria com os museus na universidade, uma vez que os responsáveis por estes espaços procuravam a pró-reitoria para solicitar mobiliário, e era necessário saber se essas demandas eram mesmo necessárias. Betânia Figueiredo imagina ter sido chamada em função do curso de história da UFMG sempre ter trabalhado com uma disciplina chamada “arquivos e museus” e efetivamente, esse era o único curso que à época possuía uma disciplina com esse tema na universidade inteira.

Logo foi percebido que os museus universitários na UFMG não conheciam uns aos outros e isso se tornou a preocupação maior. O pró-reitor de extensão, por ser médico, informou que na medicina era comum se trabalhar em rede e que esta poderia ser uma boa estratégia para que se ligassem os pontos comuns desses espaços, por meio de uma pauta comum de trabalho. Este desafio foi aceito por Betânia Gonçalves, embora fosse um trabalho totalmente voluntário que não geraria remuneração ou pontuação acadêmica.

O primeiro passo para consolidação de uma rede foi apresentar aos diretores e profissionais dos museus da UFMG o que significava museu, pois o cenário na época, segundo Betânia Figueiredo, era que ir trabalhar nos museus era muito desprestigiado, e as pessoas que iam normalmente tinham algum problema no seu local de trabalho de origem. Por sua experiência e conhecimento de museus universitários internacionais, Betânia orientou estes profissionais para uma visão de museu que fugisse da impressão de local parado, mas sim de um local dinâmico, de recepção de público e preservação de acervo. Segundo a coordenadora, foi possível perceber que faltava – não para aquele público que visitava o museu, mas todo o público que trabalhava em museus – compreender o que era museu.

A primeira ação foi contatar os espaços museais da universidade, que segundo Betânia Figueiredo, eram cinco ou seis, e começou-se com muito cuidado a costurar pontos de comunicação entre eles, e foi daí que surgiu a ideia de realizar um curso de formação com carga horária distribuída entre encontros presencial e à distância com acesso à internet, sendo que a carga horária presencial era itinerante pelos museus, possibilitando dessa forma ao funcionário de um espaço conhecer o espaço de trabalho de seu colega.

Betânia Figueiredo esclarece que nessa época não havia na UFMG nenhuma perspectiva de criação de curso de museologia ou arquivologia, e salvo engano, apenas um museólogo em toda a universidade, de forma que não havia nenhuma estratégia definida e esta precisou ser construída. A estratégia foi construída por meio desta primeira etapa, o curso de formação, e

uma segunda que consistia em escolher todo ano um tema que possibilitasse um encontro entre diretores para discutir o que significava um museu contemporâneo. Para isso, Betânia Figueiredo mapeou na universidade quem tinha alguma habilidade ou aproximação com o mundo dos museus. Foram procuradas pessoas da história da ciência, da educação, da belas artes, inclusive pessoas de outros estados, e cada um que deu aceite construiu um módulo, e os demais módulos foram construídos por Betânia Figueiredo. Assim, aos poucos começava a surgir a rede, que não era institucionalizada, não tinha local no organograma da universidade, tinha uma coordenação informal, e tratava-se de um acordo informal. Aos poucos, os diretores perceberam que se unissem forças haveria mais potencial no momento de solicitar recursos, de demonstrar importância, construir indicadores básicos como números de visitantes, perceber os pontos fortes e os pontos fracos em cada um desses espaços. Segundo Betânia Figueiredo, a primeira atuação da rede foi basicamente conhecer uns aos outros, e os museus pudessem se apresentar como grupo diante da reitoria e fora da UFMG.

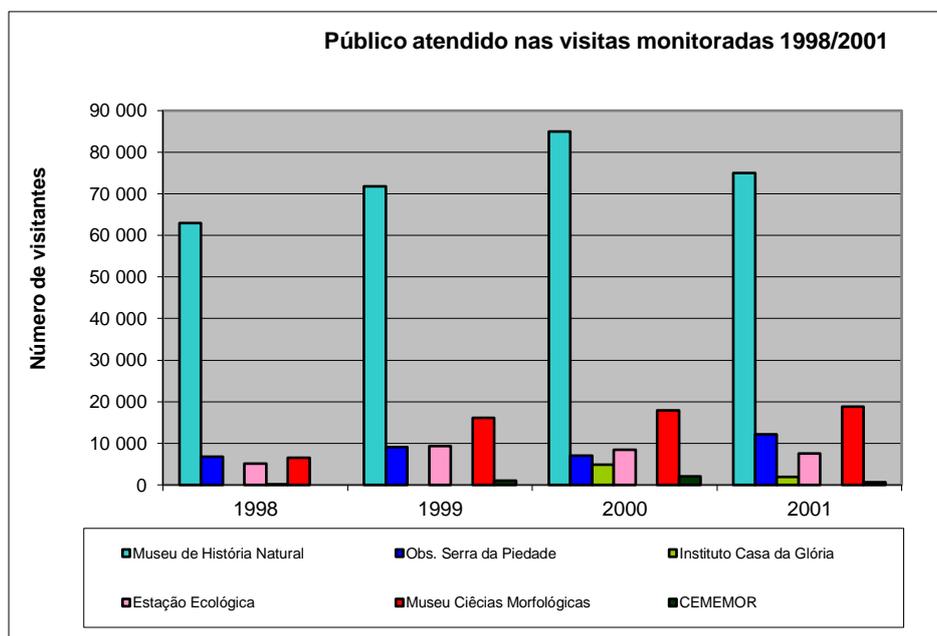
Sobre a institucionalização da Rede, Betânia Figueiredo esclarece que esta não era uma medida considerada favorável pelo pró-reitor de extensão, uma vez que isso poderia trazer uma formalidade para a rede. Embora durante sua gestão não houvesse essa formalidade, tudo era assinado como rede de museus, foi desenvolvida uma logomarca para a rede de museus pelo setor de comunicação da UFMG (uma identidade comum entre os espaços que faziam parte da Rede de Museus da UFMG). Ainda como pontos positivos Betânia cita a submissão de projetos de pesquisa para as instituições de fomento, estes que foram contemplados e chegaram a mais de um milhão de recursos somados em menos de um ano, sendo que um desses projetos era para a formação de técnicos que trabalhavam em museus universitários que seria realizada por meio de visitas feitas a outros museus em outros estados. Ao longo de um ou dois anos a Rede de Museus da UFMG ganhara notoriedade e os museus começaram a se apresentar. Segundo Betânia Figueiredo, esses eram pequenos movimentos que institucionalizavam a rede.

Sobre os espaços que faziam parte da rede da UFMG, Betânia Figueiredo informa que naquela época eram muito diferentes entre si, havia espaços institucionalizados, os que eram projetos de pesquisadores, como o Museu de Ciências Morfológicas – que por mais de vinte anos, segundo Betânia, foi projeto de um pesquisador – ou aqueles que eram mais um espaço de coleção do que um espaço de diálogo com o público.

Segundo Betânia Figueiredo, a gestão de Maria das Graças expande a rede uma vez que ela considerava que a rede não deveria ser só de museus, mas de espaços culturais com o intuito de fortalecer a Rede de Museus da UFMG.

Betânia Figueiredo encaminhou documentação sobre os primeiros anos da Rede de Museus da UFMG, e nela foi possível localizar os documentos que se referem aos resultados mencionados por ela durante o encontro presencial. O primeiro é o gráfico sobre o controle de visitantes dos espaços que compunham a rede de museus da UFMG naqueles primeiros anos.

Figura 16 - Dados de público Rede UFMG



Fonte: Mensagem pessoal Betânia Figueiredo

E folder com o curso de qualificação para diretores e funcionários dos museus universitários, a seguir:

Figura 17 - Qualificação Rede UFMG



Fonte: Mensagem pessoal Betânia Figueiredo

O Relatório sobre os dados fornecidos pelos Espaços pertencentes à Rede de Museus da UFMG de 2004 traz informações sobre os espaços que compunham a rede naquela época:

A Rede de Museus e Espaços de Ciência da UFMG é uma iniciativa da Pró-Reitoria de Extensão. Composta por sete espaços dentre eles: O Museu de Ciências Morfológicas, O Instituto Casa da Glória de Diamantina, O Museu de História Natural e Jardim Botânico, O Centro de Memória da Medicina, A Estação Ecológica, O Observatório Astronômico da Serra da Piedade e O Centro de Memória da Engenharia. Esses ambientes abrigam preciosos acervos científicos, históricos e tecnológicos, recebendo por ano milhares de pessoas, sobretudo alunos do ensino fundamental e médio, além de proporcionar o desenvolvimento de centenas de pesquisas. A presença de estudantes de graduação e pós-graduação como bolsistas dos diversos projetos é outra característica da Rede, que envolve praticamente todas as áreas de conhecimento como Medicina, ciências exatas, Geociências, Belas Artes, Educação e Ciência da Informação. (informação pessoal).⁷⁶

Além de apresentar o objetivo do trabalho, que era:

A Rede tem uma visitação muito vasta que até o presente momento ainda não foi alvo de estudos sistemáticos. Nosso objetivo neste trabalho é de se fazer uma análise da visitação dos espaços que compõem a Rede, a fim de que possamos com o resultado propor uma série de medidas de incentivo capazes de melhorar a divulgação dos

⁷⁶Relatório em documento Word enviado por Betânia Figueiredo em 31 jul. 2018

espaços, bem como a própria possibilidade de investimentos e financiamentos por parte da iniciativa pública e privada. (informação pessoal)⁷⁷

No que diz respeito às realizações de encontros com profissionais de outros estados para discutir temas com os membros da rede, foi localizado em um documento de apresentação ao BNDES trecho que indica que em dezembro de 2001 foi realizado o *I Seminário da Rede de Museus e Espaço de Ciências no Museu de História Natural*, com palestra de Maria Cristina Bruno do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, e o *II Seminário da Rede de Museus e Espaço de Ciências* em dezembro de 2002 no Museu de Ciências Morfológicas, com palestra de Maria Margaret Lopes, à época do Instituto de Geociências da UNICAMP.

Sobre os cursos para profissionais de museus universitários em outras instituições foi encaminhado por Betânia Gonçalves Figueiredo um documento de 03 de junho de 2004 endereçado ao Centro de Pós-Graduação Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo. Neste documento é feita solicitação de intercâmbio para um curso intitulado “Patrimônio Cultural: Preservação e Gestão”. Há o seguinte texto:

Estamos interessados em discutir a possibilidade de estabelecer acordo para viabilizar a participação de 5(cinco) representantes da Rede no curso de especialização “Patrimônio Cultural: Preservação e Gestão”, ofertado por esta Instituição. Existe uma demanda por formação de funcionários que atuam na área na UFMG e, como contrapartida, podemos oferecer os espaços da Rede de Museus para visitas técnicas, estágios, etc. Aguardo o posicionamento dos organizadores do curso”. (informação pessoal)⁷⁸

Rita de Cássia Marques, cujo encontro ocorreu depois do encontro com Betânia Figueiredo, apresenta igualmente informações importantes sobre os bastidores da institucionalização da Rede. Rita Marques reforça que quando a rede foi concebida não havia a ideia de institucionalização e este não era o interesse, mas sim que os espaços se unissem para trabalharem em conjunto, porque trabalhar junto era mais fácil do que trabalhar isolado. Por exemplo, Rita Marques cita que o Centro de Memória (CEMEMOR) da Farmácia é um espaço pequeno que não teria condições de enfrentar um edital do CNPq uma vez que seria uma proposta pequena, mas uma proposta de vários espaços, que é o que a rede faz, a deixa mais consistente.

⁷⁷Relatório em documento Word enviado por Betânia Figueiredo em 31 jul. 2018.

⁷⁸Documento em Word enviado por Betânia Figueiredo em 31 jul. 2018.

A rede cresceu e atraiu outros espaços, e para isso foi necessário mudar a forma de lidar com rede, por exemplo, Rita Marques menciona que o trabalho de uma primeira coordenadora será diferente da coordenadora atual porque a rede cresceu muito.

Segundo Rita Marques, a rede se institucionaliza na gestão de Antônio Gilberto Costa que consegue um funcionário diante da necessidade de ampliar essa estrutura administrativa, que antes contava com bolsistas. Dessa forma, Rita Marques entende que a institucionalização ocorre justamente por conta do crescimento da própria rede, que se tornou inviável sem ser estruturada, apenas com um coordenador e bolsistas, uma vez que não só os interesses mudaram, mas também o número de pessoas interessadas se ampliou. A sede da Rede, por exemplo, era móvel, dessa forma durante a gestão de Betânia Figueiredo a sede era em sua sala na universidade, quando Maria das Graças vira coordenadora, a sede passa a ser no Museu de Ciências Morfológicas, e a gestão de Antônio Gilberto batalhou para ter um espaço próprio. É nesse momento que Rita Marques fala da documentação da gestão de Maria das Graças que recentemente foi encontrada no Museu de Ciências Morfológicas e hoje faz parte da sala da Rede de Museus da UFMG.

Além da necessidade de se ampliar administrativamente, Rita Marques informa que não havia lugar institucional da rede na universidade e mesmo assim ela estava dentro da pró-reitoria de extensão. Chegou um ponto em que foi necessário definir qual era o papel da rede e definir um lugar, inclusive por conta das mudanças nas gestões de pró-reitores que apresentavam estruturas de divulgação científica que não atendiam o que a rede era. Isso porque, segundo Rita Marques, a Rede de Museus da UFMG era mais do que fazer divulgação científica.

Então foi necessário explicar qual era a especificidade da rede, mas haviam algumas complicações. Rita Marques dá um exemplo muito interessante: como pensar, por exemplo, a Rede como um órgão complementar da UFMG se dentro da própria Rede havia um espaço membro que já era um espaço complementar da UFMG? Como já reforçado por Betânia Figueiredo e reiterado por Rita Marques, eram espaços muito distintos, e como vemos, não só com acervos distintos, mas inseridos de maneiras distintas na estrutura da universidade. Segundo Rita Marques, existem os que são órgão complementar, os que são órgão suplementar, alguns que são ligados à diretoria, outros ligados aos departamentos, e ainda os que são ligados às associações de amigos. Segundo Rita Marques, para fazer uma rede isso não é um problema, mas para se pensar a rede administrativamente, sim. Segundo ela, quando um espaço entrava na Rede não se pensava a quem ele estava ligado, e sim que eram museus e como museus

tinham interesses comuns, mas inevitavelmente isto se tornou o principal imbróglio para a questão administrativa.

Finalmente, com o tempo, foi possível definir qual era o papel da rede na estrutura da universidade, e com isso foi produzido e criado o regimento interno da rede, criada uma verba específica, e um programa de bolsas. Segundo Rita Marques, a rede é uma ideia difícil dentro da estrutura que a universidade tem, mas nesses anos em que existe, conseguiu aquilo que vai sendo possível dentro desse sistema, e como foi possível perceber, foram muitos os ganhos. Para Rita Marques, a rede não é uma solução fácil porque precisa acomodar muitas diferenças, e não só de espaços, mas coordenadores diferentes que vem de áreas muito diferentes. Para ela, a Rede foi importante porque mostrou uma realidade para a universidade, que são esses espaços que existem dentro das universidades muito porque as pessoas estão lá dentro lutando por eles, e não por ser uma “coisa institucional”. Sobre a preocupação com a documentação museológica, Rita Marques informa que a Rede não sabe quantos objetos tem, os tipos de objeto, a qualidade do objeto, embora em sua gestão tenha sido feito um diagnóstico muito em função do novo funcionário técnico da rede. Iniciativas mais efetivas estão sendo feitas nesse sentido, como por exemplo, uma padronização da documentação e o envio de estagiários da Rede de Museus da UFMG em cada espaço membro para fazer a etiquetagem e auxílio na documentação desses.

Como visto, os relatos trazem informações importantes para universidades que ainda pensam em instituir suas redes de museus universitários. É importante lembrar que essa é uma discussão atual, debatida, por exemplo, entre os dias nove e onze de outubro de 2018 no V Fórum de Museus Universitários.

A iniciativa retomou debates sobre a gestão de coleções e museus universitários e a rearticulação de uma rede de pessoas e instituições comprometidas com a formulação de uma política para a área no âmbito das universidades brasileiras. As atividades do Fórum foram articuladas em torno de três eixos temáticos: 1) Diagnóstico dos museus universitários no Brasil; 2) Gestão e formação de profissionais em museus universitários; e 3) Conformação e dinâmica de redes de museus universitários, Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários e Comitê Internacional para coleções e Museus Universitários. (V FPMU, apresentação, 2018).⁷⁹

Sobre o número de museus universitários de Belo Horizonte optou-se por fazer buscas em bases de dados, e também houve inconsistência de dados em fontes diferentes. Na base do UMAC, na pesquisa por cidade, foram obtidos 13 resultados, sendo estes: o Centro de Memória

⁷⁹ Disponível em: <<https://www.ufmg.br/rededemuseus/forum2018/>>. Acesso em 03 fev. 2020

da Engenharia, Centro de Memória da Escola de Enfermagem, o Centro de Memória da Medicina, o Centro de Memória da Odontologia, o Centro de Memória da Veterinária, o Centro de Referência para História Cartográfica, a Galeria Brasileira, o Jardim Botânico, o Museu da Escola de Arquitetura, o Museu de Ciências Morfológicas, e o Museu de História Natural, todos da UFMG; e o espaço Museu de Ciências Naturais da Universidade Católica de Minas Gerais. Levando em consideração que existem museus da UFMG que não necessariamente estão localizados em Belo Horizonte, foi feita uma pesquisa pela universidade (UFMG). Apesar disso, foram encontrados 11 resultados, e a UFMG replicada no campo de busca (ver figura 18).

Figura 18 - Pesquisa por cidade/Banco de dados Mundial.

Filters	13 results
Subject Area >	<p>UFMG Engineering Memory Center</p> <p>🏠 Universidade Federal de Minas Gerais, Brazil</p> <p>The museum collection is constituted by a great amount (some thousands) of engineering instruments and equipment, in the fields of electrotechnology (analog measuring instruments, electrometers, electrostatic...</p>
Subjects >	
Institutional Type >	
Continent >	
Country or Region >	<p>Memorial Center of Engineering</p> <p>🏠 Federal University of Minas Gerais, Brazil</p> <p>See website in Portuguese at: http://www.ufmg.br/rededemuseum/engenharia.htm</p>
Brazil (13) ✖	
State or Province >	
City >	<p>Memorial Centre of the School of Nursing</p> <p>🏠 Federal University of Minas Gerais, Brazil</p> <p>See website in Portuguese at: http://www.enf.ufmg.br/centrodememoria/index.php</p>
Belo Horizonte (13) ✖	
University >	

Fonte: captura de tela realizada pela autora em 02/06/2019.

Figura 19 - Universidade duplicada/Banco de dados Mundial.

Continent >

Country or Region >

Brazil (175) ✖

State or Province >

City >

University >

Clear all filters

New search

Teaching Collections of Vertebrates, Biosciences Institute

🏠 University of São Paulo, Brazil

Science House

🏠 Federal University of Rio de Janeiro, Brazil

Latin America Culture House

University ✖

minas gerais

Catholic University of Minas Gerais (1)

Federal University of Minas Gerais (11)

Universidade Federal de Minas Gerais (1)

Center

rais, Brazil

by a great amount (some thousands) of engineering

lds of electrotechnology (analog measuring

tic...

of Biosciences

il

nd Planetarium

Fonte: captura de tela realizada pela autora em 02/06/2019.

Figura 20 - Resultado 1/Banco de dados Mundial.

Type something and wait or press Enter to search Search

Filters	11 results
Subject Area >	Memorial Center of Engineering 🏠 Federal University of Minas Gerais, Brazil See website in Portuguese at: http://www.ufmg.br/rededemuseus/engenharia.htm
Subjects >	Memorial Centre of the School of Nursing 🏠 Federal University of Minas Gerais, Brazil See website in Portuguese at: http://www.enf.ufmg.br/centrodememoria/index.php
Institutional Type >	Memorial Centre of Medicine 🏠 Federal University of Minas Gerais, Brazil
Continent >	Memorial Center of Dentistry 🏠 Federal University of Minas Gerais, Brazil See website in Portuguese at: http://www.odonto.ufmg.br/index.php/pt/centro-de-mem-principal-132
Country or Region >	
Brazil (11) ✖	
State or Province >	
City >	
University >	
Federal University of Minas Gerais (11) ✖	
Clear all filters	

Fonte: captura de tela realizada pela autora em 02/06/2019.

Figura 21 - Resultado 2/Banco de dados Mundial.

Type something and wait or press Enter to search Search

Filters	1 result
Subject Area >	<p>UFMG Engineering Memory Center</p> <p>🏠 Universidade Federal de Minas Gerais, Brazil</p> <p>The museum collection is constituted by a great amount (some thousands) of engineering instruments and equipment, in the fields of electrotechnology (analog measuring instruments, electrometers, electrostatic...</p>
Subjects >	
Institutional Type >	
Continent >	
Country or Region >	
Brazil (1) ✖	
State or Province >	
City >	
University >	
Universidade Federal de Minas Gerais (1) ✖	

Fonte: captura de tela realizada pela autora em 02/06/2019.

No próprio sítio eletrônico da Rede de Museus da UFMG⁸⁰ constam 23 espaços, número bem mais expressivo que o encontrado na base do UMAC. O que configura, portanto, que a articulação da própria rede local (no âmbito da universidade), possibilita dados mais apurados quando comparados à um levantamento em uma perspectiva global. Este, portanto, é mais um dos benefícios de uma rede de museus universitários em uma universidade, que poderá auxiliar estruturas mais amplas e igualmente importantes como é o caso do UMAC e suas iniciativas.

2.2 Experiência UFRGS

A Rede de Museus e Acervos Museológicos (REMAM) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) foi analisada a partir de contato realizado com a Diretora do Museu da UFRGS, Cláudia Aristimunha, e no interessante texto *Museus e Coleções em Rede: A REMAM/UFRGS*, publicado no 3º SEBRAMUS, de modo a trazer uma abordagem mais atual os resultados apresentados pelas autoras do referido texto. Na pesquisa pelo estado do Rio Grande do Sul no Banco de Dados do UMAC foram encontrados três espaços, sendo estes: o Museu Universitário, o Museu de Ciência e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do

⁸⁰Vide: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/>. Acesso em: 02/06/2019.

Rio Grande do Sul (PUCRS), e o Museu da Mineralogia "Luiz Englert", do Instituto de Geociências da UFRGS.

A REMAM é coordenada pelo Museu da UFRGS, e foi criada em 2011, conforme a portaria abaixo:

Figura 22 - Portaria de Criação REMAM



Fonte: Mensagem Pessoal Cláudia Aristimunha

É interessante notar no artigo 1º da portaria acima que a REMAM é definida como uma “reunião articulada entre os espaços de memória”, dessa forma, ainda que em âmbito local,

alinha-se à perspectiva da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitárias, uma vez que no capítulo anterior vimos que o objetivo maior desta última, segundo Maurício Silva:

Tem sido a ativação de uma rede composta por profissionais, pesquisadores, professores e alunos interessados e envolvidos com a preservação e divulgação do patrimônio museológico universitário. Sem vínculos institucionais, sua organização é espontânea e colaborativa, articulada inicialmente por meio do sistema de e-mails Google Groups. (SILVA, 2019, p. 298).

Ainda, é interessante notar que a REMAM não considera apenas os museus universitários, mas os espaços de memória que incluem os herbários, observatórios, jardins botânicos, zoológicos, planetários e coleções. Este aspecto aumenta consideravelmente os dados quantitativos sobre museus e coleções universitárias existentes em uma universidade e o mais importante, configuram importante incentivo àqueles que ainda não são museus universitários e por serem coleções precisam de um apoio maior, e por ventura, podem se tornar museus universitários. Veremos, por exemplo, que após a criação da REMAM coleções universitárias com potencial e que quisessem se tornar um museu tiveram apoio desta rede para fortalecer suas iniciativas.

Ainda sobre a ação da REMAM, Cidara Loguercio Souza, Claudia Porcellis Aristimunha, Eliane Muratore e Lígia Ketzer Fagundes esclarecem que embora na portaria de sua criação a REMAM seja coordenada pelo Museu da UFRGS, o que se almeja é uma ação integrada dos membros de forma horizontal:

(...) entretanto, de acordo com as características de uma rede, o que se tem almejado é a atuação integrada dos membros, sem hierarquização. Dessa forma, as decisões da REMAM são tomadas de forma democrática em encontros periódicos, a que todos os membros são convidados a participar. A metodologia de atuação por meio de grupos de trabalho busca potencializar a agilidade das ações e favorecer o caráter cooperativo, próprio do sistema de organização em rede. (SOUZA et al, 2017, p. 1156).

O texto das autoras traz importantes saídas encontradas após a criação da REMAM. Estas servem de inspiração para aquelas universidades que desejam e ainda não criaram uma rede de articulação entre museus universitários. É esclarecido que: “(...) a Rede de Museus e Acervos Museológicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (REMAM/UFRGS) é uma instância de trocas, de estabelecimentos de parcerias, de mudanças, de novas inserções”. (SOUZA et al, 2017, p. 1154).

A rede da UFRGS surge justamente como solução após a constatação da necessidade de salvaguardar memória e patrimônio desta universidade, e o curso de Museologia surge como forte aliado nesse sentido:

A ideia de “rede” foi gestada pelo Museu da UFRGS em diferentes momentos com vistas ao enfrentamento dos problemas relativos à memória e patrimônio na UFRGS e, com a criação do Curso de Museologia em 2008, ganhou mais um forte aliado. A REMAM, com a atual configuração, nasce em 2011 de forma consistente e em meio a esse contexto, com o compromisso de enfrentar enormes desafios de articulação e consolidação de uma política de acervos museológicos na UFRGS. **O Curso de Museologia integra a REMAM junto com os demais representantes dos espaços membros.** (SOUZA et al, 2017, p. 1155, grifo nosso).

O Fórum da REMAM é o principal mecanismo de funcionamento da Rede, este realiza reuniões ordinárias periódicas e os espaços membros são convidados. Eventualmente são também convidados parceiros externos que tenham relação com a pauta. A proposta de pauta de cada encontro é elaborada pela coordenação, considerando necessidades comuns e sugestões enviadas pelos diferentes membros. (SOUZA et al, 2017, p. 1160). A estratégia de reconhecimento de cada espaço da REMAM pelos próprios membros é muito interessante, foi acordado que as reuniões mensais do Fórum seriam realizadas nos espaços membros em sistema de rodízio, e em cada reunião seria feita uma visita técnica. Para a execução de cada reunião a coordenação envia um convite aos gestores das unidades em que se localiza o espaço anfitrião “a proposta foi aceita e implementada, já tendo realizado encontros em diferentes espaços. Todas as visitas foram com a participação dos diretores e equipe dos espaços membros”. (SOUZA et al, 2017, p. 1161).

Sobre a institucionalização da REMAM as autoras esclarecem que a adesão dos espaços de memória da UFRGS à Rede é voluntária e a adesão ocorre mediante envio de formulário específico à Coordenação da Rede, responsável por analisar sua pertinência: “não obstante, a busca pela institucionalização e formalização, o caráter pretendido para esta forma de organização articulada é o da democratização, cooperação e horizontalidade, não visando à fiscalização e nem a normatização engessada. (SOUZA et al., 2017, p.1158)

Sobre a situação dos museus membros da REMAM em seus próprios departamentos, é informado que alguns acervos ainda correm o risco de desaparecer:

Alguns membros contam com o reconhecimento e o apoio das direções e comunidades acadêmicas de suas unidades. No entanto, a maioria se mantém pela dedicação abnegada de alguns docentes ou técnicos, mesmo que de forma voluntária. Outros acervos, em que pese sua importância histórica ou científica, ainda correm o risco de desaparecimento. (SOUZA et al., 2017, p.1158).

As autoras apresentam uma série de conquistas da REMAM, como a submissão e aprovação de um projeto ao Edital Modernização de Museus – Microprojetos 2012, do Instituto Brasileiro de Museus, para a divulgação dos espaços membros da REMAM (SOUZA et al, 2017, p. 1157), sendo que a elaboração do projeto foi conjunta, enquanto REMAM, mas a submissão foi em nome do Museu da UFRGS⁸¹; encontros com museólogos convidados e membros da rede; um acordo de Cooperação com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/MCT) que propicia a assessoria técnica e teórica e a formação continuada de profissionais que atuam ou por ventura venham a atuar nestes espaços; exposições e seminários. (SOUZA, 2017, p. 1161).

Sobre os espaços existentes na REMAM, em 2017 eram 29 espaços cadastrados. (SOUZA et al, 2017, p. 1157). Após contato feito com Cláudia Aristimunha, foi informado que em 2020 são 30 espaços cadastrados⁸².

São espaços muito diferentes entre si, tanto pelas áreas de conhecimento que abrangem quanto por sua origem, configuração atual e necessidades. São museus, inclusive virtuais; memoriais; planetário; observatório astronômico; herbário; arquivo histórico; centro de memória; acervo constituído por núcleo de pesquisa; acervo constituído pelas experiências de ensino; acervo constituído a partir dos fluxos organizacionais de setores da administração central da Universidade; entre outros. (SOUZA, 2017, p. 1158).

É interessante reforçar a multiplicidade de espaços abarcados pela REMAM, que não considerou apenas os museus, podemos ver que há, entre os 29 espaços, o Planetário Professor José Batista Pereira, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão; o Museu da Informática, vinculado ao Instituto de Informática; o Observatório Astronômico da UFRGS, vinculado ao Instituto de Física; o Acervo Museológico dos Laboratórios de Ensino de Física, vinculado ao Instituto de Física; o Arquivo Histórico do Instituto de Artes, o Setor de Acervo Artístico da Pinacoteca Barão de Santo Angelo, o Museu Virtual do Sintetizador e a Pinacoteca Barão de Santo Angelo, vinculados ao Instituto de Artes; o Centro de Memória do Esporte, vinculado à Escola de Educação Física; o Herbário ICN, vinculado ao Instituto de Biociências; o Núcleo de Pesquisa em História, vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; e a Coleção Ornitológica de Rudolf Gliesch, vinculada à Faculdade de Veterinária. (SOUZA et al, 2017, p. 1168).

⁸¹Com informações de Cláudia Aristimunha coletadas via correio eletrônico no dia 29 de jan. 2020.

⁸²Com informações de Cláudia Aristimunha coletadas via correio eletrônico no dia 29 de jan. 2020.

Deste modo “após ampla discussão, a REMAM nasce com o compromisso de enfrentar os desafios de construção e consolidação de uma política de acervos museológicos nesta universidade”. (SOUZA et al, 2017, p. 1156). A REMAM parece se alinhar à perspectiva da UMAC e do V Fórum Permanente de Museus Universitários sobre quais são os espaços abarcados por essas instâncias⁸³.

Durante a fala de Cláudia Aristimunha no V Fórum Permanente de Museus Universitários foi mencionado que alguns museus universitários surgiram na UFRGS após a criação da REMAM. (informação oral)⁸⁴. Em contato feito com Cláudia Aristimunha em 19 de março de 2019 foi informado que no início de sua existência a REMAM tinha 19 adesões de museus e espaços de memória ou que guardavam acervos universitários, e em 2019 já eram 30 espaços membros. Segundo Cláudia Aristimunha, depois da criação da REMAM quatro novos museus/espaços foram criados: Museu da Moda e Têxtil (museu virtual, mas com acervo físico e equipe), e na perspectiva de se tornar um Museu físico, o Museu da Química, o Museu da Medicina, e o espaço Museologia na UFRGS – Trajetórias e Memórias (espaço físico, com acervo). (informação pessoal)⁸⁵

Em contato feito com o Museu do Instituto de Química da UFRGS, um desses espaços criados após a REMAM, foi informado que inicialmente, houve contato com o Museu da UFRGS e, posteriormente, o tornou-se membro da REMAM.(informação pessoal).⁸⁶ As atas de reunião encaminhadas pelo o Prof. Henri Schrekker, Diretor do Museu do Instituto de Química/UFRGS, após contato feito com fins à atualização desta pesquisa, servem para que se perceba que na ocasião da oficialização deste museu, a REMAM surge como possibilidade de conseguir apoio financeiro para qualificar a manutenção e exposição de seu acervo.

A ata de reunião número 341 do Conselho do Instituto de Química de 6 de outubro de 2017, informa em seu item três que “**o Instituto de Química está se adequando para participar da Rede de Museus da UFRGS.** Para tanto está reunindo documentação e material fotográfico para elaboração de seu histórico. Além disso, está organizando seus acervos bibliográficos, tridimensional, quadro de formandos e arquivístico. **A oficialização do Museu de Química servirá como base para buscar apoio financeiro para qualificar a manutenção**

⁸³Ver página 179 desta pesquisa: Quando comparadas as distintas modalidades institucionais abarcadas pelo FPMU com os tipos institucionais englobados na base de dados do UMAC, é possível perceber que há semelhança no que se considera museu universitário.

⁸⁴Fala Cláudia Porcellis Aristimunha dos debates do V Fórum Permanente de Museus Universitários.

⁸⁵ Com informações de Cláudia Aristimunha coletadas via correio eletrônico no dia 29 de jan. 2020

⁸⁶Museu do Instituto de Química, contato feito com o Prof. Henri Schrekker - Diretor do Museu do Instituto de Química/UFRGS em 11 de dez. de 2019 por correio eletrônico <museudoinstitutodequimica@ufrgs.br>.

e exposição de seu acervo”. (ATA 341, Instituto de Química UFRGS, 2017, informação pessoal)⁸⁷.

Consta em documento enviado pelo o Prof. Henri Schrekker os objetos existentes nesse acervo, divididos em: 1) acervo bibliográfico, com 13 exemplares de livros, 1 trabalho de segurança e saúde no laboratório (primeiro do IQ, 1991), 4 livros de registro de análise e 1 catálogo; 2) acervo tridimensional, com 74 objetos, em sua maioria equipamentos de laboratório; 3) acervo de quadros, com 16 itens; 4) acervo arquivístico, com menção à um “trabalho realizado pela professora Emilse Agostini e a bibliotecária Gilca Maria de Oliveira Santos Cristino”. (informação pessoal).⁸⁸

Percebemos, portanto, que na REMAM há museus físicos, museu virtual, coleção, arquivo, núcleo de pesquisa, centro de memória, herbário e observatório astronômico. Vimos ainda que, alguns espaços que eram coleções se transformaram em museus após seu vínculo com a REMAM, como é o caso do Museu do Instituto de Química, com o qual foi feito contato para essa pesquisa. A experiência da UFRGS se configura com uma excelente experiência de articulação.

2.3 Experiência UnB

As iniciativas de articulação da Universidade de Brasília (UnB) foram consideradas a partir de duas importantes ações: o Plano de Atividade Complementar (PAC) que teve como finalidade diagnosticar as coleções e museus desta universidade. Esta pesquisa se desenvolve desde o ano de 2016 e foi coordenada inicialmente por Ana Lúcia de Abreu Gomes, docente do Curso de Museologia da UnB; e o seminário intitulado “Gestão da Memória: diálogos sobre políticas de informação, documentação e comunicação para a Universidade de Brasília” realizado nos dias 22 e 23 de outubro de 2012 no marco do cinquentenário da UnB, sob responsabilidade compartilhada entre a Faculdade de Ciência da Informação (FCI) e a Faculdade de Comunicação (FAC). Deste evento resultou, em 2016, publicação com textos voltados para o tema, com organização de Cynthia Roncaglio e Elmira Soares Simeão, ambas docentes da Universidade de Brasília. Sobre o lançamento deste livro, o objetivo era:

⁸⁷ Ata encaminhada pelo Prof. Henri Schrekker - Diretor do Museu do Instituto de Química/UFRGS em 11 de dez. de 2019 por correio eletrônico <museudoinstitutodequimica@ufrgs.br>.

⁸⁸ Lista de objetos do Museu do Instituto de Química da UFRGS encaminhada pelo Prof. Henri Schrekker - Diretor do Museu do Instituto de Química/UFRGS em 11 de dez. de 2019 por correio eletrônico <museudoinstitutodequimica@ufrgs.br>.

Este livro é um registro histórico de iniciativas sobre Gestão de Memória na Universidade de Brasília e revela o passado com nuances de um presente que enfrenta desafios cada vez mais complexos. Os resultados reunidos nessa obra revelam que enfrentamos problemas que se avolumam em função do crescimento exponencial da informação administrativa e acadêmica e de dificuldades com a infraestrutura física e tecnológica. (RONCAGLIO; SIMEÃO, 2016).

As autoras justificam a realização de tal evento: “nessa ocasião, em que se comemoram os 50 anos da UnB desejamos que toda a comunidade acadêmica possa refletir sobre os caminhos a serem percorridos para enfrentar os atuais desafios relacionados à responsabilidade com o acervo e a memória da instituição.” (RONCAGLIO; SIMEÃO, 2016, p. 274).

Segundo Elmira Simeão, Antônio Miranda, Márcia Marque e Benedito Medeiros Neto o seminário reuniu em torno de 150 participantes que trabalham com conhecimentos consolidados sobre políticas institucionais e políticas de informação nas áreas de arquivos, bibliotecas, museus e comunicação e reuniu as iniciativas de várias unidades acadêmicas, órgãos gestores de documentação e espaços de informação da Universidade: “o objetivo em última instância, na oportunidade e no compromisso atual, é potencializar o gerenciamento, a preservação e a divulgação da memória administrativa e científica da UnB”. (SIMEÃO et al., 2016, p. 22).

O primeiro dia do encontro foi voltado a estimular o grupo em torno de diferentes ângulos que envolvem a comunicação e a informação na gestão da memória e o segundo dia foi dedicado a apresentação de trabalhos cujos resumos foram previamente encaminhados à comissão organizadora. (SIMEÃO et al., 2016, p.23).

Cynthia Roncaglio e Elmira Simeão informam que em 2012 já existiam iniciativas de gestão de memória na UnB com propostas que tinham o objetivo de “organizar, tratar e recuperar documentação e a informação e viabilizar o seu acesso e a sua comunicação, mas essas iniciativas não eram suficientes para promover políticas de informação e documentação eficientes e integradoras.” (RONCAGLIO; SIMEÃO, 2016, p. 274). As autoras reforçam que as reflexões e experiências apresentadas neste seminário e disponibilizadas na publicação ajudariam a compor e concretizar um documento final, que segundo as autoras “pode, em um futuro breve, ajudar a construir a política de informação, documentação e de comunicação institucional sonhada por várias gerações, desde os primórdios da Universidade”. (RONCAGLIO; SIMEÃO, 2016, p. 9).

Sobre políticas de informação, Carlos Alberto Ávila Araújo esclarece:

as políticas de informação inserem-se no campo das políticas institucionais tomadas de forma geral. Nesse sentido, expressam um conjunto de ações e escolhas baseadas

em metas e objetivos e envolvem vários atores e níveis de decisão. Elas se relacionam com as ações individuais das pessoas que fazem parte das instituições, mas também com as funções e cargos dessas pessoas, previstas num esquema de trabalho institucionalizado. Ao longo das últimas décadas, o crescimento de uma “mentalidade administrativa” tem impulsionado atividades de planejamento e gestão no contexto burocrático das instituições, e também a dimensão informacional vem sendo afetada. As políticas de informação, hoje, relacionam-se, por um lado, com essa necessidade de maior institucionalização das atividades, visando maior eficácia e eficiência dos processos. (ARAÚJO, 2016, p. 42).

Cynthia Roncaglio e Elmira Simeão salientam que os resultados do seminário demonstraram que a UnB enfrentava problemas que se acumulavam em função de dois motivos, um estava relacionado ao grande aumento da informação administrativa e acadêmica, e o outro dizia respeito às dificuldades de infraestrutura física e tecnológica. (RONCAGLIO; SIMEÃO, 2016, p. 10). Tendo isso em vista, a criação de uma política seria um fator determinante nesse processo:

Não se agregará valor aos milhares de dados que temos em cada setor ou unidade acadêmica se não tivermos em mente que a integração de todos os setores da UnB em torno de uma política norteará as diretrizes e as normativas que apresentam e determinam a maneira como organizamos e tratamos as informações e os documentos. Essa política determinará também como gerenciarmos a divulgação e a comunicação de nossas ações nos limites da missão institucional. É um desafio instigante, ousado, mas possível. O desenvolvimento dessa política depende também, fundamentalmente, de uma infraestrutura de que não dispomos. (RONCAGLIO; SIMEÃO, 2016, p. 10).

No que diz respeito à capacitação de equipe, se recomendava assegurar um programa de qualificação para os servidores “no tocante aos aspectos de consulta, tratamento e uso da informação”. O trabalho integrado entre especialistas e pesquisadores era visto como uma “receita de sucesso”, desde que garantidos os investimentos e a vontade institucional para a realização dos propósitos estabelecidos. (RONCAGLIO; SIMEÃO, 2016, p. 10).

A Declaração *para a Gestão da Memória da UnB* é o documento final que consta na publicação de 2016. O documento possui recomendações e moções que foram endereçadas à reitoria da UnB e seguia em nome dos “docentes, servidores técnicos e discentes, de várias gerações e inter-relacionados de diferentes formas com a história da UnB” (RONCAGLIO; SIMEÃO, 2016, p. 274)

Para elaboração de tais recomendações e moções foram consideradas as diferentes propostas de preservação do patrimônio informacional; a importância da memória do movimento estudantil e do período da ditadura militar para a história da UnB; as iniciativas de várias unidades acadêmicas, órgãos e gestores de documentação e espaços de informação; a necessidade de um espaço permanente de interlocução; a necessidade de se definir políticas de

preservação da memória, de informação, documentação e comunicação; a importância de envolver outros setores; e a inseparabilidade do passado, presente e futuro para a construção da memória e produção da história. (RONCAGLIO; SIMEÃO, 2016, p. 277).

Foram feitas oito recomendações e treze moções. As recomendações, em resumo, foram 1) a elaboração e estudo de diretrizes para implantação da gestão da memória; 2) garantir edificações adequadas e seguras para as unidades que produzem, preservam e divulgam memória; 3) investimentos em conservação e restauração de equipamentos, edifícios e suportes da informação e comunicação; 4) dar continuidade à ideia inicial de uma universidade planejada, organizada e utópica e não criada no improvisado. (RONCAGLIO; SIMEÃO, 2016, p. 278).

As moções foram, em resumo, 1) pensar a gestão da memória como laboratório de pesquisa e laboratório de vivências; 2) estimular políticas de apoio para laboratórios de pesquisa na área; 3) identificar e reunir informações sobre pesquisas nos cursos de graduação e pós-graduação realizadas na FAC, FCI e outras unidades; 4) pensar a integração da memória humana, artificial e social; 5) localizar as iniciativas de gestão da memória na UnB; 6) **criar e manter uma rede de cooperação entre as unidades e vários setores para resgatar a memórias dos últimos 50 anos, que permanece dispersa, sem tratamento adequado e inacessível aos agentes e ao público em geral**; 7) examinar políticas institucionais e de informações implementadas por instituições congêneres; 8) apresentar levantamentos e estudos feitos sobre os acervos documentais da UnB; 9) identificar e harmonizar as várias iniciativas em curso de resgate da memória do movimento estudantil da UnB; 10) debater propostas que possam integrar e envidar esforços para a organização, preservação, e acesso aos documentos e às informações de valor administrativo, histórico, e científico da UnB; 11) estabelecer estratégias de divulgação e comunicação; 12) investir no trabalho colaborativo nas redes sociais e suas ferramentas; 13) investir na estrutura tecnológica. (RONCAGLIO; SIMEÃO, 2016, p. 280, grifo nosso).

Embora se trate de uma proposta de política de informação, documentação e comunicação e não de uma política para os museus universitários a análise das recomendações finais do evento permite perceber que a gestão da memória institucional por meio de uma política de informação impacta as próprias coleções e museus universitários, uma vez que a falta ou de informação sobre e nesses acervos e coleções universitários ainda é uma questão nos processos de levantamento de dados sobre esses espaços, como será visto mais adiante a partir dos resultados do Plano de Atividade Complementar (PAC), também realizado na UnB.

As autoras concluem que para a discussão de uma política de informação e comunicação da UnB é “indispensável considerar o papel das bibliotecas, arquivos e museus, espaços de memória e de comunicação (convencionais e/ou virtuais) e de outros atores da instituição no esforço de manter uma rede de colaboradores sempre harmonicamente integrados”. (RONCAGLIO; SIMEÃO, 2016, p. 41).

Ao explicar a comunicação extensiva como fundamento para a criação de uma rede de gestão da memória, as autoras informam que neste modelo, as trocas são realizadas “em um campo de interação aberto, cooperativo e de compartilhamento de dados multidimensionais, envolvendo especialistas de diferentes áreas do conhecimento. A comunicação de distintos atores em espaços de pares, **sem hierarquias, deve propor uma comunicação em fluxo horizontal**, contando com dispositivos que dependem da internet”. (RONCAGLIO; SIMEÃO, 2016, p. 28, grifo nosso).

Para Carlos Alberto a realização de uma gestão da memória “implica, necessariamente, a atuação em parceria entre profissionais de áreas distintas. Ao mesmo tempo, as áreas envolvidas com esse trabalho saem, também elas, afetadas por esse encontro, isto é, a temática da memória também possibilita o incremento de conceitos, teorias e métodos das áreas de conhecimento que se envolvem em sua gestão. (ARAÚJO, 2016, p. 43).

Portanto, para Carlos Alberto a noção de “memória” atua como conceito articulador de diferentes áreas do conhecimento tanto quanto a necessidade de se promover “políticas de informação”:

A criação e a condução de centros de memória nas IFES mostra-se, assim, um espaço excelente para a promoção de fertilização inter/transdisciplinar entre as áreas para a articulação das relações entre as dimensões administrativa e científica e para o cumprimento das três missões da universidade (ensino, pesquisa e extensão) e, ainda, como espaço laboratorial dos cursos de graduação, para o tensionamento de teorias e produção de novos conhecimentos. (ARAÚJO, 2016, p. 54).

O Plano de Atividade Complementar (PAC) que teve como finalidade diagnosticar as coleções e museus da Universidade de Brasília (UnB) partiu de uma demanda institucional da administração superior, de maneira que o curso de Museologia elaborou um Instrumento de Coleta de Dados (ICD) para aplicação nos espaços.

Em nota técnica enviada⁸⁹ pelo curso de Museologia da UnB à administração superior desta instituição há informações sobre o trabalho realizado por este curso – à época sob coordenação de Ana Abreu – de elaborar e aplicar um diagnóstico para que se pudesse conhecer a realidade dos espaços e coleções museais. Neste levantamento constam apenas os espaços museais de modo que, neste primeiro momento, o mapeamento de coleções não foi realizado.

Nesta nota técnica é esclarecido que “em vista demanda apresentada por meio do processo SEI 23106.003473/2019-02, este Curso de Museologia vem por meio desta nota técnica apresentar informações que vêm sendo levantadas por este Curso desde 2015”. (NOTA TÉCNICA Nº 0/2019/FCI/CM).

No processo a que se refere a nota técnica consta demanda do Tribunal de Contas da União (TCU) aos reitores com solicitação de levantamento a fim de verificar as condições de segurança do patrimônio dos museus sob responsabilidade de órgãos e entidades federais⁹⁰:

“1. Cumprimentando-os cordialmente, informamos que, por intermédio do Ofício 0852/2018-TCU/Secex Educação, de 13/12/2018, a Secretaria de Controle Externo da Educação, da Cultura e do Desporto do Tribunal de Contas da União - TCU comunicou este Ministério da Educação sobre a realização de levantamento a fim de verificar as condições de segurança do patrimônio dos museus sob responsabilidade de órgãos e entidades federais, bem como identificar os principais riscos e oportunidades de melhoria na gestão patrimonial e orçamentária desses equipamentos culturais. 2. Com vistas a subsidiar o levantamento em questão, aquela Corte de Contas solicitou ao Ministério da Educação informações/justificativas específicas sobre a gestão orçamentária de Museus Federais sob sua responsabilidade. 3. Considerando que este Ministério da Educação não possui museus diretamente a ele vinculados, encaminhamos o Ofício em epígrafe para conhecimento e providências caso haja instituições museológicas vinculadas a essa universidade. As informações deverão ser encaminhadas diretamente ao TCU, por intermédio dos e-mails indicados no expediente citado”. (Ofício-Circular nº 1/2019/CGPO/DIFES/SESU/SESU-MEC).

Há ainda explicações sobre o motivo de o Decanato de Extensão da UnB ter presidido a reunião realizada no Salão de Atos da Reitoria na data de 01 de outubro de 2015. (NOTA TÉCNICA Nº 0/2019/FCI/CM).

Isto porque, em um rápido levantamento feito e em razão de uma série de conversas informais e contatos com os museus desta Universidade desde a criação do Curso em 2008, identificamos que era bastante recorrente se afirmar que esses espaços museais

⁸⁹Nota Técnica nº 0/2019/FCI/CM: resultado da pesquisa em andamento que tinha como objetivo mapear as instituições museais existentes na UnB e os seus respectivos acervos. Disponível em Sistema Eletrônico de Informações (SEI), processo público nº 23106.008984/2019-11. Acesso em 20 fev. 2020

⁹⁰ Ofício-Circular nº 1/2019/CGPO/DIFES/SESU/SESU-MEC: levantamento a fim de verificar as condições de segurança do patrimônio dos museus sob responsabilidade de órgãos e entidades federais. Disponível em Sistema Eletrônico de Informações (SEI), processo público nº 23106.003473/2019-02. Acesso em 19 fev. 2020

eram de certa forma institucionalizados por meio do registro dos mesmos no sistema SIEX na forma de Projetos de Extensão. Nada mais lógico, portanto, que fosse aquele decanato a convidar e presidir a reunião. (NOTA TÉCNICA Nº 0/2019/FCI /CM).

É esclarecido que na ocasião foram feitas chamadas por meio dos canais de comunicação da universidade informando da reunião na qual estiveram presentes responsáveis pelos espaços museais e representantes interessados no tema. (NOTA TÉCNICA Nº 0/2019/FCI /CM). Em lista abaixo constam os representantes presentes nesta reunião:

Figura 23 - Espaços Museais e representantes – reunião ocorrida em 01/10/2015

Espaço	Representante
Casa da América Latina/DEX	Anelise Weingartner Ferreira
Museu de Geociências/IG	Demerval do Carmo
Faculdade de Educação	Shirleide Cruz
Espaço Piloto/VIS	Denise Camargo
Xiloteca/IB	Juliz Sonsin Oliveira
Museu de Ciência e Tecnologia/FT	Rafael Sousa e Alexandre Romaniz
Arquivo Central	Cynthia Roncaglio e Nathalia Saraiva
Biblioteca Central	Neide Aparecida Gomes
Centro de Excelência em Turismo	Zelia Schervier
Museu de Anatomia Humana	Jussara Rocha Ferreira
Observatório Sismológico	Georje Sand L. A. França
Instituto de Psicologia	Gabriela Mieto
Herbário/IB	Lucia Helena Soares e Silva
Faculdade de Comunicação	Jairo Coelho
Museu de Anatomia Veterinária	Eduardo Lima

Fonte: Nota Técnica – nº 0/2019/FCI /CM

Consta que a elaboração e aplicação de diagnósticos foi acordada naquela ocasião, ficando a cargo do Curso de Museologia da UnB sua implementação para que a instituição pudesse conhecer a realidade dos espaços e coleções museais. A partir do encaminhamento feito aos professores do Curso de Museologia foram feitas reuniões para que se elaborasse um instrumento que considerasse os seguintes aspectos: histórico de cada espaço/coleção; à natureza administrativa da gestão dos espaços e coleções; as atividades de comunicação desenvolvidas; aquelas relacionadas à gestão dos acervos; as relacionadas à preservação, conservação e segurança dos acervos; aquelas relacionadas às atividades de pesquisa; a situação de infraestrutura, acessibilidade; e recursos humanos e financeiros. (NOTA TÉCNICA Nº 0/2019/FCI/CM).

O Instrumento de Coleta de Dados foi aplicado em 10 espaços museais da Universidade. Foi constatado que todos esses 10 espaços foram criados por iniciativa interna das unidades, departamentos e até mesmo professores: “ao contrário do Plano Orientador da UnB, datado de 1962 que previa a criação de Museus por esta universidade (da Civilização Brasileira, de Ciência, de Artes), ao que parece, todos esses 10 espaços foram criados por iniciativa interna das unidades, departamentos e até mesmo professores, que, na execução de suas atividades finalísticas (ensino, pesquisa, extensão) foram formando as coleções e acervos, muitos de finalidade didática. (NOTA TÉCNICA Nº 0/2019/FCI/CM).

No que diz respeito aos resultados encontrados pelo instrumento, e levando em consideração que nesta nota técnica foi informado que na maior parte dos casos os questionários não foram respondidos pelos gestores das unidades, vale destacar os dados que se referem à documentação e subordinações. Entre os dez espaços existentes na listagem da referida nota técnica, três possuem documentação que diz respeito ao ato de criação, são estas: Centro de Planejamento Oscar Niemeyer; Casa da América Latina (CAL); Observatório Sismológico e as oito restantes não possuíam documentação equivalente, sendo estas: Herbário – IB; Museu de Geociências; Museu de Anatomia Humana; Observatório Sismológico; Xiloteca –IB; Observatório Luiz Cruls; Museu de Anatomia Veterinária; e Experimentoteca. Em relação à subordinação é interessante notar que embora todos os espaços pertençam à mesma instituição de ensino superior, estes estão tutelados de maneiras diversas, alguns subordinados à reitoria, outros no decanato de extensão, outros à departamentos, e outros à direção dos seus respectivos centros de custo. (NOTA TÉCNICA Nº 0/2019/FCI/CM).

Sobre a análise presente nesta nota técnica, se destacam os que dizem respeito à documentação e infraestrutura, sendo que foi constatado que a maior parte dos espaços não

possuía documentação adequada: “Consideramos esse outro ponto bastante sensível: sem um sistema de documentação museológica adequado, não seremos capazes de fornecer dados sobre o nosso patrimônio científico e tecnológico”. Sobre infraestrutura foi informado que os dados que diziam respeito à gestão de riscos foram bastante precários. (NOTA TÉCNICA Nº 0/2019/FCI/CM).

Nas conclusões da nota também existem pontos interessantes, como a questão da falta de profissionais específicos “Há que se ressaltar igualmente o não cumprimento da legislação profissional: dos 10 espaços, apenas dois têm museólogo. A legislação, que data de 1984, estabelece que cada espaço museológico deve ter pelo menos 1 museólogo. Há um déficit, portanto de 8 profissionais. (NOTA TÉCNICA Nº 0/2019/FCI/CM). Finalmente, a nota técnica finaliza com a seguinte constatação:

No que se refere à infraestrutura a situação, no geral, não é a das melhores: a Casa da América Latina não possui acessibilidade e fica situada em área externa ao campus Darcy Ribeiro onde, não só pela temática, mas pelo público frequentador do Setor Comercial Sul poderia realizar um trabalho de inclusão bastante significativo. De uma maneira geral, esses espaços não atendem à legislação referente à acessibilidade. A infraestrutura também é precária no que diz respeito à gestão de riscos. Foi bastante recorrente no momento da aplicação dos questionários a sinalização dos entrevistados de que, sem o treinamento específico, não adianta haver extintores de incêndio disponíveis, por exemplo. (NOTA TÉCNICA Nº 0/2019/FCI/CM).

Em contato feito com a então coordenadora do Curso de Museologia da UnB no primeiro semestre de 2020, foi informado que ainda não foi possível avançar nesta pesquisa, e que as informações disponíveis são as presentes na nota técnica nº 0/2019/FCI/CM (informação pessoal)⁹¹.

Embora a UnB não possua ainda rede de museus universitários não se desconsidera a importante iniciativa de diagnóstico do curso de Museologia da UnB desta instituição, mesmo que a própria nota técnica sinalize que foram identificadas falhas e dificuldades na coleta de dados sobre os museus universitários nesta instituição. Dessa maneira, em junho de 2019, para esta pesquisa, foi feita busca na base de dados do UMAC com o objetivo de obter e comparar mais dados sobre a quantidade de museus universitários especificamente na UnB.

Em busca na base de dados mundial do UMAC foram obtidos 9 resultados, tendo sido localizados os seguintes espaços: Casa de Cultura da América Latina, Coleções do Departamento de Zoologia da UnB, Herbário, Museu de Anatomia Humana, Museu das

⁹¹Contato feito com Dra. Monique Magaldi via correio eletrônico em 21 jan. 2020.

Ciências da Terra, Museu Virtual de Ciência e Tecnologia, Museu Virtual de Artes Visuais de Computadores, Observatório Astronômico, e Observatório Sismológico. Todos os ambientes aparecem como pertencentes à UnB (BASE DE DADOS UMAC, 2019). Por ser servidora da UnB, sei, por exemplo, que o Museu de Anatomia Veterinária, a Fazenda Água Limpa, a Experimentoteca, a Coleção de Obras Raras da Biblioteca Central da UnB, não constam, no momento desta coleta, na Base de Dados do UMAC.

Foi realizada então pesquisa no sítio eletrônico institucional da UnB, e não há link de acesso que faça a indicação de museus e coleções visitáveis desta instituição. Há, no entanto, um link direto no menu “comunidade” para o sítio eletrônico da Casa da Cultura da América Latina (CAL), uma dos dois únicos espaços da UnB que possui individualmente um menu no sítio eletrônico da instituição⁹², sendo o outro contemplado o Museu Virtual de Ciência e Tecnologia, no menu “serviços”. Os critérios para escolha desses dois espaços estarem evidenciados na página institucional da UnB não foram encontrados.

Com o objetivo de aprofundar a busca no ambiente do sítio eletrônico institucional da UnB, foi feito acesso à Carta de Serviços⁹³, com data de 2014. Neste documento foi possível encontrar um tópico que se destina aos museus e coleções, a problemática está no fato de aparecerem apenas 6 espaços, sendo estes: a Casa da Cultura da América Latina (CAL), o (sic) Instituto de Geociências (IG), o Museu de Geociência (MGeo), o Museu Virtual de Ciência e Tecnologia, o Museu Físico de Anatomia Humana (MAH), e o Museu de Anatomia Veterinária.

⁹²Vide: <http://www.cal.unb.br/>. Acesso em : 22 jan. 2020.

⁹³Vide: http://www.unb.br/images/Noticias/2016/Documentos/Carta_Cidadao.pdf. Segundo Menu da aba “serviços”. Essa carta foi composta em UnB PRO – fonte projetada por Gustavo Ferreira – para a Ouvidoria da Universidade de Brasília na primavera/verão do <cartadeservicounb@unb.br> no ano de 2014. Acesso em: 20 jan. 2020.

Figura 24 - Museus e Coleções UnB

MUSEUS E COLEÇÕES

Museu Virtual de Ciência e Tecnologia



Foto: Júlia Seabra

Tipo de serviço prestado: É um espaço de divulgação científica que promove o acesso democratizado das culturas artísticas, científica e tecnológica, despertando assim o interesse pelo conhecimento do público em geral, e, sobretudo, entre os mais jovens, além de buscar maior proximidade entre a UnB e a sociedade. Realiza exposições, atividades lúdico-educativas e conteúdos sobre ciência e tecnologia. Dispõe de uma biblioteca virtual com coleção de artigos de divulgação científico-tecnológica. O visitante encontra também o caminho para conhecer outros museus e espaços oferecidos por instituições nacionais e internacionais.

COMO ACESSAR SEUS SERVIÇOS

Por telefone
(061) 3107-2817

Pessoalmente
Campus Universitário
Darcy Ribeiro

Site
www.museuvirtual.unb.br/index.htm

Carta de Serviços da UnB ao Cidadão 130

Fonte - Carta de Serviços da UnB ao Cidadão

Inferese que a própria instituição desconhece espaços contemplados na base do UMAC, e existem ainda aqueles que não são mencionados em nenhum dos dois locais de busca, tornando mais difícil ainda a tarefa de mensurar quantitativamente estes museus ou coleções universitárias, e em consequência a dificuldade na análise qualitativa dos serviços prestados.

A partir desses levantamentos mais apurados conclui-se que há a necessidade de uma política de museus universitários coordenada, integrada e com visibilidade, uma vez que dados replicados e descoordenados impedem uma maior compreensão do universo de museus e coleções universitárias existentes nas universidades.

Embora a Universidade de Brasília não possua uma rede de museus universitários como a UFMG e a UFRGS, citadas neste trabalho, existem “redes extra universidade”, que agregam espaços de dentro e fora da universidade, e surgem como importantes aliados aos seus membros.

Ana Carvalho, sobre redes verticais informava que “uma rede de museus assim constituída não exclui a integração de uma ou mais de suas unidades ao outro tipo de rede, como o horizontal, por exemplo. Neste caso, a rede envolve vários museus, mas de entes proprietários diferentes e com suas estruturas administrativas próprias, porém unidos numa parceria viando a interesses comuns. (CARVALHO, 2008, p. 44).

Neste sentido, e como contribuição dentro da pesquisa sobre as redes da UnB, apresentarei a Rede Distrital de Educação e Divulgação Científica do Distrito Federal (Rede Ciência), da qual o Museu de Anatomia Humana da UnB faz parte e tem sido uma importante parceria e gerado excelentes resultados que serão mais aprofundados no decorrer do trabalho.

Como resultado das discussões dos quatro grupos⁹⁴ de trabalho do V Fórum Permanente de Museus Universitários – que serão melhor detalhados no quarto capítulo – publicou-se um documento com diretrizes para uma política de museus e coleções universitárias. Em sua versão preliminar⁹⁵, no tópico número um, “Da gestão de museus e coleções universitárias” consta diretriz que foi consolidada e mantida em sua versão final: “d) Buscar formas de integração e interação entre os museus e coleções universitários e entre estes e a sociedade, por meio do estabelecimento e/ou fortalecimento de redes, sistemas e associações de amigos.” (DIRETRIZES PARA UMA POLÍTICA DE MUSEUS E COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS, 2018).

A diretriz proposta por este documento final parece estar alinhada com a prática recente no Distrito Federal, com criação da criação da Rede Distrital de Educação e Divulgação Científica/Rede Ciência, uma iniciativa da Universidade de Brasília (UnB) e Governo do Distrito Federal (GDF), em 15 de julho de 2016.

A ideia de criação de uma rede começou a ser desenhada com a construção e publicação do *Guia Turístico Científico de Brasília*⁹⁶, resultado do trabalho de cooperação entre a Secretaria Adjunta de Ciência, Tecnologia e Inovação e a Secretaria Adjunta de Turismo de Brasília, no qual foram apresentadas informações de 18 instituições de educação científica não-formal do DF⁹⁷, sendo, à época, de quatro pertencentes à Universidade de Brasília: Museu De

⁹⁴GT 1: Gestão dos Espaços de Tutela do Patrimônio Universitário, GT 2:Salvuarda do Patrimônio Universitário e a interface com o ensino, pesquisa e extensão; GT 3:Comunicação do Patrimônio Universitário e a interface com o ensino, pesquisa e extensão; GT 4: O Fórum Permanente de Coleções e Museus Universitários e a criação de redes. Realizado no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG; em 11 out. 2018.

⁹⁵Diretrizes para uma Política de museus e coleções universitárias: documento preliminar. Tópico 1, letra “d”. <https://www.ufmg.br/rededemuseus/forum2018/wp-content/uploads/2019/02/diretrizes.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

⁹⁶Disponível em: https://noticias.unb.br/images/Noticias/2016/Documentos/Guia_Turismo_Cientifico.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.

⁹⁷Instituto Nacional de Meteorologia (INMET); Memorial Dos Povos Indígenas; Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA); Parque Educador Instituto Brasília Ambiental (IBRAM); Museu De Anatomia Humana da Universidade De Brasília (MAH); Arquivo Público do Distrito Federal; Companhia de Saneamento Ambiental Do DF (CAESB); Jardim Botânico de Brasília; Museu de Armas Da Polícia Civil do DF; Museu de Drogas da Polícia Civil Do DF; Museu de Anatomia Veterinária da Universidade de Brasília; Observatório Sismológico da Universidade de Brasília; Instituto Histórico Geográfico do Distrito Federal (IHG-DF); Museu da Imprensa – Imprensa Nacional; Parque Nacional de Brasília; Centro Vocacional Tecnológico em Agroecologia Fazenda Água Limpa da Universidade De Brasília; Planetário de Brasília; Jardim Zoológico De Brasília.

Anatomia Humana; Museu de Anatomia Veterinária; Observatório Sismológico da Universidade de Brasília; e Centro Vocacional Tecnológico em Agroecologia Fazenda Água Limpa. (GUIA TURÍSTICO CIENTÍFICO DE BRASÍLIA, 2016)

Segundo texto introdutório do Guia Turístico Científico de Brasília a elaboração deste faz parte de uma das premissas estratégicas da pasta da Secretaria Adjunta de Turismo do Distrito Federal, o chamado Turismo Criativo, entendido como uma forma de diversificar os segmentos que compõem a economia do turismo. O objetivo era motivar o deslocamento do público por meio do interesse por estudos, pesquisas e vivências que trariam um diferente olhar do turista sobre Brasília. (GUIA TURÍSTICO CIENTÍFICO DE BRASÍLIA, 2016). Nesse sentido:

O mapeamento de uma rede de ambientes não formais de educação e de divulgação científica é uma ação estrutural de nossa Secretaria Adjunta, na perspectiva de que possamos fomentar a constituição de um ambiente amplo de promoção da Ciência, da Tecnologia e da Inovação em Brasília e em sua Região Metropolitana. Temos nessa ação um elemento que pode contribuir para que tanto a população escolar, quanto o público de modo geral, possam ter aproximações com essas áreas, o que pode refletir na promoção de interesses pelas mesmas, da adoção de carreiras científicas e na constituição de uma cidade amplamente servida por conhecimentos importantes, que diz respeito não apenas aos campos científicos, mas ao nosso cotidiano. (GUIA TURÍSTICO CIENTÍFICO DE BRASÍLIA, 2016).

O lançamento do guia ocorreu na mesma data de oficialização da Rede Ciência, em 15 de julho de 2016. Segundo notícia na página da UnB⁹⁸, no evento, também foi divulgado o lançamento de edital no valor de R\$1,5 milhão, direcionado aos pesquisadores e profissionais das instituições que integram a Rede Ciência à Época.

O Decreto nº 37.486, de 15 de julho de 2016 institui a Rede Distrital de Educação e Divulgação Científica (Rede CIÊNCIA). Em seu Art. 1º é esclarecido o objetivo desta rede: “fica instituída a Rede Distrital de Educação e Divulgação Científica – Rede CIÊNCIA, com o objetivo de fortalecer a educação científica e tecnológica em espaços não formais do Distrito Federal.” (DECRETO Nº 37.486, 2016).

O Art. 2º esclarece que a Rede é constituída pelo conjunto dos ambientes de educação e divulgação científica em espaços não formais, e tem por finalidade - fazer a integração física e virtual dos ambientes de educação no âmbito do Distrito Federal; II - promover ações coletivas de valorização da educação científica destinada à população do Distrito Federal; III - integrar esforços em prol da educação científica da população escolar do Distrito Federal; IV - contribuir

⁹⁸Disponível em: www.noticias.unb.br/112-extensao-e-comunidade/810-redeciencia-e-inaugurada-com-o-lancamento-do-guia-turistico-cientifico-de-brasilia. Acesso em: 4 abr. 2019.

para a formulação e o acompanhamento de políticas públicas de educação e divulgação científica no âmbito do Distrito Federal.” (DECRETO Nº 37.486, 2016).

O Art. 3º esclarece que compete à Secretaria de Estado da Casa Civil, Relações Institucionais e Sociais, por meio da Secretaria Adjunta de Ciência, Tecnologia e Inovação, a instituição e regulamentação de comissão para coordenar a Rede CIÊNCIA.” (DECRETO Nº 37.486, 2016).

O Regimento Interno da Rede Ciência de 05 de abril de 2019 estabelece que:

§ 1º. Os ambientes da Rede CIÊNCIA são aqueles que, de forma comprovada, contínua e sem fins lucrativos, promovem, divulgam e/ou realizam ações de educação e divulgação científica não formais; mantêm dinâmicas de acolhimento ao público externo (alunos, professores e comunidade); e estão, necessariamente, localizados no Distrito Federal.

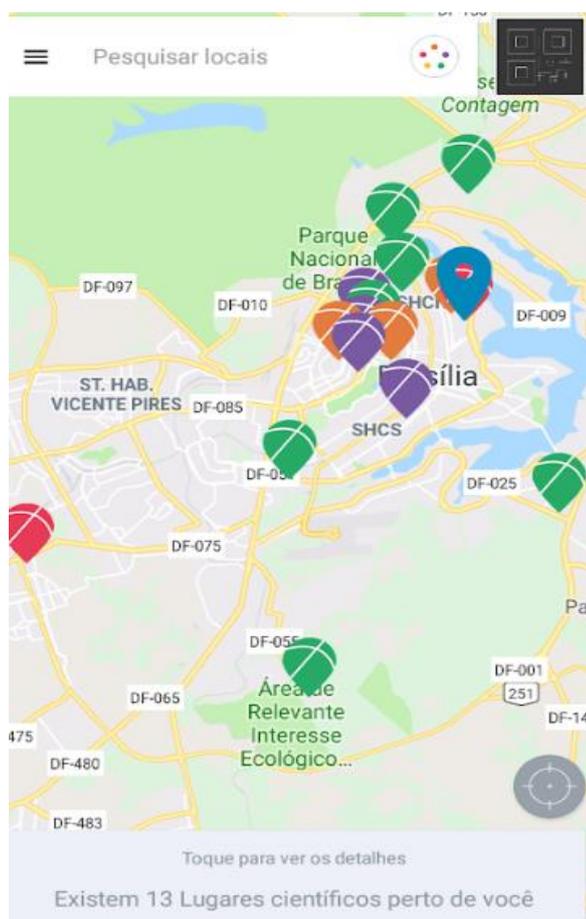
Art. 2º - A Rede CIÊNCIA é coordenada por comissão constituída por 05 (cinco) integrantes, sendo 01 (um) indicado pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Distrito Federal (SECTI) e os demais indicados dentre os coordenadores dos ambientes membros da Rede CIÊNCIA.

Como resultados positivos de criação da Rede Ciência, há dois principais benefícios, a criação de um aplicativo interativo com mapa que sinaliza os ambientes de divulgação científica de determinada região, e a participação de membros da rede na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, por meio de projetos escritos por seus membros que são encaminhados em conjunto via Rede.

Sobre o aplicativo, o pesquisador Bruno Santos Ferreira desenvolveu com o professor Gilberto Lacerda, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), o aplicativo Ciência-Ação⁹⁹. Ao acessar a ferramenta, o usuário dispõe de uma tela com navegação interativa pelo mapa que sinaliza os 18 roteiros sugeridos, que estão divididos em cinco categorias: *Espaço e terra; História e geografia; Meio ambiente; Museu; Saúde*. Dessa forma, o usuário pode selecionar os destinos de acordo com seu interesse. Ainda no aplicativo estão as informações gerais sobre aquele espaço, como exposições, horário de atendimento e contato para agendamento de visitas, além de poder responder à uma pergunta elaborada pelo próprio espaço, que possa ser respondida após a leitura de um dos três QR Codes disponíveis, sendo que os outros dois são o QR Code de check-in na instituição e o outro o QR Code de *check-out* com possibilidade de avaliação do espaço. Para cada QR Code utilizado visitante ganha uma pontuação.

⁹⁹Disponível em: www.noticias.unb.br/112-extensao-e-comunidade/2730-aplicativo-sugere-roteiros-para-turismo-cientifico-em-brasilia. Acesso em: 17 mai. 2019.

Figura 25 - Tela aplicativo Ciência Ação



Fonte: captura de tela realizada pela autora em 26/12/2018.

Além disso, a participação na Rede Ciência possibilita que o Museu de Anatomia Humana da UnB e demais espaços possam angariar recursos para participar do evento sede da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, por meio do apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF). Nos anos de 2018 e 2019 foi possível obter recurso para participação, sendo que o Museu de Anatomia Humana pode realizar exposições alinhadas aos temas dos eventos durante esses dois anos.

Como visto no capítulo anterior a criação de redes de museus universitários e realização de diagnósticos se configuram como estratégias de reconhecimento para os museus universitários. As questões sobre os museus universitários também são lançadas em mesas redondas, fóruns nacionais e internacionais, e essas iniciativas também se configuram como importante estratégia de articulação. Nos próximos capítulos será feita a análise e descrição dos encontros nacionais por meio da transcrição da vasta documentação coletada que, devido seu grau de importância, foi transcrita em vários momentos. Os resultados encontrados a partir

dessa análise possibilitarão que se compreenda quais foram as inconsistências encontradas, quais foram os principais pontos de discussão desses encontros, e quais pautas permanecem no debate.

Os capítulos três e quatro irão, portanto, organizar, correlacionar e rerepresentar de forma minuciosa ampla gama de informações constantes em documentação sobre momentos decisivos para os encontros de museus universitários.

CAPÍTULO 3 - I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Aqui a finalidade é recapitular parte da história do I Encontro Nacional de Museus Universitários, evento oficial pioneiro e de grande notável relevância para as discussões sobre museus universitários no Brasil. O conteúdo é resultado da descrição e transcrição de vasta documentação obtida no Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG), enviada pelo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG).¹⁰⁰

Depois de consulta ao CIDARQ, em março de 2019, foi informado que a documentação sobre o I ENMU se encontrava em estado delicado de conservação além de não digitalizada. Em abril do mesmo ano, foi verificado pela equipe do Arquivo que o volume era razoavelmente pequeno, de modo que seria possível fazer a digitalização integral do conteúdo e colocá-lo à disposição, e inclusive, aproveitar a solicitação de pesquisa para realizar o tratamento dos documentos.

O acesso à documentação permitiu localizar correspondências enviadas e recebidas para realização do I ENMU, textos das comunicações, notícias de jornal, material de divulgação do evento, dentre outros a serem relatados neste capítulo no intuito de recapitular o evento, cujos detalhes só puderam ser encontrados em documentação empírica, que merece ser explorada, preservada e destacada.

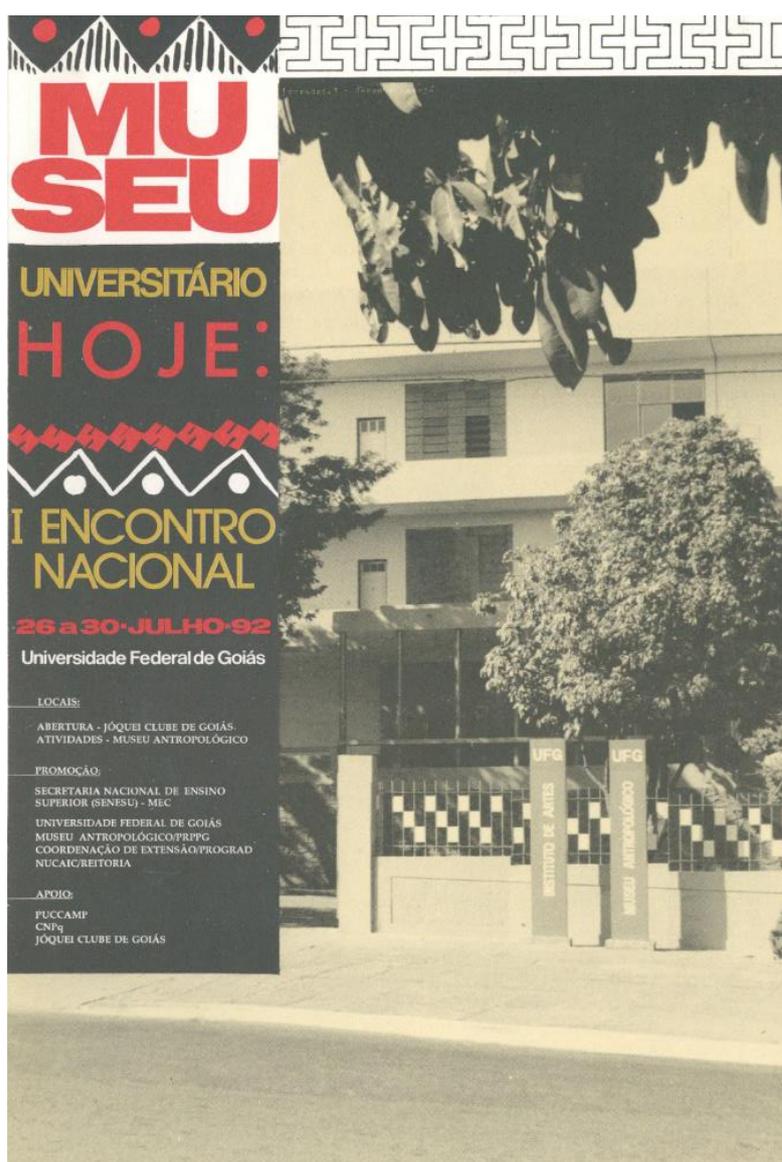
O texto de apresentação da comissão organizadora do Fórum Permanente de Museus Universitários, realizado em Natal, no ano de 2001 – cujos maiores detalhes constarão no próximo capítulo – traz observações sobre o I Encontro Nacional. Tais considerações servem como excelente ponto de partida para a compreensão da importância e da proporção que o I Encontro Nacional de Museus Universitários de 1992 teve para os encontros posteriores:

Há nove anos, 1992, na cidade de Goiânia, realizou-se o I Encontro Nacional de Museus Universitários. Suas Conclusões Gerais serviram agora de norte para aprofundar uma reflexão coletiva, fazendo dialogar a museologia, educação, arte, história, comunicação, estratégias de desenvolvimento sustentável e outros saberes afins. Pensa-se, assim, contribuir para consolidação dos museus em geral, e dos museus universitários, na produção e na democratização dos conhecimentos. (ANAIS, Museu Câmara Cascudo, 2001).

¹⁰⁰Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado 283 p. 1992. Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG). Solicitação feita ao <arquivo.cidarq@ufg.br>. Acesso em: 29 abr. 2019.

Assim, entre os dias 26 e 30 de julho de 1992, ocorria o seminário “Museu Universitário Hoje” - I Encontro Nacional de Museus Universitários (I ENMU), na Universidade Federal de Goiás (UFG), promovido pela própria UFG e pela Secretaria Nacional de Ensino Superior (SENESU), com apoio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), tendo como patrocinadores o Banco do Estado de Minas Gerais S.A. e o Jockey Clube de Goiás. (ATA I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

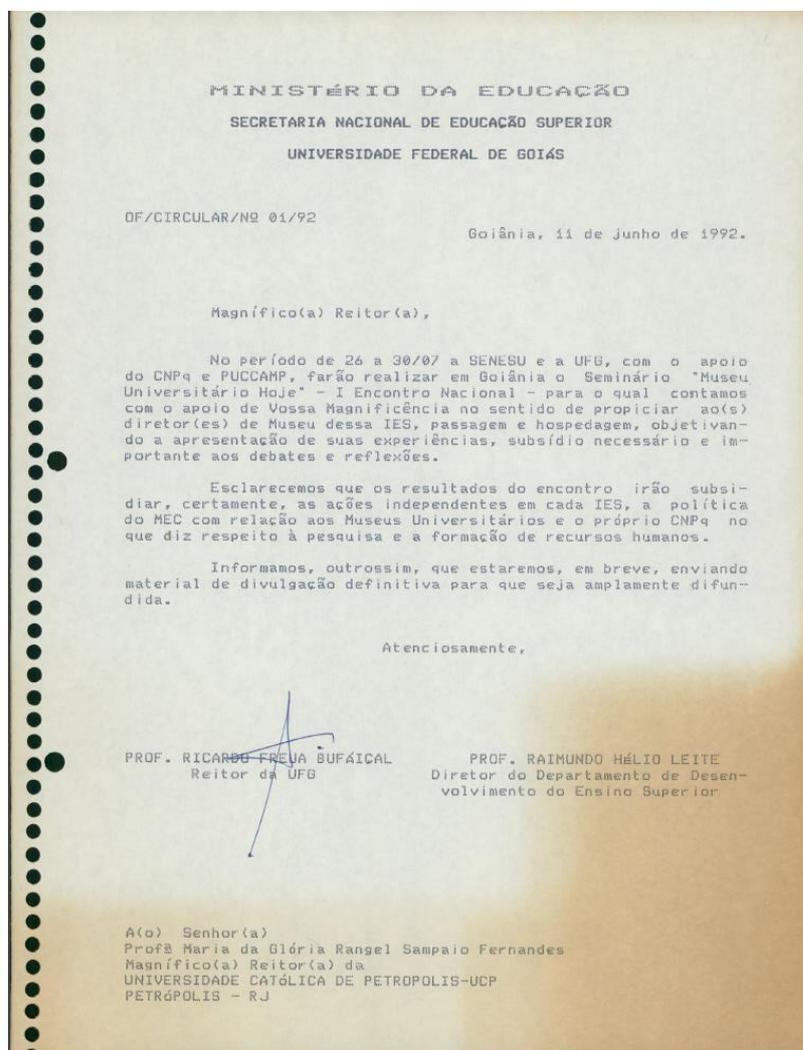
Figura 26 - Folder I Encontro Nacional



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Na correspondência abaixo, vê-se que, antes deste primeiro encontro, já havia expectativa acerca dos possíveis resultados, que incluíam condutas independentes de cada instituição de ensino superior, uma política do Ministério da Educação e Cultura (MEC) para os museus universitários e pesquisa e recursos humanos do CNPq.

Figura 27 - Circular SENESU



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFPA

O I Encontro Nacional de Museus Universitários (I ENMU) teve, como equipe organizadora, profissionais de museus universitários. A coordenadora geral foi Regina Márcia Moura Tavares, do Museu Universitário da PUCCAMP, e Edna Luísa de Melo Taveira, do Museu Antropológico da UFPA teve a função de coordenadora local. O apoio técnico e administrativo era composto de profissionais ligados aos museus e universidades. (EQUIPE I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFPA, 1992).

Figura 28 - Equipe “Museu Universitário Hoje”

INFORMAÇÕES

Coordenação Geral
 Profa. Regina Márcia Moura Tavares
 C.C.A. Museu Universitário PUCCAMP
 Rua Marechal Deodoro, 1099 - Centro
 Tel.: (0192) 2-7001 ramal 262
 32-0795
 Caixa Postal 317
 CEP: 13020 - CAMPINAS-SP
 TELEX: 1806
 TELEFAX: (0192) 52-8477
 47-3156

Coordenação Local
 Profa. Edna Luísa de Melo Taveira
 Diretora do Museu Antropológico/UFG
 Av. Universitária, 1166 - Praça Universitária
 Tel.: (062) 202-1322 ramal 167
 261-6898
 Caixa Postal: 131
 CEP: 74605-010 - GOIÂNIA-GO
 TELEFAX: (062) 205-1327
 Profa. Luísa Isabel Taveira Rocha
 Coordenação de Extensão e Estágios - PROGRAD/UFG
 Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães
 Núcleo de Coordenação e Apoio a Iniciativas Culturais na UFG
 (NUCAIC/UFG)

APOIO TÉCNICO E ADMINISTRATIVO

- . Profa. Dilamar Cândida Martins - Museu Antropológico
- . Profa. Judite Ivanir Breda - UFG
- . Marina Alves de Oliveira Marques - Museu Antropológico
- . Denise Sodré Abrahão Guadalupe - Museu Antropológico
- . Maria Fátima Vaz de Mattos - PROPLAN/UFG
- . Rita de Cássia Xavier - PUCCAMP

AGRADECIMENTOS

- . Joviro Rocha - Presidente do Jôquei Clube de Goiás
- . Valdir José Medeiros - Vice-Presidente, de Patrimônio, do Joquéi Clube de Goiás
- . Vera Lúcia Pereira Neves - Gerente do Banco do Estado de Minas Gerais
- . Prof. Nelson Cardoso Amaral - Pró-Reitor de Administração e Finanças/UFG
- . Profa. Nazira Fátima Elias - Pró-Reitora de Graduação/UFG
- . Profa. Ilza Vitório Rocha - Pró-Reitora de Planejamento/UFG
- . Prof. Lázaro José Chaves - Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação/UFG
- . Prof. Mário Okuda - FUNAPE
- . Isanulfo Cordeiro - Assessoria de Comunicação/UFG (ASCOM)

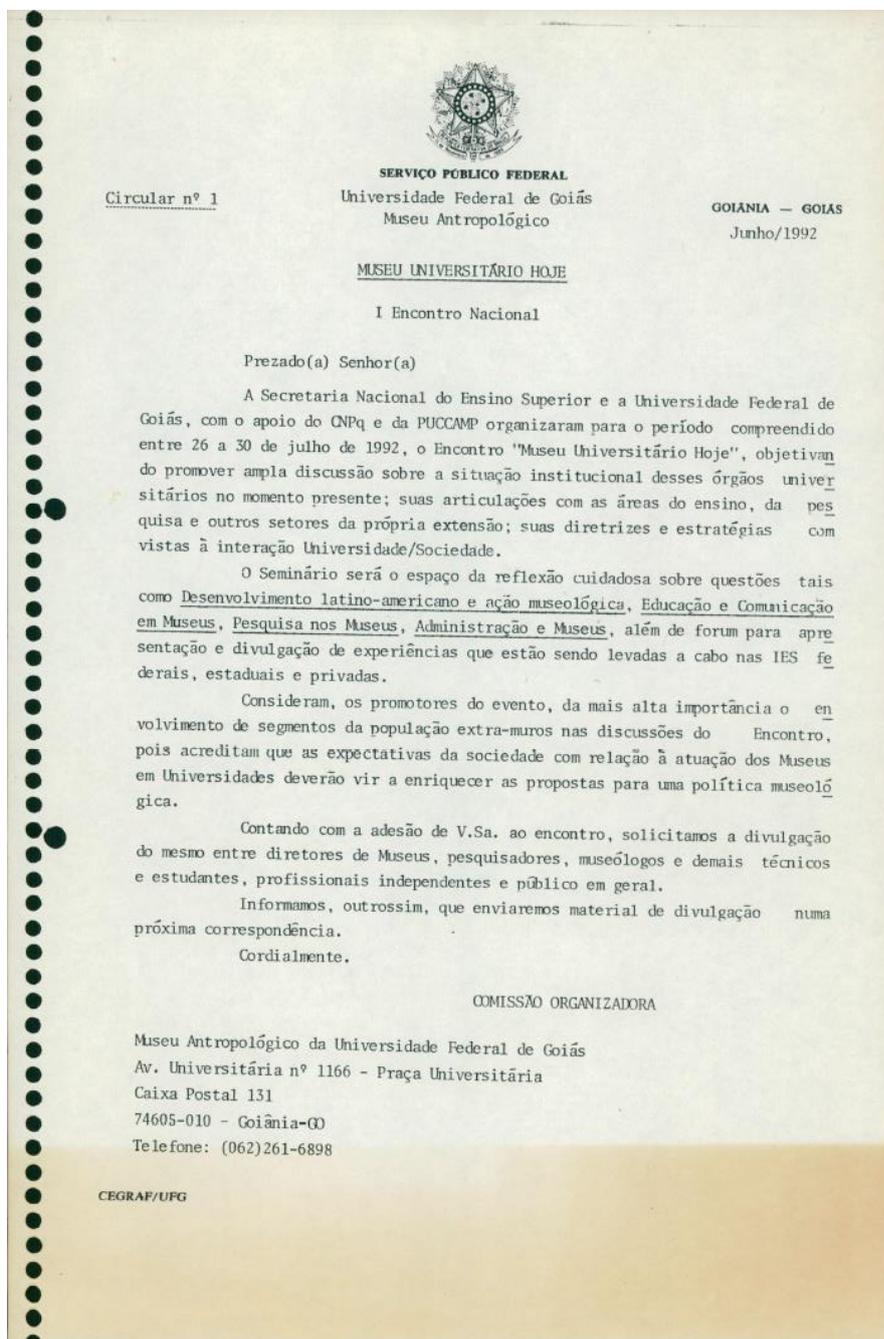
Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

A circular nº 1, redigida pela comissão organizadora do evento, esclarece os objetivos deste I Encontro:

A Secretaria Nacional do Ensino Superior e a Universidade Federal de Goiás, como apoio do CNPq e da PUCCAMP organizaram para o período compreendido entre 26 e 30 de julho de 1992, o Encontro “Museu Universitário Hoje”, objetivando promover ampla discussão sobre a situação institucional desses órgãos universitários no momento presente: suas articulações com as áreas do ensino, da pesquisa e outros

setores da própria extensão: suas diretrizes e estratégias com vistas à interação Universidade/Sociedade. O Seminário será espaço de reflexão cuidadosa sobre questões tais como desenvolvimento latino-americano e ação museológica, educação e comunicação em museus, pesquisa nos museus, administração e museus, além de fórum para apresentação e divulgação de experiências que estão sendo levadas a cabo nas IES federais, estaduais e privadas. (CIRCULAR nº 1, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Figura 29 - Circular nº 1



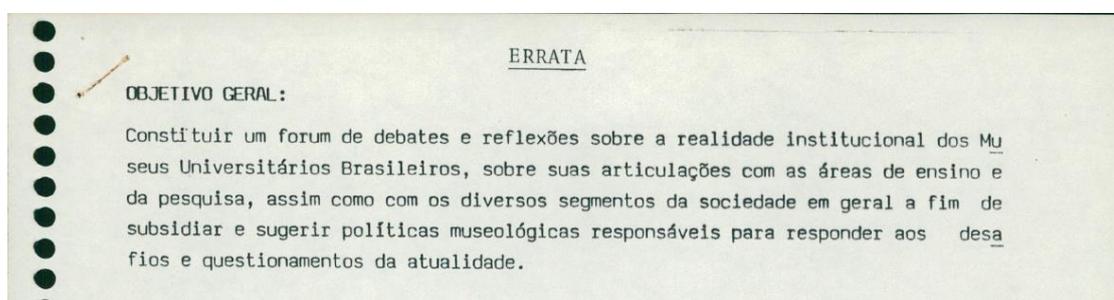
Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

O objetivo geral do I ENMU, conforme consta no folder com a programação do evento, era mais sucinto:

constituir um fórum de debates e reflexões sobre a realidade institucional dos Museus Universitários Brasileiros, sobre suas articulações com as áreas de ensino e da pesquisa, assim como com os diversos segmentos da sociedade em geral a fim de subsidiar e sugerir políticas museológicas responsáveis para responder aos desafios e questionamentos da realidade. (PROGRAMAÇÃO I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Em errata encaminhada a posteriori o objetivo geral manteve-se o mesmo, à exceção da palavra “realidade que foi substituída por “atualidade”. (PROGRAMAÇÃO I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Arquivo do Museu Antropológico da UFG).

Figura 30 - Errata - Objetivo Geral I ENMU



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

A coordenação local do evento, em entrevista ao jornal *O Popular*, acrescenta informações para que se compreenda o objetivo da realização deste encontro, no que diz respeito aos benefícios à sociedade:

Queremos que a população realmente descubra o espaço museal, porque afinal, a sociedade é fonte de nosso estudo. Nosso trabalho começa na pesquisa de campo, no desenvolvimento do trabalho laboratorial, na ação educativa dos alunos de 1º e 2º graus que estão, de certa forma, ligados aos departamentos da universidade, mesmo que seja através de atuais professoras que foram ex-alunos da casa, e posteriormente envolve a comunidade, a mesma que deu origem à pesquisa inicial. (O POPULAR, museus universitários em debate, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

A coordenação geral, em entrevista ao mesmo jornal, destaca a necessidade de estudo de pontos que resultariam na definição de uma política museológica do MEC:

A coordenadora geral do encontro aponta ainda como fator importante para a sua realização o conhecimento da realidade do museu, a partir do qual certamente irão surgir questões que deverão ser estudadas e resultarão em apoio e subsídio para uma

definição da política museológica do Ministério da Educação e Cultura e para as áreas de projetos do CNPq. (O POPULAR, museus universitários em debate, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

A nota abaixo, indicada em documentação como do jornal *Diário da Manhã*, também contribui para o entendimento dos objetivos do encontro, ao sublinhar a necessidade de debates, considerações, e articulação com ensino, pesquisa e sociedade. (DIÁRIO DA MANHÃ, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Figura 31 - Diário da Manhã – Notícia I ENMU



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Por fim, cabe destacar a observação do representante cultural da ONU, Hérnan Crespo Toral, então Diretor do Escritório Regional de Cultura para América Latina e Caribe da UNESCO (ORCALC), que, participando do evento destacou a importância do I Encontro de Museus Universitários no Brasil:

Um dos pontos do brilho desse I Encontro Nacional de Museus, na opinião do professor é a possibilidade de, com ele, se promover a efetiva interação entre os museus do País, com vistas a um trabalho conjunto. Outra vantagem é a de recorrer-se à experiência para a realização de encontros em vários países. "Que os documentos que aqui se produzem sirvam para a integração dos museus e para que eles não se enclausurem na universidade. (O POPULAR, guardião da identidade dos povos, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Conforme salientado por Maria Celia Teixeira Moura Santos, de forma mais intensa a partir da década de 1990, um conjunto de mudanças a respeito dos museus universitários acontecia no Brasil. Para compor este quadro de relatos dos eventos nacionais proposto na pesquisa foi considerada necessária a tarefa de relacionar e integrar pautas de eventos que tivessem relação com o I ENMU. Em um contexto da América Latina, Judite Santos Primo ao analisar as realizações da América Latina, considerava que:

Muitas são as realizações da América Latina nestas duas décadas no campo dos museus. Experiências valiosas, administradas pelo Estado, pela sociedade civil e por pessoas particulares que trataram, em numerosos casos, com êxito, de transformar o museu em um organismo vital para a comunidade e no instrumento eficaz para seu desenvolvimento integral. (PRIMO, 1999, p. 245).

Neste sentido, é importante lembrar que o seminário "Museu Universitário Hoje" - I Encontro Nacional, sediado na UFG, aconteceu alguns meses depois do Seminário "A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios", em Caracas, na Venezuela, entre os dias 16 de janeiro e 6 de fevereiro de 1992.

Vinte anos depois da reunião de Santiago do Chile e poucos meses antes da realização do I Encontro Nacional de Museus Universitários, em 1992, ocorria o seminário na Venezuela. Destaca-se que "o evento buscava renovar e atualizar os compromissos assumidos em 1972 na Mesa Redonda de Santiago do Chile" (UNESCO, 1992) e, para isso, foi subscrita a Declaração de Caracas, que trazia em suas recomendações temas que se assemelham aos do I Encontro Nacional de Museus Universitários, como será visto mais adiante.

O Seminário realizado na Venezuela buscou delinear a missão do museu na América Latina; o papel da comunidade como participante na gestão de seus bens culturais; e as responsabilidades sociais do museu frente à comunidade. (UNESCO, 1992). Os integrantes do

seminário determinaram aspectos prioritários e para cada um deles, foram feitas considerações e recomendações.

A Declaração de Caracas foi subscrita no dia 5 de fevereiro de 1992 por representantes da Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Cuba, Chile, Equador, México, Nicarágua, Peru e Venezuela. O documento foi subscrito inclusive, por Hernán Toral, que fez a abertura do I Encontro Nacional de Museus Universitários no Brasil, e ainda por Yanni Herreman, então presidente ICOM México, Milagros Gómez de Blavia, então coordenador geral e presidente do ICOM Venezuela, e Maria Ismenia Toledo, secretária técnica. Sobre os propósitos do seminário, consta na declaração que:

O propósito do Seminário "A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios" nos levou a refletir sobre a ligação entre o museu e seu ambiente social, político, econômico e ambiental, com resultados promissores. A nova dimensão do museu na América Latina é a de ser um protagonista de seu tempo, chamando primeiramente os trabalhadores do museu e, em particular, seus diretores, que devem assumir a dinâmica da mudança e se preparar para enfrentar com sucesso essa oportunidade transcendente. Essa nova abordagem envolve igualmente as instâncias do poder, **especialmente o poder político**, cuja decisão facilitará cumprimento desta nova missão do museu. (UNESCO, 1992, tradução nossa, grifo nosso).

Na Declaração de Caracas há considerações que sinalizam para algumas questões que se destacam em uma perspectiva de análise dos museus universitários brasileiros: nas considerações sobre *Museu e Comunicação* se adverte que na América Latina “os museus geralmente não estão cientes do potencial da linguagem e de seus recursos de comunicação e muitos não conhecem as motivações, interesses e necessidades da comunidade em que estão inseridos, nem seus códigos de valores e significados” (UNESCO, 1992, tradução nossa). No que diz respeito à documentação museológica, o tópico sobre *Museu e Patrimônio* adverte que “não existe uma correta organização de inventário em muitos de nossos museus, e algumas vezes as instituições carecem do mais mínimo controle de suas coleções” e “que a existência de problemas de conservação nos museus, causada pela falta de recursos, más condições de armazenamento e instalações inadequadas, contribui para a deterioração e perda de patrimônio”. Sobre *Museu e Recursos Humanos* é informado “que o museu na América Latina é uma instituição social cuja especificidade requer recursos humanos treinados, que permitem ao museu valorizar e desenvolver seu potencial; que o papel do museólogo ainda não foi totalmente reconhecido como especialista indispensável para o cumprimento da missão do museu; e que a organização de cursos, alfaiates e seminários é necessária para a atualização do conhecimento dos trabalhadores do museu, não apenas em relação às suas diferentes

especialidades, mas também em relação à visão interdisciplinar que o museu deve ter. (UNESCO, 1992, tradução nossa). Essas considerações são também problemas ainda muito comuns nos museus universitários e estarão alinhadas às recomendações finais dos eventos nacionais brasileiros, como será melhor visto no próximo capítulo.

No concernente às recomendações finais da Declaração de Caracas, é relevante expor, de forma sucinta, algumas que se aproximam das Conclusões Gerais do I Encontro Nacional de Museus Universitários para se compreender que os eventos não são iniciativas isoladas que não se complementam, se assemelham ou sirvam de inspiração, de alguma maneira. Ao contrário, é justamente com o trabalho de comparação e compartilhamento de problemas e soluções de diferentes continentes, países, regiões, cidades ou distintas instituições de ensino superior e/ou tipos de museus que se cria terreno fértil para pensar sobre os museus de forma fundamentada e compreender suas diversas especificidades e necessidades.

No tópico *Museu e Gestão*, visto na Declaração de Caracas, há considerações sobre a necessidade de se responder questões a respeito da identidade desses museus: “um museu tem determinada uma missão transcendental e única que exige dele conhecer as respostas às perguntas chaves tais como: **para que existe? o que procura? para quem trabalha? com quem? quando? e como?** (UNESCO, 1992, tradução nossa, grifo nosso).

A necessidade de compreender para quê e a quem servem esses museus, dentro das suas próprias especificidades, indica que tanto na Venezuela como no Brasil, com a realização do I Encontro Nacional de Museus Universitários, também se buscava fazer diagnósticos e entender que museus eram esses. No caso dos museus universitários, a demanda continua tema na pauta dos encontros de museus universitários mais recentes.

Ainda sobre a Declaração de Caracas, no tópico *Museu e Liderança*, recomendava-se “que os museus especializados assumam seu papel de liderança nas áreas temáticas que lhes são próprias, e que contribuam para desenvolver uma consciência crítica de seu público.” (UNESCO, 1992). O tópico *Museu e Gestão* indicava a promoção de “políticas culturais coerentes e estáveis que garantam a continuidade da gestão do museu. (UNESCO, 1992).

Importante reiterar que o tópico *Recursos Humanos*, na Declaração de Caracas, é tema ainda atual nas discussões do V Fórum Permanente de Museus Universitários realizado no Brasil, na cidade de Belo Horizonte, em 2018. Neste último evento se expunha a carência de profissionalização dos funcionários dos museus, o que demonstra ser este um problema não exclusivo dos museus universitários, mas, também, dos museus da América Latina, embora não

sejam desconsideradas questões particulares e dificuldades de equipe profissional e capacitação ainda muito atuais nos espaços universitários:

A profissionalização do funcionário de museus é uma prioridade que esta instituição deve encarar, como premissa para contribuir para o desenvolvimento integral dos povos. Sua formação deve capacitá-lo para desempenhar a tarefa interdisciplinar própria do museu atual, ao mesmo tempo que lhe conceda os elementos indispensáveis para exercer uma liderança social, uma gerência eficiente e uma comunicação adequada. (UNESCO, 1992).

Como será mostrado no quarto capítulo, não só as recomendações sobre aumento de quadro de funcionários dos museus universitários, mas, também, a capacitação destes ainda são demandas urgentes e indispensáveis. Em uma perspectiva de recomendações para a América Latina, esta também era uma questão, e talvez ainda seja:

Que os museus priorizem e sistematizem a realização de programas de capacitação de recursos humanos; que se estabeleçam parâmetros para o reconhecimento social, para a colocação profissional, para a remuneração econômica dos funcionários de museus, de acordo com sua formação e experiência; que se desenvolvam programas de formação que capacitem o museólogo para detectar valorizar e dar respostas adequadas às necessidades das comunidades; que se valorize o papel que o museólogo desempenha, garantindo as oportunidades de participação, formação, estabilidade e remuneração de acordo com seu nível de especialização; e que se promova uma maior e mais estreita relação com o ICOM através do Comité Internacional de Formação de Pessoal, com o fim de obter seu apoio. (UNESCO, 1992, tradução nossa).

Sobre *Museu e Comunicação* são nove recomendações em torno de ponderações que tinham a finalidade de delimitar o museu como ambiente de relação dos indivíduos e das comunidades com seu patrimônio e a necessidade de uso de códigos comuns e acessíveis ao público. Sobre *Museu e Patrimônio*, são dez recomendações sobre atualização e instrumentalização da legislação. Sobre *Museu e liderança*, que cada museu tenha a clara consciência da realidade socioeconômica a que pertence e assuma sua responsabilidade como gestor social. Sobre *Museu e Gestão*, que o museu defina claramente sua missão, sua estrutura organizativa, e diagnóstico de suas necessidades e as da sociedade na qual está imerso. (UNESCO, 1992).

Ainda no exercício de uma análise comparativa entre os museus universitários e o seminário ocorrido na Venezuela, o trecho abaixo possibilita compreender os aspectos prioritários estabelecidos neste evento:

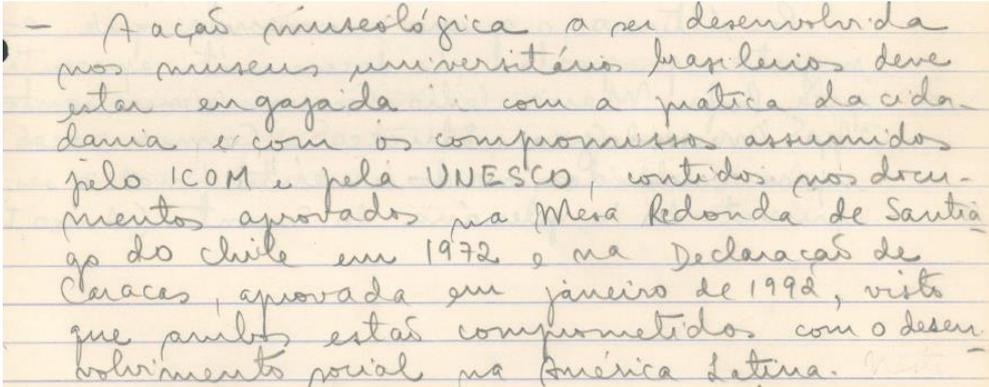
A partir do reconhecimento da profunda crise social, política, econômica e ambiental que atravessa a América Latina, os participantes do Seminário consideram esta como

a ocasião inadiável para examinar **os novos desafios do museu hoje**, e para postular ações para enfrentá-los. Depois das análises efetuadas no transcurso deste Seminário, seus participantes determinaram os seguintes aspectos como prioritários: - **Museu e Comunicação** - **Museu e Patrimônio** - **Museu e Liderança** - **Museu e Gestão** - **Museu e Recursos Humanos**. (UNESCO, 1992, tradução nossa, grifo nosso).

Os aspectos prioritários no trecho acima, resultantes do seminário "A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios", sediado em Caracas, parecem bem se ombrear àqueles discutidos em julho de 1992, no seminário "Museu Universitário Hoje" - I Encontro Nacional, sediado na UFG, uma vez que, neste último, havia temas similares nas recomendações finais e na pauta dos grupos de discussão. Além disso, a Declaração de Caracas estava listada na terceira posição entre os oito textos que serviram de subsídio de leitura para a promoção do I Encontro Nacional de Museus Universitários, a ser visto mais adiante. (SUBSÍDIOS DE LEITURA I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992). Os painéis do I Encontro Nacional de Museus Universitários também parecem se conciliar aos aspectos prioritários do Seminário acontecido na Venezuela, citados acima, uma vez que os painéis do I ENMU foram organizados da seguinte maneira: 1. o museu na estrutura da universidade: acertos e erros; 2. ação museológica: educação e comunicação; 3. a pesquisa nos museus; e 4. administração e museus. (PROGRAMAÇÃO I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Arquivo do Museu Antropológico da UFG).

Ainda com ênfase na circulação das questões aqui destacadas relacionadas ao I Encontro Nacional de Museus Universitários comparado ao seminário "A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios, foi identificado no rascunho com as discussões do Grupo de Trabalho 2 do I ENMU – que dizia respeito ao tema "Museus e Cidadania" – trecho que sinaliza perspectiva de um alinhamento da ação museológica com os compromissos assumidos nos documentos aprovados na Mesa Redonda de Santiago do Chile e na Declaração de Caracas:

Figura 32 - Grupo de Trabalho 2/I ENMU



- A ação museológica a ser desenvolvida nos museus universitários brasileiros deve estar engajada com a prática da cidadania e com os compromissos assumidos pelo ICOM e pela UNESCO, contidos nos documentos aprovados na Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972 e na Declaração de Caracas, aprovada em janeiro de 1992, visto que ambos estão comprometidos com o desenvolvimento social na América Latina.

Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Tal trecho foi reiterado e oficializado no documento final com as Conclusões Gerais do I Encontro Nacional de Museus Universitários:

Figura 33 - Compromissos América Latina/I ENMU

A ação museológica a ser desenvolvida nos museus universitários brasileiros deve estar comprometida com a prática da cidadania e com os compromissos assumidos pelo ICOM e pela UNESCO, contidos nos documentos aprovados na Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, e na Declaração de Caracas, em janeiro de 1992.

Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Desta maneira, o I Encontro de Museus Universitários expõe, em suas pautas, questões e conclusões gerais, sinais de comprometimento com itens e problemáticas discutidas na América Latina, na Declaração de Caracas, de 1992. No trecho acima também há menção à um evento anterior, a Mesa Redonda de Santiago do Chile, de 1972, que entre outros, trazia novas análises para que os museus cumprissem sua ação social e se comprometessem com o desenvolvimento social na América Latina.

No respeitante às bases do museu integral, discutido no evento de Santiago do Chile, em 1972, estas instituições, os museus, deveriam desempenhar um papel decisivo na educação da comunidade. As resoluções da Mesa Redonda de Santiago do Chile traziam considerações e recomendações em torno de cinco temas: por uma mutação do museu da América Latina; em relação ao meio rural; em relação ao meio urbano; em relação ao desenvolvimento científico e técnico; em relação à educação permanente; e pela criação de uma Associação Latino Americana de Museologia. (PRIMO, 1999, p. 111).

A criação de uma associação Latino-Americana trazia em suas considerações especificidades para a realidade dos seus museus, por exemplo, considerar dificuldades sociais dos países que a compõem; a dificuldade, à época, de comunicação entre os museólogos da América Latina com o restante do mundo; e a dificuldade de reconhecimento da importância dos museus por parte das autoridades. (PRIMO, 1999, p.118). Sobre as recomendações desse evento, vale destacar o seguinte trecho a seguir que demonstra que o desafio era grande especialmente na América Latina:

que, especialmente nos países latino-americanos, eles devem responder às necessidades das grandes massas populares, ansiosas por atingir uma vida mais próspera e mais feliz, através do conhecimento de seu patrimônio natural e cultural, o

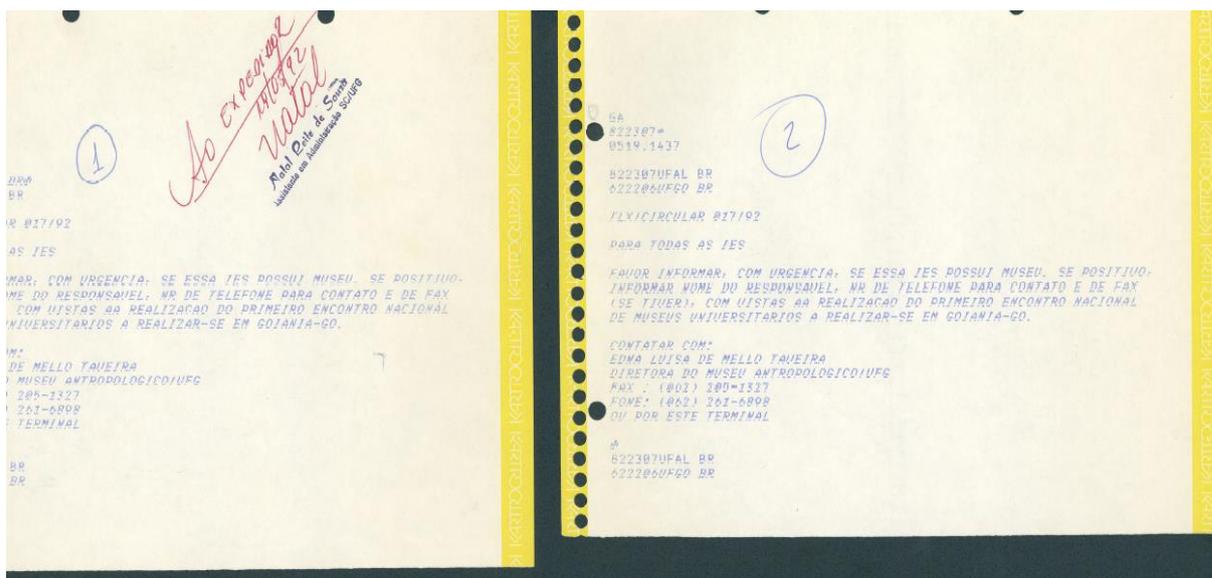
que obriga freqüentemente os museus a assumir funções que, em países mais desenvolvidos, cabem a outros organismos; que os museus e os museólogos latino-americanos, com raras exceções, sofrem dificuldades de comunicação em razão das grandes distâncias que os separam um do outro, e do resto do mundo; que a importância dos museus e as possibilidades que eles oferecerem à comunidade ainda não são plenamente reconhecidas por todas as autoridades, nem por todos os sectores do público. (PRIMO, 1999, p.118).

As observações acima indicam que, ao refletir e pensar acerca de propostas para museus, é importante levar em conta as particularidades que envolvam o contexto de cada instituição e os aspectos sociais de um país ou região, além de uma perspectiva global. Afinal, os museus universitários brasileiros estão também incorporados nos debates da América Latina, que, por sua vez, se inclui em um mundo com diferentes perspectivas, mas com desafios comuns concernentes aos museus. Tais discussões não seriam diferentes para museus universitários no Brasil, que, com o advento do I Encontro Nacional de Museus Universitários, realizado em 1992, procurou, entre pares, dividir adversidades, particularidades e possíveis soluções, como será visto a seguir.

Para a organização deste primeiro encontro de museus universitários no Brasil, foram enviadas circulares aos reitores das Instituições de Ensino Superior (IES) com o intento de compreender quais delas possuíam, em suas instituições, museus universitários. Nas circulares, é possível ver que houve uma solicitação direcionada às universidades com a instrução de que informassem o nome e o contato do responsável por cada museu. O contato deveria ser feito com a então coordenadora local no I ENMU e diretora do Museu Antropológico da UFG, Edna Luisa de Mello Taveira. (CIRCULARES IES, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

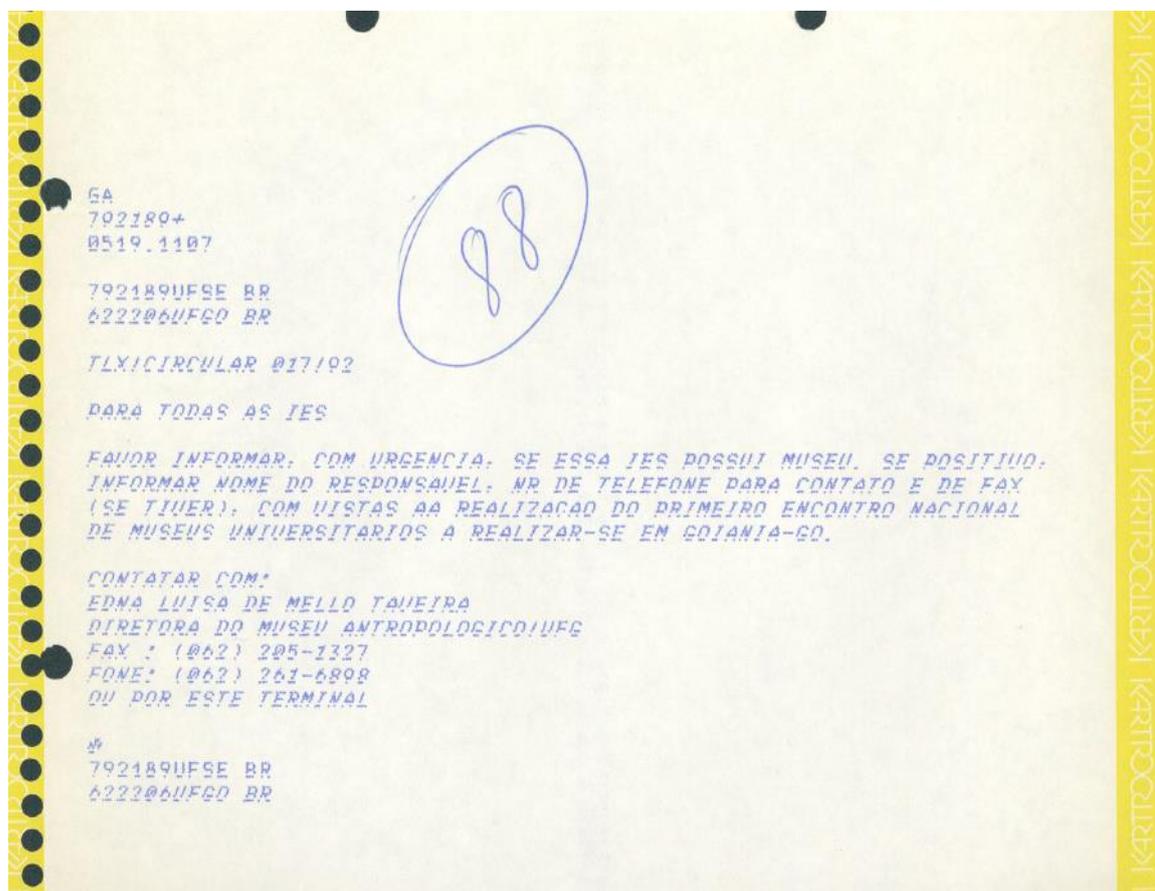
Na documentação encontrada, foram contabilizadas 88 circulares, todas com o mesmo texto: “Favor informar, com urgência, se essa IES possui museu, se positivo, informar nome do responsável, (sic) número de telefone para contato e de fax (se tiver), com vistas (sic) à realização do primeiro encontro nacional de museus universitários a realizar-se em Goiânia – GO.” (CIRCULARES IES, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Figura 34 - Circular para reitores e reitoras



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Figura 35 - Circular 88



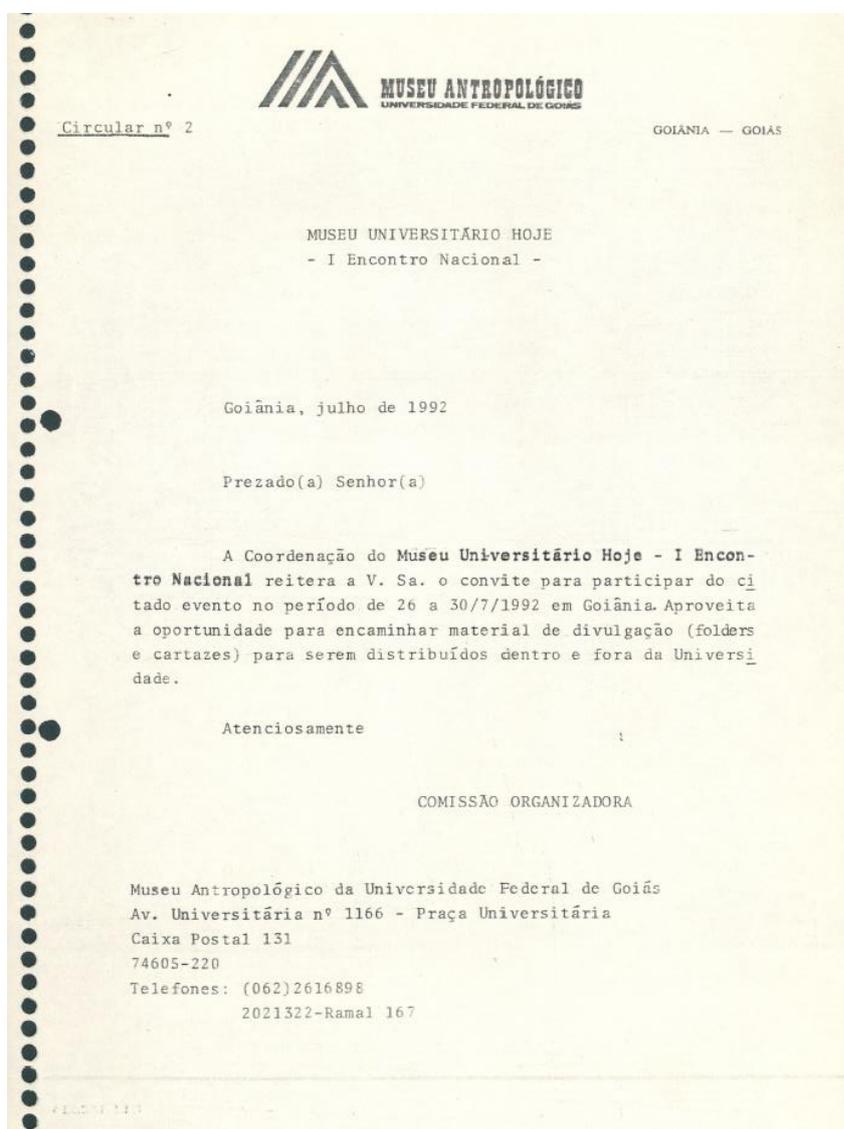
Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

As coordenadoras do evento encaminharam solicitação de um resumo de 15 linhas da fala de cada participante dos painéis, além de um documento que contendo as ideias fundamentais a serem desenvolvidas:

Considerando nossos entendimentos telefônicos a respeito da realização do evento “Museu Universitário Hoje” – I Encontro Nacional”, no período de 26 a 30 de julho de 1992, confirmamos a participação de V.Sa. (...) Por outro lado, solicitamos o encaminhamento de um resumo (15 linhas) de sua fala, até o dia 10 de julho para que possamos iniciar a divulgação. Pedimos, ainda, que entregue à nossa Secretaria, se possível, documento que contenha as ideias fundamentais que V.Sa. irá desenvolver (...). (OFÍCIO RESUMOS I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

A circular nº 2 reitera o convite e encaminha material de divulgação:

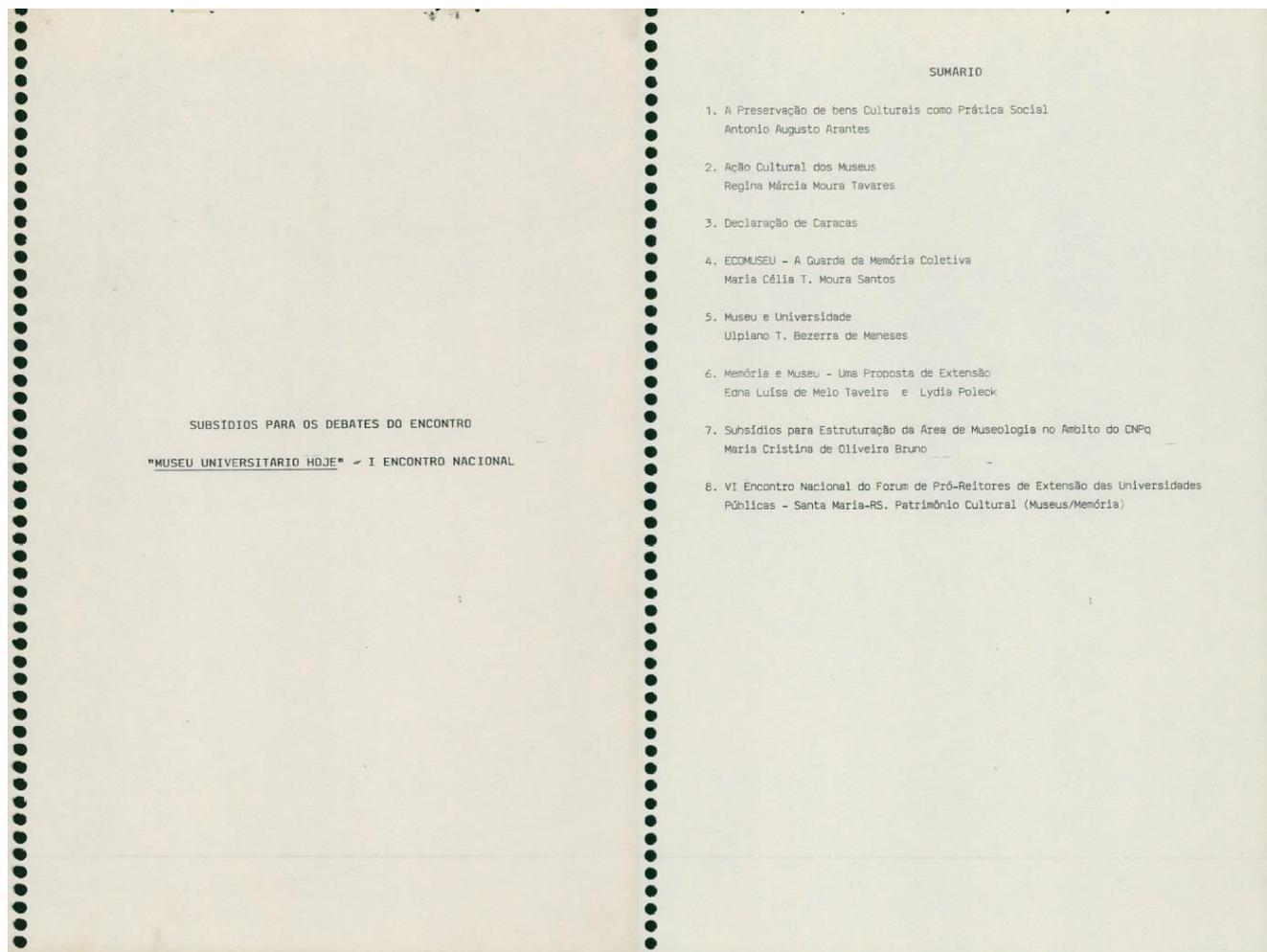
Figura 36 - Circular nº 2



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

A figura abaixo contém os oito textos que foram encaminhados como subsídio de leitura para realização do I ENMU:

Figura 37 - Subsídios de leitura



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

A programação foi organizada em torno dos quatro painéis: a ação museológica; educação e comunicação; a pesquisa nos museus; a administração e museus, e o museu na estrutura da universidade: acertos e erros. As comunicações de todos os painéis giraram em torno de dois temas, sendo o primeiro acerca das experiências em museus e universidades e o segundo sobre as expectativas com relação à ação dos museus universitários. (PROGRAMAÇÃO I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Arquivo do Museu Antropológico da UFG).

Importante fazer a relação dos painéis da programação do evento com os textos de reconhecidos autores das áreas da cultura e museologia brasileiras enviados como subsídio para os debates. No texto abaixo, se pode-se constatar que, na programação do evento, havia figuras importantes para o campo do patrimônio cultural, como também relevantes para o debate sobre museus universitários havido em 1992.

Os responsáveis pelo painel *Museu na Estrutura da Universidade: Acertos e Erros* foram Ulpiano Bezerra de Menezes (USP), José Robson de Andrade Arruda (USP), Pedro Agostinho da Silva (UFBA) e Arnaldo Campos dos Santos Coelho (UFRJ), sob moderação de Lourdes Rego Novaes (ICOM-Brasil). Em errata enviada posteriormente, no lugar de Arnaldo Campos dos Santos Coelho (UFRJ), estava a participante Petronila Rosa Costa Diniz Neta (UFRJ). Como subsídio de leitura para o encontro, foi enviado o texto *Museu e Universidade*, de Ulpiano T. Bezerra de Menezes. O painel *Ação Museológica: Educação e Comunicação* contou com participação de Maria Célia Moura Santos (UFBA), Tereza Scheiner (UniRio), Lenir Magalhães (UFG) e Maria Regina Mattos (UFPR), com moderação de Magali Cabral (COFEM). Como subsídio de leitura para o encontro, foi enviado o texto *Ecomuseu: a guarda da memória coletiva*, de Maria Célia T. Moura Santos. O painel *A pesquisa nos Museus*, teve, como participantes, Maria Cristina Oliveira Bruno (USP), Lydia Poleck (UFG), Gilson Rodolfo Martins (UFMS) e Peter Fischer (UFG), com moderação de Marlene de Oliveira (CNPq). Em errata enviada, Gilson Rodolfo Martins (UFMS) foi substituído por Carlos Arguelo (UNICAMP). Como subsídio de leitura para o encontro, foram enviados os textos *Memória e Museu – uma proposta de extensão*, de Edna Luísa de Melo Taveira e Lydia Poleck; e *Subsídios para estruturação da área da museologia no âmbito do CNPQ*, de Maria Cristina de Oliveira Bruno. O painel *Administração e Museus* teve, como participantes, Ana Mae Barbosa (USP), Volney Lobato (UFMG), Regina Márcia Moura Tavares (PUCCAMP), Roque de Barros Laraia (UnB) e Edna Luísa de Melo Taveira (UFG) e, como moderador Severino Mendes de A. Júnior (UFPE). Em errata enviada posteriormente a moderação deste painel passou a ser de Ismênia de Lima Martins (UFF). Como subsídio de leitura para o encontro, foi enviado o texto *Ação cultural dos museus*, de Regina Márcia Moura Tavares. (PROGRAMAÇÃO I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, transcrição).¹⁰¹

¹⁰¹É importante enfatizar que cada um desses participantes, construtores da museologia brasileira e conhecidos no universo museológico brasileiro, merecem maior atenção da historiografia dos museus no Brasil.

Foram ainda disponibilizados *A preservação de bens culturais como prática social*, de Antônio Augusto Arantes; *Declaração de Caracas*; e breve relato do *VI Encontro Nacional do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das universidades públicas*. (SUBSÍDIOS, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Na documentação obtida havia, nas comunicações, representantes de diferentes regiões do país, o que representa a adesão e a irrefutabilidade de um encontro nacional para conhecer as particularidades locais. Entre os temas retratados estão representantes de Londrina, Pernambuco, Goiânia, São Paulo, Goiás e Bahia.¹⁰²

¹⁰²Comunicações 27/07: Olympio Luiz Westphalen – Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss”; Marcolina Martins Garcia – Projeto Educação Básica “uma proposta de integração: Museu Antropológico/Ensino de I Grau”; Camilo de Melo Vasconcelos – Educação em museu: a divulgação do patrimônio arqueológico; Jean Paraíso Alves – Estudo e Documentação da Coleção de Artefatos em madeira dos Índios Karajá pertencentes ao Museu Antropológico da UFG. Comunicações 28/07: Margareth de Lourdes Souza – Usina hidro-elétrica: construção de desativação – Patrimônio Histórico – Técnico – Arqueológico; Beatriz Couto – O Museu Universitário PUCCAMP; Ana Maria Gantois – Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA; Dorothea Voegeli Passetti – Museu da Cultura – Departamento de Antropologia – PUC – SP; José Coelho Filho – A ocupação do espaço por populações pré-históricas em função das formas de relevo; Tereza Maria Malatian – Museu na UNESP: A experiência de uma universidade multicampi; Regina Márcia M. Tavares – Projetos “Pafro”, “Mãos e Criação”, e “Brinquedos e brincadeiras”: um caminho para a preservação do patrimônio cultural. Comunicações 29/07: Maria Terezinha C. de Santana – Análise das fontes históricas, ligadas a confecção do fumo de rolo de Bela Vista de Goiás, com vistas a formar uma coleção exata; Roseli de F. Brito – Uma proposta de ação educativa no Museu Antropológico; Mônica Lima de Carvalho – Tratamento do acervo etnográfico quanto à conservação e manutenção.

Figura 38 - Comunicações

MUSEU UNIVERSITÁRIO DE GOIÁS - DEPARTAMENTO DE ANTHROPOLOGIA			
COMUNICAÇÕES			
AUTOR	DIA	HORA	T E M A
Itaú Cultural	27/07 (Tarde)	16:15	
Olympio Luiz Westphalen	27/07 (Tarde)	16:30	Museu Histórico de Londrina "Pe. Carlos Weiss"
Jeannette M. Dias de Lima	27/07 (Tarde)	16:45	Museu Arqueológico da Universidade Católica de Pernambuco
Marcolina Martins Garcia	27/07 (Tarde)	17:00	Projeto Educação Básica "Uma Proposta de Integração: Museu Antropológico/Ensino de I Grau"
Camilo de Melo Vasconcelos	27/07 (Tarde)	17:15	Educação em museu: a divulgação do patrimônio arqueológico
Jean Paraíso Alves	27/07 (Tarde)	17:30	Estudo e Documentação da Coleção de Artefatos em Madeira dos Índios Karajá pertencentes ao Museu Antropológico da UFG
Margareth de Lourdes Souza	28/07 (Manhã)	10:15	Usina Hidro-elétrica: Construção e Desativação - Patrimônio Histórico-Técnico-Arqueológico
Raquel Figueiredo A.Teixeira	28/07 (Manhã)	10:30	
Beatriz Couto	28/07 (Manhã)	10:45	O Museu Universitário PUCAMP
Claude Luiz de A.Santos	28/07 (Manhã)	11:00	
Edneia Mascarenhas Dias	28/07 (Manhã)	11:15	
Ana Maria Gantois	28/07 (Tarde)	16:15	Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA
Dulcimira Capisani Moreira	28/07 (Tarde)	16:30	
Dorothea Voegeli Passetti	28/07 (Tarde)	16:45	Museu da Cultura - Departamento de Antropologia - PUC-SP
José Coelho Filho	28/07 (Tarde)	17:00	A Ocupação de Espaço por Populações Pré-Históricas em Função das Formas de Relevo
Tereza Maria Malatian	28/07 (Tarde)	17:15	Museu na UNESP: A Experiência de uma Universidade Multicampi
Regina Márcia M. Tavares	28/07 (Tarde)	17:30	Projetos "PAFRO", "MAOS E CRIAÇÃO" e "BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS": um caminho para a preservação do patrimônio cultural
MARIA MÁRCIA M. TAVARES FRANKLIN MACHADO			
Maria Terezinha C.de Santana	29/07 (Manhã)	10:15	Análise das fontes históricas, ligadas a confecção do fumo de rolo de Bela Vista de Goiás, com vistas a formar uma coleção exata
MARIA CECILIA MOURA JOELMA J. SARAIVA			
Roseli de F.Brito	29/07 (Manhã)	10:30	Uma proposta de ação educativa no Museu Antropológico
Edna L.de Melo Taveira	29/07 (Manhã)	10:45	
Mônica Lima de Carvalho	29/07 (Manhã)	11:00	Tratamento do acervo etnográfico quanto à conservação e manutenção
MARIA ANTÔNIA VASQUEZ			

Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Na cerimônia de abertura do Seminário, ocorrida no dia 26 de julho de 1992 no Jôquei Clube de Goiás, falou o Coordenador de Cultura da UNESCO para a América Latina e Caribe, Dr. Hernán Crespo Toral, que situou os ouvintes no que diz respeito à ação museológica no contexto do desenvolvimento mundial.

Figura 39 - Entrevista Hernán Toral.



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Toral, em entrevista ao jornal *O Popular*, publicada em 30 de julho de 1992, fez algumas considerações sobre museus e universidade e redes de museus:

O I Encontro Nacional de Museus, coordenado pela direção do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás gerou discussões interessantes sobre a importância da interação museu e universidade no dia-a-dia das populações. Para Hernán Toral, é através da universidade que o museu vai cumprir a sua função científica. O que significa que o museu ganha em importância no momento em que ele se integra à comunidade científica e, em seguida, à população. A importância do museu é fortalecer a identidade cultural; promover a conscientização sobre os problemas ecológicos, propondo o desenvolvimento sustentável, através da avaliação dos erros e acertos cometidos; como veículo para difundir o uso da tecnologia na comunidade e como instrumento desmistificador da tecnologia. (O POPULAR, guardião da identidade dos povos, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

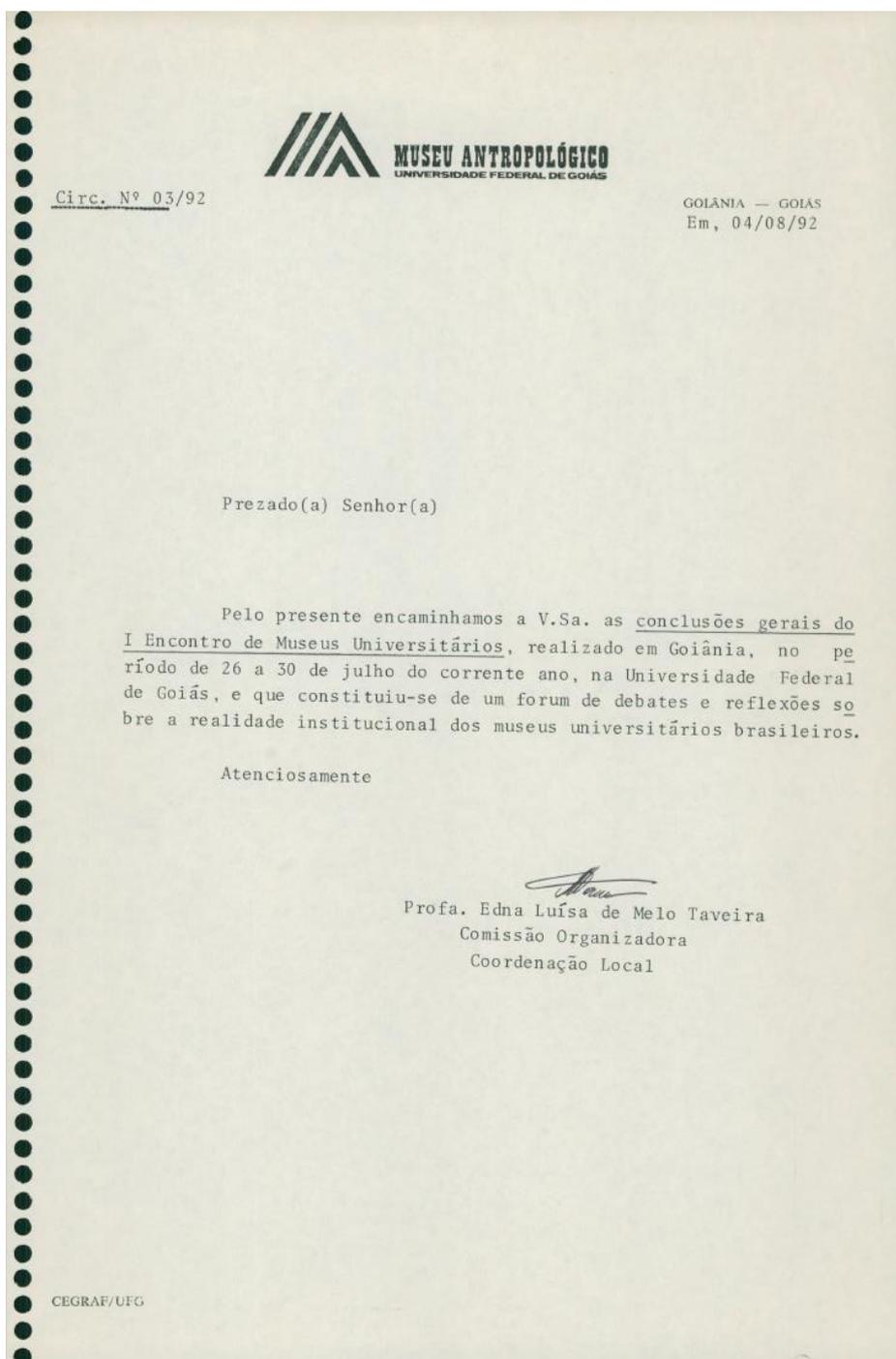
Sobre as redes de museus:

a iniciativa de reunir à mesa das discussões representantes de museus de todo o país (a alguns do exterior) é vista pelo conferencista como “muito positiva”. Isso porque permite estabelecer uma rede de comunicação entre esses museus, fortalecendo o conhecimento através da troca de experiências. Com o acervo, explica Hernán Toral, o museu já contribui para o intercâmbio de conhecimento científico em áreas como a tecnológica, artística, antropológica e cultural, entre outras. Outro ponto que se soma à presença dos museus antropológicos universitários destaca o estudioso cubano, é o

fato dos pesquisadores estarem intimamente ligados ao cotidiano desse museu. “O museu é uma ponta de lança da investigação científica, por contar com equipe interdisciplinar. “Além disso, possui um público sempre presente – os estudantes universitários. (O POPULAR, guardião da identidade dos povos, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Segundo a ata do I ENMU, compareceram os representantes de 19 estados, 19 universidades (13 federais, 10 estaduais e 6 privadas), tendo, nos painéis e grupos de trabalho, 30 coordenadores ou diretores de museus universitários, 20 de outros museus, 26 professores, 30 museólogos e técnicos, e o restante entre estudantes. Na relação geral de participantes do I Encontro Nacional “Museus Universitários Hoje”, constam 150 assinaturas e há uma relação escrita de participantes. A presidência do Fórum de Pró-Reitores de Extensão foi da Profa. Ismênia de Lima Martins, da Universidade Federal Fluminense (UFF), também moderadora do painel “Administração e Museus”. O Conselho Internacional de Museus (ICOM Brasil) foi representado pela Profa. Edna Luísa de Melo Taveira. Os membros do evento decidiram encaminhar as conclusões a todas as reitorias das Universidades Brasileiras e aos órgãos CNPq, CAPES, FINEP, Fórum dos Pró-Reitores de Extensão, Secretaria Nacional de Cultura e Secretaria Nacional de Ensino Superior, para envio posterior ao ministro da Educação, ICOM Brasil, ICOM Paris, COFEM e demais organizações da América Latina. (ATA I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Figura 40 - Encaminhamento conclusões gerais



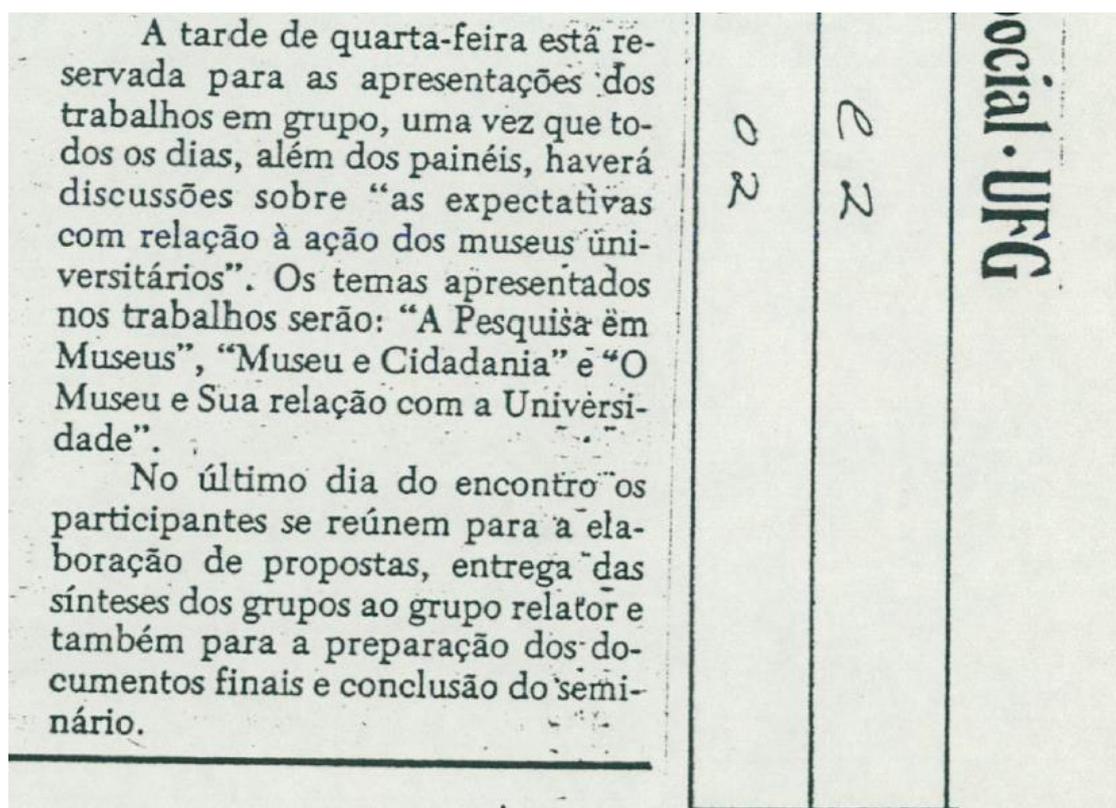
Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Importante destacar que as recomendações feitas no I Encontro Nacional de Museus Universitários de 1992, enviadas em ofício circular com as conclusões gerais do evento, são, em alguns casos, similares às recomendações de 2018, feitas no V Fórum Permanente de Museus Universitários, em Belo Horizonte, conforme será apresentado nos quadros

comparativos do quarto capítulo. Isso demonstra que alguns problemas e discussões continuam pertinentes mesmo passados tantos anos do I Encontro Nacional de Museus Universitários.

Os grupos de trabalho do I Encontro Nacional de Museus Universitários se reuniram ao final do evento para preparar os rascunhos com reflexões e discussões importantes para que se chegasse às conclusões e recomendações finais para os museus universitários. (O POPULAR, museus universitários em debate, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Figura 41 - Grupos de trabalho/ o popular



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Os trabalhos em grupo e a elaboração de propostas giraram em torno dos temas: *A Pesquisa em Museus*, *Museus e Cidadania* e *Museus e sua Relação com a Universidade*. (Programação, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992). Neste encontro foram estabelecidas as orientações gerais para o desenvolvimento do trabalho em equipe discorrendo sobre as atribuições de cada membro e protocolos para conclusões, que indicava a escolha de um coordenador, um secretário e um cronometrista. Um deflagrador seria o responsável por escolher o coordenador, o secretário e o cronometrista, além de prestar auxílio ao coordenador do grupo e contribuir com o conteúdo da reunião. O coordenador seria responsável, entre outras coisas, por democratizar a palavra e cuidar para que a reunião objetivasse a discussão em pauta;

o secretário para registrar as questões relevantes levantadas pelo grupo; e o cronometrista para marcar o tempo de cada orador e determinara duração para tratar de cada questão. Depois de feita a reunião do grupo de trabalho, as sínteses e conclusões deveriam ser encaminhadas ao plenário no dia seguinte. (GRUPOS DE TRABALHO, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

O Grupo de Trabalho 1 se ocupou do tema *A Pesquisa em Museu* e teve como coordenadora Beatriz Couto, da PUCCAMP; como cronometrista, Teresa Domitila Fossari, do Museu Universitário da UFSC; e, como secretária, Marlene Stein Fische, do Museu Antropológico da UFG.

O relatório de discussões do Grupo de Trabalho 1, com data de 29 de julho de 1992, informou que basear as propostas nos textos básicos foi abandonada por serem julgados subsídios sem constituir a pauta da discussão. Assim, os próprios membros elegeram pautas para os debates, ordenadas da seguinte forma: o retorno da pesquisa à sociedade; a pesquisa em museologia; pesquisa voltada à nova museologia, recursos humanos no museu, fomento em pesquisa, compromisso do museu com a consciência regional, incentivo à pesquisa, comunicação de pesquisas; critérios de coleta; recuperação de obras no exterior; ação dos museus universitários sobre os museus estaduais e municipais; situação financeira dos museus; ação pedagógica dos museus; e critérios de classificação. (GRUPOS DE TRABALHO, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

O debate sobre os temas acima teve alguns pontos centrais, como as comunidades que não se apropriam dos resultados das pesquisas e dos diferentes graus de apropriação; a imprescindibilidade de o pesquisador, no próprio local de pesquisa, dar retorno à comunidade em linguagem acessível; a museologia passar a ser encarada como área de estudos e não apenas um feixo de atividades; o espaço físico dos museus serem geralmente adaptados e precisarem de projetos arquitetônicos adequados; e a necessidade de incentivo aos estudantes de primeiro, segundo e terceiro grau a participar de pesquisas. Sobre recursos humanos nos museus, o eixo foram os problemas da equipe técnica que, à época, apesar das possibilidades pessoais de promover cursos de aperfeiçoamento e pós-graduação, não tinham condições de ascender na carreira, reservadas apenas aos docentes; e o fato de, em museologia, normalmente não haver, à época, cursos de mestrado e doutorado. (GRUPOS DE TRABALHO, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Diante de tais circunstâncias os integrantes do grupo teceram considerações e recomendações a respeito. Embora nem todas as considerações tenham integrado as recomendações finais presentes nas conclusões gerais, o item abaixo, que não estava no documento final, sugeria aos museus universitários trabalhar em parceria com os outros e que os museus municipais tinham maiores condições de trabalhar mais perto da comunidade e o museu universitário, mais próximo da pesquisa:

Figura 42 - Item 11/GT 1

O item 11 trata do problema dos Museus estaduais e municipais que de forma diferente dos Museus universitários tem mais dificuldades em ter uma política e são menos direcionados às pesquisas. Foi proposto que os museus universitários devem trabalhar em parceria com os outros museus, lembrando-se, também, que os museus municipais tem condições de trabalhar mais próximos à comunidade do que os museus universitários.

Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

No texto das conclusões gerais do I ENMU o tema *A Pesquisa em Museu* tinha o seguinte princípio: “os Museus Universitários hoje têm na pesquisa interdisciplinar o suporte para as ações que lhes compete desenvolver. A pesquisa interdisciplinar deve ser entendida como aquela que ocorre em dois níveis: 1) a pesquisa vinculada à temática do museu, que é geradora de conhecimentos e de cultura; 2) a pesquisa museológica propriamente dita, que submete esses conhecimentos às normas da museologia na organização do acervo, em sua preservação e documentação, bem como em sua comunicação (exposições e ação educativo-cultural)”. (GRUPOS DE TRABALHO, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Foi proposto que: a pesquisa seja realizada por meio de projeto e linhas de pesquisa integradas aos planos de ação do museu; o estímulo à pesquisa deva advir da relação museu/departamentos/comunidade, valorizando-se as questões referentes à sociedade, e não os objetos que o museu abriga; os museus devam assegurar o retorno dos resultados da pesquisa à sociedade, em linguagem acessível, promovendo a reflexão e a interpretação, assim como a sua apropriação em diferentes graus de reelaboração; as peças das coleções, quando alvo de exposição, deverão ser contextualizadas e valorizadas pela pesquisa. Os temas das exposições, baseados na pesquisa, deverão proporcionar a apreensão da mensagem, sem que haja, nesse trabalho, discriminação social; um fluxo de informações que permita o intercâmbio científico e cultural realimentador de conhecimento da realidade regional deva ser instaurado entre Universidades, Estados e Municípios, e permanentemente atualizado; os recursos financeiros

indispensáveis à manutenção dos programas e projetos aprovados e colocados em execução devam ser continuamente assegurados, a museologia deva ser considerada uma área de estudos ligada à conservação, documentação, comunicação e ação educativo-cultural, implicando também a pesquisa; os museus universitários devam pensar sobre a nova museologia – que propõe a abstração da coleção e do espaço físico, como acontece, por exemplo, nos eco-museus – não desconsiderando os museus tradicionais, mas propondo um novo método de trabalhar patrimônio; a qualificação de pessoal técnico-administrativo, docentes/pesquisadores e auxiliares de pesquisa deva ser promovida permanentemente, estendendo à comunidade, sempre que possível, o ingresso nos programas de capacitação de recursos humanos. (GRUPOS DE TRABALHO, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

O Grupo de Trabalho 2 se debruçou sobre o tema *Museus e Cidadania*, nos dias 29 e 30 de julho de 1992, e teve como principal análise a seguinte: o museu de uma universidade carrega a especificidade de dar suporte à universidade no exercício de sua função em favor da cidadania.

Reitera-se que é a partir das considerações e recomendações do grupo de trabalho 2 que se encontra nas conclusões finais do I ENMU, sobre o tema "*Museu e Cidadania*", o alinhamento com os compromissos assumidos nos eventos do Chile e Venezuela:

os museus universitários têm a peculiaridade de favorecer e de criar condições para que a Universidade exerça, na plenitude de sua autonomia, o papel crítico que lhe é inerente enquanto fórum privilegiado da consciência nacional e do exercício real da cidadania. A ação museológica a ser desenvolvida nos museus universitários brasileiros deve estar comprometida com a prática da cidadania e com os compromissos assumidos pelo ICOM e pela UNESCO, contidos nos documentos aprovados na Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, e na Declaração de Caracas, em janeiro de 1992. (GRUPOS DE TRABALHO, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

No que diz respeito à relação dos museus universitários e a cidadania se preconizava que: a) o museu seja reconhecido como um dos meios mais eficazes para a socialização do conhecimento produzido na universidade, pelos meios de comunicação museológicos, tendo como suporte básico as suas exposições; b) a coleta, o acervo, o registro e a comunicação do museu universitário sejam efetuados respeitando as diversidades culturais, ouvidos os diversos segmentos da sociedade na qual a universidade e museu estão inseridos; c) seja efetuada uma avaliação do posicionamento dos técnicos e dos pesquisadores dos museus universitários, levando-os a reconhecer o espaço do museu como propício à ação conjunta e à prática da cidadania. (GRUPOS DE TRABALHO, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

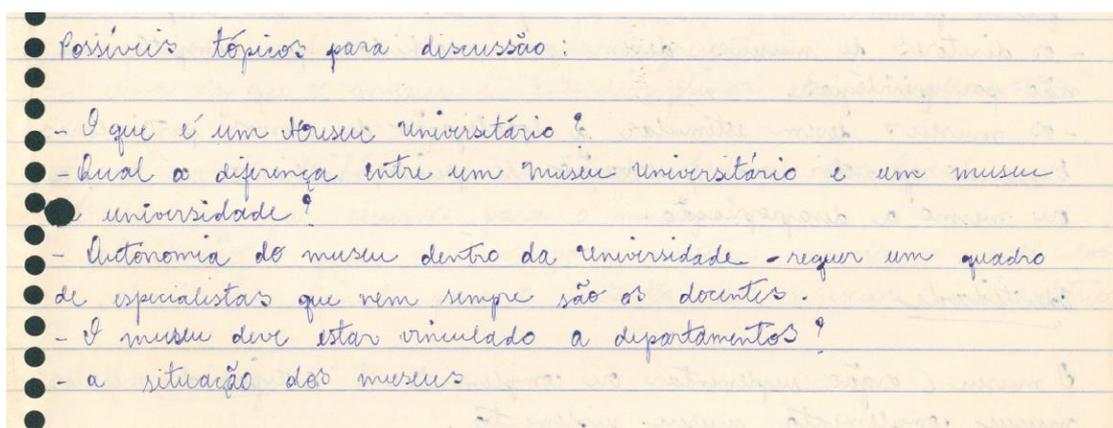
O Grupo de Trabalho 3, com o tema *Museu e sua Relação com a Universidade*, teve Franklin Machado da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como coordenador e cronometrista. A equipe se reuniu no dia 29 de julho de 1992, e os tópicos de discussão estiveram em torno de assuntos que buscavam definir e diferenciar os museus universitários, sua autonomia e seu vínculo a departamentos. (GRUPOS DE TRABALHO, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Nas conclusões gerais do I ENMU, concernente ao referido tema, consta que:

o Museu e sua relação com a Universidade" definia que: "os Museus Universitários são órgãos necessários ao ensino, à pesquisa e à extensão devendo ser levados em conta em qualquer política cultural e acadêmica que a Universidade venha a adotar. Na criação e reestruturação dos museus devem ser definidos sua caracterização, função, objetivos, interdisciplinaridade, vinculação orgânica." (GRUPOS DE TRABALHO, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Interessante notar que, para apurar o tema, os participantes optaram por responder questões-chave que diziam respeito a uma possível definição de museus universitários, que pôde ser vista no primeiro capítulo.

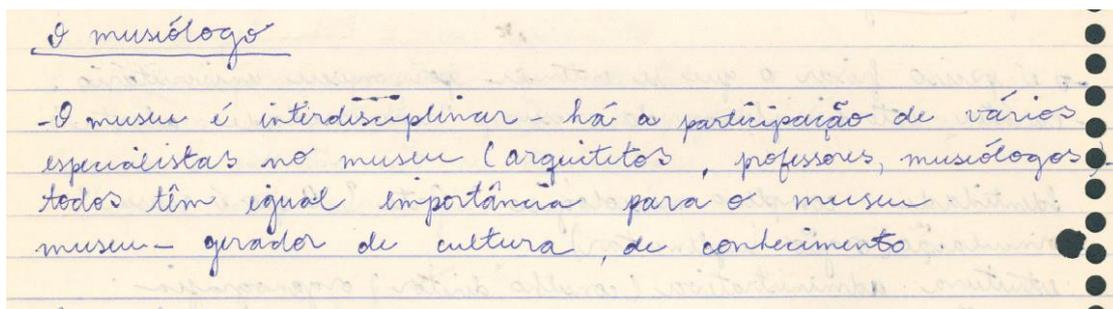
Figura 43 -Tópicos GT 3



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Analisou-se, ainda, o papel do museólogo e a importância de participação de vários especialistas, ou seja, uma equipe interdisciplinar:

Figura 44 - Museólogo GT 3



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Em decorrência das análises deste grupo de trabalho, nas conclusões do evento de 1992, propunha-se em resumo, que: a) os museus universitários deveriam se caracterizar preferencialmente pelas atividades que atendessem à demanda da universidade e, por sua mediação à sociedade, não excluindo aqueles museus que se dedicam a uma área específica e estão vinculados a departamentos, pró-reitorias e/ou outras instituições. Aqueles, por terem áreas de interesse mais amplas, operam de forma complementar. E estes, de forma complementar; b) que a função primordial dos museus é educativa e, neste sentido, os museus universitários devem democratizar o conhecimento, contribuindo para a formação da consciência social; c) os objetivos devem ser claros e coerentes em relação às suas linhas de pesquisa e de ação, e de acordo com a natureza de suas coleções; d) a interdisciplinaridade é uma componente vital das atividades dos museus universitários e o seu caráter interdisciplinar promove as relações interdepartamentais e institucionais, com elas atingindo a sociedade e) a vinculação dos museus às suas respectivas especificidades deve lhes outorgar autonomia, dotação orçamentária e quadro de funcionários técnico-administrativos próprio. Dessa forma, esses museus deverão ter uma estrutura administrativa normatizada por regimento próprio, no qual estejam previstos: formas de escolha de seus dirigentes, organograma e plano diretor. Seus quadros funcionais deverão contar com, pelo menos, um museólogo e especialistas de áreas afins para atender à interdisciplinaridade; f) a universidade deva se preocupar com a implementação e organização de cursos em museologia nas diversas regiões, para suprirem as necessidades da área; o quadro de pessoal dos museus seja ampliado por meio de concurso público para garantir infraestrutura adequada às atividades do museu; no estabelecimento de seus quadros deva-se prever a ascensão do funcionário e o papel do pesquisador, levando-se em conta a qualificação. (GRUPOS DE TRABALHO, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

O documento com as Conclusões Gerais do I Encontro de Museus Universitários apresentava ainda indicações especiais e moções. Foram apresentadas seis recomendações

especiais: 1) seja elaborado um perfil dos museus universitários brasileiros, incluindo tópicos como, histórico, acervo, quadro de pessoal, dotação orçamentária, ações promovidas com as comunidades onde estão inseridos, com apoio dos órgãos de apoio à pesquisa do país, para, em seguida, se faça a divulgação dos resultados em todas as universidades e demais órgãos relacionados com as áreas da educação e cultura, e estabelecermos diretrizes para ações conjuntas; 2) seja feita avaliação, junto à CAPES, CNPq, Secretaria de Cultura do Governo Federal e SENESU, dos programas de financiamento para pesquisa e demais atividades dos museus universitários, visando à busca de incentivos; 3) sejam realizados convênios com os cursos de museologia, para programas periódicos a serem executados por estagiários, sob orientação e supervisão dos professores dos referidos cursos, nas áreas de conservação, documentação, classificação, exposição, administração e ação cultural e educativa; 4) realização de exposições itinerantes, entre os diversos museus universitários, acompanhadas de atividades culturais e educativas, programadas em conjunto, levando-se em consideração as diversas clientelas a serem atingidas; 5) promoção de seminários periódicos entre os museus universitários e os cursos de Museologia existentes no país, para divulgação do conhecimento produzido, análise e reflexão sobre a museografia, e da sua ação nas comunidades onde estão inseridos; 6) organização e publicação de periódico sobre os museus universitários, devendo, para tanto, ser composto um conselho editorial, com seus representantes. (CONCLUSÕES GERAIS DO I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

As moções também foram organizadas em seis itens: 1) em função da importância do acervo e da pesquisa realizada, a comunicação museológica no Museu Nacional, ligado à Universidade Federal do Rio de Janeiro, deve ser repensada; 2) a divulgação das publicações e notícias do ICOM devem se dar junto às universidades, incentivando-se ao mesmo tempo, os museus universitários a se filiarem a esse órgão internacional para terem acesso às discussões sobre problema da área; 3) o Fórum Permanente de profissionais de museus universitários, constituído pela Assembleia Final do I Encontro Nacional de Museus Universitários deve organizar o II Encontro e, nos interstícios, diagnosticar, discutir e sugerir soluções a problemas comuns à área; 4) o Encontro Nacional de Museus Universitários deve ser realizado a cada dois anos em regiões diferentes; 5) o intercâmbio entre Museus Universitários da América Latina, Central e Caribe devem ser incentivados e possibilitados por meio do GULERP¹⁰³ e OUI

¹⁰³Não foi possível localizar na documentação empírica ou em pesquisas posteriores informações sobre o que seria o GULERP.

(Organização Universitária Interamericana); 6) constituem membros do Fórum Permanente de Museus Universitários: Ana Maria Gantois (Museu de Arqueologia e Etnologia/MAE da UFBA); Edinéa Mascarenhas Dias (Museu Amazônico da Universidade do Amazonas); Edna Luísa de Meio Taveira (Museu Antropológico da UFC); Idevar José Sardinha (Museu Rondon da UFMT), Lidia Maria Meirelies (Museu do Índios da UFU), Maria Cristina de Oliveira Bruno (Museu de Arqueologia e Etnologia), Petronila Rosa Costa Diniz Neta (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Regina Márcia Moura Tavares (Centro da Cultura e Arte da PUCCAMP), Tarcísio Antônio Costa Taborda (Museu Dom Diogo de Souza). (CONCLUSÕES GERAIS DO I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, transcrição, 1992).

Apesar de tão importantes iniciativas, parece que as estratégias e tentativas de fortalecimento da área sofreram alguns percalços. Em ofício de 10 de março de 1995, enviado pela então presidente em exercício do Fórum Nacional de Museus Universitários, Profa. Regina Márcia Moura Tavares, ao então diretor científico da FAPESP, Dr. José Fernando Peres, há considerações sobre o envio e atraso na resposta daquela fundação sobre os documentos extraídos do I Encontro Nacional de Museus Universitários:

Informo, outrossim, que logo após o referido simpósio, encaminhamos à essa Fundação os documentos em apreço, sem que até o momento tenhamos obtido resposta. Considero da mais alta importância poder contar a citada área com o apoio de agência financiadoras de projetos a nível estadual e federal. Até o momento, infelizmente, as solicitações de apoio apresentadas têm sido analisadas por profissionais competentes, porém, não da área, o que resulta em pareceres inadequados, superficiais, e na maioria das vezes, desfavoráveis. Finalmente, julgo esta Fundação estar consciente da importância da ação museológica, enquanto educação não-formal, para o desenvolvimento de nosso país. Considero mesmo, a valorização dessa área, no âmbito dessa fundação um caminho para a revitalização desses espaços educativos, a partir da crítica de suas “performances”, em nosso país. (OFÍCIO DOCUMENTOS FINAIS I ENMU, Rede de Museus UFMG, 1995).

Almeida (2001) contribui para o entendimento de que pouco foi concretizado após a realização deste primeiro encontro:

No Brasil, em 1992, um grupo de profissionais de museus universitários organizou o I Encontro de Museus Universitários, em Goiânia, no qual foram discutidos vários problemas, e dele resultou a formação do Fórum Permanente de Museus Universitários. **Várias sugestões e moções foram definidas ao final do Encontro, mas pouco foi concretizado.** O Fórum continua a existir, reuniu-se outra vez na USP em 1997, mas não conseguiu realizar outra grande reunião com a de 1992. (ALMEIDA, 2001, p.4, grifo nosso)

A partir desse primeiro encontro uma série de outras iniciativas de maior articulação entre os museus universitários foram encaminhadas. Veremos no próximo capítulo que nas últimas décadas, a organização dos encontros de museus universitários estabeleceu-se e foram realizados mais quatro encontros nacionais depois do primeiro em Goiânia. A análise documental a seguir possui fontes de informação imprescindíveis para se compreender quais os avanços no debate sobre os museus universitários, suas conquistas e problemas atuais. Vai-se perceber gradualmente quais problemas conseguiram ser resolvidos e aqueles que permanecem temas dos debates atuais.

CAPÍTULO 4 – ENCONTROS NACIONAIS DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS

Os encontros nacionais de museus universitários foram eventos que marcaram avanços nas discussões sobre este tipo de museu no Brasil e constituem uma notável estratégia de articulação. Dedicar este capítulo para frisar parte da história dos eventos dedicados aos museus universitários tem grande relevância, uma vez que compreender discussões e apontamentos anteriores permite melhor análise comparativa das questões atuais. Conforme informado no primeiro capítulo, embora este capítulo trate de discussões com a participação de professores que em sua maioria são doutores, todos serão citados pelo seu primeiro e segundo nomes, como são conhecidos na comunidade dos museus universitários. Aliado a isto, a maior parte do conteúdo deste capítulo não partirá de publicações, mas de documentação empírica, em que esses mesmos professores assinam como personagens notáveis que despontam na análise do histórico de constituição dos encontros nacionais de museus universitários.

Embora a sala da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) possua valoroso fundo documental de Maria das Graças Ribeiro sobre os fóruns permanentes de museus universitário e tenha a partir dessa investigação publicado importante trabalho no 3º Seminário Brasileiro de Museologia (Sebramus)¹⁰⁴ em novembro de 2017, não foi encontrada publicação que informasse detalhes e bastidores de cada encontro nacional de museus universitários ou que se estendesse até as discussões do V Fórum Permanente de Museus Universitários, em 2018.

Para que esta pesquisa atendesse à uma perspectiva temporal se elegeu, para investigação, partir do VI Fórum Nacional de Pró-reitores de extensão (VI Forproex), evento anterior ao I Encontro Nacional de Museus Universitários, que influenciou diretamente a realização do I Encontro de Museus Universitários no Brasil. Foi igualmente necessário fazer alguns avanços na temporalidade a partir deste I encontro, que incluirão o V e o VI Fóruns Permanentes de Museus Universitários. De aqui se pretende contribuir para a análise comparativa das recomendações do I Encontro Nacional de Museus Universitários, em 1992, e do V Fórum Permanente de Museus Universitários, em 2018, aliado às recomendações do VI Forproex, de modo a reconheceras que persistem no debate dos problemas dos museus universitários, passados vinte e oito anos do primeiro evento. São estes alguns dos pontos de

¹⁰⁴Ver SEGANTINI, Verona, RODRIGUES, Eliana, JULIÃO, Letícia, e PARREIRA, Gleydes. Constituição do Fórum Permanente de Museus Universitários: Trajetória, Desafios e Mobilizações. v. 1. p. 1912-1931 In: III Sebramus.

abordagem que caracterizam o presente estudo ainda que não se ignore a imprescindibilidade do aprofundamento e de mais pesquisas sobre o assunto.

As fontes utilizadas para que se conseguisse compreender a linha cronológica dos encontros nacionais de museus universitários foram diversas e incluem documentação empírica coletada na sala da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que possui um fundo de documentos do Fórum Permanente de Museus Universitários, contendo 650 documentos; no Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG), por meio de solicitação ao Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG); no Arquivo Institucional do Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (MCC/UFRN), depois de solicitação feita ao Setor de Documentação e Memória; por meio da leitura de publicações sobre os encontros como o texto de Maria das Graças Ribeiro (2007), e Verona Campos Segantini, Eliana Rodrigues, Letícia Julião e Gleydes Gambogi Parreira (2017)¹⁰⁵, e informação oral registrada no painel “Memória do Fórum Permanente dos Museus Universitários”, ocorrido em Belo Horizonte, em 2018, durante o V Fórum Permanente de Museus Universitários (V FPMU); e por meio de informação pessoal, obtida depois de consultas individuais a integrantes que fizeram parte de alguns desses encontros, e que, em alguns casos, puseram à disposição cópia de documentação empírica não encontrada nos arquivos institucionais, mas que estavam em sua posse. Ainda sobre os contatos com instituições e profissionais acerca do fundo documental sobre tais encontros foi consultada a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, que informou não possuir tal documentação, além de não realizar pesquisa sobre tais encontros, pelo menos até o momento.¹⁰⁶

Foi encontrada, breve, mas importante, publicação de Maria das Graças com informações referentes às datas e principais pontos levantados nos encontros nacionais de museus universitários até o IV Encontro. A temporalidade definida pela autora nesta publicação é distinta – no que diz respeito à data de realização do II Fórum Permanente de Museus Universitários (II FPMU) – das informações trazidas em alguns dos documentos empíricos encontrados. Será possível observar, no decorrer deste capítulo, que a documentação empírica coletada sugere três datas de realização do II FPMU: 1995, durante evento do Conselho Internacional de Museus (ICOM) em São Paulo; 1997, durante a I Semana de Museus da Universidade de São Paulo (USP); e 2001, no Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal

¹⁰⁵Texto recebido por Verona Sagantini em 20 jan. 2020, via correio eletrônico.

¹⁰⁶Informação obtida em 16 dez. 2019 [mensagem pessoal]. Dr. Maurício Cândido da Silva. Coordenador da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários.

do Rio Grande do Norte (UFRN). A publicação de Ribeiro (2007) revela que o II FPMU se deu em 1997, durante a I Semana de Museus da Universidade de São Paulo (USP).

Ainda à procura de dados sobre essa temporalidade, ao utilizar como fonte a entrevista pública sobre a “Memória do Fórum Permanente dos Museus Universitários”, realizada em 2018, no V FPMU, foi possível precisar a seguinte ordem cronológica: no ano de 1992, ocorreu o I Encontro, na cidade de Goiânia; em 1995 e 1997, antes do II FPMU, aconteceram reuniões preparatórias na USP para o II FPMU; no ano de 2001, aconteceu o IIFPMU, em Natal; e os IV e V Encontros, em Belo Horizonte, nos anos de 2006 e 2018.¹⁰⁷ (ENTREVISTA PÚBLICA “MEMÓRIA DO FÓRUM PERMANENTE DOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS”, 2018).

A publicação de Segantini et al. (2017) – enviada posteriormente pela professora em contato feito com intenção de confirmar a temporalidade estabelecida no referido painel realizado no V FPMU¹⁰⁸, do qual esta foi responsável pela condução de entrevista pública – busca destacar os aqueles que contribuíram com a criação do FPMU, bem como as programações, debates e encontros, entre os anos de 1992 a 2006. A análise das autoras partiu do levantamento do acervo institucional, que estava sob a guarda da Professora Maria das Graças, no Museu de Ciências Morfológicas da UFMG. A referida publicação já sinalizava para a problemática na definição do local e datados II e III Fóruns Permanentes de Museus Universitários:

Na análise da documentação começou-se a questionar sobre as datas, locais e transcurso da realização dos Encontros Nacionais. **Onde e quando teria sido o III Fórum?** Ao contrário da farta documentação referentes ao I, II e IV encontros, não localizamos documentos referentes à realização do III Encontro. Levantou-se algumas hipóteses, como a possibilidade de terem considerado o Encontro que deveria ter ocorrido em Salvador. É importante frisar que para as outras datas dos eventos ocorridos, há geralmente, planejamento programação, relatórios e atas. (SEGANTINI et al, 2017, p. 1923, grifo nosso).

Este levantamento também reforça as considerações de Maria das Graças acerca da data de realização do II Fórum Permanente de Museus Universitários, como já informado, considerado por ela a Reunião Extraordinária ocorrida no MAE/USP, em maio de 1997. A publicação cita um documento encontrado anexado a uma folha manuscrita por Maria das Graças Ribeiro, que:

¹⁰⁷Comunicação Oral – Entrevista Pública Memória do Fórum Permanente de Museus Universitários – V Fórum Permanente de Museus Universitários. Belo Horizonte, em 9 out. 2018. Cristina Bruno (USP); Lídia Meireles (UFU); Verona Segantini (UFMG)/Mediação. Disponível em <https://www.facebook.com.br/rede-de-museus-da-ufmg/videos/264937540692200>. Acesso em: 14 dez. 2019.

¹⁰⁸Contato via correio eletrônico, feito em 20/01/2020 acerca de confirmação sobre a temporalidade estabelecida no V FPMU.

(...) esboça uma “Reconstituição Histórica do Fórum de Museus” elaborada a partir do depoimento das museólogas Edna Taveira, Ana Maria Gantois, Cristina Bruno, Marília Xavier Cury, Regina Marcia Tavares. Neste manuscrito observa-se que a professora Maria das Graças considera como II Encontro a Reunião Extraordinária ocorrida no MAE/USP em maio de 1997, documento já analisado neste texto. Ela também registra que aconteceu uma reunião preparatória durante o I Seminário de Museologia na UFMG, que aconteceu no Museu de Ciências Morfológicas, em março de 97. O III encontro teria consequentemente, ocorrido em Natal no ano de 2001. (SEGANTINI et al, 2017, p. 1924).

Dessa maneira, a temporalidade estabelecida para a entrevista pública realizada no V FPMU, embora tenha sido produzida a partir de documentação empírica de Maria das Graças, registra as devidas ressalvas em relação a percepção da própria – apontadas em publicação de Verona Segantini, Eliana Rodrigues, Letícia Julião e Gleydes Parreira (2017) – conforme citação acima.

São notadas, portanto, as seguintes diferenças se comparada à temporalidade vista na publicação da própria Maria das Graças (2007) com a documentação empírica localizada em diferentes locais: pela documentação empírica o II FPMU pode ser considerado parte do evento do Conselho Internacional de Museus (ICOM) no ano de 1995 em São Paulo; em 1997, durante a I Semana de Museus da Universidade de São Paulo (USP); e 2001, no Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Na temporalidade do V FPMU, o encontro realizado durante a I Semana de Museus é tido como uma reunião preparatória, e não o II FPMU, como é considerado por Maria das Graças. Para Maria das Graças, o III Fórum Permanente de Museus Universitários (III FPMU), teria ocorrido em Natal, no ano de 2001, sediado no Museu Câmara Cascudo, divergindo, portanto, de parte da documentação empírica que sinaliza que o Fórum de Natal foi o II FPMU. Assim, há temporalidades que divergem entre o II e III Encontros, conforme quadro a seguir:

Quadro 2 - Encontros de Museus Universitários no Brasil /Maria das Graças Ribeiro e Documentação Empírica

Encontro/Fórum	Ribeiro (2007)	Documentação Empírica
I Encontro Nacional de Museus Universitários (I ENMU)	1992, na Universidade Federal de Goiás (UFG)	1992, na Universidade Federal de Goiás (UFG)
II Fórum Permanente de Museus Universitários (II FPMU)	1997, durante a I Semana de Museus na Universidade de São Paulo (USP)	1995, durante evento do Conselho Internacional de Museus (ICOM) em São Paulo; 1997, durante a I Semana de Museus da Universidade de São Paulo (USP); 2001, no Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).
III Fórum Permanente de Museus Universitários (III FPMU)	2001, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no Museu Câmara Cascudo	
IV Fórum Permanente de Museus Universitários (IV FPMU)	2006, na Universidade Federal de Minas Gerais	2006, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
V Fórum Permanente de Museus Universitários (V FPMU)		2018, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Fonte: Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas¹⁰⁹

Apesar da divergência, esta pesquisa escolheu apresentar documentação e dados coletados, baseados na temporalidade do texto de Ribeiro (2007). Ela foi a segunda coordenadora da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) entre 2005 e 2006, e esteve articulada com as iniciativas de tais encontros, sem contar, conforme declarado no V FPMU, que a vasta documentação dos encontros de museus universitários brasileiros foi localizada no Museu de Ciências Morfológicas da UFMG, onde Maria das Graças trabalhava no cargo de diretora.

¹⁰⁹RIBEIRO, Maria das Graças. Universidade, museus, e o desafio da educação, valorização e preservação do patrimônio científico cultural brasileiro. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Org.). Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond, p. 20-47, 2007.

A publicação de Maria das Graças Ribeiro de 2007, aliada à documentação empírica identificada e aos relatos coletados no V FPMU, permite expor algumas das nuances e dificuldades no trabalho de investigação e compreensão do histórico dos museus universitários brasileiros e, com isso, não apenas contribuir para com outras como estimular novas pesquisas sobre o assunto. Conforme dados extraídos do texto de Maria das Graças e esclarecimento de Cristina Bruno (informação pessoal)¹¹⁰, o II Encontro – então II Fórum Permanente de Museus Universitários – será considerado, portanto, o ocorrido em São Paulo, durante a I Semana de Museus em 1997; e o III Encontro será considerado o do Rio Grande do Norte, acontecido em Natal no ano de 2001, embora não estejam omitidas no texto as inconsistências verificadas. O I, IV, e V Encontro/Fóruns Permanentes de Museus Universitários serão apresentados nesta temporalidade sem qualquer inconsistência de datas em relação às informações das fontes, permanecendo, portanto, em uma perspectiva de criação de linha temporal, o I Encontro de Museus Universitários, em 1992, na cidade de Goiânia, e os IV e V Fóruns Permanentes de Museus Universitários em Belo Horizonte, nos anos de 2006 e 2018.

É apenas depois do I Encontro Nacional de Museus Universitários que os demais passam a ser chamados de Fóruns Permanentes de Museus Universitários (FPMUs), uma vez que o Fórum foi organizado no I ENMU. Antes de apresentar a temporalidade sugerida é útil compreender o que é o Fórum de Museus Universitários (FPMU) e a proposta de criação da Associação do Fórum Permanente de Museus Universitários Brasileiros (AFPMU), que engendrou um estatuto próprio.

Para apresentar tais dados, foi preciso recorrer às Conclusões Gerais do I Encontro Nacional de Museus Universitários, aos objetivos do I Encontro Nacional de Museus Universitários, de 1992, e avançar um pouco para buscar informações da AFPMU no “Estatuto da Associação do Fórum Permanente de Museus Universitários”, apresentado no IV FPMU, de 2006, e à entrevista pública sobre a “Memória dos Fóruns Permanentes dos Museus Universitários”, que teve lugar no V FPMU.

Nas Conclusões Gerais do I ENMU, é possível verificar que seu objetivo geral era constituir um espaço de debates e reflexões sobre os museus universitários:

¹¹⁰BRUNO, M. C. Temporalidade Encontros de Museus Universitários Brasileiros. Mensagem recebida por <mcobruno@uol.com.br>, em 02 dez. 2019. E-mail enviado à Dra. Cristina Bruno com fins de esclarecer qual seria a temporalidade desses encontros, conforme sua experiência. Obteve-se a seguinte informação: 1º Encontro, quando o Fórum foi organizado: Goiânia, 1992; 2º Encontro, aproveitando a reunião da Semana de Museus da USP; 2º / 3º Encontros em Natal.

o Museu Universitário Hoje, discutido no I Encontro Nacional de 26 a 30 de julho de 1992, em Goiânia, Goiás, teve como objetivo geral constituir um fórum de debates e reflexões sobre a realidade institucional dos museus universitários brasileiros. Esse encontro reuniu profissionais da área de museus, professores, pesquisadores e alunos, para discutir as articulações dos museus universitários com as áreas do ensino e da pesquisa, e com os diversos segmentos da sociedade, a fim de subsidiar e sugerir políticas museológicas responsáveis que respondam aos desafios e questionamentos da atualidade. (CONCLUSÕES GERAIS I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Segundo Cristina Bruno (informação oral)¹¹¹, em sua exposição oral no V Fórum Permanente de Museus Universitários durante o painel “Memória do Fórum Permanente dos Museus Universitários”, inicialmente, a ideia era de criação de uma Associação do Fórum Permanente de Museus Universitários (AFPMU). Ribeiro (2007) reforça essa premência quando menciona em uma reunião realizada em 2005, haver o propósito de se instituir uma associação de museus universitários brasileiros que desse apoio ao FPMU:

Em reunião realizada durante a V Semana de Museus da USP, em 2005, foram discutidos temas como a criação e a proposta de estatuto da Associação dos Museus Universitários Brasileiros, como apoiadora do FPMU, com estrutura administrativa que possibilite ao Fórum caminhar sem a recorrência de tantas dificuldades e empecilhos. Também foram debatidas formas mais efetivas (presencial, semipresencial) de ampliar a comunicação entre os museus universitários, principalmente aqueles de difícil acesso. Outros temas foram discutidos, como a proposta de organização do próximo Encontro Nacional, a ser realizado em Belo Horizonte no próximo ano. (RIBEIRO, 2007, p.38).

O conteúdo da ata do IV FPMU, acontecido em 2006, revela que Maria das Graças apresentou, no evento, o projeto “Estatuto da Associação do Fórum Permanente de Museus Universitários” – para conhecimento, apreciação e aprovação – como solução para o fortalecimento do Fórum anual. Marta Lourenço, no mesmo encontro, “considerou extraordinário o IV Encontro do FPMU, destacando a importância da liderança agregadora de Maria da Graças e apontou a necessidade de formalizar a Associação, como instância representativa dos museus e coleções universitários brasileiros”. (ATA IV FPMU, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG, 2006).

O Estatuto da AFPMU encontrado tem data de 28 de julho de 2006¹¹², coincidente com a do encerramento do IV Fórum Permanente de Museus Universitários, realizado em Belo

¹¹¹Comunicação Oral – Entrevista Pública Memória do Fórum Permanente de Museus Universitários – V Fórum Permanente de Museus Universitários. Belo Horizonte, em 9 out. 2018. Cristina Bruno (USP); Lídia Meireles (UFU); Verona Segantini (UFMG)/Mediação. Disponível em <https://www.facebook.com.br/rede-de-museus-da-ufmg/videos>. Acesso em: 14 dez. 2019.

¹¹²Não foi possível identificar de a versão encontrada se tratava de documento final ou se este sofreu modificações posteriores.

Horizonte, sob coordenação de Maria das Graças Ribeiro. O documento contém 12 páginas com definições que se dividiam entre os assuntos: denominação, sede, duração; os fins; os sócios; administração e controle interno; a assembleia; a diretoria; o conselho fiscal; o conselho consultivo; o processo eletivo; patrimônio, receitas e despesas; a prestação de contas; e disposições gerais. Nele, o Fórum é denominado como uma associação. Seu parágrafo único é esclarece que a Associação do Fórum Permanente de Museus Universitários poderia ser simplesmente denominada AFPMU. (ESTATUTO AFPMU, Rede de Museus da UFMG, 2006).

No capítulo II, Art. 3º, é demonstrada a finalidade da AFPMU:

I - Promoção da integração dos órgãos e pessoas pertencentes aos Museus Universitários, na busca de constante aperfeiçoamento do intercâmbio e da cooperação, como instrumentos para a melhoria de seus desempenhos, dentro da estrutura universitária e fora dela. II - Promoção da cultura, defesa e preservação do patrimônio histórico, artístico, científico, tecnológico e natural; III - Promoção de atividades educativas no âmbito dos espaços museais ou a eles relacionadas; IV - Estudos e pesquisas, desenvolvimento de tecnologias alternativas, produção e divulgação de informações e conhecimentos técnicos e científicos; V - Defesa, preservação e conservação do meio ambiente, visando a promoção do desenvolvimento sustentável. (ESTATUTO AFPMU, Rede de Museus da UFMG, 2006).

O conteúdo deste documento destaca alguns artigos acerca do Fórum, sua sede, e quais seriam suas ações. O Art. 1º elucida que o Fórum Permanente de Museus Universitários é uma sociedade civil, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com autonomia administrativo-financeira, com duração indeterminada, regendo-se pelo presente Estatuto e legislação que lhe for aplicável. Segundo Art. 2º, a sede da Associação seria em Belo Horizonte, Minas Gerais, no Museu de Ciências Morfológicas do Campus Pampulha, da UFMG. A administração da Associação iria funcionar no local onde residisse seu presidente. (ESTATUTO AFPMU, Rede de Museus da UFMG, 2006). Maria das Graças, então diretora do Museu de Ciências Morfológicas da UFMG, havia sido eleita coordenadora do IV Fórum Permanente de Museus Universitários, motivo pelo qual se supõe que a sede estava inicialmente localizada neste museu universitário.

Para consecução de seus objetivos, o Art. 4º definia que esta Associação responderia pelos seguintes procedimentos e atividades:

I- Promover intercâmbio de informações e experiências com entidades científicas e culturais congêneres, nacionais e internacionais; II – Realizar congressos, conferências, seminários, reuniões, cursos, oficinas, entre outros; III – Criar meios de divulgação (edição de livros, revistas, jornais, periódicos, documentários e outros

veículos de difusão do conhecimento); IV – Atuar ativamente junto aos órgãos governamentais, às universidades, às agências financiadoras de projetos e à sociedade em geral, visando apoiar ao bom desempenho dos órgãos associados. (ESTATUTO AFPMU, Rede de Museus da UFMG, 2006).

Em uma perspectiva mais atual – quando comparado o conteúdo do documento com as Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias (resultado do V FPMU, realizado em 2018), com a definição vista no Estatuto da Associação do Fórum Permanente de Museus Universitários de 2006 – destacam-se dois termos importante que surgem, como novidade, sobre a definição do FPMU:

(...) o Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU) constituiu-se em uma rede que articula política e tecnicamente museus e coleções das Instituições de Ensino Superior, atuando colaborativa e complementarmente com os gestores de museus e coleções universitários.” E ainda que “o FPMU **abarca a diversidade do patrimônio científico e cultural, em suas diferentes formas de vinculação acadêmica e distintas modalidades institucionais - museus, coleções, centros de memória, centros de documentação, observatórios, parques, herbários, etc.** (DIRETRIZES PARA UMA POLÍTICA DE MUSEUS E COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS, p. 4, 2018, grifo nosso).

Em 2018, por exemplo, já se conjectura o Fórum no estatuto de **rede** que articula **política** e **tecnicamente** museus e coleções e a diversidade do patrimônio científico e cultural. O trecho acima também é interessante para comparar distintas modalidades institucionais abrangidas pelo Fórum Permanente de Museus Universitários com os tipos institucionais existentes na base de dados do Comitê Internacional de Museus e Coleções Universitárias (UMAC) do Conselho Internacional de Museus (ICOM). Quando comparadas as distintas modalidades institucionais abarcadas pelo FPMU com os tipos institucionais englobados na base de dados do UMAC, é possível perceber que há semelhança no que se considera museu universitário. Na base de dados do UMAC, a tipologia institucional dos museus e coleções da universidade está organizada em 22 categorias, entre as quais se destacam museus, centros de ciências, arquivos, jardins botânicos, observatórios, planetários, e museus virtuais, como visto no primeiro capítulo. (UMAC, Base de Dados, 2019). Para o UMAC:

devido a uma variedade de razões históricas e institucionais, as universidades organizaram seus museus, coleções e patrimônio de várias maneiras. Além disso, essas formas mudaram consideravelmente no passado e ainda estão mudando, à medida que as universidades em todo o mundo se adaptam às necessidades contemporâneas de ensino, pesquisa e extensão comunitária. (UMAC, Base de Dados, 2019, tradução nossa).

Assim, a definição estabelecida para o Fórum Permanente de Museus Universitários de 2018 traz o termo rede como novidade, ao considerar o Fórum política e tecnicamente como articulador de museus e coleções das Instituições de Ensino Superior. Diante disto, convém lembrar que durante a Plenária do V Fórum Permanente de Museus Universitários, discutiu-se a possibilidade de integração da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários ao Fórum Permanente de Museus Universitários, sob o argumento de que a alternativa fortaleceria a articulação nacional dos museus universitários, sem prejuízo para o que a Rede desenvolve, sugerindo-se que Maurício Cândido da Silva, atual coordenador da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, coordenasse esta instância unificada. No entanto, os participantes do Fórum se manifestaram a respeito de ambas as propostas e votaram, sendo aprovada a manutenção das duas instâncias, cabendo à Rede desenvolver pesquisas sobre os museus universitários e, ao Fórum Permanente de Museus Universitários, operar politicamente e se responsabilizar pelos eventos. (ATA DA SESSÃO PLENÁRIA DO V FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, 2018).

Conforme se vê mais detalhadamente no segundo capítulo, a Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários (RBCMUI) foi criada em 2017 se trata de uma importante estratégia de articulação que surge na sequência de uma perspectiva de criação de uma associação/e ou fórum. No Estatuto do Fórum Permanente de Museus Universitários, é possível perceber que algumas das ações consideradas para a Associação do Fórum em 2006 são similares às definidas para a Rede Brasileira de Museus Universitários, em Sessão Plenária do V Fórum Permanente de Museus Universitários. A exemplo da promoção do intercâmbio de informações e experiências com entidades científicas e culturais congêneres, nacionais e internacionais e a criação de meios de divulgação. (ESTATUTO AFPMU, Rede de Museus da UFMG, Art. 4º, 2006), e desenvolver pesquisas sobre os museus universitários e ao Fórum Permanente de Museus Universitários. (ATA DA SESSÃO PLENÁRIA DO V FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, 2018).

Portanto, os Encontros Nacionais de Museus Universitários serão aqui tratados como uma importante estratégia de articulação, que, até o momento, se desvincula da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, não deixando de se considerar, contudo, a Rede Brasileira como outra relevante estratégia de articulação.

Cristina Bruno, durante o V FPMU, ao discorrer sobre os bastidores do I Encontro Nacional de Museus Universitários, relembrou que, em meados dos anos 80, o Brasil passava por uma efervescência com o surgimento do Ministério da Cultura e eventos na área da

museologia. Segundo Bruno, muitos profissionais dos museus universitários tinham a impressão de que esses museus não eram palco ou objeto de análise, nunca estavam nas pautas, e, por esta forte razão, seus profissionais decidiram realizar o I Encontro Nacional de Museus Universitários. Bruno confirma que, em um primeiro momento, este I Encontro surge da ideia de Edna Luísa de Melo Taveira e Regina Márcia Moura Tavares e que, para promovê-lo foi preciso procurar quem atuasse em museus universitários. Imaginava-se, segundo Bruno, que iam se reunir 20 ou 30 pessoas, no entanto, o número de participantes superou em muito a expectativa, com representação do país inteiro. Bruno revelou que os resultados foram superiores ao esperado e, também, que os documentos finais do evento foram publicados na Revista Ciência e Museus e, depois, encaminhados aos órgãos oficiais e reitores. (informação oral).¹¹³

Em notícia de jornal existente no *clipping* da Assessoria de Comunicação Social da UFG, é possível, ao ler o que disse Regina Tavares – então coordenadora geral do I Encontro de Museus Universitários – compreender como e onde se originou a idealização do primeiro encontro nacional para museus universitários e o porquê de Goiás ter sido escolhido para abrigar o primeiro de uma série:

O I Encontro Nacional é, na avaliação de Regina Márcia Moura Tavares, diretora do Centro de Cultura e Arte da PUCCAMP um fato histórico, uma vez que existem museus universitários brasileiros com mais de 30 anos de existência que nunca trocaram informações entre si sobre suas áreas de trabalho, pesquisa, ensino e administração: “este encontro é resultado de uma ampla discussão realizada em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, que reuniu professores e reitores da área de extensão universitária. Lá “foi colocada a necessidade de um maior intercâmbio entre os museus universitários”, disse ela, afirmando que Goiás foi escolhido para sediar o evento devido ao trabalho desenvolvido pelo Museu Antropológico da UFG em Goiás e também no Estado do Tocantins. (O POPULAR, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

O evento citado por Regina Tavares é o VI Encontro Nacional do Fórum de Pró-Reitores de Extensão (Forproex) das Universidades Públicas, que teve lugar em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, entre 21 e 25 de abril de 1992.

Maria Nogueira em texto sobre a trajetória do Fórum de Pró-Reitores de Extensão (Forproex) das Universidades Públicas Brasileiras procura identificar as principais ideias que emergiram nos encontros de pró-reitores de extensão e como eles se converteram em diretrizes

¹¹³Comunicação Oral – Entrevista Pública Memória do Fórum Permanente de Museus Universitários – V Fórum Permanente de Museus Universitários. Belo Horizonte, em 9 out. 2018. Cristina Bruno (USP); Lídia Meireles (UFU); Verona Segantini (UFMG)/Mediação. Disponível em [https://www.facebook.com.br/rede de museus da UFMG/v%C3%ADdeos/268103670512631](https://www.facebook.com.br/rede%20de%20museus%20da%20UFMG/v%C3%ADdeos/268103670512631). Acesso em: 10 dez. 2019.

para a política extensionista das universidades brasileiras. A autora frisa que, durante a década de 1980, houve uma revitalização da sociedade civil, que emergiu com a luta pela democratização do Estado e da sociedade, e no âmbito da universidade. (NOGUEIRA, 2013, p.36)

As discussões no meio acadêmico, nesse momento, giram em torno de dois eixos centrais: a autonomia universitária e o compromisso social da universidade com os setores menos favorecidos da população. No bojo dessas discussões constitucionaliza-se o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, em 1988. Nesse clima torna-se possível e necessária a reflexão sobre o papel da universidade pública, criticada por estar mais a serviço de interesses de determinados grupos da sociedade - as classes dominantes e a elite dirigente, mais bem organizadas para reivindicar serviços à universidade - e do próprio Estado, do que de interesses do conjunto da população. (NOGUEIRA, 2013, p.36).

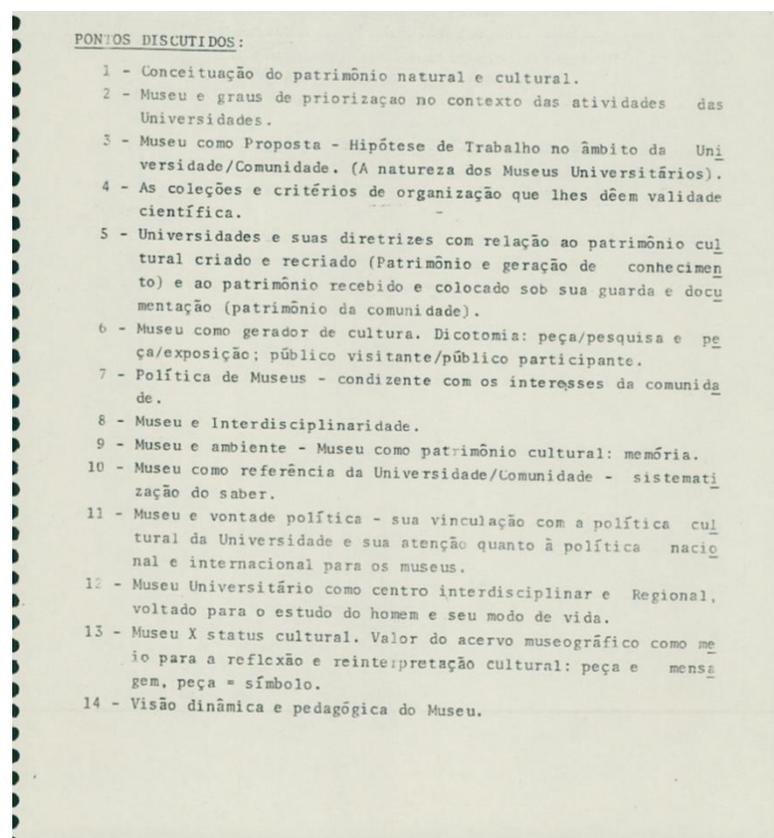
A autora mostra ser a indissociabilidade entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, a base sobre a qual se redimensionaria a ação extensionista: “superando a antiga visão de transmissão de conhecimento e assistencialismo. O Fórum veio atuar no sentido de estabelecer e consolidar o caráter acadêmico da extensão como instrumento de democratização do conhecimento produzido e como meio de cumprir a função social da universidade.” (NOGUEIRA, 2013, p.38).

O VI Forproex faz parte da trajetória dos encontros de pró-reitores de extensão e foi composto em torno de nove grupos temáticos da área artístico-cultural: patrimônio cultural (museus/memória); música; artes plásticas; editoração – difusão cultural; artes cênicas; práticas esportivas, recreativas e lazer; cinema, vídeo, TV; criação literária; e questões institucionais, políticas e administrativas atinentes à gestão do setor artístico-cultural. Para cada um dos nove temas foram feitas considerações e proposições. (NOGUEIRA, 2000, p. 39).

Como subsídio de leitura para o I Encontro Nacional de Museus Universitários, foi enviado um documento concernente ao tema patrimônio cultural (museus/memória), com dados acerca dos pontos tratados no VI Forproex e orientações para museus universitários, com alicerce no debate havido neste encontro (SUBSÍDIOS DE LEITURA I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992). Nesta documentação, foi possível identificar informação sobre o seguinte: tema; grupo de discussão; caracterização; pontos discutidos; experiências apresentadas; justificativa; e recomendações. No que tange ao debate sobre patrimônio cultural (museus/memória), consta que o grupo de discussão contou com 38 participantes. (SUBSÍDIOS DE LEITURA I ENMU – VI Forproex, Patrimônio Cultural Museus/Memória, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Conforme documentação, o tema Patrimônio Cultural (Museus/Memória), explorado no VI Forproex foi distribuído conforme os 14 pontos de discussão abaixo:

Figura 45 - Pontos de discussão/VI Forproex



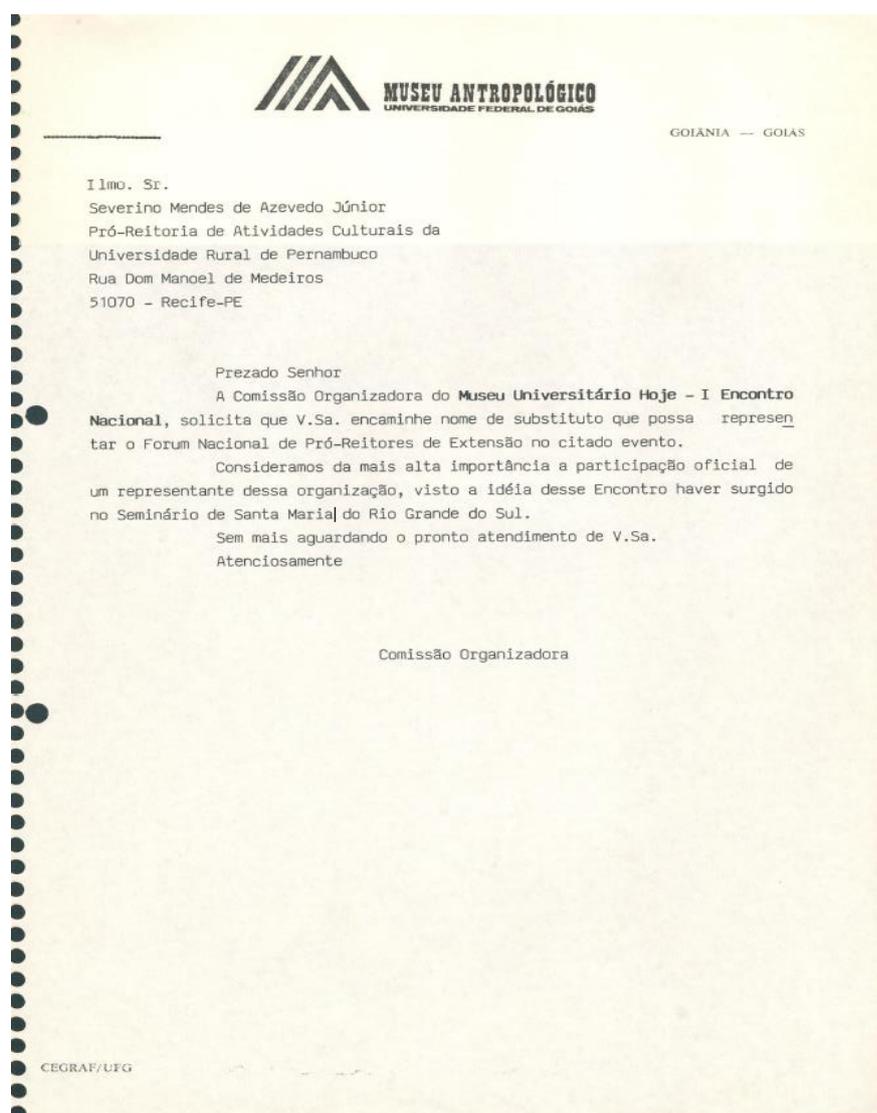
Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Ainda sobre as referências contidas neste documento, consta que as experiências apresentadas durante o VI Forproex contaram com a representação de locais como Paranaguá, Piratini, Goiás, Sudoeste da Bahia, Santa Maria, Chapada do Araripe (Cariri/Ceará), Comunidade do Silveira Martins no Rio Grande do Sul, e Pelotas. As justificativas foram cinco: a tendência de discussão sobre o patrimônio cultural voltou-se para a área dos museus como lugar privilegiado de preservação e reconstrução da memória; as palavras museu e memória sugerem que o ato de guardar mantenha a memória viva, garantida por linhas de pesquisa estabelecidas por projetos, dos quais origina a documentação que irá se manifestar concretamente em exposições e ações educativo-culturais; tudo que se faz no museu tem como centro de interesse o homem vivendo em sociedade; o museu universitário deve ser um centro de pesquisa interdisciplinar, com suas atividades intimamente ligadas aos interesses dos departamentos que integram as unidades de ensino, tendo como público alvo a comunidade

universitária e, a partir dela, a sociedade; e ainda, que o museu possui ações integradas e coerentes no âmbito da cultura, quando se pensa em extensão irradiada pela universidade. (SUBSÍDIOS DE LEITURA I ENMU – VI Forproex, Patrimônio Cultural Museus/Memória, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Na correspondência abaixo, a comissão organizadora do I Encontro Nacional de Museus Universitários considerava de suma importância a participação de um dos representantes do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão, uma vez que a ideia do encontro surgiu do VI Forproex, realizado em Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

Figura 46 - Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão – representante



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Depreende-se, portanto, que o VI Fórum de Pró-reitores de Extensão, realizado no mês de abril de 1992, influenciou a organização do I Encontro de Museus Universitários do Brasil, no mês de julho de 1992, uma vez que a coordenadora geral do I ENMU, Profa. Regina Tavares, esclarece a afirmação em entrevista ao jornal *O Popular*, conforme citado no início deste capítulo e de acordo com a informação da correspondência acima.

Além disso, as quatro recomendações finais do VI Forproex, enviadas como subsídio para o I ENMU, estão niveladas à configuração do quadro de discussões e elaboração dos temas do I Encontro Nacional de Museus Universitários. No VI Forproex era recomendada:

1 - Realização de um diagnóstico dos Museus nas Universidades através da realização de seminários internos, com base nos seguintes tópicos: a) os Museus - o que são? b) situação funcional, c) apresentação de ementa de suas realizações **com o objetivo de troca de informações entre as IES**; **2 - A criação de um banco de dados sobre produção/atividades/situação dos Museus Universitários a nível nacional**; **3 - A promoção de um encontro de museus universitários**, com pauta voltada para os seguintes tópicos: a) o Museu na estrutura da universidade, b) museu, patrimônio natural e cultural (memória), museu e ambiente, c) museu, vontade política e política cultural da universidade, d) museu, sua proposta e hipóteses de trabalho para uma universidade, e) museu e interdisciplinaridade/centro de divulgação científica da universidade; **4 - Retomar como discussão a memória.** (SUBSÍDIOS DE LEITURA I ENMU- VI Forproex, Patrimônio Cultural Museus/Memória, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992, grifo nosso).

Dessa forma o I Encontro Nacional de Museus Universitários já é, ele mesmo, o cumprimento da terceira recomendação do VI Forproex, a de promoção de um encontro de museus universitários. Além do que, o I ENMU foi organizado em torno de assuntos que vão ao encontro das recomendações do VI Forproex, como a comunicação, a interdisciplinaridade, a relação com a universidade, ensino, pesquisa e extensão, entre outros que foram detalhados no terceiro capítulo. Maria das Graças discorre sobre o compromisso dos profissionais de museus universitários de encontrar solução para os problemas enfrentados na busca de alternativas conjuntas, por meio de encontros, debates e reflexões para avaliar seus pontos de convergência. A autora sublinha a importância de tais encontros para que resultados positivos de modelos adotados possam as demais instituições a adotar. (RIBEIRO, 2007, p. 28).

A publicação de Maria das Graças de 2007 traz dados sobre as datas e temas dos encontros de museus universitários no Brasil até o IV Fórum. Esse texto foi essencial para pensar cronologicamente na constituição do Fórum, embora tenha sido a documentação empírica a responsável para que se encontrasse vestígios que indicam tentativas de encontros em outras ocasiões e datas, algumas inconclusas, e outras que se configuram como reuniões informais ou preparatórias para os encontros nacionais, o que demonstra que promover tal

articulação não era tarefa fácil, assim como não foi um processo fácil estabelecer essa temporalidade pelos motivos já mencionados no primeiro capítulo.

Seguindo publicação de Maria das Graças de 2007 o I Encontro Nacional de Museus Universitários (I ENMU) ocorreu entre os dias 26 e 30 de julho de 1992, em Goiânia, na Universidade Federal de Goiás (UFG), com o tema “Museu Universitário Hoje”, apenas alguns meses depois do VI Encontro Nacional do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas (VI Forproex). O II Encontro Nacional de Museus Universitários, já organizado como Fórum Permanente de Museus Universitários (FPMU), se deu em 1997, durante a I Semana de Museus da Universidade de São Paulo (USP). O III Fórum Permanente de Museus Universitários (III FPMU), aconteceu em 2001, em Natal, no Rio Grande do Norte, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no Museu Câmara Cascudo (MCC). O IV e V Fóruns Permanentes de Museus Universitários, aconteceram em 2006 e 2018, em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Importante lembrar que a moção número 4, presente nas Conclusões Gerais do I ENMU, previa que o Encontro Nacional de Museus Universitários deveria acontecer a cada dois anos em regiões diferentes. (MOÇÕES I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992). Todavia, Maria das Graças esclarece os motivos pelos quais não foi possível cumprir essa periodicidade:

ao longo desses anos, embora várias reuniões tenham sido realizadas, os encontros nacionais ocorreram sem a periodicidade regular a que inicialmente se havia proposto, uma vez que as dificuldades financeiras e a falta de estrutura administrativa compatível com as necessidades e demandas do Fórum não o permitiram. Entretanto, tais encontros se tornaram momentos especiais de discussão, reflexão, estímulo e tomada de decisões. (RIBEIRO, 2007, p. 36).

Constatou-se que, conforme a temporalidade estabelecida por Maria das Graças, estes encontros tiveram em torno de quatro a cinco anos de intervalo, à exceção do último, que ocorreu 12 anos depois do seu anterior.

Cristina Bruno, em entrevista pública sobre a memória dos FPMUs, destaca que os objetivos dos encontros sempre foram permitir a articulação entre profissionais e pares que trabalhassem com as mesmas variáveis ou que, pelo menos, tivessem a universidade como a base da sua articulação, além de discussões sobre a formação profissional. (informação oral).¹¹⁴

¹¹⁴Comunicação Oral – Entrevista Pública Memória do Fórum Permanente de Museus Universitários – V Fórum Permanente de Museus Universitários. Belo Horizonte em 9 out. 2018. Cristina Bruno (USP); Lídia Meireles (UFU); Verona Segantini (UFMG)/Mediação. Disponível em <https://www.facebook.com.br/rede-de-museus-da-ufmg/videos/264937540692200>. Acesso em: 14 dez. 2019.

Assim, Maria das Graças relata que:

nas últimas décadas, muitos profissionais envidaram esforços para atrair novos olhares para a museologia universitária brasileira e despertar o interesse e a vontade política de garantir a esses museus oportunidades de crescimento e desenvolvimento, possibilitando-lhes o salto de qualidade que podem empreender. Refletindo tal empenho, foi realizado na Universidade Federal de Goiás (Goiânia), em 1992, o I Encontro Nacional de Museus Universitários, reunindo profissionais de quase todos os estados e de inúmeras universidades brasileiras. (RIBEIRO, 2007, p. 35).

O I Encontro Nacional de Museus Universitários (I ENMU), que foi apresentado com maiores detalhes no terceiro capítulo, aconteceu entre os dias 26 e 30 de julho de 1992, em Goiânia, na Universidade Federal de Goiás (UFG), com o tema *Museu Universitário Hoje* (RIBEIRO, 2007, p. 35), e teve a Profa. Regina Márcia Moura Tavares, então diretora do Centro de Cultura e Arte da PUCCAMP, como coordenadora geral, e a Profa. Edna Luísa de Melo Taveira, então diretora do Museu Antropológico, como coordenadora local.¹¹⁵ (EQUIPE ORGANIZADORA I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

A coordenadora local do I Encontro Nacional de Museus Universitários, Profa. Edna Luísa de Melo Taveira, então diretora do Museu Antropológico da UFG, conclamava a população a assistir aos debates. Na citação, é possível perceber a intenção de se pensar nestes museus universitários com e para a sociedade:

Queremos que a população realmente descubra o espaço museal, porque afinal, a sociedade é fonte de nosso estudo. Nosso trabalho começa na pesquisa de campo, no desenvolvimento do trabalho laboratorial, na ação educativa dos alunos de 1º e 2º graus que estão, de certa forma, ligados aos departamentos da universidade, mesmo que seja através de atuais professoras que foram ex alunos da casa, e posteriormente envolve a comunidade, a mesma que deu origem à pesquisa inicial. (O POPULAR, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

¹¹⁵Como apoio técnico, estavam a Profa. Dilamar Cândida Martins, do Museu Antropológico, a Profa. Judite Ivanir Breda, da UFG, Marina Alves de Oliveira Marques e Denise Sodré Abrahão Guadelup, do Museu Antropológico, Maria Fátima Vaz de Mattos, da PROPLAN da UFG, e Rita de Cássia Xavier, da PUCCAMP.

Figura 47 - O Popular/Museus Universitários em debate



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

O II Encontro Nacional de Museus Universitários, que aconteceu entre os dias 18 e 22 de maio de 1997, em São Paulo, durante a I Semana de Museus da USP, com o tema *Os museus universitários e as suas principais questões*. (RIBEIRO, 2007, p. 36)

Maria das Graças esclarece que, apesar da importância do II FPMU para a discussão dos principais problemas, os obstáculos permaneceram:

Os debates giraram em torno de problemas concretos que afetavam os museus universitários brasileiros. Foram ressaltadas pelos participantes a importância de se expandir as discussões sobre a realidade institucional desses museus e a necessidade de ampliar o seu contato com a sociedade, de estabelecer um ambiente de mais otimismo e esperança, alimentado pelo intercâmbio entre os diferentes museus universitários, de se pensar na capacitação do pessoal que atua nesses museus, e na urgência de se estabelecer uma estrutura mínima, capaz de garantir a sobrevivência do FPMU. Mas, apesar das inúmeras tentativas, os obstáculos permaneceram, **refletindo a dificuldade de acesso e o quadro de desmobilização que imperava entre os museus universitários brasileiros naquele momento**. (RIBEIRO, 2007, p. 36, grifo nosso).

Não foi localizada documentação com ata e recomendações finais do II Fórum Permanente de Museus Universitários, realizado na I Semana de Museus da USP, embora na

programação do encontro tenha sido localizada a informação de que se tratou de uma reunião extraordinária do FPMU, em 20 de maio de 1997. A primeira parte do evento foi composta pela apresentação da reunião extraordinária do FPMU, pelo Prof. Dr. Adilson Avansi de Abreu, e por Cristina Bruno, então coordenadora do FPMU. Entre as comunicações, havia representantes do Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. Os debates giraram em torno da apresentação da proposta dos Museus da UFBA para o II Encontro Nacional de Museus Universitários e sobre a estrutura do FPMU. (informação pessoal) ¹¹⁶

Em conteúdo verificado nos Anais da I Semana de Museus da USP, há vasta publicação sobre museus universitários. Há textos acerca do papel dos museus universitários na universidade, a formação e desenvolvimento das coleções, a relação entre pesquisa, ensino, extensão e curadoria, entre outros que propõem a iniciativa de debater os museus e as coleções na universidade (ANAIS I SEMANA DE MUSEUS USP, Biblioteca MAE USP, 1997)¹¹⁷

Ainda sobre a percepção de que o II FPMU não tenha de fato ocorrido na I Semana de Museus da USP em 1997, a museóloga Ana Maria Gantois, que coordenou o evento em Natal, em 2001 (II/III FPMUs), na sessão de abertura, afirma que o encontro em São Paulo foi uma assembleia, cuja pauta foi a organização do II FPMU que seria a princípio na cidade de Salvador. (SESSÃO DE ABERTURA II FPMU, Setor de Documentação e Memória do MCC/UFRN, 2001):

Em 1997, na Semana de Museus da USP, **realizou-se no MAE/USP uma Assembléia tendo como pauta a realização do II ENMU na cidade de Salvador no ano seguinte (1998)**, elegendo-se a museóloga Ana Maria Gantois, Diretora do Museu de

¹¹⁶Programação reunião ocorrida na I Semana de Museus da USP, recebida por Adriana Mortara Almeida via Margaret Lopes. Representantes presentes nas comunicações: Museu Universitário da UFRGS; Museu da Escola Catarinense da UDESC; Museu Universitário da PUC – SP; Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo da UFPEl; Museu Dom Bosco da UCDB; Museu do Homem Sergipano da UFS; Museu Solar Monjardim; Museus da UFBA; Museu Universitário da PUC Campinas; Museu de Ciência Morfológicas da UFMG; Museu do Índio da UFU.

¹¹⁷Textos presentes nos anais da I Semana de Museus da USP: 1- Pronunciamento do pró-reitor na abertura da semana dos museus, em 18 de maio de 1997 – Jacques Marcovitch; 2- O papel dos museus na universidade: o caso do MAE – Adilson Avansi de Abreu; 3- Plano diretor do museu de arte contemporânea da universidade de São Paulo, aprovado pelo conselho administrativo, em 9 de junho de 1997 – Lisbeth Rebollo Gonçalves; 4- Texto apresentado na semana dos museus – José Sebastião Witter; 5- Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – José Luiz Moreira Leme; 6- Curadoria sem curadores? – Haiganuch Sarian; 7- Arqueologia brasileira no MAE/USP: pesquisa, ensino, extensão e curadoria – Jose Luiz de Moraes e Marisa Coutinho Alonso; 8- Difusão Científica, Musealização e Processo Curatorial: uma rede de possibilidades e desafios para os museus universitários – Maria Cristina Oliveira Bruno, Marília Xavier Cury e Maria Christina de Souza Lima Rizzi; 9- Formação e desenvolvimento das coleções: problemas e desafios. O Caso do Museu de Arte Contemporânea da Universidade De São Paulo – Gabriela Suzana Wilder; 10- Em busca do "contemporâneo" no Museu. O Desafio do Museu de Arte Contemporânea da Universidade De São Paulo – Cristina Freire; 11- Curadoria e Curadores – Heloisa Barbuy; 12- Trajetória da Curadoria no Museu Paulista – Maria José Elias; 13- Processo Curatorial: a pesquisa, a docência e a extroversão a partir da evidência material da cultura e do meio ambiente – Cleide Costa; 14- Coleções do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo: Finalidades Básicas e Curadoria – José Lima de Figueiredo.

Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, como Presidente do Fórum Permanente dos Museus Universitários e conseqüente coordenação do II ENMU. (SESSÃO DE ABERTURA II FPMU, Setor de Documentação e Memória do MCC/UFRN, 2001, grifo nosso).

Graças à documentação empírica coletada, é possível perceber o interesse de haver um encontro anterior à I Semana de Museus da USP. Ao analisar o conteúdo do documento abaixo, de 19 de abril de 1995, enviado pela então presidente do Fórum Permanente de Museus Universitários Brasileiros, Profa. Regina Márcia Moura Tavares, à Profa. Maria de Lourdes P. Horta, então presidente do ICOM Brasil, é possível perceber interesse na promoção do II Encontro junto ao Seminário do ICOM *A museologia brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?* e os principais motivos para um novo encontro de museus universitários coincidindo com o encontro do ICOM: “1) difundir no grupo a proposta do ICOM/BR; 2) oferecer-lhe a oportunidade de debater documentos essenciais para a museologia latino-americana e brasileira; 3) garantir uma frequência maior no seminário; d) racionalizar os custos”. (ENCONTRO ICOM, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1995).

Figura 48 - Carta ICOM

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
 Rodovia D. Pedro I, km 136 - CEP 13100 - CAMPINAS - São Paulo - Brasil

Data / Date: 19/04/95
 Hora / Time: _____

Destinatário / Addressee	Nome / Name: <u>MARIA DE LOURDES P. HORTA</u> <u>Presidente do ICOM/BPASIL</u> Fone / Phone: <u>(0242) 42-7012</u> Fax: <u>(0242) 42-8540</u>
Remetente / Sender	Nome / Name: <u>PROFA. REGINA MÁRCIA MOURA TAVARES</u> Dept: <u>Centro de Cultura e Arte-Museu Universitário</u> Fone / Phone: <u>(0192) 32-0795</u>

Prezada Senhora:

**Mensagem /
Message**

Na qualidade de Presidente em exercício do FÓRUM PERMANENTE DOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS venho solicitar a anuência de V.Sa.ª para a convocação dos membros deste Fórum para participarem do Seminário "A MUSEOLOGIA BRASILEIRA: E O ICOM: CONVERGÊNCIAS OU DESENCONTROS?", no período de 22 a 25 de novembro próximo, em S. Paulo.

É nossa intenção realizar o II Encontro do FPMUB coincidindo com o do ICOM pelos seguintes motivos:

- 1) Difundir no grupo a proposta do ICOM/BR;
- 2) Oferecer-lhe a oportunidade de debater documentos essenciais para a Museologia latino-americana e brasileira;
- 3) Garantir uma frequência maior no Seminário;
- 4) Racionalizar os custos.

Caso a publicação das palestras do I Encontro do FPMUB, realizado em 1992 na Universidade Federal de Goiás, esteja concluída até 1º de Maio, pretendo distribuí-la no Encontro de Petrópolis. A revista "Ciência em Museus" está com seu número atrasado, mas espero tê-la em mãos

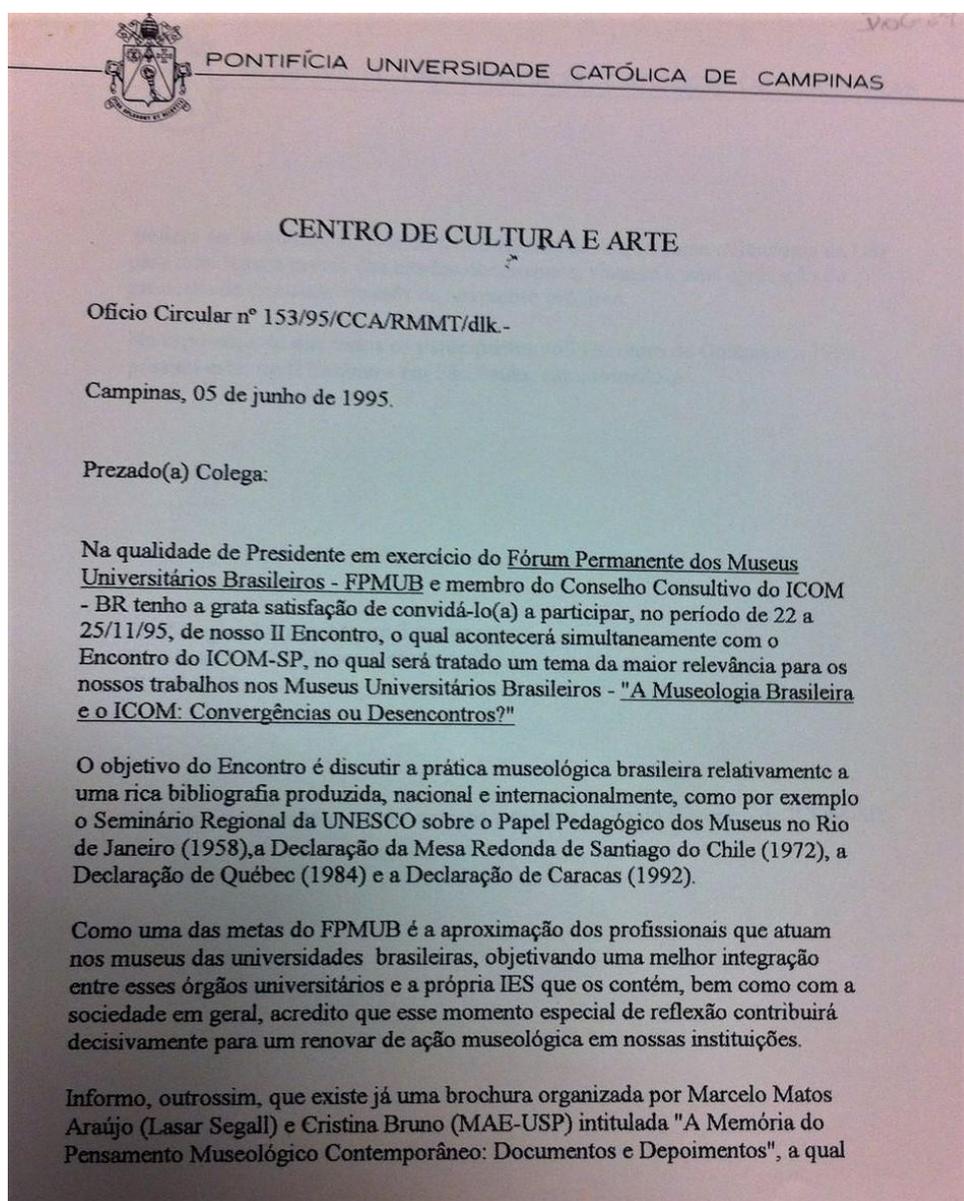
 Páginas seguem esta capa. Caso deixe de receber alguma, ligue para (0192) 52-0699.
 Para responder via fac-símile disque (0192) 52-8477.
 Pages follow this cover page. If all are not received, please call (0192) 52-0699.
 To reply via fax dial (0192) 52-8477.

Fonte: Rede de Museus da UFMG

Abaixo, no Ofício Circular 153/95 de 5 de junho de 1995, vê-se que convites para participação do II Encontro de Museus Universitários Brasileiros, no período de 22 a 25 de novembro de 1995, foram confeccionados e registrados em nome de Regina Márcia Moura Tavares, trazendo ainda considerações a respeito de:

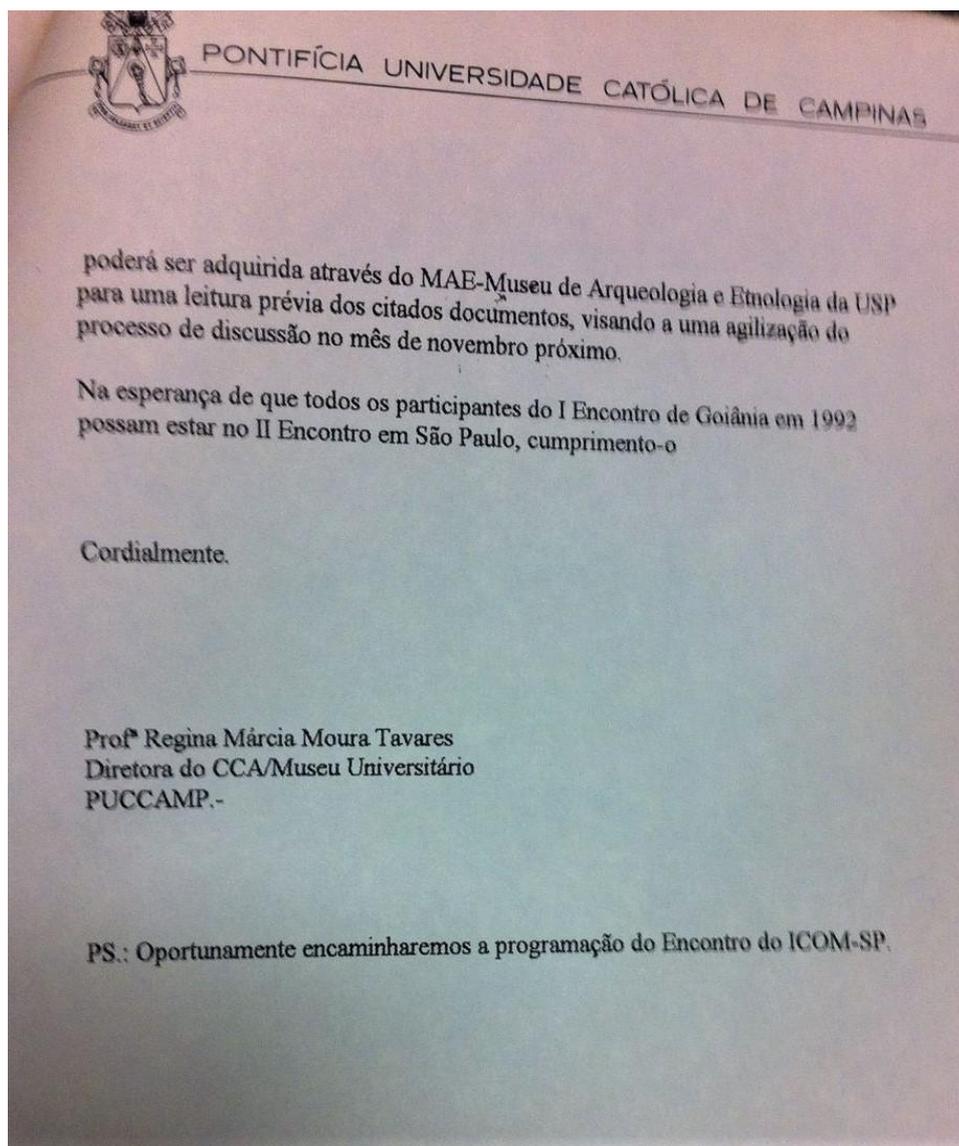
discutir a prática museológica brasileira relativamente a uma rica bibliografia produzida, nacional e internacionalmente, como por exemplo, o Seminário Regional da UNESCO sobre o papel pedagógico sobre os Museus no Rio de Janeiro (1998), a Declaração da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972), a Declaração de Québec (1984) e a Declaração de Caracas (1992). (OFÍCIO CIRCULAR 153/95, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1995).

Figura 49 - Circular 153/95 – parte 1



Fonte: Rede de Museus da UFMG

Figura 50 - Circular 153/95 – parte 2



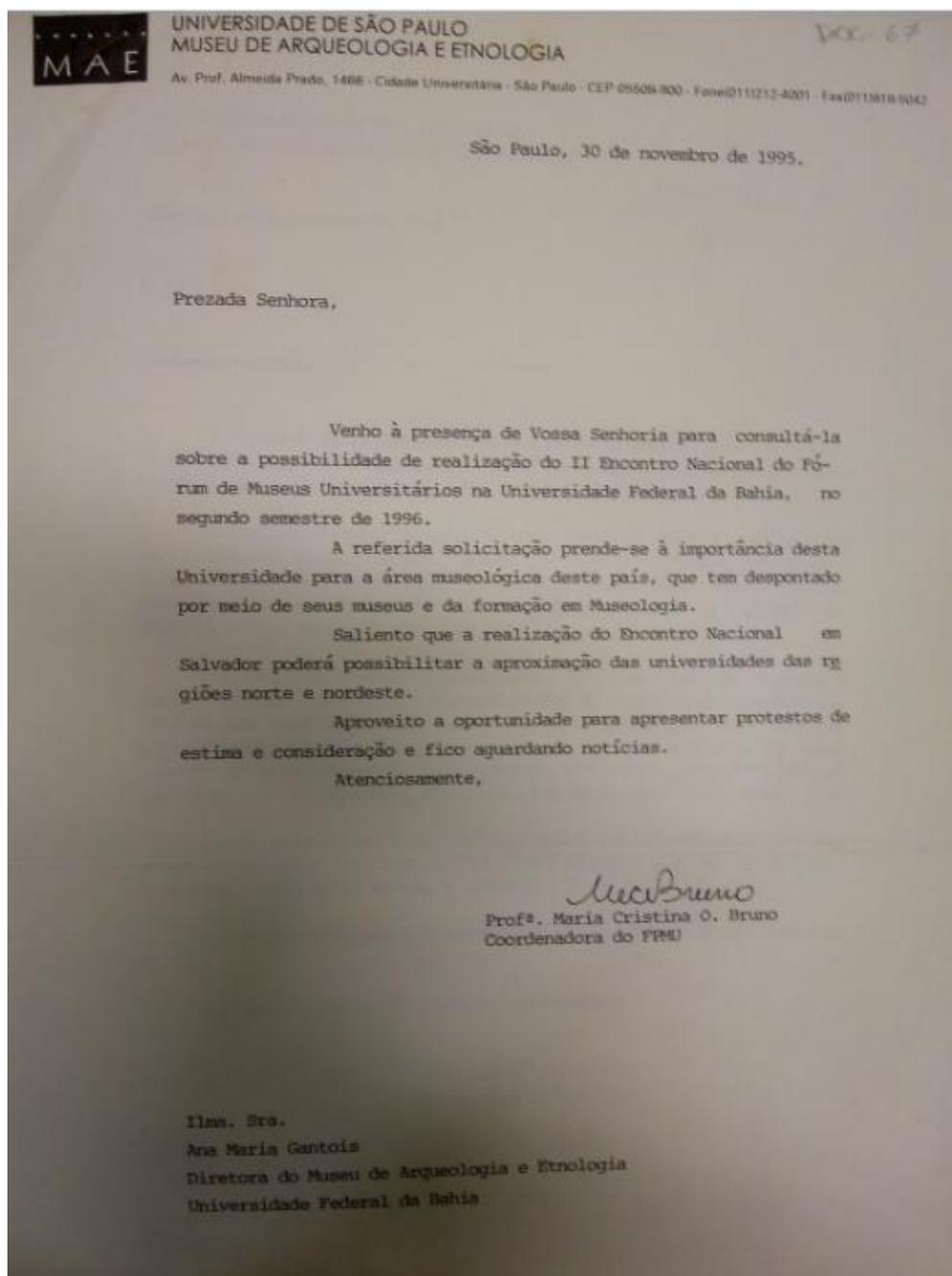
Fonte: Rede de Museus da UFMG

Embora não se tenha encontrado a ata e não se saiba se este encontro era concebido como o II FPMU ou como uma reunião informal/preparatória no âmbito do encontro do ICOM, foi encontrada, no pronunciamento de abertura do FPMU em Natal no ano de 2001, pequena citação sobre o conteúdo existente na ata deste encontro de 1995, tratando-o como reunião do FPMU: “Já na ata de **reunião do FPMU realizado no MAE/SP em 23 de novembro de 1995** consta que Edna Taveira foi representando Regina Márcia Tavares, atual presidente do Fórum naquela data. Nesta data Cristina Bruno assumiu a organização até o próximo encontro”. (SESSÃO DE ABERTURA II FPMU, Setor de Documentação e Memória do MCC/UFRN, 2001, grifo nosso). O trecho indica que Cristina Bruno seria responsável por organizar um

segundo encontro, muito provavelmente o ocorrido na I Semana de Museus da USP, considerado por ela e por Maria das Graças Ribeiro como o II FPMU.

Parece ter havido, ainda, no intuito de organizar novo encontro, tentativa de realização deste II FPMU no segundo semestre de 1996, na Universidade Federal da Bahia, o que acabou não acontecendo (DOC 67, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1995):

Figura 51 - II FPMU em Salvador/BA



Fonte: Rede de Museus da UFMG

Nos anais do II Fórum Permanente de Museus Universitários, considerado por Maria das Graças como o III FPMU, há referências sobre o pronunciamento, a conferência, os trabalhos e resumos e as comunicações sucedida no evento. Este material está sob a guarda do arquivo institucional do Museu Câmara Cascudo (MCC), no Setor de Documentação e Memória.

No pronunciamento da sessão de abertura do II FPMU, Ana Gantois lembrou que, no I Encontro de Museus Universitários (I ENMU), realizado em 1992, ficou sedimentada a necessidade da análise continuada das questões inerentes aos museus universitários por estes deterem o papel de dar apoio ao cumprimento das funções da universidade, que são ensinar, pesquisar e comunicar. (ARQUIVO INSTITUCIONAL DO MUSEU CÂMARA CASCUDO, 2001).

Ana Gantois traz em sua fala informações sobre o que ocorreu entre o I Encontro até a realização deste segundo, em 2001, e, para tal, retoma o documento conclusivo do I Encontro em que foi materializado o Fórum. Como ela bem disse, o encontro de 1995, no MAE/USP, foi uma reunião do FPMU, enquanto o de 1997 foi considerado uma assembleia, tendo, como pauta, uma reunião do II FPMU e, não, o próprio II FPMU, como considera Maria das Graças Ribeiro:

Sugere também, o citado documento, a realização bienal do **Encontro dos Museus Universitários**, teria como sede o Estado do RGS e o Coordenador o saudoso Prof. Tarcísio. **Já na Ata de reunião do FPMU realizado no MAE/SP em 23 de novembro de 1995** consta que “Edna Taveira foi representando Regina Márcia Tavares, atual Presidente do Fórum naquela data”. Nesta data Cristina Bruno assumiu a organização até o próximo Encontro. **Em 1997 na Semana de Museus da USP, realizou-se no MAE/USP uma Assembléia tendo como pauta a realização do II ENMU na cidade de Salvador no ano seguinte (1998)** “elegendo-se a museóloga Ana Maria Gantois, Diretora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, como Presidente do Fórum Permanente dos Museus Universitários e consequente **Coordenadoria do II ENMU**. A partir desse momento até 08 de maio de 1998 eu assumi a presidência do Fórum cônica das responsabilidades. (ARQUIVO INSTITUCIONAL DO MUSEU CÂMARA CASCUDO, 2001, grifo nosso).

Em carta circular, de 8 de maio de 1998, redigida em Salvador por Ana Maria Gantois e Marcelo da Cunha, então presidente e membro da comissão organizadora do próximo ENMU/FPMU¹¹⁸, vê-se que o encontro realizado durante a I Semana de Museus da USP foi

¹¹⁸Embora saibamos que se trata do II Fórum de Museus Universitários, em documentação este é denominado II Encontro Nacional de Museus Universitários.

considerado como uma plenária do Fórum, não sendo, portanto, entendido como o II FPMU. A carta foi enviada aos membros do Fórum de Museus Universitários e profissionais de museus, justamente com considerações acerca do adiamento do II Encontro de Museus Universitários, que seria realizado em Salvador:

Em plenária do Fórum de Museus Universitários no ano de 1997 em São Paulo, por ocasião da Semana de Museus da USP, definiu-se a realização do II Encontro de Museus Universitários na cidade de Salvador, no ano seguinte, elegendo-se a museóloga Ana Maria Gantois, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, Presidente do Fórum Permanente de Museus Universitários, e conseqüente coordenadora do II ENMU. (CARTA CIRCULAR GANTOIS; CUNHA, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1998, grifo nosso).

A carta circular indica alguns dos problemas enfrentados para a realização de novo encontro do Fórum, dentre eles:

as fragilidades e recorrências inerentes a um projeto desse porte; o esvaziamento de recursos materiais e de pessoal, que dificultou a comunicação entre a coordenação e demais estados; certa timidez nas proposições de apoio, apesar do interesse do empresariado e instituições públicas; a fragilidade das universidades, seus museus e sua referência perante a sociedade; e museus que se configuram como coleções estanques e representativas de uma elite intelectual.”(CARTA CIRCULAR GANTOIS; CUNHA, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1998).

Para Ana Gantois e Marcelo da Cunha, a não realização de tal encontro foi sinal marcante da crise em que se encontravam:

(...) faltam recursos, mas não podemos indicar essa carência como fator principal. Falta principalmente uma política de cultura que invista na qualidade a partir da reflexão e de ações coordenadas e sistêmicas. Apesar destas questões e principalmente por elas, urge que providências sejam tomadas para que discussões acerca da preservação patrimonial e suas instituições universitárias se realizem, preservando-se o compromisso firmado de realização de um segundo encontro em Salvador, local mais que justificado em que tanto se faz e se diz fazer na área da preservação de seu rico patrimônio e que junto com o Rio de Janeiro detém a exclusividade de um curso regular de museologia na sua Universidade Federal. (CARTA CIRCULAR GANTOIS; CUNHA, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 1998).

Na sessão de abertura do II FPMU, em Natal, Ana Gantois retoma o assunto do adiamento deste segundo encontro nacional e justifica os motivos da impossibilidade de realizá-lo em Salvador:

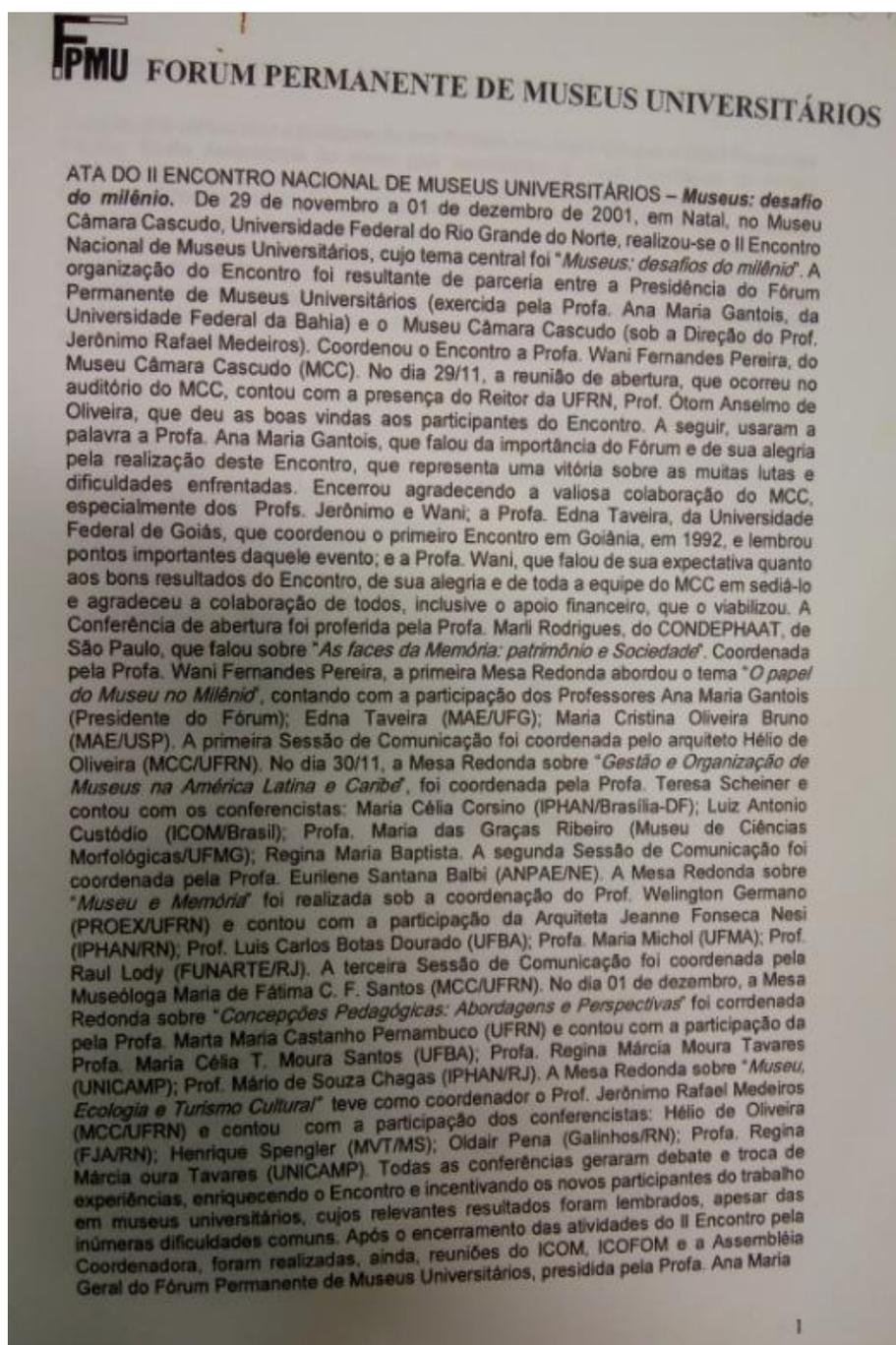
Porém para a concretização do II ENMU vi, após construir com muito zelo o desmoronamento de todo um projeto elaborado não só por mim mas com o prof. Marcelo Nascimento Cunha, convidado por mim para dividirmos as reflexões. Todos os andamentos institucionais foram feitos e principalmente a estes deu-se o tratamento devido. Mas esbarramos em uma crise política universitária que fez diluir todo um trabalho de projetos, contatos, reuniões, ... Quando admiti finalmente a total impossibilidade de concretizar a realização do II ENMU em SSA, assumi por inteiro a responsabilidade, elaborei uma Circular e tomei as providências para que o Fórum, pelo menos enquanto idéia constituída e uma força importante, não fenecesse. Como prévia a sua “Proposta para a estruturação do FPMU - Art. 1º, 2º. e 3º.” investi mais em um intercâmbio que permitisse consolidar, e este foi encontrado aqui no Museu Câmara Cascudo, também como parceiro de um ideal específico do Museu Universitário não só como “locus” da pesquisa museológica, interdisciplinar mas socializar as experiências através de uma linguagem que permita ao Museu interagir com as comunidades. A realização sufocada em maio/98, aqui neste momento realiza-se com um maior salto de qualidade de experiência, troca e esperança que se revigora na política uma política institucional específica, uma política museológica. (ARQUIVO INSTITUCIONAL DO MUSEU CÂMARA CASCUDO, 2001).

No texto de apresentação do Fórum em Natal, consta que se buscava realizar novo encontro nacional desde 1998:

Boas vindas! São nossos votos aqui expressados com muito gosto a todos que atenderam à convocação que ecoa desde 1998, quando a Universidade da Bahia/UFBA, através da professora Ana Maria Gantois, Diretora do Museu de Etnologia e Arqueologia e Presidente do Fórum Permanente dos Museus Universitários — FPMU, tomava em suas mãos a missão de realizar o II ENMU, missão esta que assumimos no ano 2000, após a realização de cursos e eventos em que se estreitaram as parcerias entre a Universidade Federal da Bahia e a do Rio Grande do Norte. Coincidências à parte, encontramos-nos como em 1998, num contexto de greve. Contexto oportuno para consolidar o FPMU como um lócus de diálogo entre as diversas áreas do conhecimento, gestados nas universidades, tratadas de maneira tão perversa pela política de cretinização que assola o país a anos. (ANAIS, Museu Câmara Cascudo, 2001)..

A ata que corresponde ao II Encontro Nacional de Museus Universitários registra que este encontro teria sido realizado no Rio Grande do Norte, em 2001 (ATA II FPMU, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001), conforme estabelecido no V FPMU e diferente da publicação de Ribeiro (2007).

Figura 52 - Ata II Encontro Nacional de Museus Universitários



Fonte: Rede de Museus da UFMG

Dessa maneira, foram encontradas publicações e documentos empíricos sugerindo datas diferentes para o período dos II e III Fóruns Permanentes de Museus Universitários no Brasil, ao mesmo tempo que outras exprimem os percalços encontrados que podem ter sido apenas tentativas inconclusas ou encontros não oficiais, mas considerados, por alguns, como oficiais e para outros tão somente reuniões preparatórias para encontros oficiais. O fato é que o período entre o II e III Fóruns Permanentes de Museus Universitários foi o que mostrou mais lacunas

para que se estabelecesse uma temporalidade, pois há documentação que registra uma tentativa de realização de um encontro em 1995, como o Ofício Circular 153/95, de 5 de junho de 1995, apresentado com convite para execução deste evento em São Paulo, junto ao ICOM; uma publicação de Maria das Graças Ribeiro de 2007 que indica que o II FPMU se deu em 1997, durante a I Semana de Museus da USP; e a temporalidade estabelecida no V Fórum Permanente de Museus Universitários durante o painel sobre a Memória do Fórum Permanente dos Museus Universitários e a documentação dos anais existentes no Arquivo Institucional do Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (MCC/UFRN) que atestam que o II ENMU ocorreu em Natal, em 2001.

Conforme temporalidade estabelecida por Maria das Graças, o III Fórum Permanente de Museus Universitários aconteceu em Natal no Rio Grande do Norte, em 2001, no Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), entre os dias 29 de novembro e 1 de dezembro com o tema *Museus: desafios do milênio*. (RIBEIRO, 2007, p. 36).

Sobre os debates do [III] III Encontro, Maria das Graças comenta:

O III Encontro Nacional de Museus Universitários promovido pelo FPMU foi realizado em Natal (RN), em 2001, tendo como tema principal "Museus: desafios do milênio". Foi debatida nesse Encontro a percepção dos museus universitários como instâncias de debate e reflexão sobre a sua realidade, os museus e sua prática no país e na universidade brasileira, as ações políticas e estratégicas para os museus universitários e para as próprias universidades, a importância das questões debatidas nos encontros nacionais de museus, a ampliação da interação entre os museus universitários e a comunidade museológica nacional e internacional, a sociedade em geral e a universidade em particular. (RIBEIRO, 2007, p. 37).

No dia 21 de novembro de 2019, a Coordenadoria de Cultura, Museus e Memória (CCMM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte foi contatada, quando afirmou não possuir documentação deste encontro, uma vez que esta coordenadoria não existia à época (informação pessoal) ¹¹⁹. Em atenção à continuidade desta solicitação, fizemos contato com o Museu Câmara Cascudo no dia 9 de dezembro de 2019 e foi localizada documentação relativa à organização e os anais deste encontro. A documentação do Arquivo Institucional do MCC (Setor de Documentação e Memória) não faz referência ao III Fórum Permanente de Museus Universitários e, sim, ao II Fórum Permanente de Museus Universitários, mas o período de realização, documentação e o tema confirmam tratar-se do mesmo evento. Embora tenha sido

¹¹⁹Coordenadoria de Cultura, Museus e Memória (CCMM). Mensagem recebida por correio eletrônico <culturaemmuseuproex@reitoria.ufrn.br>, em 22 nov. 2019.

localizada documentação relativa à organização e os anais deste encontro, não foi identificado no arquivo do Museu Câmara Cascudo documento com as recomendações finais ou ata deste encontro. A ata, no entanto, foi localizada na Rede de Museus da UFMG¹²⁰.

A organização deste encontro resultou da parceria entre presidência do Fórum Permanente de Museus Universitários, exercida pela Profa. Ana Maria Gantois, e o Museu Câmara Cascudo, sob a direção de Jerônimo Rafael Medeiros. A coordenação do encontro foi de Wani Fernandes Pereira, do Museu Câmara Cascudo (MCC) e a reunião de abertura contou com o então reitor da UFRN, Prof. Óton Anselmo de Oliveira. Os temas foram: “As faces da Memória: patrimônio e sociedade”; “O papel do Museu no milênio”; “Gestão e Organização de Museus na América Latina e Caribe; Museu e Memória”; “Concepções Pedagógicas: Abordagens e Perspectivas”; “Museu Ecologia e Turismo Cultural”. (ATA II FPMU, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001)¹²¹

¹²⁰ A ata foi coletada no âmbito de uma pesquisa de documentação sobre a rede de museus universitários da UFMG. Posteriormente, foi identificado em planilha excel enviada pelo responsável técnico da Rede, que as recomendações finais do encontro de Natal também constam no arquivo da Rede de Museus UFMG.

¹²¹ A conferência de abertura foi proferida pela Profa. Marli Rodrigues, do CONDEPHAAT de São Paulo, que versou sobre “As faces da Memória: patrimônio e sociedade”. Coordenada pela Profa. Wani Fernandes Pereira, a primeira mesa-redonda abordou o tema “O papel do Museu no milênio”, contando com a participação dos professores Ana Maria Gantois (presidente do Fórum); Edna Taveira (MAE/UFG); Maria Cristina Oliveira Bruno (MAE/USP). A primeira Sessão de Comunicação foi coordenada pelo arquiteto Hélio de Oliveira (MCC/UFRN). No dia 30/11, a mesa-redonda sobre “Gestão e Organização de Museus na América Latina e Caribe” foi coordenada pela Profa. Teresa Scheiner e contou com os conferencistas Maria Célia Corsino (IPHAN/Brasília-DF), Luiz Antônio Custódio (ICOM/Brasil), Profa. Maria das Graças Ribeiro (Museu de Ciências Morfológicas/UFMG e Regina Maria Baptista. A segunda Sessão de Comunicação foi coordenada pela Profa. Eurilene Santana Balbi (ANPAE/NE). A mesa-redonda sobre “Museu e Memória” foi realizada sob a coordenação do Prof. Wellington Germano (PROEX/UFRN) e contou com a participação da Arquiteta Jeanne Fonseca Nesi (IPHAN/RN), Prof. Luis Carlos Botas Dourado (UFBA), Profa. Maria Michol (UFMA) e Prof. Raul Lody (FUNARTE/RJ). A terceira Sessão de Comunicação foi coordenada pela museóloga Maria de Fátima C. F. Santos (MCC/UFRN). No dia 1º de dezembro, a mesa-redonda sobre “Concepções Pedagógicas: Abordagens e Perspectivas” foi coordenada pela Profa. Marta Maria Castanho Pernambuco (UFRN) e contou com a participação da Profa. Maria Célia T. Moura Santos (UFBA), Profa. Regina Márcia Moura Tavares (UNICAMP) e Prof. Mário de Souza Chagas (IPHAN/RJ). A mesa-redonda sobre “Museu Ecologia e Turismo Cultural” teve como coordenador o Prof. Jerônimo Rafael Medeiros (MCC/UFRN) e contou com a participação dos conferencistas Hélio de Oliveira (FJA/RN), Henrique Spengler (MVT/MS), Oldair Pena (Galinhos/RN) e Profa. Regina Márcia Moura Tavares (UNICAMP). Todas as conferências geraram debates e troca de experiências, enriquecendo o Encontro e incentivando os novos participantes do trabalho em museus universitários, cujos relevantes resultados foram lembrados, apesar das inúmeras dificuldades comuns. (Ata II [III] Encontro Nacional de Museus Universitários, rede de museus da UFMG).

A equipe organizadora do II Fórum Permanente de Museus Universitários, conforme consta em seus anais teve Prof. Óton Anselmo de Oliveira Presidente, como presidente de honra, e a Profa. Wani Fernandes Pereira (MCC/UFRN), como presidente do II FPMU. A Comissão Organizadora teve como participantes a Profa. Ana Maria Gantois (FPMU/UFBA), Profa. Wani Fernandes Pereira (MCC/UFRN), Prof. Jerônimo Rafael Medeiros (MCC/UFRN), Prof. Romeica de França Flôr (MCC/UFRN), Profa. Eurilene Santana Balbi (ANPAE/NE) e o restaurador Hélio de Oliveira (FJA/RN). A Comissão Temática contou com a Profa. Wani Fernandes Pereira (MCC/UFRN), Profa. Maria de Fátima C. F. dos Santos (MCC/UFRN), Profa. Eurilene Santana Balbi (ANPAE/NE) e o restaurador Hélio de Oliveira (FJA/RN).

Durante o III Encontro Nacional de Museus Universitários, realizado em 2001, Maria das Graças diz que foram enfaticamente discutidos:

A importância dos museus universitários como instâncias de elaboração, reflexão, e interpretação do trabalho realizado nas áreas de pesquisa e extensão, foi enfatizada, assim como suas potencialidades como centros de pesquisa multi, inter e transdisciplinares. A ampliação de divisas e a relevância econômica dos museus para as universidades foram vistas como consequência natural de sua capacidade geradora de recursos por intermédio de produtos e serviços de alta qualidade. (RIBEIRO, 2007, p. 37).

Há, no texto de apresentação dos anais do Fórum realizado em Natal, no ano de 2001, justificativa do tema do evento *Museus: Desafios do Milênio*.

Prosseguindo nesse itinerário, como sugerido pelo poeta Antonio Machado Caminante no no hay camino, se hse camino al caminar, a temática do II ENMU, Museus: Desafios do Milênio nos provoca a re-ligar cultura, educação, turismo e preservação do patrimônio, em geral, e assim trocar experiências, contribuindo para reafirmar o museu como agente pedagógico, cultural, ético, estético e lúdico. Critérios estes imprescindíveis na defesa de uma sociedade mais justa, mais humanizada e na formação de cidadãos mais conscientes e comprometidos com a defesa da vida, da cultura, da dignidade humana, do patrimônio e de um desenvolvimento sustentável. Cidadãos de uma Terra Pátria, como sugere o pensador Edgar Morim. Esse é também o entendimento de instituições como a UNESCO, o Conselho Internacional de Museus — ICOM, ICOFOM, o Fórum Permanente dos Museus Universitários — FPMU e o Museu Câmara Cascudo/UFRN. Com esse entendimento consolida-se a relevância político- pedagógica e histórica do II ENMU. (ARQUIVO INSTITUCIONAL DO MUSEU CÂMARA CASCUDO, 2001).

Também, no texto de apresentação dos anais do Fórum realizado em Natal, no ano de 2001, há menção a cartas, declarações e protocolos que constituem ‘marcas’ de alerta para advogar formas de preservar:

Inter e transdisciplinaridade são as palavras de ordem e Cartas, Declarações e Protocolos de Intenções que a (sic) décadas constituem ‘marcas’ que pensadores, poetas, intelectuais, cientistas e sábios inscrevem como ‘marcos’ de alerta, para advogar formas de preservar da destruição a poesia da vida, a natureza e a humanidade, proposições estas defendidas na Mesa de Santiago, na Declaração de Veneza, de Vancouver e de Belém, só para citar alguns dos principais fóruns. (ANAIS, Museu Câmara Cascudo, 2001)

A estrutura do evento foi organizada da seguinte maneira: o Pronunciamento inicial do Fórum Permanente de Museus Universitários foi feito por Ana Maria Gantois e a Conferência de abertura por Marly Rodrigues, com o tema *As Faces da Memória: Patrimônio e Sociedade*.

As mesas-redondas foram organizadas em 17 temas¹²². Os painéis contaram com sete temas¹²³. E as comunicações¹²⁴, cinco temas, como mostra quadro abaixo:

¹²²MESAS-REDONDAS do II FPMU – O Papel do Museu Universitário no Milênio, de Ana Maria Gantois; Museu Universitário Hoje: I Encontro Nacional, de Edna Luisa de M. Taveira; Museologia Universitária: Desafios e Responsabilidades neste Novo Milênio, de Maria Cristina Bruno; Organização e Gestão de Museus, de Célia Corsino; Formas de Gestão: os Museus perante os Desafios Econômicos e Sociais, de Luis Antônio Bolcato Custódio; Gestão e Organização de Museus na América Latina e Caribe: Ênfase em Museus de Ciências, de Maria das Graças Ribeiro; Educação Patrimonial: Conhecer para Preservar, de Jeanne Nesi; A Preservação do Patrimônio Edificado na UFBA: e a Escola Oficina de Salvador, de Luiz Carlos Botas Dourado; Museu e Memória, de Maria Michol P. de Carvalho; Coleções Afrodescendentes; Museus e Cidadania, de Raul Lody; Patrimônio Cultural, Memória Social e Museus: Estímulos para Processos Educativos, de Mario de Souza Chagas; Concepções Pedagógicas: Abordagens e Perspectivas para os Museus Universitários, de Maria Célia T. M. Santos; Museus Universitários e Educação, de Regina Márcia M. Tavares; Rota do Potengi: Trampolim para o Seridó, de Hélio de Oliveira; Programa Rota das Monções, de Henrique Spengler; A Importância do Sal no Rio Grande do Norte: A sua História e a sua Ecologia, de Odair Pena e Rosemary Barreto; e Cultura e Patrimônio na Direção da Cidadania e do Desenvolvimento Sustentável, de Regina Márcia M. Tavares.

¹²³PAINÉIS – A Fotografia na Documentação de Acervos, de Leandro Nunes Renovato dos Santos; Revitalização e Ampliação do Museu Câmara Cascudo/ UFRN, de Thaysa Fernandes Teixeira; A Importância da Documentação Museológica para a Preservação dos Acervos e Bens Culturais, de Pelúzea de Souza Silva e Maria das Graças Cavalcanti Pereira; Júlio Cassiano: Perfil de um Escultor Imaginário, de Juliana Rocha, de Azevedo e Janny Cibelly Silva Costa; Esculturas Votivas: Uma Leitura Plástica, de Fábio Giovanni dos Santos Rebouças e Wagner do Nascimento Rodrigues; Documentação e História Regional: Gestão e Gerenciamento de Arquivos, de Jorge Tavares de Moraes Filho; e Catalogação dos Processos Crimes da Comarca de Caicó (séc. XIX), de Erivan Ribeiro de Farias.

¹²⁴COMUNICAÇÕES – Museus e Universidades na América Latina: Recuperar Memórias, Re-pensar Trajetórias, de Maria Margaret Lopes; Vila Feliz: uma Intervenção Museal Autossustentável, de Hélio de Oliveira; Museu, Educação, Patrimônio, de Wani Fernandes Pereira; O Centro de Documentação do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFBA, de Rosana Andrade Dias do Nascimento e Veruska Uchôa Rebello; A História e a Memória: A Perspectiva da Construção de uma História Local em São Gonçalo do Amarante/RN, de Jaqueline de Almeida Dantas.

Figura 53 - Painéis e comunicações II/III FPMU

51

**II ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS – II ENMU
PAINÉIS E COMUNICAÇÕES**

<p align="center">Dia 29/NOV</p> <p>Local: Hall do auditório da Reitoria/UFRN</p> <p>Horário: 16:30 às 18:00</p>	<p>“A fotografia na documentação de acervos” Leandro Nunes Renovato - Curso de História/UFRN</p> <p>“Revitalização e ampliação do Museu C. Cascudo” Thaysa Fernandes - Curso de ARQUITETURA/UFPE</p> <p>“A importância da documentação museológica” - Pelúzea Silva, Maria das Graças Pereira- Curso de História/UFRN</p> <p>“Perfil de um escultor imaginário” Julio Cassiano – Juliana Azevedo, Janny Costa, Leandro Renovato – Curso de História/UFRN.</p> <p>“Esculturas votivas: uma leitura plástica”- Fábio G.dos Santos, Wagner Nascimento – Curso de História/UFRN.</p> <p>“Documentação e história regional- gestão e gerenciamento de arquivos – Jorge T. de Moraes – LABRE/UFRN.</p> <p>“Catalogação dos processos crimes da comarcas de Caicó/RN – Erivan Ribeiro Farias – CERES/UFRN.</p>
<p align="center">Dia 30/NOV</p> <p>Local: No auditório da Reitoria/UFRN</p> <p>Hora: 10:30 às 12:00 hs</p> <p>Hora: 16:30 às 18:00 hs</p>	<p>“Museus, Universidades. na América Latina: recuperar memórias, repensar trajetória”. Maria Margaret T. Lopes – Instituto de Geociências – UNICAMP/SP.</p> <p>“Vila Feliz: uma intervenção museal auto-sustentável” - Hélio de Oliveira – Pium – Parnamirim/RN.</p> <p>“Museu, Educação, Patrimônio”- Prof. Wani Fernandes Pereira/MCC/UFRN.</p> <p>“O centro de documentação do MAE/UFBA” – Prof. Rosana Andrade Dias Nascimento/Veruska Uchoa Rebello – UFBA.</p> <p>“A história e memória: A perspectiva da construção de uma história local do São Gonçalo do Amarante/RN”- Jaqueline Almeida Dantas – Curso de História – UFRN.</p>

Fonte: Arquivo Institucional Museu Câmara Cascudo

Maria das Graças foi eleita, neste encontro, a nova presidente do Fórum Permanente de Museus Universitários. Encerradas as atividades, foram ainda realizadas reuniões do ICOM, ICOFOM e a Assembleia Geral do Fórum Permanente de Museus Universitários, presidida por Ana Gantois, que contou com a colaboração de Mário Chagas e Wani Fernandes Pereira. (ATA II FPMU, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001)

Maria das Graças sustenta que, apesar da importância dos debates, ainda havia obstáculos à continuidade da mobilização dos museus universitários relacionados à falta de estímulo das próprias universidades, às dificuldades de comunicação e a fatores econômicos (RIBEIRO, 2007, p. 37). Ainda segundo ela:

neste encontro foram discutidos ainda e retratados em documento temas como: o caráter educativo dos museus; seu potencial para gerar, documentar e comunicar os processos e produtos materiais e imateriais da natureza e da atividade humana; o papel fundamental dos museus como geradores de conhecimento; sua importância na geração e articulação de ações que contribuam para o desenvolvimento integral das sociedades; a relevância da atuação desses museus em prol da melhoria da qualidade

de vida das populações; especialmente nos países em desenvolvimento. (RIBEIRO, 2007, p. 37).

O texto de Ana Gantois de 2001, com mesmo título do tema do encontro de Natal, *Museus Universitários no Milênio*, discorre sobre as mudanças nas universidades, a partir de 2000, afirmando que elas seriam reflexo das que despontavam no mundo, ou seja, uma sociedade instituída com base na informação e no conhecimento. Para a autora, “a globalização, principalmente neste início de século, aproximou ainda mais os países e suas economias, modificando completamente o mundo do trabalho e conseqüentemente, exigindo mudanças na sua formação”. (GANTOIS, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001, p. 1). E completa:

o potencial do museu universitário no Brasil, está até então, salvo algumas exceções, subaproveitado, ou pior, desnorteado por falta de uma política pública institucional específica: os próprios museus das universidades têm dificuldade de definir e identificar as propriedades do museu universitário. (GANTOIS, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001, p. 2).

Para Ana Gantois, a dificuldade que os museus universitários tiveram ao entrarem no novo milênio não estava relacionada à carência de tecnologia e conhecimento, e, sim, a emergência de superar barreiras sobre a percepção de que o museu é o que existe de mais avançado e neles são produzidos conhecimento e pesquisa com todo o rigor metodológico. (GANTOIS, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001, p. 3). A autora elucida que “o museu universitário do novo milênio terá que acelerar as soluções das amarras das relações interpessoais” (GANTOIS, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001, p. 5). Ao final, bem sublinha que “os museus nunca deixarão de existir e sempre existirão de várias formas, mas não sabemos quais as formas que serão priorizadas...” (GANTOIS, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001, p. 8).

Maria das Graças via, na gestão compartilhada, um desafio para os museus no novo milênio:

Enquanto a escola formal, burocratizada e compactada em sua linearidade curricular, luta por um ensino de melhor qualidade, os Museus e Centros de Ciências avançam como instituições ideais à satisfação das novas demandas educativas e sociais, por oferecerem técnicas ativas e dinâmicas de aprendizagem não formal; por constituírem verdadeiros laboratórios para a experimentação de novas metodologias de difusão científica e por seu trabalho social junto aos mais diversos tipos de público. Entretanto, por seu caráter amplo e sua multidisciplinaridade estrutural e funcional, exigem modelos de gestão compatíveis com sua missão e organização. E os modelos

de “gestão compartilhada”, “gestão voltada para o conhecimento”, com formação de equipes centradas em tarefas, compartilhamento de objetivos e metas visando alcançar os resultados esperados, constituem um dos desafios gerenciais do novo milênio, a ser vivenciado na prática cotidiana dessas instituições no século XXI. (ANAIS II FPMU, Gestão e Organização de Museus na América Latina e Caribe – Ênfase em Museus de Ciências, 2001, p. 40).

Cristina Bruno considera dois problemas para os museus no novo milênio. O primeiro, a imprescindibilidade de amarrar com laços mais sólidos as relações entre o universo patrimonial e aquele que hoje é partilhado como herança cultural, e que será legado para o futuro. E o segundo, a urgência de estabelecer novos parâmetros para a formação profissional e reciclagem daqueles que já participam dos processos museológicos:

Considera-se este o grande desafio para o novo milênio, ou seja: preparar profissionais que entendam e desenvolvam processos de musealização comprometidos com a preservação que contribua, acima de tudo, para a compreensão do presente. (ANAIS II FPMU, Museologia Universitária: desafios e responsabilidades neste novo século, 2001, p. 36).

Na declaração da sessão de encerramento do [II] III Fórum Permanente de Museus Universitários ocorrido em Natal, há considerações acerca do adiamento deste encontro e alguns agradecimentos:

Outrossim, mas (sic) do que motivados, sentimos com clareza a emoção porque fomos colocados aqui... foram momentos muito especiais, inesquecíveis com muitos agradecimentos, mas sobretudo o reconhecimento de que o aprendizado é elaborado no dia-a-dia e que quando não conseguimos realizar o II ENMU na Bahia... foi muito mais importante ele ter acontecido aqui... O Museu Câmara Cascudo, da UFRN nos recebeu de braços abertos e vimos o potencial concretizado por uma equipe disposta a quebrar barreiras (...). (SESSÃO DE ENCERRAMENTO II ENMU, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2001).

O IV Fórum Permanente de Museus Universitários se deu entre 24 e 28 de julho de 2006, em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com o tema *Museus universitários: ciência, cultura e promoção social*, sob coordenação de Maria das Graças Ribeiro. (RIBEIRO, 2007, p. 38). Cristina Bruno elucida que um dos temas discutidos no evento era a necessidade do cadastramento dos museus universitários por meio de registro mais efetivo. (informação oral)¹²⁵. Em 16 de dezembro de 2019, foi solicitado à Rede de Museus

¹²⁵Comunicação Oral – Entrevista Pública Memória do Fórum Permanente de Museus Universitários – V Fórum Permanente de Museus Universitários. Belo Horizonte Em 9 out. 2018. Cristina Bruno (USP); Lídia Meireles (UFU); Verona Segantini (UFMG)/Mediação. Disponível em <https://www.facebook.com/br/rede-de-museus-da-ufmg/videos/268103670512631>. Acesso em: 10 dez. 2019.

e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG o documento com as recomendações finais do IV FPMU, que informou, depois de consultados os arquivos do FPMU, não ter sido identificado tal documento, apenas a ata da Assembléia Geral,¹²⁶

Em “Ata da Assembléia Geral do Fórum Permanente de Museus Universitários e da Seção (sic) de Encerramento do IV Fórum Permanente de Museus Universitários” é informado que:

os trabalhos foram iniciados com um relato da trajetória dos Encontros do Fórum Permanente de Museus Universitários, conduzido pela Profa. Maria das Graças Ribeiro, que informou ainda que a demora na liberação de recursos para o evento prejudicou a divulgação do IV Encontro. Foi solicitado que a organização do evento encaminhasse documento contendo os resultados do IV Encontro aos Conselhos de Reitores de Universidades Brasileiras (CRUB), à Associação Nacional de Docentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES), ao Conselho de Pró-Reitores de Extensão, à Universidade de Lisboa, e ao Museu Universitário de Ciência e Artes do México. (ATA ASSEMBLÉIA GERAL IV FPMU, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006).

No que diz respeito ao Fórum como instância política e a premência de sua institucionalização, ganha destaque o seguinte trecho da ata:

O Prof. Ivens Fontoura falou da importância do “ato político” que significa todo Fórum e disse sentir falta de uma mobilização, uma prática política permanente, que facilitariam a realização de outros encontros e o fortalecimento do próprio Fórum. Solicitou também a institucionalização do Fórum, sob forma de uma sociedade ou de uma associação, ao que a Presidente respondeu ser esta uma proposta do II Encontro e que a criação da Associação ainda seria assunto e deliberação desta Assembléia. (ATA ASSEMBLÉIA GERAL IV FPMU, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006)

Segundo Maria das Graças, a programação do encontro, a integração alcançada, o apoio dos órgãos de fomento, em especial da UFMG, somados aos resultados dos trabalhos expostos, atestaram um momento privilegiado de encontro, debates e reflexões, de troca de ideias e experiências, mas, sobretudo, de enriquecimento e ampliação de horizontes, uma vez que estiveram presentes museus universitários vinculados a instituições públicas ou privadas das regiões Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste brasileiras, da América Latina e Europa. (RIBEIRO, 2007, p. 38).

Dentre os diferentes temas propostos, a definição do tema central-” Museus universitários: ciência, cultura e promoção social” - levou em conta a luta do governo brasileiro, das universidades e de outras instituições científico-culturais do setor empresarial e de toda a sociedade civil organizada, que reconhecem a necessidade e

¹²⁶Mensagem recebida por correio eletrônico <rededemuseus@proex.ufmg.br>, em 18 dez. 2019.

urgência de priorizar a educação e o conhecimento como principais vetores do desenvolvimento nacional. E também traduziu o anseio da Comissão Organizadora e de grande parte da comunidade museológica nacional, diante da possibilidade de discutir, refletir e propor estratégias para o cumprimento da missão dos museus universitários, de contribuir para o desenvolvimento, a promoção social e da cidadania, colaborando, de forma concreta e eficaz, para que nosso país possa cumprir suas metas de desenvolvimento sustentável e de construção de uma sociedade mais justa e democrática. (RIBEIRO, 2007, p. 38).

Embora sem ter localizado documentos específicos com recomendações finais, foram aprovadas quatro moções constantes da ata da Assembléia Geral do IV FPMU:

1) Moção de protesto ao MEC, pela ausência de representação no IV Encontro do Fórum Permanente de Museus Universitários, realizado de 24 a 28 de julho de 2006, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Entendo que é necessário maior atenção deste Ministério aos museus universitários do país; 2) Ao MEC e às universidades públicas e privadas, solicitando a criação de cursos de museologia para atender às necessidades de profissionalização dos museus universitários, tendo em vista o desenvolvimento do campo da museologia no país; 3) Ao MEC pela abertura de concursos para provimento e recomposição dos quadros funcionais dos museus universitários brasileiros; 4) Contra a remoção do Museu de Mineralogia da Praça da Liberdade, face às iminentes perdas do espaço cultural e seu entorno, e dos prejuízos ao patrimônio científico e cultural nele depositado. (ATA ASSEMBLÉIA GERAL IV FPMU, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006)

Segundo Cristina Bruno, Maria das Graças tinha grande preocupação com a oficialização. Na época o centro de interesse era a constituição de uma associação, e muitas possibilidades foram consideradas para formá-la. E, segundo Cristina, por ser algo feito por outras áreas, talvez, esse fosse o caminho. Neste mesmo momento Lídia Meireles alude que Maria das Graças conjecturava o caráter de constituição permanente e coletiva do Fórum, como responsável por elaborar políticas para os museus que contemplassem as características, peculiaridades e situações de cada um. (informação oral).¹²⁷ Ao que indica, a ata da Assembléia Geral do IV FPMU, o Estatuto da Associação do Fórum Permanente de Museus Universitários, cujos artigos iniciais estão no início deste capítulo, foi apresentado e discutido no IV Fórum:

A seguir, a Profa. Maria das Graças apresentou o projeto de Estatuto da Associação do Fórum Permanente de Museus Universitários, para conhecimento, apreciação e aprovação, como solução para o fortalecimento do anual Fórum. O estatuto apresentado é resultado de estudo e proposta de profissional especializado na área. Foram distribuídas cópias do documento aos presentes, iniciando-se a sua leitura. Dado o adiantado da hora e para evitar maior dispersão, ficou acordado entre os presentes que as sugestões de alteração do texto fossem apresentadas ao final da

¹²⁷ Comunicação Oral – Entrevista Pública Memória do Fórum Permanente de Museus Universitários – V Fórum Permanente de Museus Universitários. Belo Horizonte, em 9 out. 2018. Cristina Bruno (USP); Lídia Meireles (UFU); Verona Segantini (UFMG)/Mediação. Disponível em: <https://www.facebook.com.br/rede-de-museus-da-ufmg/videos/264937540692200>. Acesso em: 14 dez. 2019.

leitura. Ao final, as sugestões apresentadas foram discutidas e aprovadas, devendo o novo formato do Estatuto ser anexado à presente Ata, resultado do debate e aprovação da Plenária. (ATA ASSEMBLÉIA GERAL IV FPMU, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006).

Sobre o conteúdo do referido Estatuto, vale ressaltar que, embora não se saiba se a versão utilizada para esta pesquisa é a encaminhada depois da deliberação e aprovação dos presentes na assembleia, cabe citar algumas das informações deste documento que dizem respeito à constituição, aos direitos e deveres dos sócios, às competências da assembleia e, como se previa, à organização das receitas da Associação do Fórum Permanente de Museus Universitários (AFPMU).

A AFPMU seria constituída por um número ilimitado de sócios a serem distribuídos nas cinco categorias abaixo, cabendo aos sócios fundadores e contribuintes o pagamento de anuidades e mensalidades na forma fixada pela diretoria. As categorias foram estabelecidas da seguinte maneira: 1) sócio fundador – pessoas físicas que participassem da Assembleia Geral de Constituição; 2) sócio contribuinte – pessoa física ou jurídica que solicitasse o seu ingresso no quadro de sócios, depois da assembleia de fundação; 3) sócio efetivo – pessoa física ou jurídica que tenha participado das atividades da associação, por prazo não inferior a dois anos consecutivos, sem faltas ou sanções administrativas; 4) sócio profissional – pessoa física que participe profissionalmente dos projetos e programas do FPMU; e 5) sócio benemérito – pessoa física ou jurídica que tenha prestado serviços relevantes, ou tenha efetuado doações e contribuições, sendo agraciada pela Assembleia Geral com tal titulação. (ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DO FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Art. 7º, p.2, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais AFPMU, 2006).

Os sócios teriam sete direitos previstos em estatuto, que, em resumo, seriam: apresentar sugestões; tomar parte dos debates e resoluções; apoiar, divulgar, propor e realizar eventos, programas e propostas; direito à voz para os sócios beneméritos e profissionais; direito à voz e a voto para os sócios contribuintes; direito à voz, a voto e a ser votado, para os sócios fundadores e efetivos; direito de convocar Assembleia Geral. (ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DO FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Art. 10º, p.2, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais AFPMU, 2006).

Os deveres foram distribuídos em cinco itens, que seriam, em resumo: prestar auxílio à diretoria no que dizia respeito à realização das finalidades constantes no estatuto; pagar pontualmente as mensalidades ou anuidades; não utilizar o nome da AFMPU para fins estranhos

às suas finalidades e objetivos; comparecer às assembleias gerais; observar, na sede da Associação ou onde ela se faça representar, as normas de boa educação e disciplina. (ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DO FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Art. 11º, p.2, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais AFPMU, 2006).

As competências privativas da assembleia geral incluíam 13 incisos que faziam referência aos seguintes: fazer eleições e destituições; apreciar e aprovar os documentos como contas da diretoria, estatuto, regimento interno, dissolução ou extinção da associação, a exclusão de sócio, eleição da diretoria e membros do conselho fiscal, e concessão de título de sócio benemérito, e autorização a alienação e a constituição de ônus reais de bens móveis e imóveis. Cabia ainda deliberar sobre mensalidades e/ou anuidades e sobre o plano anual de atividades e respectiva programação financeira. (ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DO FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Art. 23º, p.6, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais AFPMU, 2006).

O Art. 50 indica as receitas da AFMPU: contribuições de pessoas físicas e jurídicas; doações, legados ou comodatos; usufruto que lhe forem conferidos; dotações ou subvenções eventuais diretamente da União, dos Estados e Municípios ou através de órgãos públicos da administração direta e indireta, do setor privado ou de ONGs; rendas em seu favor constituídas por terceiros; rendimentos de imóveis próprios ou de terceiros; juros bancários e outras receitas financeiras; captação de incentivos fiscais; receitas sobre direitos autorais de produção de materiais promocionais; resultado de comercialização de produtos; resultados de prestação de serviços; contribuições dos sócios; anuidades e mensalidades; recursos estrangeiros. De acordo com o artigo 51 a AFMPU poderá constituir um fundo para a promoção do desenvolvimento dos museus universitários. Sobre as despesas, o artigo 52 prevê que a AFMPU não distribui entre seus diretores, conselheiros, associados, instituidores, funcionários, doadores ou equivalentes, lucros ou superávit em forma de vantagens, dividendos, resultados, bonificações, qualquer parcela de seu patrimônio ou de suas rendas, direta ou indiretamente, ou a qualquer título, em razão de suas competências, funções ou atividades que lhes sejam atribuídas pelos respectivos atos constitutivos. Ao final do documento, o artigo 69 estabelece que a apresentação do regimento interno deve ser feita em 60 dias, a partir da data do estatuto. (ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DO FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, Art. 23º,

p.10, Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais AFPMU, 2006)¹²⁸.

O V Fórum Permanente de Museus Universitários aconteceu entre 8 e 11 de outubro de 2018, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, depois de um intervalo de doze anos do IV FPMU, com o objetivo de delinear diretrizes para uma política de preservação do patrimônio universitário. Neste último encontro, foi produzido um documento com diretrizes para uma política de museus e coleções universitárias¹²⁹, que reconheceu: 1) que as coleções e os museus universitários são responsáveis pela preservação de parte significativa do patrimônio cultural brasileiro, constituído por evidências de todos os campos do conhecimento; 2) que as coleções e os museus universitários são importantes fontes e referências para o ensino, a pesquisa e extensão; 3) que as coleções e os museus universitários são importantes fontes e referências para a memória e o desenvolvimento das universidades e da sociedade, correspondendo aos anseios científicos e culturais tanto das comunidades locais quanto da comunidade mundial; 4) que os fatores supramencionados tornam imprescindível a adoção de uma política de preservação desse patrimônio no Brasil, formulada com a participação da comunidade universitária, amplamente publicizada e periodicamente revista, em conformidade com princípios e diretrizes recomendados.

A iniciativa retomou debates sobre a gestão de coleções e museus universitários e a rearticulação de uma rede de pessoas e instituições comprometidas com a formulação de uma política para a área no âmbito das universidades brasileiras. As atividades do Fórum foram articuladas em torno de três eixos temáticos: 1) Diagnóstico dos museus universitários no Brasil; 2) Gestão e formação de profissionais em museus universitários; e 3) Conformação e dinâmica de redes de museus universitários, Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários e Comitê Internacional para coleções e Museus Universitários. (DIRETRIZES PARA UMA POLÍTICA DE MUSEUS E COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS, 2018).

Para Cristina Bruno, a retomada dos encontros é primordial porque o fórum passou por alguns períodos de menos ação, mas **uma articulação entre profissionais de museus universitários nunca deixou completamente de existir**. E, nos dois anos anteriores ao V

¹²⁸Não se sabe se este estatuto entrou em vigor após sua versão final ser aprovada pela Assembleia, e, atualmente, não foi encontrada informação sobre uma sede do Fórum de Museus Universitários. Em todo caso, considerou-se importante apresentar alguns trechos deste documento, uma vez que ele caracteriza importante indício de que havia interesse em criar uma associação com direitos e deveres bem definidos que pudessem trazer benefícios e articulação para Museus Universitários.

¹²⁹Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/forum2018/wpcontent/uploads/2019/02/diretrizes.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

FPMU, outros eventos foram aproveitados para que estes profissionais se encontrassem e discutissem. (informação oral).¹³⁰

O V FPMU contou com a participação de Marta Lourenço, vice-diretora dos museus da Universidade de Lisboa e presidente do Comitê do Conselho Internacional de Museus (ICOM) para museus e patrimônio universitário, debatendo não só as parcerias que há no Brasil, como a crescente dinamização do UMAC. Na foto, Marta lê a carta da presidente do ICOM:

Figura 54 - Marta Lourenço – V Fórum



Fonte: captura de tela realizada pela autora em 26/12/2018.

Cristina Bruno relembra que, antes da retomada do Fórum na UFMG, houve vários encontros e simpósios organizados pela Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e por Maria das Graças Ribeiro. Estes que não eram exatamente do Fórum Permanente de Museus Universitários, mas propiciaram a vinda de pessoas para discutir temas comuns ao Fórum, da mesma forma que, em 2012, no Museu Amazônico de Manaus, um encontro de museus universitários, com o tema *Museus*

¹³⁰Comunicação Oral – Entrevista Pública Memória do Fórum Permanente de Museus Universitários – V Fórum Permanente de Museus Universitários. Belo Horizonte em 9 out. 2018. Cristina Bruno (USP); Lídia Meireles (UFU); Verona Segantini (UFMG)/Mediação. Disponível em: <https://www.facebook.com.br/rede-de-museus-da-ufmg/videos/268103670512631>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Universitários em Perspectiva. Segundo Bruno, a intenção deste encontro foi refletir sobre os anos de caminhada dos museus universitários contando com a participação de muitas universidades. A palestra de abertura tinha o tema *Trajatória dos Museus Universitários no Brasil como produtores de conhecimento científicos e culturais, o que mudou?* (informação oral).¹³¹

Ainda nos depoimentos durante o V Fórum Permanente de Museus Universitários¹³², Cristina Bruno reitera que sobre Edna Taveira e Maria das Graças foram muito importantes para as discussões sobre museus universitários e incentivadoras da realização destes encontros:

Sempre foi uma preocupação nas conversas a formação profissional e a articulação entre museus. Maria das Graças tinha uma preocupação enorme sobre a oficialização, formar uma associação, o foco na época era a possibilidade de formar uma associação. Ela mencionava o caráter de construção permanente e coletivo do Fórum, que fosse o responsável por pensar políticas para esses museus desde que contemplasse as características e peculiaridades diferentes desses museus, são museus universitários com situações e características diferentes. (informação verbal).¹³³

Em 11 de dezembro de 2019, os integrantes da Comissão Organizadora do VI Fórum de Museus Universitários se reuniram em videoconferência¹³⁴. O VI FPMU terá, como coordenadora, Ana Luisa de Mello (UFPR) e, como vice-coordenadora, Maria Josiane Vieira (UFC). Nesta reunião, sugeriu-se como data do VI FPMU os dias 28, 29 e 30 de setembro de 2020, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, sem objeções, ficando a data definida. O tema eleito pela comissão foi *Patrimônio Museológico Universitário: experiências e olhares diversos* (ATA VI FPMU, Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, 2019).

¹³¹Comunicação Oral – Entrevista Pública Memória do Fórum Permanente de Museus Universitários – V Fórum Permanente de Museus Universitários. Belo Horizonte em 9 out. 2018. Cristina Bruno (USP); Lídia Meireles (UFU); Verona Segantini (UFMG)/Mediação. Disponível em: <https://www.facebook.com.br/rede-de-museus-da-ufmg/videos/264937540692200>. Acesso em: 14 dez. 2019.

¹³²Gravação do Evento (Vídeo) - V Fórum Permanente de Museus Universitários. 09 out. 2018 - Entrevista pública - Memória Do Fórum Permanente Dos Museus Universitários. Lídia Meireles (UFU), Maria Cristina Bruno (USP), Verona Segantini - Mediação (UFMG).

¹³³Fala da Dra. Cristina Bruno durante o V Fórum Permanente de Museus Universitários. Entrevista Pública - Memória do Fórum Permanente dos Museus Universitários. Lídia Meireles (UFU); Maria Cristina Bruno (USP); Verona Segantini (UFMG - Mediação).

¹³⁴Ana Luisa de Mello Nascimento (UFPR), Ana Claudia Santos (UFPE), Ana Panisset (UFMG), Bruna Marina Portela (UFPR), Diego Mendes Teixeira (UFG), Lucimery Ribeiro de Souza (UFAM), Maíra Airoza (UFPA), Maurício Candido da Silva (USP), Simone Flores Monteiro (MCT-PUCRS), Tatiana Almeida (UFAL) e Tatyana Beltrão de Oliveira (UFG). Justificaram ausência Maria Josiane Vieira (UFCE), Elane Gonçalves (UFBA), Eliane Muratore (UFRGS), Marcelle Pereira (UNIR) e Claudia Carvalho (UFRJ). (Ata Comissão para a organização do VI Fórum, Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários).

Figura 55 - Folder VI FPMU



Fonte: Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários

A análise dos documentos que registraram as recomendações finais do VI Encontro Nacional do Fórum de Pró-Reitores de Extensão (VI Forproex), ocorrido em 1992, em Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul; do I Encontro de Museus Universitários (I ENMU) ocorrido em 1992, em Goiânia, ; e do V Fórum Permanente de Museus Universitários (V FPMU), ocorrido em 2018 em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais, permite comparar os principais pontos defendidos e debatidos e a compreensão de quais deles permaneceram na pauta das discussões. Os documentos com as recomendações analisadas para este trabalho comparativo são os que foram localizados nos Subsídios de Leitura para realização do I ENMU, para análise das recomendações VI Forproex; nas Conclusões Gerais do I Encontro Nacional de Museus Universitários, para análise das recomendações do I ENMU; e nas Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias, para análise das recomendações do V FPMU. A estrutura dos documentos finais destes eventos foi identificada da seguinte maneira: no VI Encontro Nacional do Fórum Permanente de Pró-Reitores de Extensão (1992), foram estabelecidas quatro recomendações, mas na documentação empírica coletada não há registro dos temas que as geraram, embora haja registro dos pontos discutidos, conforme a figura 44. No I Encontro Nacional de Museus Universitários foram 21 recomendações em torno de três temas: 1) o museu e a sua relação com a universidade; 2) museu e cidadania; 3) a pesquisa em museu, além de seis recomendações especiais e seis

moções, totalizando 27 recomendações e seis moções. No V Fórum Permanente de Museus Universitários (2018), foi elaborado um documento final com Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias em torno dos temas: 1) Da gestão de museus e coleções universitárias; 2) Da salvaguarda; 3) Da Comunicação; 4) Do Fórum Permanente de Museus Universitários. Neste documento, contam-se 30 recomendações, sendo 8 delas recomendações específicas ao Fórum Permanente de Museus Universitários.

Para elaborar quadros comparativos de recomendações entre os três eventos e, a partir deles, extrair as primeiras considerações sobre os avanços nas discussões dos encontros de museus universitários, foi preciso, depois de lidos todos os documentos, estabelecer 20 assuntos para que, entre eles, fossem distribuídas as recomendações. Essa escolha se mostrou indispensável uma vez que as recomendações, da forma que se estruturaram nos documentos finais, estão diluídas em temas mais abrangentes, por exemplo, o Tema 1. *O Museu e sua relação com a Universidade*, presente no documento contendo as conclusões gerais do I ENMU, possui, neste mesmo tema, recomendações sobre a organização de cursos em museologia; dotação orçamentária e quadro de funcionários técnico-administrativos próprio; e a interdisciplinaridade como componente basilar das atividades desenvolvidas pelos museus. (CONCLUSÕES GERAIS I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Para melhor atender aos objetivos dessa pesquisa e para elaborar os quadros comparativos foi necessário afunilar ainda mais os conteúdos constantes nas recomendações, de maneira que organizamos mais satisfatoriamente os assuntos: 1) relação com a universidade, ensino, pesquisa e extensão; 2) função do museu universitário; 3) diagnóstico sobre museus universitários; 4) criação de um banco de dados; 5) promoção de encontros; 6) pesquisa; 7) comunicação; 8) respeito à diversidade cultural e cidadania; 9) quadro de funcionários; 10) qualificação do quadro de pessoal; 11) interdisciplinaridade; 12) dotação orçamentária; 13) museologia; 14) redes; 15) salvaguarda; 16) gestão de riscos; 17) estrutura física; 18) acessibilidade; 19) pesquisa de público; 20) política e diretrizes para museus universitários.

Para a apresentação das recomendações nos quadros abaixo, foram resumidas partes do texto integral, cujas considerações sobre as relações entre recomendações equivalentes serão detalhadas depois de cada um. O ordenamento em quadros é útil à exposição sucinta dos tópicos contidos nas recomendações feitas em 1992 e as que se mantêm em 2018, além daquelas que ainda não sido conjecturadas em 1992, retratam os anseios atuais. Será possível notar que, algumas das recomendações permanecem no debate, ao tempo que outras passam a fazer parte das discussões de acordo com as necessidades que surgem.

No quadro abaixo, veem-se sete pontos comuns às recomendações tanto feitas durante o I ENMU (1992) como no V FPMU (2018). Entre os sete, observou-se que recomendações concernentes ao aumento e à qualificação de quadro de pessoal e à dotação orçamentária são bastante semelhantes, o que revela a atualidade destes impasses nos debates, muito embora não se desconsidere os demais pontos análogos.

Quadro 3 - Recomendações I ENMU/V FPMU

PONTO 1 - RELAÇÃO COM A UNIVERSIDADE, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	
I ENMU	Atender à demanda da universidade e, por seu intermédio, à da sociedade.
V FPMU	Integrar os museus e coleções universitários aos cursos de graduação e pós-graduação, por meio de disciplinas, estágios, projetos de pesquisa e de extensão, inserindo-os no processo acadêmico e observando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.
PONTO 2 - COMUNICAÇÃO	
I ENMU	O museu deve ser reconhecido como um dos meios mais eficazes para a socialização do conhecimento produzido na universidade pelos meios de comunicação museológicos, tendo como suporte básico as suas exposições.
V FPMU	Estimular a capacitação; ações de comunicação; ações de divulgação; calendário de eventos; resultados dos encontros; estimular a experimentação de distintas linguagens e formatos de divulgação; promover a produção de material de divulgação e das atividades de pesquisas, ensino e extensão.
PONTO 3 - RESPEITO À DIVERSIDADE CULTURAL E CIDADANIA	
I ENMU	A coleta, o acervo, o registro e a comunicação devem respeitar as diversidades culturais e proporcionar a apreensão da mensagem sem que haja discriminação social, e o fluxo de informações deve ser instaurado entre a universidade, o estado e os municípios, além de que permanentemente atualizado.
V FPMU	No âmbito do Ministério da Educação deve haver reconhecimento dos museus e coleções universitárias como estruturas indispensáveis à formação profissional e ao desenvolvimento da cidadania.
PONTO 4 - QUADRO DE FUNCIONÁRIOS	
I ENMU	Deve ser avaliado o posicionamento dos técnicos e dos pesquisadores de museus universitários; a estrutura administrativa deve ser normatizada por regimento próprio; os quadros funcionais deverão contar com pelo menos um museólogo e especialistas de áreas afins para atender à interdisciplinaridade; e deve ser realizado concurso público para garantir infraestrutura adequada às atividades do museu.

V FPMU	O quadro funcional dos museus e coleções universitários deve ser ampliado por meio de concursos públicos e políticas de redistribuição de pessoal técnico das IES; a formação de equipes profissionais deve ser condizente com o caráter interdisciplinar das ações de salvaguarda das coleções universitárias.
PONTO 5 - QUALIFICAÇÃO DO QUADRO DE PESSOAL	
I ENMU	A qualificação de pessoal técnico-administrativo, docentes, pesquisadores e auxiliares de pesquisa deve ser promovida permanentemente.
V FPMU	Deve ser assegurada uma política de formação e capacitação de gestores e corpo técnico dos museus e coleções universitários; os profissionais de museus universitários devem ser capacitados para lidar com distintos públicos-audiência.
PONTO 6 - INTERDISCIPLINARIDADE	
I ENMU	O caráter interdisciplinar do museu universitário deve promover as relações interdepartamentais e institucionais e, com elas, atingir a sociedade.
V FPMU	Deve ser observada a interdisciplinaridade e a transversalidade de suas vocações e ações; e feita curadoria compartilhada de exposições.
PONTO 7 - DOTAÇÃO ORÇAMENTÁRIA	
I ENMU	Deve-se outorgar aos museus universitários autonomia, dotação orçamentária e quadro de funcionários técnico-administrativos próprio; e os recursos financeiros indispensáveis à manutenção dos programas e projetos aprovados devem ser permanentemente assegurados.
V FPMU	Deve-se assegurar o financiamento dos museus e coleções universitários por meio do orçamento da universidade e da captação de recursos destinados ao fomento à pesquisa e inovação, à cultura, à ciência e à educação, nos âmbitos municipal, estadual e federal.

Fonte: Recomendações I Encontro Nacional de Museus Universitários (1992) e Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias (2018) ¹³⁵

Quanto à *Relação com a Universidade, Ensino, Pesquisa e Extensão*, recomendava-se que os museus universitários tivessem, preferencialmente, ligação com as atividades voltadas para a universidade como característica e que, por meio deste vínculo, as demandas da sociedade pudessem ser atendidas. Em 2018, o laço com a universidade ainda é considerado um distintivo dos museus universitários, uma vez que se recomenda a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e a promoção e reconhecimento do potencial dos museus

¹³⁵Fonte: Arquivo do Museu Antropológico – Subsídios para realização do I ENMU); Recomendações V Fórum Permanente de Museus Universitários – Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias (2018) – (Fonte: Documentos Finais V Fórum Permanente de Museus Universitários

universitários em articular atividades essenciais para a vida acadêmica. **A maior diferença**, talvez, seja que, em 2018, as recomendações traziam, mais incisivamente sugestões de como se relacionar com a universidade. Por exemplo: integrar os museus e coleções universitários aos cursos de graduação e pós-graduação, por meio de disciplinas, estágios, projetos de pesquisa e de extensão e inserir os bens culturais sob a guarda dos museus e coleções universitários no sistema de bens patrimoniais das Instituições de Ensino Superior (IES).

No que toca à *Comunicação*, em 1992, se propunha que o museu fosse reconhecido como um dos meios mais eficazes para a socialização do conhecimento produzido na universidade, pelos meios de comunicação museológicos, tendo como suporte básico as suas exposições. Em 2018, surgem recomendações sobre a capacitação e planejamento coletivo das ações de comunicação, integração de equipes de profissionais de museus e coleções universitárias. Talvez a maior novidade esteja na recomendação à experimentação de distintas linguagens – sites, newsletters, redes sociais, catálogos de acervos on-line – de modo a ampliar o acesso público e promover a produção de material de divulgação de acervos, tanto quanto das atividades de pesquisas, ensino e extensão no âmbito dos museus e coleções universitários.

Ainda em torno de comunicação, recomendações específicas foram endereçadas ao FPMU: promover ações de divulgação e estabelecer um calendário de eventos do FPMU, divulgar os resultados de encontros, e assegurar que todos os museus e coleções universitários sejam contatados. Importante sublinhar que a sexta recomendação especial do I ENMU manifestava interesse na organização e publicação de um periódico sobre os museus universitários, algo que assinala uma relevante estratégia de comunicação entre museus universitários.

No que concerne ao *Respeito à Diversidade Cultural e Cidadania*, em 1992, recomendava-se que fossem ouvidos os diversos segmentos da sociedade na qual universidade e o museu estivessem inseridos para que a coleta, o acervo, o registro e a comunicação do museu universitário estivessem ajustados o mais possível às diversidades culturais, e que os temas das exposições, assentados na pesquisa, proporcionassem a apreensão da mensagem sem discriminação social. No que respeita à cidadania, recomendava-se que o estímulo à pesquisa deveria advir da relação entre museu, departamentos e comunidade, valorizando as questões referentes à sociedade, e não os objetos que o museu abriga; e, por fim, estabelecer um fluxo de informações, que permitisse o intercâmbio científico e cultural realimentador de conhecimento da realidade regional entre a universidade, o estado e os municípios, a ser permanentemente atualizado. Em 2018, a discussão avança quando se recomenda o

reconhecimento, no âmbito do Ministério da Educação, dos museus e coleções universitários como estruturas indispensáveis à formação profissional e ao desenvolvimento da cidadania.

As recomendações com relação ao *Quadro de funcionários* foram as que mostraram mais semelhança, o que denota que, passadas mais de duas décadas das feitas em 1992, os museus universitários ainda carecem de ampliar seu quadro de funcionários e promover concursos públicos, incluindo a premência de equipes interdisciplinares. Em 1992, preconizava-se a ampliação do quadro de pessoal dos museus por meio de concurso público para assegurar infraestrutura adequada às atividades, enquanto, em 2018, a proposta foi a ampliação do quadro funcional dos museus e coleções universitárias, a realização de concursos públicos e políticas de redistribuição de pessoal técnico das IES. Igualmente, em 1992, era defendida a avaliação do posicionamento dos técnicos e dos pesquisadores que atuam nos museus universitários, que estes museus tivessem sua estrutura administrativa normatizada por regimento próprio e seus quadros funcionais contassem com pelo menos um museólogo e especialistas de áreas afins para atender à interdisciplinaridade. Em 2018, foi prescrita a formação de equipes profissionais condizentes com o caráter interdisciplinar das ações de salvaguarda das coleções universitárias.

A *Qualificação do Quadro de Pessoal* também guarda semelhança com ambos os eventos. Em 1992, se recomendava a qualificação continuada de pessoal técnico-administrativo, docentes, pesquisadores e auxiliares de pesquisa, estendendo à comunidade, sempre que possível, o ingresso nos programas de capacitação de recursos humanos, além de, levando-se em conta a qualificação, a previsão da ascensão do funcionário e o papel do pesquisador. Em 2018, se recomendou uma política de formação e capacitação de gestores e corpo técnico dos museus e coleções universitários, incluindo capacitação destes profissionais para lidarem com distintos públicos-audiência, que se relaciona também com o respeito à diversidade.

Em 1992 a *Interdisciplinaridade* esteve no bojo das recomendações quando considerada componente vital das atividades dos museus universitários capazes de promover as relações interdepartamentais e institucionais para atingir a sociedade. Em 2018, a interdisciplinaridade e a transversalidade das vocações e ações dos museus universitários também são tratadas, porém trazendo mais solidamente meios de alcançá-las na universidade, como: assegurar a institucionalização dos museus e coleções universitários, privilegiando a vinculação desses espaços aos gabinetes de reitores ou pró-reitorias de extensão e/ou cultura e promover a curadoria compartilhada de exposições, assegurando perspectivas interdisciplinares e formas

de integração da comunidade universitária com o público externo. No que diz respeito à *Dotação Orçamentária*, em 1992 se recomendava a vinculação dos museus às suas respectivas especificidades que lhes outorgaria autonomia, dotação orçamentária e quadro de funcionários técnico-administrativos próprio e que os recursos financeiros indispensáveis à manutenção dos programas e projetos aprovados e postos em execução deveriam ser permanentemente assegurados. Em 2018, sugeriu-se que o financiamento dos museus e coleções universitários fosse assegurado por meio do orçamento da universidade e da captação de recursos destinados ao fomento à pesquisa e inovação, à cultura, à ciência e à educação, nos âmbitos municipal, estadual e federal. (CONCLUSÕES GERAIS I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992; DIRETRIZES PARA UMA POLÍTICA DE MUSEUS E COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS, 2018).

O VI Encontro Nacional do Fórum Permanente de Pró-Reitores de Extensão (1992) e o V Fórum Permanente de Museus Universitários (2018) também apresentaram recomendações semelhantes, que foram identificadas e organizadas no quadro abaixo:

Quadro 4 - Recomendações VI Forproex/V FPMU

PONTO 1 - DIAGNÓSTICO SOBRE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS	
VI Forproex	Recomendado o diagnóstico dos museus nas universidades por meio de seminários internos, com o objetivo de intercambiar informações entre as Instituições de Ensino Superior (IES).
V FPMU	Recomendado o diagnóstico das coleções e acervos universitários, para dar prioridade ao investimento de recursos em acervos em risco.
PONTO 2 - CRIAÇÃO DE UM BANCO DE DADOS	
V Forproex	Recomendada a implantação de um banco de dados sobre produção, atividades, situação dos museus universitários em âmbito nacional.
V FPMU	Recomendada a criação de uma base de dados sobre museus e coleções universitárias do Brasil.

Fonte: Subsídios de Leitura I ENMU e Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias (2018).

136

¹³⁶Livro encadernado *Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários*. Livro encadernado 283 p. 1992. VI Forproex p. 106 – (Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG); *Recomendações V Fórum Permanente de Museus Universitários – Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias (2018)* – (Fonte: Documentos Finais V Fórum Permanente de Museus Universitários).

O diagnóstico acerca dos museus universitários e da criação de um banco de dados foram duas proposições muito semelhantes as feitas no VI Forproex, em 1992 e as do V FPMU, em 2018. Em 1992, se recomendava que o diagnóstico fosse feito de seminários internos com alicerce em tópicos que respondessem sobre o que são os museus universitários, situação funcional, apresentação de ementa de suas realizações, com o propósito de intercambiar dados e conhecimento entre as Instituições de Ensino Superior (IES). Em 2018, além de se recomendar diagnóstico das coleções e acervos universitários, aventou-se, por meio deste diagnóstico, dar prioridade ao investimento de recursos em acervos em risco. Também em 2018, eram aconselhadas metodologias já consagradas no campo da documentação museológica, tratamento e processamento de arquivos e bibliotecas para incentivar procedimentos de identificação de distintas tipologias de coleções e acervos universitários. A constituição de um banco de dados destinado a museus e coleções universitárias do Brasil também era citada como recomendação nos dois eventos, sendo que, em 1992, se requisitava um banco de dados que contivesse informações sobre produção, atividades e situação dos museus universitários em âmbito nacional. (SUBSÍDIOS DE LEITURA I ENMU- VI Forproex, Patrimônio Cultural Museus/Memória, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992; DIRETRIZES PARA UMA POLÍTICA DE MUSEUS E COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS, 2018).

Três recomendações quando comparadas as do VI Forproex e do V FPMU são observadas apenas no I Encontro Nacional de Museus Universitários (1992) são as que se referem à função do museu universitário, o reconhecimento da Museologia como área de estudo e a implementação dos cursos de Museologia no Brasil. Claro que em 2018, ano do V FPMU, os cursos de Museologia no Brasil já eram uma realidade e, por isso, não mais necessitariam ser recomendados, mas o fato de a recomendação constar nas Conclusões Gerais do I ENMU é um importante indicador de que a criação destes cursos era tida como reforço às questões debatidas visando o fortalecimento de museus universitários brasileiros. Assim, o I ENMU, propunha que a função precípua dos museus fosse educativa e, para tanto, os museus universitários teriam o compromisso de democratizar o conhecimento, contribuindo para a formação da consciência social. E a universidade se dedicaria à implementação e organização de cursos em Museologia nas diversas regiões para suprir-lhes carências nessa área. No que se refere à Museologia como área de estudo, ela teria de ser encarada como área ligada à conservação, documentação, comunicação e ação educativo-cultural, implicando também a pesquisa, e os museus universitários deveriam ponderar sobre a nova museologia “que propõe a abstração da coleção e do espaço físico, como acontece, por exemplo, nos ecomuseus – não

desconsiderando os museus tradicionais, mas propondo um novo método de trabalhar o patrimônio”. (CONCLUSÕES GERAIS I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992).

Quando comparadas às recomendações do I ENMU e do VI Forproex, as do V Fórum Permanente de Museus Universitários traz consideráveis novidades, são elas: redes, salvaguarda, gestão de riscos, estrutura física, acessibilidade, pesquisa de público, e política e diretrizes para museus universitários. Embora não haja nas conclusões gerais do I ENMU uma recomendação que especifique a criação de uma política para museus universitários, há o registro, nas Conclusões Gerais, de texto sobre uma política cultural e acadêmica da universidade de que quando criada, deveria considerar os museus universitários. Além disso, por meio de notícia de jornal abaixo é flagrante o caráter político do I ENMU:

Figura 56 - Informativo UFG/I ENMU



Fonte: Arquivo do Museu Antropológico da UFG

Como já citado, embora nas conclusões finais do I ENMU não houvesse recomendação específica para a constituição de uma política para os museus universitários, no texto introdutório do tema 1 – *O Museu e sua Relação com a Universidade*, há um trecho, que tipifica a iniciativa de estabelecimento de diretrizes e considera os museus nas políticas da universidade:

Os Museus Universitários são órgãos necessários ao ensino, à pesquisa e à extensão devendo ser levados em conta em qualquer política cultural e acadêmica que a Universidade venha a adotar. Na criação e reestruturação dos museus devem ser definidos sua caracterização, função, objetivos, interdisciplinaridade, vinculação orgânica.” Além disso, no que se refere à diretrizes para museus universitários, nas recomendações especiais do I ENMU foi solicitado que se elaborasse um perfil dos museus universitários brasileiros “abordando tópicos como, histórico, acervo, quadro de pessoal, dotação orçamentária, ações desenvolvidas com as comunidades onde estão inseridas, com apoio dos órgãos de apoio à pesquisa, existentes no País, para, em seguida, divulgarmos os resultados em todas as universidades do país e demais órgãos relacionados com as áreas da educação e cultura, **e estabelecermos diretrizes para ações conjuntas.** (CONCLUSÕES GERAIS I ENMU, Arquivo do Museu Antropológico da UFG, 1992, grifo nosso).

No V FPMU, a vocação política do Fórum Permanente de Museus Universitários parece vir mais arrojada, o próprio documento final é intitulado *Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias*. Seu quarto e último tópico, intitulado *Do Fórum Permanente de Museus Universitários* traz recomendações que tratam da concepção de uma política e diretrizes para museus universitários. Neste tópico, as recomendações são dirigidas ao Fórum Permanente de Museus Universitários. É sugerido o estímulo às universidades e, seus dirigentes, a formulação de políticas para os museus e coleções, em consonância com a legislação nacional vigente e com recomendações internacionais, assegurando recursos técnicos, físicos, financeiros, estruturais e humanos destinados à salvaguarda e comunicação do patrimônio científico e cultural sob sua guarda e responsabilidade. Recomendou-se ainda o estabelecimento de câmaras ou grupos de trabalho dedicados às distintas áreas de atuação do campo museal, visando às tais diretrizes e, ainda, para os museus e coleções universitários. (DIRETRIZES PARA UMA POLÍTICA DE MUSEUS E COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS, 2018). Vale destacar que, como dito anteriormente, a Rede Brasileira de Museus Universitários e Fórum Permanente de Museus Universitários são, até o momento, instâncias distintas, tendo ficado acertado em plenária do V FPMU que o Fórum deveria atuar politicamente e se responsabilizar pelos eventos:

A discussão teve início com a apresentação de Maurício Cândido da Silva sobre o trabalho que vem desenvolvendo na coordenação da Rede de Coleções e Museus Universitários e a defesa de que deveria se manter as duas instâncias, cabendo à Rede desenvolver pesquisas sobre os museus universitários e ao Fórum Permanente de Museus Universitários atuar politicamente e se responsabilizar pelos eventos. Em seguida a Prof.^a Letícia Julião defendeu a integração das duas instâncias, argumentando que seria uma alternativa que fortaleceria a articulação nacional dos museus universitários, sem prejuízo para o que a Rede já vem desenvolvendo, e sugeriu que Maurício Cândido coordenasse essa instância unificada. Demais participantes se manifestaram a respeito de ambas as propostas, e ao ser concluído o debate, passou-se à votação, sendo aprovada a proposta de manutenção das duas instâncias. (ATA DA SESSÃO PLENÁRIA DO V FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, 2019).

Ainda na perspectiva de uma conformação atual do Fórum Permanente de Museus Universitários, Cristina Bruno e Lídia Meireles durante o painel “Memória do Fórum Permanente dos Museus Universitários” de 2018, foram indagadas sobre que formato o Fórum deveria assumir. Cristina Bruno destacou que se implementasse a Rede Brasileira de Museus Universitários e que ela tivesse, no Fórum, seu evento principal. Para Cristina, o Fórum Permanente de Museus Universitários abriria os grandes debates que depois poderiam ser retrabalhados pela Rede. Lídia Meireles enxergou o papel atual do Fórum Permanente de Museus Universitários como uma instância coletiva de caráter político. Segundo Lídia Meireles, a formação já é um avanço com os cursos de Museologia, e a agenda atual é a de caráter político e de enfrentamento das questões que são colocadas para os museus universitários, que não são atuais. Lídia Meireles destacou que se as recomendações do I Encontro fossem comparadas a outros documentos de conclusões gerais, ver-se-ia que elas são recorrentes e nem tudo mudou. (informação oral).¹³⁷

Ao abordar *Redes*, o V FPMU recomenda que com o estabelecimento e/ou fortalecimento de redes, sistemas e associações de amigos, busquem-se formas de integração e interação entre os museus e coleções universitários e entre estes e a sociedade. E, ainda, que se promovam e apoiem redes de museus e coleções universitários locais, visando a estabelecer ações conjuntas e relações de reciprocidade que fortaleçam as articulações do FPMU. Quanto à *salvaguarda*, recomenda-se desenvolver, em ações de salvaguarda, estratégias de visibilidade e, quando possível, de participação e/ou envolvimento da sociedade, para a conscientização do valor da preservação de coleções e acervos universitários, entendendo ações e medidas de salvaguarda como iniciativas que devem anteceder e subsidiar os projetos de promoção e extroversão de acervos e coleções universitários.

Importante recomendação é a elaboração e implementação de *planos de gestão de riscos* nos museus e coleções universitários e a realização de treinamento periódico das equipes, a exemplo da prevenção e combate a incêndios. No que concerne à *estrutura física*, recomenda-se a constituição de reservas técnicas, concebendo, se possível, alternativas de compartilhamento como forma de potencializar a utilização de recursos financeiros e a ação de equipes de especialistas. Assegurar a *acessibilidade* às exposições de museus universitários,

¹³⁷Comunicação Oral – Entrevista Pública Memória do Fórum Permanente de Museus Universitários – V Fórum Permanente de Museus Universitários. Belo Horizonte em 9 out. 2018. Cristina Bruno (USP); Lídia Meireles (UFU); Verona Segantini (UFMG)/Mediação. Disponível em: <https://www.facebook.com.br/rede-de-museus-da-ufmg/videos/264937540692200>. Acesso em: 14 dez. 2019.

incentivar pesquisas de público com o objetivo de fundamentar ações educativas e expositivas mais assertivas são, também, novidades encontradas nas recomendações.

Para além das recomendações, vale recordar que, no V FPMU, foi organizado um painel para expor o diagnóstico dos museus universitários brasileiros por região – apresentado no primeiro capítulo. Este tipo de diagnóstico já era recomendação do VI Fórum de Pró-Reitores de Extensão, em 1992: “realização de um diagnóstico dos Museus nas Universidades através da realização de seminários internos, com base nos seguintes tópicos: os museus – o que são?; situação funcional; apresentação de ementa de suas realizações, com o objetivo de troca de informações entre as IES. (SUBSÍDIOS DE LEITURA I ENMU, 1992). É clara como esta questão permanece, mesmo depois de finalizado o V Fórum Permanente de Museus Universitários, em 2018, no qual profissionais responsáveis pelos diagnósticos revelaram dificuldades na coleta de dados. O que só reforça a dificuldade que ainda é obtê-los.

Depois de analisar as recomendações finais destes importantes encontros, constata-se que algumas adversidades ainda persistem, mesmo passados 28 anos da realização do I Encontro Nacional de Museus Universitários de 1992. Para encerrar o capítulo, será retomado o texto de Ulpiano de Meneses, de 1992, enviado para os participantes do I Encontro Nacional de Museus Universitários. O trecho de sua conclusão, torna-se um importante recurso de reflexão acerca de situações já sinalizadas há 28 anos e que, porventura, estejam cada vez mais atuais:

Quero crer que museus já se tenham compenetrado há tempos, da importância de um contato com a Universidade. Talvez as dificuldades maiores, mesmo no caso dos museus universitários, estejam na incompreensão e pouco entusiasmo da própria Universidade, que os vê como pesado ônus no orçamento, um encargo a mais, pouco rentável dentro dos critérios de avaliação do trabalho de uma faculdade ou laboratório. Será necessária muita visão, persistência e habilidade para que se rompam as barreiras. Os resultados, entretanto, serão largamente compensadores. (MENESES, 1992, p. 49).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos na dissertação focar a importância dos museus universitários utilizando múltiplos referenciais teóricos que possibilitaram a leitura do que os caracteriza, aliados ao discurso oral e a documentação empírica sobre a trajetória dos encontros nacionais de museus universitários. A escolha do referencial teórico surgiu no tempo em que se fazia a investigação empírica sobre encontros e redes. Foi necessário entender algumas características marcantes do vasto universo de museus universitários, das quais muitas referências estavam nesses documentos e precisaram ser compartilhadas, analisadas e transcritas. Esperamos, com a apresentação de discussões e conceitos sobre museus universitários, ter produzido conteúdo importante para o campo da Museologia.

Após esse percurso, desenvolvemos a análise de algumas trajetórias com vistas a trazer também a percepção dos participantes desses eventos, de forma a articular a documentação identificada, com as publicações e a memória oral. Daqui, concluímos que as reflexões presentes nas mesas redondas e comunicações trazem conteúdos riquíssimos e que deveriam ser publicados.

O primeiro objetivo específico foi alcançado por meio da apresentação das definições de museus universitários, que foram um dos principais contributos por obter uma multiplicidade de referências. Para isso, como dito, foi necessário recorrer a publicações, relatos de experiência e documentação empírica, uma vez que a definição de museus universitários, como exposto, não é estabelecida em documento que sirva de referência, como é o caso da definição de museu do Conselho Internacional de Museus (ICOM). O segundo objetivo específico foi alcançado por meio da análise de algumas experiências locais sobre o processo de criação de redes de museus universitários, de modo que foi possível perceber os processos de implementação de redes não são fáceis, e normalmente surgem a partir da demanda dos próprios gestores de museus universitários que encontram na rede a possibilidade de se estruturarem e encontrarem formas de buscar suprir suas principais dificuldades sejam orçamentárias, de pesquisa, de equipe. O terceiro objetivo específico foi alcançado por meio da apresentação, descrição, transcrição e recuperação de parte do histórico dos debates sobre os encontros nacionais de museus universitários considerando que estes influenciaram diretamente a criação e mudanças realizadas no contexto dos museus universitários, tendo como foco o I Encontro Nacional de Museus Universitários, evento oficial pioneiro e de grande importância para as discussões posteriores. A temporalidade apresentada não se finda nela mesma, uma vez que vasta

documentação sobre os encontros brasileiros de museus universitários pode estar dispersa, o que acrescentaria à este histórico mais tentativas inconclusas e encontros informais que tenham ocorrido, estes que poderiam contribuir em maior completude à compreensão da construção e consolidação dos Fóruns Brasileiros de Museus Universitários. Por fim, o quarto objetivo específico foi alcançado por meio da análise comparativa entre as recomendações finais do I Encontro Nacional de Museus Universitários e do VI Fórum Nacional de Pró-reitores de Extensão, ambos realizados em 1992 e do V Fórum Permanente de Museus Universitários, realizado em 2018, de modo que foi possível compreender, por meio dos quadros comparativos elaborados para essa pesquisa, quais foram os avanços nas discussões sobre esses museus e quais questões permaneceram sendo pauta nas reuniões nacionais e transformadas em recomendações.

Apesar das divergências encontradas por meio da documentação coletada – enfocadas nos encontros nacionais de museus universitários – o processo de investigação da temporalidade de tais eventos demonstrou ser uma experiência promissora no que se refere à valorização dos museus universitários e seus principais debates. É necessário, contudo, aprofundar tais pesquisas para que se busque de forma ainda mais minuciosa compreender os bastidores dos encontros nacionais, e demais reuniões concernentes ao tema, que como vimos, guardam ricas informações que devem ser valorizadas, inclusive, para compreender o que são museus universitários. Importante lembrar que para Cristina Bruno, em sua fala no V FPMU, a retomada dos encontros foi fundamental porque o Fórum passou por alguns períodos de menor ação, mas uma articulação entre profissionais de museus universitários nunca deixou completamente de existir. A fala de Cristina Bruno só reforça que outros eventos foram aproveitados para que estes profissionais se encontrassem e discutissem, e esses merecem uma investigação mais aprofundada que consista em uma análise de seu lugar em um panorama geral dos encontros brasileiros.

Como visto nessa pesquisa os museus universitários possuem diferentes tamanhos, tutelas, dotações orçamentárias, equipes de profissionais capacitados, instituições que podem ser integrantes de redes de museus universitários ou não, tornando, portanto, evidente a complexidade de qualificar e quantificar museus universitários. Para lidar com essa diversidade, são buscadas formas de integração entre pares (redes) e realizados eventos para compreensão dessa totalidade (encontros), por meio de diagnósticos, relatos, estudos de caso, e demais metodologias de abordagem. Foram, portanto, os encontros nacionais de museus universitários

e a criação de redes de museus universitários os dois exemplos de articulação considerados nessa pesquisa.

Foi possível perceber que a criação e o processo de articulação de redes de museus universitários caminham mais depressa e o maior desafio parece ser conseguir lidar a diversidade de museus, e os diferentes interesses, de maneira a estabelecer diretrizes e rever premissas básicas que têm permeado as políticas públicas de preservação nas universidades. O documento final do V FPMU, com as diretrizes para uma política de museus e coleções universitárias, ao abordar o tema das redes de museus universitários, recomenda que se busquem formas de integração e interação entre os museus e coleções universitários e entre estes e a sociedade por meio do estabelecimento e/ou fortalecimento de redes, sistemas e associações de amigos. Isso demonstra que o Fórum também considera redes como formas de articulação dentro da própria universidade, e da universidade com a sociedade.

O V FPMU de 2018 intitula seu documento final como “Diretrizes para uma Política de Museus e Coleções Universitárias”, o que demonstra, não apenas por isso, o caráter político deste. Isto posto, vale relembrar a fala de Lídia Meireles durante o painel “Memória do Fórum Permanente de Museus Universitários”, que ao ser indagada sobre qual formato o Fórum deveria assumir, disse que a agenda atual é a de caráter político e de enfrentamento das questões que são colocadas para os museus universitários. Nesse sentido, a fala de Cristina Bruno também incluiu uma percepção sobre como deveriam se articular Rede e Fórum, para ela, era necessário que se implementasse a Rede Brasileira de Museus Universitários e que ela tivesse, no Fórum, seu evento principal. O Fórum Permanente de Museus Universitários abriria os grandes debates que depois poderiam ser retrabalhados pela Rede.

À vista da fala de Cristina Bruno, vale destacar o conteúdo da ata final do V Fórum Permanente de Museus Universitários, em que consta a manutenção das duas instâncias (Rede e Fórum), cabendo à Rede desenvolver pesquisas sobre os museus universitários e, ao Fórum Permanente de Museus Universitários, operar politicamente e se responsabilizar pelos eventos. Embora importantes, não sabemos se a função de pesquisa sobre os museus universitários inclui a investigação dos encontros, em todo caso, até o momento a Rede não possui documentação e não faz pesquisa dos encontros nacionais de museus universitários. Não foi encontrada qualquer outra instância que cumpra esse papel, que não as próprias pesquisas de universitários e publicações de profissionais de museus.

Vale destacar, como visto no texto da dissertação, que o coordenador da Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários, Maurício Cândido da Silva, e de muitas redes locais

exercem seu papel de forma voluntária, de modo que é difícil para profissionais que precisam cuidar de suas próprias instituições e se dedicarem às suas carreiras acadêmicas – dado que muitos gestores são docentes – se dedicarem à essas articulações informais, uma vez que na própria realidade de seus locais de trabalho há dificuldades e necessidade de pesquisa sobre o próprio acervo. Talvez, a inexistência de uma política e o pouco reconhecimento de instâncias superiores dentro e fora das universidades, contribua para a criação de redes informais como uma saída necessária.

Além disso, como já informado, não há, no Brasil, uma Revista Nacional de Museus Universitários para publicação de artigos como o ocorre na Revista para Coleções e Museus Universitários do UMAC, embora nesta pesquisa tenha sido apresentado conteúdo de depoimento oral e documentação empírica dos encontros nacionais, cujas discussões serviriam como insumo para se conhecer os principais debates. Neste sentido, é importante sublinhar que a sexta recomendação especial do documento com as conclusões finais do I Encontro Nacional de Museus Universitários de 1992 já manifestava interesse na organização e publicação de um periódico sobre os museus universitários. A publicação de um periódico sobre museus e coleções universitárias brasileiras se configuraria como uma excelente estratégia de articulação.

Não se desconsidera a importância e contribuição de tais articulações e suas funções dentro da multiplicidade de maneiras que se somam e contribuem para o debate sobre museus universitários, mas não se deve ignorar que a existência de um comitê ou órgão voltado especificamente para museus universitários gera benefícios, como foi visto ao analisar o UMAC.

O universo internacional mostra um panorama muito rico de publicações, que ocorre em uma perspectiva global, principalmente pela publicação da Revista para Coleções e Museus Universitários do UMAC. A dinâmica internacional parece encontrar nessa publicação possibilidades de reconhecimento de questões de diferentes continentes e países. Há textos e reflexões sobre museus universitários em inglês, e escritas por diferentes membros, que fazem parte de realidades diferentes, mas com objetivos e problemas comuns, como vimos no capítulo um.

No que diz respeito ao cenário nacional, valorizar o discurso dos personagens que fizeram parte desses eventos foi primordial para essa pesquisa, seja por meio de encontros pessoais ou por meio de suas falas no painel dedicado à Memória do Fórum Permanente de Museus Universitários, realizado no V FPMU, que se configurou como uma ótima opção para que se compreendesse os eventos a partir das falas dos próprios participantes. Valorizar as

peças que são importantes para a história da Museologia e para a história dos museus universitários – a maioria dessas ainda está viva –, recuperar os detalhes do que foi cada um desses eventos, realizar diagnósticos sobre esses museus e valorizar a universidade enquanto local onde ocorreram esses debates, se torna um caminho para que a universidade passe a valorizar mais a museologia enquanto área e enquanto curso acadêmico.

Os relatos pessoais foram contribuição significativa e trouxeram particularidades que não puderam ser encontradas em outras fontes. Contudo, não se pretende desconsiderar as pesquisas já realizadas, uma vez que foram igualmente importantes para a construção dessa pesquisa em sua totalidade e outro elemento básico na elaboração dessa dissertação.

Neste sentido, é importante sublinhar que a dualidade que surge quando se discute informalidade e institucionalização de uma rede de museus universitários foi entendida, em uma perspectiva prática, após o encontro com Rita Marques, ex-coordenadora da Rede de Museus Universitários da UFMG. Rita Marques demonstrou que embora a institucionalização possa trazer uma formalidade talvez não desejada, é justamente a institucionalização que terá maior potencial em trazer uma estrutura administrativa necessária. Como vimos no segundo capítulo, por meio do relato de Rita Marques, a institucionalização ocorreu na rede da UFMG justamente por conta do crescimento da própria rede, que se torna inviável sem ser estruturada, apenas com um coordenador e bolsistas, uma vez que não só os interesses mudaram, mas também o número de pessoas interessadas ampliou. Infere-se que essa situação específica se estenda às demais redes. O relato de Betânia Figueiredo também foi muito importante uma vez que esta professora foi a primeira coordenadora da Rede de Museus da UFMG e participou dos bastidores da consolidação desta antes que fosse oficializada, por meio de sua fala foi possível compreender os primeiros momentos de articulação de uma rede de museus universitários, que como vimos, partiu da demanda da pró-reitoria de extensão que necessitava saber quais e quem atuava nesses museus e quais eram as justificativas de suas demandas.

Ressalto que os relatos pessoais foram muito valiosos e os profissionais que se inseriram de alguma maneira nos processos de consolidação de articulações, sejam encontros ou redes, devem ser lembrados. Os depoimentos trazem consigo reflexões sobre a importância da fonte oral, que abre caminho para percepções que por vezes passam despercebidas ou mesmo, desconsideradas. Cada um desses participantes, construtores da museologia brasileira, mereceriam maior atenção da historiografia dos museus no Brasil.

Estratégias para equilibrar os conflitos relacionados aos museus universitários envolvem, como visto nos capítulos anteriores, a criação de redes de museus universitários e

realização de diagnósticos para que se compreenda quantos são esses museus, como são, o que os caracteriza, e como podem atingir objetivos comuns. Tanto o caso da UnB com seu Projeto de Ação Contínua e seminário sobre a gestão de memória institucional da universidade, a articulação de Betânia Gonçalves na fase embrionária da Rede de Museus da UFMG e suas sucessoras – que teriam que lidar com novos desafios conforme a estrutura da rede se transformava – e a experiência da UFRGS que por meio da abordagem à diferentes espaços enquanto Rede fez suscitar a vontade de que departamentos enxergassem suas coleções em uma perspectiva do patrimônio museológico, demonstram que as redes podem ser de fato importantes estratégias de articulação. A organização dos próprios museus universitários em uma perspectiva local e regional fortalece estruturas mais amplas, como redes e fóruns nacionais e internacionais que poderão, a partir de estruturas locais mais organizadas, apresentar possibilidades de atuação em âmbito nacional

Valorizar os encontros de museus universitários no Brasil é importante como contribuição a um dos aspectos da história da Museologia, além disso, avança na sistematização dos encontros mais recentes, que nos remete também à importância da documentação museológica, uma vez que a documentação sobre os encontros ainda se encontra dispersa. Estratégias de identificação, articulação e reconhecimento são necessárias para que estes espaços consigam reconhecer pares e se reconhecer dentro de um sistema universitário que nem sempre dará ou compreenderá a importância e necessidade desses museus.

A ausência de dados e a falta de registro apropriado dos primeiros anos dos Encontros Nacionais de Museus Universitários impedem que possamos fazer uma análise mais criteriosa das discussões atuais. Inferimos que o fato da documentação sobre os encontros de museus universitários estar em locais diferentes, talvez ocorra, justamente pela falta de institucionalização de uma instância que se responsabilizasse por este levantamento e que tenha uma equipe voltada para isso. O registro e a guarda insuficiente provoca a dispersão e retenção do acervo e de suas informações, que por vezes, limita a potencialidade das discussões e atendimento das demandas.

Embora a documentação museológica se refira mais propriamente às coleções e objetos dos museus, como dissemos no texto, foi fundamental incluir nessa categoria a documentação referente aos encontros e articulações aqui tratados. A exemplo disso, é importante sublinhar que após consulta ao CIDARQ, em março de 2019, foi informado que a documentação sobre o I ENMU se encontrava em estado delicado de conservação além de não digitalizada, e foi

justamente a partir da demanda da pesquisa encaminhada aos responsáveis que foi realizado o tratamento dos documentos.

É notável como muitas vezes não há equipe ou estrutura nos museus e na universidade para exercer funções de pesquisa e salvaguarda do acervo, e a falta de engajamento de gestores de universidades e departamentos e/ou estudiosos pouco preocupados com essa questão é um risco para a memória dos encontros e da história dos próprios museus universitários em suas instituições. A carência de informações sobre os museus e coleções universitárias confronta-se com questões muito mais complexas, políticas e nem sempre democráticas, que, portanto, não se restringem à documentação museológica. Embora não tenhamos aprofundado tais questões na pesquisa, estas devem ser consideradas no futuro.

Outra questão é ainda não saber responder quantos museus e coleções universitárias existem no Brasil. Essa ainda é uma pergunta sem resposta, mesmo em uma perspectiva local, dentro das próprias universidades. Vimos, por meio dos levantamentos apresentados, que os dados divergem quando analisados em bases de dados nacionais e internacionais ou mesmo pela investigação nos sítios eletrônicos das próprias universidades ou diagnósticos feitos, como o caso do V FPMU, que apresentou dificuldades no processo, e alguns usaram como critério considerar as coleções e outros não. Adriana Mortara já apontava em 2001 para a dificuldade de obter dados sobre os museus universitários tendo em vista a dimensão do Brasil, e isso parece ser outro fator de dificuldade para a realização de diagnósticos em âmbito nacional ou estadual. O estado de Minas Gerais, por exemplo, devido sua dimensão, demandaria um tempo muito maior de investigação e talvez apresentasse uma dificuldade maior de deslocamento de uma equipe que estivesse fazendo o levantamento de museu e coleções. Reforçamos, portanto, que a melhor solução talvez seja realizar diagnósticos em âmbito local, ou seja, que cada universidade se responsabilize por criar uma instância estruturada em suas reitorias, e que nesta houvesse investigação contínua de seus museus e coleções. Esses dados poderiam ser compartilhados a nível estadual, e, por conseguinte, a nível nacional e internacional.

Não se pretende, contudo, desconsiderar a iniciativa de criação de uma Base de Dados Mundial de Museus Universitários desenvolvida pelo Comitê Internacional de Museus Universitários e Coleções (UMAC) do Conselho Internacional de Museus (ICOM) em 2001. Embora tenha apresentado inconsistências, a iniciativa de criação de um instrumento de busca sobre dados sobre museus universitários em uma perspectiva global é uma realidade que possibilita análises muito interessantes, como visto no segundo capítulo. Apenas por meio da análise dos dados dessa base foi possível entender melhor como os registros do Brasil estavam

inseridos no mundo e na América do Sul. Foi possível constatar que o Brasil apresenta um número de registros consideravelmente maior que os demais países da América do Sul, além de ser também o país que no período de tempo dessa pesquisa apresentou maior aumento de entradas entre os meses das coletas. Agora, em uma perspectiva mundial, a América do Sul não desponta como o continente com maior número de museus universitários, mas apresenta bons resultados comparados aos outros continentes.

Percebemos que esses levantamentos quando vindos de uma amplitude maior para uma menor, ou seja, um levantamento internacional, que apresenta dados a nível nacional, regional e local, tem mais chances de apresentar equívocos nas informações. Vimos, por exemplo, que no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) a informação sobre museus universitários, coletada pela Coordenação de Produção e Análise da Informação (CPAI), usa as informações levantadas pelo Cadastro Nacional de Museus (CNM) como parâmetro operacional para estabelecer o escopo do que consideram museus universitários, usando a instituição mantenedora como critério de classificação, e mesmo assim, os problemas de falta de informação dos próprios museus é uma falha apontada.

Vale recordar que este tipo de diagnóstico sobre os museus universitários brasileiros é uma demanda que existe desde 1992. É clara como esta questão permanece, mesmo depois de finalizado o V Fórum Permanente de Museus Universitários, em 2018, no qual profissionais responsáveis pelos diagnósticos revelaram dificuldades na coleta de dados, como já mencionado.

Esta dificuldade de coleta de dados não é exclusiva do Brasil, vimos por meio de mensagem encaminhada pela presidente do UMAC, muito recentemente, em janeiro de 2020, o baixo retorno à pesquisa deste Comitê sobre o perfil de profissionais de museus universitários. Marta Lourenço informou que a pesquisa teve quase zero contribuição de países onde a comunidade é muito forte. Desse modo, caso o Comitê precisasse responder qual é o perfil dos profissionais de museus universitários não haveria resposta para dar.

A publicação de Maurício Cândido da Silva sobre a Rede Brasileira de Museus e Coleções Universitárias traz a informação de que a pesquisa de pós-doutorado dele está sendo desenvolvida concomitantemente à realização dos eventos dos quais a Rede participa, e que o trabalho contribuirá com a constituição de um referencial teórico além de uma base de dados que se encontra em fase de implantação. Importante repassar que a constituição de um banco de dados sobre museus e coleções universitárias do Brasil era trazida como recomendação em 1992, no I Encontro Nacional de Museus Universitários, e em 2018, no V Fórum Permanente

de Museus Universitários. Espera-se que a perspectiva de criação de uma base de dados possa auxiliar a resolução de questões sobre a quantidade de museus e coleções universitárias no Brasil.

Ainda sobre elementos dos museus universitários brasileiros, é importante aludir ao Acórdão 1243 de maio de 2019, que surgiu da iniciativa do Tribunal de Contas da União (TCU) em setembro de 2018 para realização de levantamento de informações sobre museus que estivessem sob responsabilidade de órgãos ou entidades federais. Como vimos dos 183 museus localizados apenas 107 questionários foram respondidos, sendo um questionário por instituição. Em relação aos analisados, os dados sobre os museus universitários foram alarmantes. Alguns resultados demonstram que os museus universitários, quando comparados aos museus vinculados ao IBRAM – que também sofrem com uma série de problemas – estavam muito aquém do ideal. Conforme o levantamento do TCU, vimos que 46,7% não têm regimento interno e 17,8% não estariam inseridos no organograma da instituição mantenedora. Sobre o plano museológico, vimos que 100% dos museus vinculados ao IBRAM contavam com o referido plano, e apenas 26,7% dos museus universitários tinham. Sobre orçamento, todos os museus do IBRAM elaboram o seu próprio planejamento orçamentário e apenas 37,8% dos museus vinculados a universidades e 19,2% dos museus vinculados a outras instituições realizariam esse procedimento. Sobre o plano de segurança, apenas 2,2% dos museus universitários teriam o devido plano de segurança e/ou emergência, ao passo que 37% dos museus vinculados ao IBRAM contariam com esse plano. Não é difícil, para quem trabalha em museus universitários, pensar em sua própria instituição de trabalho como elemento dessa estatística, ou ponderar sobre outros museus universitários de suas universidades que enfrentem situações semelhantes.

O Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais instituído em dezembro de 2019 surge como resultado do referido Acórdão. Embora esta iniciativa seja importante, como afirmamos, é temporária. O Grupo terá duração de um semestre e poderá ser prorrogado uma vez por igual período, contado da data de publicação do Decreto. Desta maneira, este grupo no formato em que aparece neste decreto poderá existir até o dia 13 de dezembro de 2020. Esta iniciativa, ocorrida após o incêndio do Museu Nacional em setembro de 2018, configura-se com uma iniciativa mobilizadora. Aqui é importante pontuar que, a pesquisa e diagnóstico sobre as necessidades dos museus universitários devem ser contínuos, e não emergenciais.

Neste cenário, é importante pontuar que os debates atuais não estão alheios aos dados alarmantes. No V FPMU foi recomendada a elaboração e implementação de planos de gestão

de riscos nos museus e coleções universitários e a realização de treinamento periódico das equipes, a exemplo da prevenção e combate a incêndios. No que diz respeito à estrutura física, recomendou-se a constituição de reservas técnicas, concebendo, se possível, alternativas de compartilhamento como forma de potencializar a utilização de recursos financeiros e a ação de equipes de especialistas.

É significativo advertir que embora haja oficialmente um Comitê Internacional de Coleções e Museus Universitários, o UMAC, que se debruça sobre questões mais globais, o mesmo não ocorre em uma perspectiva nacional ou regional no Brasil. Vimos que, desse modo, fica a cargo dos encontros de museus universitários, reuniões paralelas dentro de outros eventos de museus, e o grupo de correio eletrônico criado pela Rede Brasileira de Museus e Coleções Universitárias, o palco para compartilhar problemas e soluções.

Sobre o conteúdo encontrado nas recomendações finais, apesar de terem sido constatados problemas que ainda persistem nos debates, mesmo passados 28 anos da realização do I Encontro Nacional de Museus Universitários de 1992 – explicitados no quarto capítulo – isto é, ao mesmo tempo, uma nova oportunidade para articular metodologias mais efetivas para o combate de tais questões. Como visto, as recomendações com relação ao quadro de funcionários foram as que mostraram mais semelhança entre os anos de 1992 e 2018, o que denota que, passadas mais de duas décadas das feitas em 1992, os museus universitários ainda carecem de ampliar seu quadro de funcionários e promover concursos públicos, incluindo a necessidade de equipes interdisciplinares. A qualificação do quadro de pessoal também guarda semelhança com ambos os eventos, em 1992, se recomendava a qualificação continuada de pessoal e em 2018, se recomendou uma política de formação e capacitação de gestores e corpo técnico dos museus e coleções universitários. Parece óbvio presumir que, sem quadro de funcionários, nenhuma outra função será exercida adequadamente. Este é outro dado alarmante e que merece atenção de novas pesquisas sobre. É imprescindível investigar como tem sido formada a equipe nos museus universitários, e se há, de fato, equipe interdisciplinar atuando nesses locais. Por esse ângulo, vale outra perspectiva de pesquisa, que seria investigar a fundo se ao pleitear a vaga de museólogo por meio de concurso público, as universidades fazem alguma exigência aos centros de custo demandantes no que diz respeito à estrutura organizacional em que estes novos funcionários serão inseridos.

Tendo em conta o apresentado no capítulo quatro, esperamos que a opção pelos quadros comparativos tenha servido para que se conseguisse visualizar melhor os assuntos das recomendações feitas em 1992 e as que se mantêm em 2018, além daquelas que ainda não eram

feitas em 1992 e configuram nova demanda da atualidade. Com o objetivo de afunilar os temas dos debates, essa pesquisa elaborou os 20 temas mais recorrentes na análise, que se tornaram uma excelente opção para refinamento da busca. A julgar pelas possibilidades de comparação de recomendações dos demais encontros, concluímos que apesar do muito que foi feito, ainda há muito por fazer.

Muito dessa pesquisa é resultado de trabalho de coleta e pesquisa árduo que esperamos ter contribuído significativamente com informações sobre museus universitários. É indispensável reforçar que o tema dos museus universitários já foi e ainda é foco de debate de pesquisadores e personagens importantes que fizeram parte da consolidação dos próprios encontros nacionais. O I Encontro Nacional de Museus Universitários foi organizado de tal forma que, muito se extraiu de seu conteúdo documental e muito do que se viu, ainda serve de referência para as discussões atuais. Em resumo, embora o I ENMU esteja em uma situação única, ele oferece algumas experiências para todos os museus da universidade compartilharem em suas iniciativas atuais, afinal, iniciativas de redes e maior articulação entre os museus universitários foram e continuam uma temática central nos encontros.

É crucial compreender que a iniciativa dos responsáveis por garantir a guarda da documentação sobre esses museus e encontros – como exemplo, o fundo documental que Maria das Graças guardou e a Rede de Museus da UMFG tratou – é justamente o que possibilitou análise de bastidores, afinal, sem a documentação empírica coletada muito não se faria.

Importante reforçar que os debates sobre os museus universitários também são lançados em mesas redondas, fóruns nacionais e internacionais, e iniciativas que compreendem diversas reuniões paralelas de âmbito local para debater o tema. Para além da pesquisa sobre os encontros nacionais, sugere-se pesquisa sobre essas reuniões paralelas, que inclusive possam ter ocorrido antes do I Encontro Nacional de Museus Universitários em 1992, ou durante os momentos de pausa dos encontros nacionais, que como vimos, correram em um espaço de tempo maior. Conclui-se que reuniões a nível local possam ter ocorrido nesses interstícios, e conhecer tais debates, datas e localizações constitui interesse de pesquisa futura. O estudo desses outros “eventos paralelos” ajudaria a compor e evidenciar quem são os agentes desses processos.

Espera-se que por meio da apresentação de algumas iniciativas importantes em prol da valorização dos museus universitários tenha sido possível destacar e contribuir para a percepção de que se trata de uma demanda urgente, em que sujeitos responsáveis por estes museus universitários trabalharam e ainda trabalham para somar esforços que merecem ser

relembrados, valorizados, registrados e discutidos. Espera-se ainda que o trabalho tenha conseguido contribuir para que o profissional que atua junto ao patrimônio universitário possa se colocar a serviço do aprofundamento das questões a respeito da gestão desses espaços, do reconhecimento dos possíveis desafios, da possível reavaliação de conceitos e da implementação de novas ideias.

É fundamental que se conheça as lacunas para saná-las corretamente, igualmente essencial é conhecer e reconhecer os diferentes interesses que permeiam o surgimento de novos desafios para os museus universitários. O que se espera com esta pesquisa é possibilitar uma reflexão sobre a importância de abrigar, analisar, organizar, recuperar e oferecer informações sobre os museus universitários e seu histórico de debates e encontros, tornando este processo de valorização do documento como um instrumento essencial para e conhecer os próprios museus universitários. Há, nestes documentos, informações que, se não registradas, podem perder-se e reconfigurar outras. Nessa acepção, vale frisar outra vez que inconsistências foram encontradas na pesquisa da temporalidade dos encontros nacionais, e na continuação de uma investigação criteriosa, os depoimentos de sujeitos são essenciais.

Valorizar os encontros nacionais de museus universitários é necessário para que se conheça uma história da museologia brasileira mais recente e os personagens que fizeram parte da construção desses debates que merecem ser lembrados, que por vezes, são desconhecidos ou esquecidos. Avançar na sistematização dos demais encontros é uma demanda urgente, e esperamos que a proposição colocada inspire novas pesquisas.

Já enfatizamos antes, e reforçamos novamente, que o conveniente é que os próprios museus universitários se estruturam, se conheçam e se reconheçam, que os cursos de museologia valorizem as coleções universitárias, que os profissionais de museus e coleções universitárias que tenham o curso de museologia como parceiro em sua universidade o valorizem, que se reconheça a importância dos alunos que pesquisam e os professores que lutam pela área, e que iniciativas locais possam fortalecer estruturas mais amplas de redes e fóruns.

Assim sendo, concluo que o I Encontro nacional de Museus Universitários surge a partir de uma consciência da necessidade de se conhecerem os gestores de museus universitários e os desafios vividos por estes nas universidades, mas em 2018, no V Fórum Permanente de Museus Universitários, é premente o estabelecimento de uma agenda política mais estabelecida, que surge com uma consciência da necessidade de se articular politicamente. Os museus universitários ainda precisam resolver muitas questões, a julgar pelo que foi visto no capítulo quatro, mas ansiamos que soluções efetivas ocorram neste novo percurso com base nas

diretrizes estabelecidas no último Fórum, que não foram poucas. Portanto, redes de museus universitários e encontros nacionais de museus universitários configuram-se, ambos, como estratégias de articulação capazes de potencializar um museu e uma coleção. O estudo sobre coleções, museus, e redes universitárias é indispensável, para que neste avanço de pesquisa seja possível encontrar pontos positivos e pontos que podem ser melhorados, identificá-los e divulgá-los. A trajetória dos encontros construída por meio de relatos de profissionais e suas experiências e memórias é mais que necessária, de forma a consolidar o legado dos debates sobre os museus universitários e não perder de vista sua história, evitando correr o risco de perder informações valiosas.

REFERÊNCIAS

ACORDÃO 1.243/2019 de 29 de maio 2019. Disponível em: <https://siga.apps.tcu.gov.br>. Acesso em: 17 jun. 2019.

ALMEIDA, A. M. **Programação I Semana de Museus da USP**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por Adriana Mortara Almeida via Margaret Lopes, em 02 dez. 2019.

ALMEIDA, Adriana Mortara. **Museus e coleções universitários: por que museus de arte na Universidade de São Paulo?**. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2001 (tese de doutorado).

ANAIS I SEMANA DE MUSEUS DA USP. **Biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP)**. 42 p. 1997. Acesso em: 02 out. 2018.

ARAÚJO, C. A. Á. Políticas de informação em centros de memória universitários: questões práticas e implicações epistemológicas. In: Roncaglio, Cynthia; Simeão, Elmira. (Org.). *Gestão da memória: diálogos sobre políticas sobre informação, documentação e comunicação para a Universidade de Brasília*. 1ed. Brasília: Editora da UnB, 2016, v. 1, p. 43-55.

ARISTIMUNHA, Cláudia; FAGUNDES, Lígia. **Uma política para os Museus Universitários**. In: *Jornal da Universidade da UFRGS*, Ano XXII, Número 217, 2018.

ATA ASSEMBLÉIA GERAL IV FPMU. Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais. **Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**. 3 p. 2006. Acesso em: 18 dez. 2019.

ATA DA SESSÃO PLENÁRIA DO V FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. **V Fórum Permanente de Museus Universitários. Belo Horizonte**, [2018]. Disponível em: https://www.ufmg.br/rededemuseus/forum2018/wpcontent/uploads/2019/02/ata_versao_final.pdf. Acesso em: 03 dez. 2019.

ATA I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado *Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários*. Livro encadernado 283 p. 1992. **Ata I ENMU p. 252**. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG), em 29 abr. 2019.

ATA II FPMU. Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais. **Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**. 2 p. 1995. Acesso em: 27 jul. 2018.

ATA VI FPMU. **Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários**. Google Groups. 2 p. 2019. Mensagem recebida por <rede-museus-colecoes-universitarios@googlegroups.com> em 16 dez. 2019.

BASE DE DADOS UMAC. **Sítio eletrônico do Banco de Dados Mundial de Museus e Coleções Universitários**. Disponível em: <http://university-museums-and-collections.net/>. Acesso em: 05 mar. 2019.

BICALHO, Lucinéia; PIANETTI, Gerson. Criação e Manutenção do Centro de Memória da Farmácia da UFMG: um trabalho interdisciplinar e em Rede. v.1. p. 1052-1064 In: **III Sebramus: Museologia e suas interfaces críticas; museu, sociedade e seus patrimônios**. Anais III Sebramus. Belém: UFPA, 2017.

BRASIL. Lei n. 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 11 de out. 2019.

BRUNO, Cristina. A indissolubilidade da pesquisa, ensino e extensão nos museus universitários. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v. 10, n. 10, jun. 1997. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/301>. Acesso em: 07 mar. 2019.

BRUNO, M. C. **Temporalidade Encontros de Museus Universitários Brasileiros**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <mcobruno@uol.com.br>, em 02 dez. 2019.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia Universitária: desafios e responsabilidades neste novo século**. In: Anais II Fórum Permanente de Museus Universitários- II FPMU, 2001, Rio Grande do Norte, Natal. Anais. Disponível em Arquivo Institucional do Museu Câmara Cascudo (MCC). Setor de Documentação e Memória. Acesso em: 12 dez. 2019

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Projeto Editorial. In Bruno, M. C. O. (Org) **O ICOM-Brasil e o Pensamento Museológico Brasileiro**. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus. v.1, 2010, p. 280-300.

CÂNDIDO, Maria Inez. **Documentação Museológica**. In: Caderno de Diretrizes Museológicas. Brasília/MINC/IPHAN/Departamento de Museus e Centros Culturais. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006, pp. 34 – 79.

CARTA CIRCULAR GANTOIS; CUNHA. **Circular para Membros do Fórum de Museus Universitários e Profissionais de Museus - Considerações acerca do adiamento do II Encontro de Museus Universitários**. Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). 1 p. Salvador, 1998. GANTOIS, Ana; CUNHA, Marcelo. [Carta Circular] 08 mai. 1998, Salvador. Acesso em: 27 jul. 2018.

CARTA DE SERVIÇOS UNB. Disponível em: http://www.unb.br/images/Noticias/2016/Documentos/Carta_Cidadao.pdf. Acesso em: 20 jan. 2020.

CARVALHO, Ana Cristina Barreto de. **Gestão de Patrimônio Museológico: as Redes de Museus**. São Paulo: programa de Artes Visuais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2008. (tese de doutorado).

CFE. Coordenação de Financiamento e Fomento. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por meio de correio eletrônico <fomento@museus.gov.br> em 17 dez. 2019.

CIRCULAR Nº 1. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado *Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários*. Livro encadernado 283 p. 1992. **Circular nº 1 p. 38**. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

CIRCULARES IES. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado *Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários*. Livro encadernado 283 p. 1992. **p. 6**. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

COMITÊ INTERNACIONAL PARA MUSEUS E COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS (UMAC). **Sobre UMAC**. Disponível em: <http://umac.icom.museum/about-umac/umac>. Acesso em: 02 jan.2019.

CONCLUSÕES GERAIS DO I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. Conclusões Gerais p. 260-266. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2018.

COORDENADORIA DE CULTURA, MUSEUS E MEMÓRIA (CCMM). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Documentação II/III Fórum Permanente de Museus Universitários**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <culturaemmuseuproex@reitoria.ufrn.br> em 22 nov. 2019.

CPAI. Coordenação de Produção e Análise da Informação. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por meio de correio eletrônico <cpai@museus.gov.br> em 21 nov. 2019.

CREMADES, Norma Acerbi. Nuevas Rutas Para Los Museos Universitarios. **Revista de Salud Pública**, [s. l.], v. XI, n. 1, 2007.

DECLARAÇÃO dos princípios de Documentação em Museus e Diretrizes Internacionais de informação sobre objetos: categorias de informação do CIDOC/ICOM. São Paulo; Sec. de Estado de Cultura de São Paulo; Assoc. De Amigos do Museu do Café; Pinacoteca/SP, 2014. Disponível em: https://issuu.com/sisem-sp/docs/cidoc_guidelines. Acesso em: 11 abr. 2019.

DECRETO nº 10.175. Institui o Grupo de Trabalho Interministerial sobre Museus Federais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D10175.htm. Acesso em: 23 jan. 2020.

DECRETO nº 37.486. **Institui a Rede Distrital de Educação e Divulgação Científica (Rede CIÊNCIA)**. De 15 de julho de 2016.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. Museu In: **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013. p.64-67.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

DIRETRIZES PARA UMA POLÍTICA DE MUSEUS E COLEÇÕES UNIVERSITÁRIAS. V **Fórum Permanente de Museus Universitários. Belo Horizonte**, [2018]. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/forum2018/wp-content/uploads/2019/02/diretrizes.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2019.

DOCUMENTO 67. Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais. **Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**. 1 p. 1995. Acesso em: 27 jul.2018.

ENCONTRO ICOM. Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais. **Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**. 1 p. 1995. Acesso em: 27 jul.2018.

ENTREVISTA PÚBLICA “MEMÓRIA DO FÓRUM PERMANENTE DOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. V **Fórum Permanente de Museus Universitários. Belo Horizonte**, [2018]. Disponível em: <https://www.facebook.com/rededemuseusdaufmg/videos/264937540692200/>. Acesso em: 14 dez. 2019.

EQUIPE ORGANIZADORA I ENMU. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2018.

EQUIPE ORGANIZADORA I ENMU. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários. Livro encadernado 283 p. 1992. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2018.

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DO FÓRUM PERMANENTE DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. **Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**. 12 p. 2006. Acesso em: 27 jul. 2018.

FERRIOT, D. & M. LOURENÇO. 2004. **De l'utilité des musées et collections des universités**. La Lettres de l'OCIM 93: 4–16.

GANTOIS, Ana Maria. **O papel do museu universitário no milênio. II Encontro Nacional de Museus Universitários**. Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) 2001.

GRUPOS DE TRABALHO. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários. Livro encadernado 283 p. 1992, p. 227. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

GUIA TURÍSTICO CIENTÍFICO DE BRASÍLIA. Secretaria Adjunta de Ciência, Tecnologia e Inovação do DF; Secretaria Adjunta de Turismo do DF, 2016. Disponível em:

<http://www.brasilia.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2016/07/GUIA-FINAL-1.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2019.

Hu, Ying. University Museums Reflecting the Large Picture: A Case Study of the Museum of East China Normal University. In: **UNIVERSITY MUSEUMS AND COLLECTIONS JOURNAL**, VOLUME 9, p. 32-39, 2017. Disponível em: <http://umac.icom.museum/resources/umac-publications/conference-proceedings/>. Acesso em: 20 nov. 2019

IBRAM. Cartilha. Gestão de Riscos ao Patrimônio Musealizado, 43 p, 2017. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wpcontent/uploads/2017/09/screen_CartilhaPortugues_singlepage_s_lowres72pdi.pdf. Acesso em: 12 abr. 2019.

INFORMATIVO UFG. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. Informativo p. 276. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2018.

KOZAK, Zenobia R. “The Role of University Museums and Heritage in the 21st Century.” *The Museum Review* 1, no. 1 (2016). Disponível em: <http://articles.themuseumreview.org/vol1no1kozak>. Acesso em: 01 jan. 2020.

MAGNA CHARTA UNIVERSITATUM. Observatory Magna Charta Universitatum. Disponível em: <http://www.magna-charta.org/resources/files/the-magna-charta/portuguese>. Acesso em: 04 mai. 2018.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação**. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MENESES, Ulpiano. T. B. Subsídios de leitura I ENMU. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado **Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**, 283 p. **Museu e Universidade: a especificidade do Museu**. p. 43 - 49, 1992. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

MENESES. Ulpiano T. Bezerra de. **Museu e Universidade**. p. 43-49. 1992. In: Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado **Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2018.

MOÇÕES I ENMU. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2018.

MOTTA, Renata Vieira. **Nova proposta de definição de museu do ICOM: formulário online**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por meio do Google Groups da Rede

Brasileira de Coleções e Museus Universitários com questionário para consulta sobre a nova definição de museus em 08 dez. 2019.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (2013). **O Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras: um ator social em construção**. Interfaces – Revista de Extensão, 1(1), 35-47.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org.). **Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas. Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. 1997-2000. Belo Horizonte: Proex/UFMG; O Fórum, 2000, 196p.

NOTA TÉCNICA Nº 0/2019/FCI/CM. Resultado da pesquisa em andamento que tinha como objetivo mapear as instituições museais existentes na UnB e os seus respectivos acervos. Disponível em Sistema Eletrônico de Informações (SEI), processo público nº 23106.008984/2019-11. Acesso em 20 fev. 2020

NOTÍCIA APLICATIVO REDE CIÊNCIA. Disponível em: https://noticias.unb.br/images/Noticias/2016/Documentos/Guia_Turismo_Cientifico.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.

NOVAES, M. G. L. **Patrimônio científico nas universidades brasileiras: políticas de preservação e gestão das coleções não vinculadas a museus**. - Tese (doutorado) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2018. 296 f.

NuCNM. Núcleo do Cadastro Nacional de Museus. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por meio de correio eletrônico <cnm@museus.gov.br> em 12 dez. 2019.

O DIÁRIO DA MANHÃ. Assessoria de Comunicação Social da UFG. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. UFG promove debates sobre museus. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

OFÍCIO-CIRCULAR Nº 1/2019/CGPO/DIFES/SESU/SESU-MEC. Levantamento a fim de verificar as condições de segurança do patrimônio dos museus sob responsabilidade de órgãos e entidades federais. Disponível em Sistema Eletrônico de Informações (SEI), processo público nº 23106.003473/2019-02. Acesso em 19 fev. 2020

O POPULAR. Clipping Assessoria de Comunicação Social da UFG. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). **Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários**. Livro encadernado 283 p. 1992. Guardiã da identidade dos povos, editoria Caderno Dois, 30 jul. 1992. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

OFÍCIO CIRCULAR 153/95. Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais. **Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**. 2 p. 1995. Acesso em 27 jul. 2018.

OFÍCIO DOCUMENTOS FINAIS I ENMU. Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais. Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). 1 p. 1995. Acesso em: 27 jul. 2018.

OFÍCIO RESUMOS I ENMU. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários. Livro encadernado 283 p. 1992, p. 35. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

PEDROSA, Core Universitário, 1967. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários. Livro encadernado 283 p. 1992. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

PRIMO, Judite. Museologia e Patrimônio: documentos fundamentais. **Declaração de Caracas. Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, n.15, p. 243- 265, 1999. Disponível em: file:///C:/Users/Admin/Downloads/345-Texto%20do%20artigo-1138-1-10-20090615%20(1).pdf. Acesso em: 21 nov. 2019.

PRIMO, Judite. Museologia e Patrimônio: documentos fundamentais. **Mesa Redonda de Santiago do Chile**. Cadernos de Sociomuseologia, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, n.15, p. 111- 121, 1999. Disponível em: file:///C:/Users/Admin/Downloads/335-Texto%20do%20artigo-1098-1-10-20090615.pdf. Acesso em: 13 nov. 2019.

PROGRAMAÇÃO I ENCONTRO NACIONAL DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários. Livro encadernado 283 p. 1992. **Programação p. 4**. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

RECOMENDAÇÃO REFERENTE À PROTEÇÃO E PROMOÇÃO DOS MUSEUS E COLEÇÕES, SUA DIVERSIDADE E SEU PAPEL NA SOCIEDADE.UNESCO, Paris, 2015.Tradução: Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000246331>. Acesso em: 10 mai. 2018.

RIBEIRO, Maria das Graças. **Universidade, museus, e o desafio da educação, valorização e preservação do patrimônio científico cultural brasileiro**. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza; SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Org.). Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas. Rio de Janeiro: Garamond, p. 20-47, 2007.

RONCAGLIO, C.; SIMEAO, E. L. M. S. (Org.). Gestão da memória: diálogos sobre políticas de informação, documentação e comunicação para a Universidade de Brasília. 1ª. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2016. v. 1. 292p.

SANTOS, Manuela, COSTA, Sue. Um Olhar Museológico para os Museus Universitários de Ciências da UFPA. V.1. p. 1105 – 1117.In: III Sebramus: Museologia e suas interfaces críticas; museu, sociedade e seus patrimônios. Anais III Sebramus. Belém: UFPA, 2017.

SANTOS, Maria Celia Teixeira Moura. Museus **universitários brasileiros: novas perspectivas**. In: Encontros museológicos – reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN/DEMU, 2008 (Coleção Museu, Memória e Cidadania), p. 229-239, 2006.

SEGANTINI, Verona, RODRIGUES, Eliana, JULIÃO, Letícia, e PARREIRA, Gleydes. Constituição do Fórum Permanente de Museus Universitários: Trajetória, Desafios e Mobilizações. v. 1. p. 1912-1931 In: III Sebramus: Museologia e suas interfaces críticas; museu, sociedade e seus patrimônios. Anais III Sebramus. Belém: UFPA, 2017.

SESSÃO DE ABERTURA II FPMU. Arquivo Institucional do Museu Câmara Cascudo (MCC). Setor de Documentação e Memória. **Documentação relativa à organização e realização do II Encontro Nacional de Museus Universitários - "Museus: desafios do milênio"**, 47 p. 2001. Acesso em: 12 dez. 2019.

SESSÃO DE ENCERRAMENTO II ENMU. Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais. **Fundo Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)**. Fernando Savater, 1 p. 2001. Acesso em: 27 jul.2018.

SILVA, Maurício Cândido. A Rede Brasileira de Coleções e Museus Universitários: proposição, pesquisa, colaboração e manifestação de apoio ao Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao Instituto Brasileiro de Museus. Revista CPC, 14(27), 297-309, (2019). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/152250/154741>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SIMEÃO, ELMIRA LUZIA MELO SOARES; MIRANDA, A. L. C.; MARQUES, M.; MEDEIROS NETO, B. Planejamento e multivocalidade na elaboração de uma política de informação, documentação e comunicação para a Universidade de Brasília. In: Cynthia Roncaglio; Elmira Simeão. (Org.). Gestão da Memória: diálogos sobre políticas de informação, documentação e comunicação para a Universidade de Brasília. 1ed.Brasilia: Editora UnB, 2016, v., p. 21-42.

SOUZA, C.; ARISTIMUNHA, C.; MURATORE, E.; FAGUNDES, L. MUSEUS E COLEÇÕES EM REDE: A REMAM/UFRGS. III Sebramus, Brasil, jul. 2017. Disponível em: <http://164.41.122.61/index.php/3sebramus/3Sebramus/paper/view/755/309>. Acesso em: 02 jan. 2020.

SUBSÍDIOS DE LEITURA I ENMU. Arquivo do Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás (UFG). Livro encadernado Museus Universitários Hoje - I Encontro Nacional de Museus Universitários. Livro encadernado 283 p. 1992. **Declaração de Caracas p. 106**. Acesso Arquivo Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ/UFG) em 29 abr. 2019.

TOLENTINO, Átila Bezerra. **Governança em rede: o caso do sistema brasileiro de museus**. Revista CPC, São Paulo, n. 16, p. 1-208, maio/out. 2013.

UMAC JOURNAL. UNIVERSITY MUSEUMS AND COLLECTIONS JOURNAL, VOLUME 11, p. 1-163, 2019. Disponível em: <http://umac.icom.museum/resources/umac-publications/conference-proceedings/>. Acesso em: 02 jan. 2020.

UMAC. International Council of Museums Committee for University Museums and Collections. Sítio Eletrônico. Disponível em: <http://umac.icom.museum/>. Acesso em: 31 de jan. 2020.

VIVARELLI, M. Il racconto dell'architettura: Biblioteche, musei, archivinella recente esperienza francese in un dossier Del Dz Bulletin des bibliothèques de France. Biblioteche Oggi, v. 33, p. 55-63, abr. 2015.

WEBER, Cornelia. University Collections. In: **European History Online (EGO)**. The Leibniz Institute of European History (IEG), 2012. Disponível em: <http://ieg-ego.eu/en/threads/crossroads/knowledge-spaces/cornelia-weber-university-collections>. Acesso em: 13 jan. 2020.